

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU-SENSU EM EDUCAÇÃO FÍSICA -**  
**PPGEF**

**Análise da Dupla Carreira de atletas beneficiados pelo Programa  
Bolsa-A atleta do Governo do Distrito Federal: Conciliação entre a  
trajetória esportiva e educacional**

**FERNANDO BERNARDES MARTINS**

**BRASÍLIA**  
**Julho 2019**

FERNANDO BERNARDES MARTINS

Análise da Dupla Carreira de atletas beneficiados pelo Programa Bolsa-Atleta do Governo do Distrito Federal: Conciliação entre a trajetória esportiva e educacional

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Strictu-Sensu em Educação Física da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Física sob orientação do Professor Dr. Felipe Rodrigues da Costa.

**BRASÍLIA**

**Julho 2019**

FERNANDO BERNARDES MARTINS

Análise da Dupla Carreira de atletas beneficiados pelo Programa Bolsa-Atleta do Governo do Distrito Federal: Conciliação entre a trajetória esportiva e educacional

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Strictu-Sensu em Educação Física da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Física sob orientação do Professor Dr. Felipe Rodrigues da Costa.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Professor Dr. Felipe Rodrigues da Costa  
Orientador – Universidade de Brasília (UnB)

---

Professor Dr. Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende  
Examinador – Universidade de Brasília (UnB)

---

Professor Dr. Hugo Paula Almeida da Rocha  
Examinador – Colégio Pedro II, Rio de Janeiro - RJ

---

Professor Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares  
Suplente – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

**BRASÍLIA**

**Julho 2019**

## SUMÁRIO

### ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS

Lista de Figuras .....	3
Lista de Gráficos .....	4
Lista de Quadros .....	5
Lista de Siglas .....	6
Agradecimentos .....	7
Resumo .....	8
Abstract .....	9
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
Justificativa .....	14
Método .....	15
<b>CAPÍTULO 1 – O ESTADO DA ARTE SOBRE O ESTUDANTE-ATLETA NO ENSINO SUPERIOR: ESTEREÓTIPOS E PREPARAÇÃO PARA TRANSIÇÃO PÓS-ESPORTE</b> .....	<b>19</b>
Metodologia .....	20
Resultados .....	22
Análise e discussão .....	23
<i>Barreiras e possíveis soluções</i> .....	23
<i>Barreiras e facilitadores na preparação para a transição pós-carreira esportiva</i> .....	28
Conclusões .....	30
Limitações do estudo .....	32
<b>CAPÍTULO 2 – BOLSA-ATLETA DO DISTRITO FEDERAL: APROXIMAÇÕES DO PERFIL DOS BENEFICIADOS À NÍVEL ESPORTIVO E EDUCACIONAL...</b> .....	<b>33</b>
Metodologia .....	35
Resultados .....	36
Análise e discussão .....	39
Conclusões .....	42
Limitações do estudo .....	43
<b>CAPÍTULO 3 - DUPLA CARREIRA DE ATLETAS DE ELITE DO DISTRITO FEDERAL: PERSPECTIVAS SOBRE A TRAJETÓRIA ESPORTIVA E ACADÊMICA/VOCACIONAL</b> .....	<b>45</b>
Metodologia .....	47
Resultados .....	48
Análise e discussão .....	51
<i>Trajetória esportiva</i> .....	51

<i>Organização para a conciliação da dupla carreira</i> .....	55
<i>Influência de agentes psicossociais na dedicação ao esporte ou estudos</i> .....	57
<i>Perspectivas da carreira acadêmico/vocacional</i> .....	60
Conclusões .....	62
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	64
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	67
<b>ANEXOS</b>	
Anexo I – Questionário estruturado .....	76
Anexo II – Roteiro das Entrevistas (Piloto) .....	83
Anexo III – Roteiro de Entrevistas (Final) .....	86
Anexo IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE .....	89
Anexo V – Entrevistas Transcritas .....	91
<b>APÊNDICE</b>	
Apêndice I – Guia de Entrevistas utilizado por Gómez et al. (2018) .....	149

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Modelo Holístico traduzido de Wylleman, Reints e De Knop (2013)	13
<b>Figura 2:</b> Dendrograma de classes emergidas do conteúdo das entrevistas	50

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Modalidades esportivas praticadas pelos atletas da amostra	36
<b>Gráfico 2:</b> Categorias contempladas x Manutenção do PBA/DF	37
<b>Gráfico 3:</b> Escolaridade dos atletas	37
<b>Gráfico 4:</b> Escolaridade dos pais	38
<b>Gráfico 5:</b> Manutenção do PBA/DF x Nível de dedicação do esporte e estudos	42
<b>Gráfico 6:</b> Horas semanais dedicadas a treinos, estudos ou trabalho formal	57

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Critérios de inclusão e exclusão dos artigos	22
<b>Quadro 2:</b> Artigos com a temática “Barreiras e possíveis soluções”	22
<b>Quadro 3:</b> Artigos com a temática “Barreiras para preparação para a transição pós-carreira esportiva	23
<b>Quadro 4:</b> Categorias e requisitos do PBA-DF	46
<b>Quadro 5:</b> Descrição dos atletas do presente estudo	47
<b>Quadro 6:</b> Principais resultados esportivos dos entrevistados	53
<b>Quadro 7:</b> Cursos escolhidos e perspectiva profissional	61



## **LISTA DE SIGLAS**

PBA/DF – Programa Bolsa-Atleta do Governo do Distrito Federal

CHD – Classificação Hierárquica Descendente

DF – Distrito Federal

DuCa – Grupo de Pesquisa sobre Dupla Carreira Esportiva

EaD – Educação a Distância

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IraMuTeQ - Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires

LABEC – Laboratório de Estudos sobre o Corpo

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

NCAA – National Collegiate Athletic Association

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

SELDF – Secretaria de Estado, Esporte e Lazer do Distrito Federal

ST – Segmento de texto

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UnB – Universidade de Brasília

## AGRADECIMENTOS

Durante esses anos de mestrado várias pessoas foram de suma importância durante meus estudos, tanto emocionalmente como intelectualmente. Começarei agradecendo ao meu professor orientador Felipe Rodrigues da Costa que me conduziu nesse estudo com críticas construtivas e debates significativos e foi fundamental na construção da minha pessoa como pesquisador.

Ao meu amigo e colega de mestrado Iuri Scremin, agradeço demais a sua amizade e apoio durante esses anos de pesquisa. Eu não consigo contar o número de vezes em que nossas conversas e trocas de experiências permitiram abrir minha mente com respeito a essa pesquisa, solucionando inúmeros problemas. Eu tenho certeza que se não fosse pela sua ajuda, a construção desse trabalho teria passado por muitos mais percalços.

Aos professores Hugo Paula Rocha, Alexandre Rezende e Wagner dos Santos, meu respeito e admiração. Foi de inestimável valia ter tido a oportunidade de conhecê-los, pois contribuíram de forma enriquecedora para com meu crescimento acadêmico.

Não poderia me esquecer da minha amiga Juliana Vieira que me acompanhou durante parte considerável da minha vida aqui na UnB, desde a época como colegas de serviço no Curso de Pós-Graduação em Equoterapia até a minha inserção como aluno de mestrado. Obrigado pelo apoio e interesse no meu crescimento profissional e como pessoa.

Agradeço a todos os meus amigos em especial Lucas Spindola, Letícia Lopes, Luan Carlos e Gavin Jacome pela sua torcida, amizade, conversas e momentos de descontração. Se não fosse por vocês terem me ajudado e distraído em momentos de grande estresse e pressão, esses anos teriam sido muito mais difíceis.

Também devo a toda a minha trajetória educacional a vários professores que tive ao longo do meu percurso, desde a época do fundamental até a minha graduação. Destes, posso destacar em especial os professores Gabriel Lanner, Humberto Nei e Américo Pierangeli. Muito obrigado por tudo que me ensinaram e por serem sempre os meus amigos. Tenho um carinho muito grande por vocês.

E por fim, agradeço imensamente a minha família. Aos meus irmãos Débora e Filipe e aos meus pais Gilberto e Cássia. Obrigado por estarem sempre à disposição para me ajudar nos momentos mais difíceis, sempre me incentivando a nunca desistir e acreditar no meu potencial. Eu não sei o que seria de mim sem vocês. Espero um dia poder retribuir o que fizeram por mim.

## RESUMO

MARTINS, F.B. Análise da Dupla Carreira de atletas beneficiados pelo Programa Bolsa-Atleta do Governo do Distrito Federal: Conciliação entre a trajetória esportiva e educacional. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

O presente trabalho é um desdobramento das pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisas em Dupla Carreira Esportiva (DuCa) sobre a conciliação de esportes e estudos por atletas de alto rendimento. Esse tema é abordado constantemente na literatura acadêmica internacional, mas, no Brasil, ainda está em progresso. Em ambos os cenários os estudos apresentam a necessidade de o atleta dedicar-se concomitantemente aos esportes e estudos motivados pela curta trajetória da carreira esportiva se comparado a outras escolhas profissionais e os percalços que podem surgir durante o seu desenvolvimento, levando-o a buscar vagas no mercado de trabalho formal de acordo com o seu nível de instrução. Ademais, é evidenciado na maioria dos estudos o importante papel da família no decorrer da dupla carreira, agindo como um dos principais responsáveis por oportunizar e financiar a prática esportiva de seus filhos. Para superar barreiras que venham enfrentar ao longo de sua vida, atletas valem-se de facilitadores que os apoiam nesse sentido, como o devido suporte emocional e financeiro de sua família, treinadores e outros agentes sociais e até mesmo programas e políticas de auxílio governamentais e das instituições de esporte e estudos. Um dos possíveis facilitadores instituídos no Brasil é o Programa Bolsa-Atleta do Governo do Distrito Federal (PBA/DF), que beneficia financeiramente atletas de acordo com seus resultados esportivos. O objetivo central desse trabalho foi de analisar a dupla carreira dos atletas de elite do Distrito Federal ao conciliarem o esporte de alto rendimento e a formação educacional, utilizando o PBA/DF como critério de identificação os atletas de elite do Distrito Federal e sendo organizado em três estudos. O primeiro envolveu uma revisão da literatura internacional para identificar e analisar o progresso das pesquisas de estudantes-atletas universitários. O segundo estudo procurou traçar um perfil inicial dos atletas beneficiados pelo PBA/DF no período de 2014/2015 com dados coletados por meio de um questionário estruturado. E por fim, o terceiro estudo buscou compreender a trajetória esportiva de dupla carreira de atletas de elite do Distrito Federal, considerando as barreiras e facilitadores que possuíram e o impacto do PBA/DF no seu desenvolvimento esportivo. Percebemos que o esporte não-espetacularizado praticado pelos atletas da amostra oferecem poucas oportunidades de retorno financeiro, fazendo com que procurem também se dedicar aos estudos por vislumbrarem um caminho mais certo de obterem seu sustento. A família aparece como importante influenciador tanto ao esporte como aos estudos, por mais que a prática esportiva sempre estivesse condicionada a bons resultados na escola. Ponderamos também a efetividade do PBA/DF como programa com o objetivo de oferecer condições para dedicação exclusiva ao esporte e sugerimos pontos a serem levados em consideração para beneficiar o atleta além do auxílio financeiro.

**Palavras-Chave:** dupla carreira; atleta; carreira esportiva; estudante-atleta; bolsa-atleta; auxílio financeiro; ensino superior.

## ABSTRACT

The present work is an unfolding of the research carried out by the Research Group on Dual Career Sports (DuCa) on the conciliation of sports and studies by high performance athletes. This theme is constantly addressed in the international academic literature, but in Brazil it is still in progress. In both scenarios the researches present the athlete's need to dedicate themselves to sports and studies, motivated by the short trajectory of the sports career compared to other professional choices and the mishaps that may arise during its development, leading to the search for positions in the sports formal work market according to their current level of education. In addition, the important role of the family in the dual career is evidenced in most of the studies, acting as one of the main responsible for giving opportunities and financing the sports practice of their children. To overcome barriers they'll face throughout their lives, athletes rely on facilitators who support them in this regard, such as the emotional and financial support of their family, coaches and other social agents, and even government aid programs, policies and institutions of sports and studies. One of the possible facilitators instituted in Brazil is the Bolsa-Atleta Program of the Federal District (PBA-DF), which financially aids athletes according to their sports results. The main objective of this work was to analyze the dual career of the elite athletes of the Federal District when conciliating the high performance sport and the educational formation, using the PBA/DF as a criterion of identification the elite athletes of the Federal District. The research was organized in three different works. The first involved a review of the international literature to identify and analyze the progress of university student-athlete studies. The second sought to outline an initial profile of the athletes benefiting from the PBA/DF in the period of 2014/2015 with data collected through a structured questionnaire. Finally, the third study aimed to understand the dual career trajectory of elite athletes in the Federal District, considering the barriers and facilitators they possessed and the impact of PBA/DF on their sporting development. We realized that the non-spectacularized sport practiced by the sample's athletes offers few opportunities for financial return, making them focus on their studies due to the belief that it's a more reliable way to obtain their livelihood. The family appears as important influencers to both sports and studies, even though the practice of sports has always been related to good results in school. We also considered the effectiveness of the PBA/DF as a program able to offer conditions for full-time dedication to sports, and we suggest points to be taken into consideration to benefit the athlete besides the financial aid.

**Keywords:** dual career; student-athlete; bolsa-atleta; financial aid; higher education.

## INTRODUÇÃO

O esporte é uma prática cultural que vem ganhando cada vez mais atenção por parte da sociedade. Jovens consideram dedicar suas vidas em uma carreira esportiva influenciados pelo crescente foco da mídia aos esportes e pelo status socioeconômico que é apresentado a atletas profissionais (BERRY; SORENSEN, 1981; LEE, 1983; MCGREGOR, 1989; SOARES et al., 2011). No entanto, devido à formação esportiva ocorrer cada vez mais precocemente e o ensino ser obrigatório dos quatro aos 17 anos (BRASIL, 1996), os jovens atletas se veem na necessidade conciliar esportes e estudos ao mesmo tempo.

Ademais, outro fator que é de grande motivação da busca da formação educacional por atletas está relacionado ao esperado término da carreira esportiva. Diversos fatores podem agir como barreiras no decorrer da trajetória esportiva de alto rendimento, como a falta de uma competência específica, lesões, mudanças de clube ou treinador, fatores esses que, em casos extremos podem levar ao abandono do esporte. Por mais que em determinadas situações alguns ainda tenham a possibilidade de continuar nesse meio, sejam como treinadores ou gestores, essas oportunidades de profissionalização não estão disponíveis para a maioria dos atletas, onde se veem na necessidade de buscarem uma profissão formal não relacionada à sua carreira esportiva e de acordo com o nível de instrução obtido até o momento, requerendo assim da devida formação educacional para alcançarem sua inserção e manutenção nesse meio (METSÄ-TOKILA, 2002).

De acordo com a literatura, o termo *dual career* (dupla carreira) exprime o significado dos desafios de harmonizar a carreira esportiva em conjunto com estudos ou trabalho (RYBA et al., 2014). Essa harmonia pode variar de três formas de acordo com a prioridade do esporte na trajetória do atleta, sendo elas: linear, dedicando-se exclusivamente ao esporte; convergente, onde o esporte é priorizado acima dos estudos ou trabalho; e a paralela, em que os estudos ou trabalho possuem a mesma importância que a carreira esportiva (PALLARÉS et al., 2011). Portanto, temos como objetivo dessa pesquisa analisar a dupla carreira dos atletas de elite do Distrito Federal ao conciliarem o esporte de alto rendimento e a formação educacional.

No Brasil, produção acadêmica nacional relacionada à dupla carreira esportiva é constituída principalmente por estudos no Laboratório de Estudos sobre o Corpo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LABEC – UFRJ), que tem se dedicado a investigar a

escolarização de jovens atletas desde o ano de 2008. As premissas iniciais destacadas pelo grupo, ao observarem atletas de futebol, apontavam que os jovens em dupla carreira priorizavam o esporte em detrimento dos estudos pelas perspectivas de profissionalização no esporte (SOUZA et al. 2008). Melo (2010) confirmou apenas parcialmente essa hipótese ao levantar dados de 417 atletas de futebol do estado do Rio de Janeiro, quando constatou que esses esportistas investiam mais tempo em seus treinamentos conforme o seu avanço nas categorias de base, mas com um tempo de investimento aos estudos similar e uma baixa taxa de abandono da escola. Contudo, nos anos seguintes, a hipótese da priorização do esporte acima dos estudos não se sustentava em outras modalidades na qual são percebidas limitações nas oportunidades para a profissionalização no esporte, como com atletas de futsal, vôlei e beneficiários do Programa Bolsa-Atleta do Governo Federal (COSTA, 2012; ROMÃO; COSTA; SOARES, 2012; ROCHA, 2013; COSTA E SILVA, 2016). Rocha (2017) apresenta que os fatores determinantes para a priorização do esporte ou dos estudos na dupla carreira estão relacionados ao nível socioeconômico dos atletas, as oportunidades vislumbradas em suas modalidades e seu Capital Social (representado principalmente por suas famílias). Atletas de futebol percebem em seu esporte possibilidades de sucesso e retorno financeiro superiores à formação educacional, fazendo com que privilegiem sua formação esportiva, sendo essa perspectiva ainda mais intensificada se possuírem um baixo nível socioeconômico.

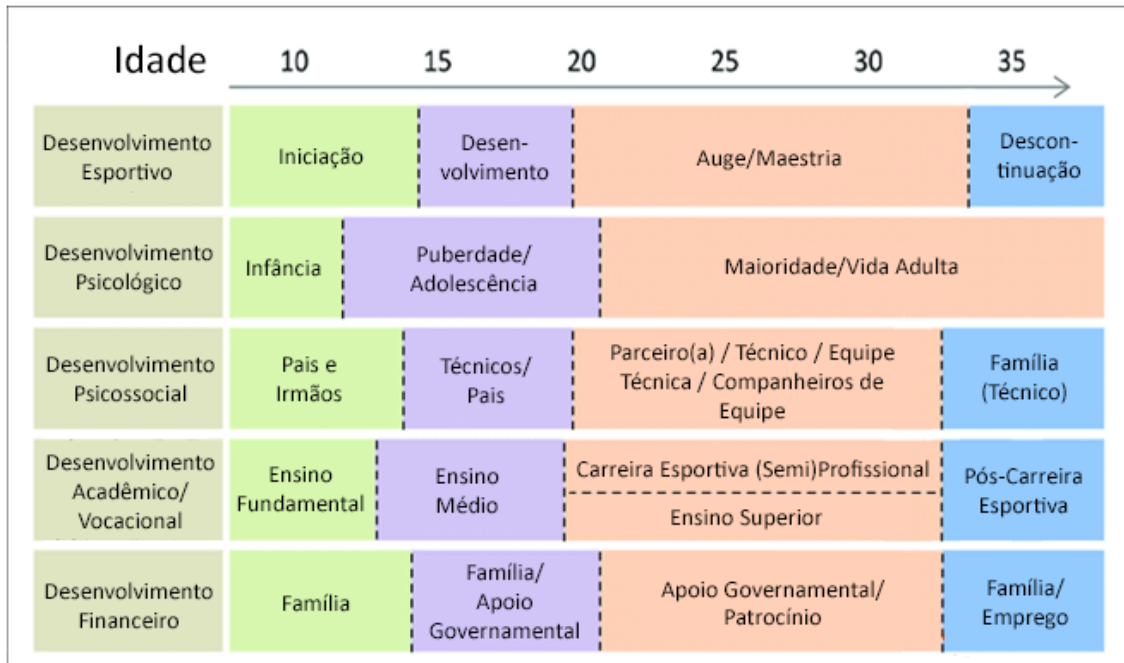
No exterior, estudos sobre a carreira esportiva datam desde a década de 1960. Uma das principais compreensões é de que o desenvolvimento esportivo não é composto por eventualidades ou fenômenos, mas sim processos, ou seja, uma ação contínua no decorrer de seu desenvolvimento (SINCLAIR; ORLICK, 1993).

Outro importante entendimento diz respeito a uma visão da carreira esportiva como “um todo”, sendo composta por diferentes períodos de desenvolvimento, sendo eles, uma fase inicial quando jovens atletas possuem uma iniciação multiesportiva; a fase de desenvolvimento e especialização quando os atletas dedicam-se mais a um único esporte com o aumento de treinos para adquirir habilidades específicas; e por fim, a maestria e auge esportivo quando os atletas alcançam o mais alto nível esportivo (BLOOM, 1985; CÔTÉ, 1999). É de se destacar que a idade na qual essas diferentes fases ocorrem não são fixas, mas variam de acordo com as características de um grupo. Por exemplo, atletas de esportes que exigem uma coordenação motora complexa e bem desenvolvida (saltos ornamentais, ginástica, patinação artística) costumam iniciar a fase de desenvolvimento e especialização entre os cinco e sete anos por compreender o período mais favorável de desenvolvimento motor de um

indivíduo, adaptando-se aos requisitos técnicos da modalidade. Já esportes de resistência (triatlo, maratona, ciclismo) iniciam sua especialização apenas na adolescência, abarcando o período em que alcançam a maturação física (STAMBULOVA et al., 2009).

Côté (1999) também apresenta a importância da família em todas as fases de desenvolvimento esportivo, quando nos anos de iniciação, os pais proveem oportunidades das crianças desfrutarem e promoverem o interesse em diferentes esportes sem a preocupação com o treino intensivo. Nos anos de especialização, quando os jovens gradualmente param de dedicar tempo a vários esportes focando apenas naqueles que possuem melhor rendimento, os pais possuem papel fundamental na ênfase da dedicação aos estudos, além de serem os principais responsáveis por financiar e dedicar tempo e interesse no esporte escolhido por seu filho, seja como treinador ou como espectador. Na fase do auge esportivo do atleta, os pais apresentam grande interesse na carreira esportiva do filho, aconselhando em escolhas para o futuro além do esporte e apoio para superar e combater contratempos que impeçam o progresso esportivo e educacional, principalmente por meio do suporte emocional e financeiro, caso o indivíduo não consiga alcançar o profissionalismo em sua modalidade.

A percepção da carreira esportiva evoluiu com os estudos de Wylleman, Alfermann e Lavalle (2004) e atualizado por Wylleman, Reints e De Knop (2013) ao trazer uma visão holística da vida do atleta, capaz de compreendê-lo além da esfera esportiva e sintetizando as principais fases de seu desenvolvimento em diferentes eixos, que seriam: a) Atlético/Esportivo: relacionado aos diferentes fases de desenvolvimento na carreira esportiva. b) Psicológico: abrange os diferentes níveis de desenvolvimento como indivíduo. c) Psicossocial: compreende os diferentes centros de relações sociais que o atleta possuirá no decorrer de sua carreira. d) Acadêmico/Vocacional: diz respeito ao progresso educacional e profissionais. e) Financeiro: compreende as diferentes fontes de financiamento que o atleta pode ter.



**Figura 1:** Modelo Holístico traduzido de Wylleman, Reints e De Knop (2013).

O modelo holístico proposto por Wylleman, Alfermann e Lavalle (2004) também destaca momentos de transições entre as diferentes fases de desenvolvimento. Essas transições são conjuntos de demandas normativas ou não-normativas que atletas passam para continuar no esporte ou para estarem ajustadas em sua carreira (STAMBULOVA et al., 2009). Transições normativas seriam aquelas que são previsíveis, como o período de especialização do esporte, mudanças de categoria e a aposentadoria do esporte. Já as transições não-normativas são menos previsíveis, como uma lesão, mudanças de times ou de treinadores. Alguns fatores podem influenciar o processo de transição, agindo como barreiras ou facilitadores no desenvolvimento da carreira esportiva, sendo eles internos (inerentes ao próprio atleta), ou externos.

Assim, essa pesquisa está organizada em três estudos. O primeiro diz respeito a uma revisão da literatura internacional em busca de identificar e analisar o progresso das pesquisas com respeito à conciliação de estudos e carreira esportiva para estudantes-atletas no ensino superior a fim de pensar a exploração do tema no âmbito nacional. Discussões sobre o estereótipo negativo de estudantes atletas e o nível de dedicação exigido pelo esporte universitário foram apresentados em conjunto com estratégias para superar essas barreiras. O estudo foi dividido em duas categorias de análise dos textos para discussão, sendo eles: a) barreiras encontradas pelos estudantes-atletas no ensino superior e possíveis soluções e, b) barreiras e facilitadores para preparação para a transição pós-carreira esportiva.



O segundo estudo procura traçar um perfil inicial e contexto familiar e educacional dos beneficiários do Programa Bolsa-Atleta do Governo do Distrito Federal (PBA/DF) no período de 2014/2015, com os dados coletados por meio de questionário estruturado a partir de quatro eixos, sendo eles a trajetória esportiva, educacional, conciliação entre esportes e estudos e a formação educacional da família e suas relações com o esporte. A partir das informações coletadas podemos nos aproximar do cenário desses atletas com respeito à manutenção do PBA/DF, o nível de dedicação a esportes e estudos e a possível influência familiar nessa dedicação.

O terceiro estudo teve como objetivo compreender a trajetória de dupla carreira dos beneficiários pelo PBA/DF, encarando-os como os atletas de elite do Distrito Federal, levando em conta as barreiras que enfrentaram e os facilitadores que tiveram a disposição, o impacto do PBA/DF no seu desenvolvimento esportivo e a influência dos agentes sociais para a dedicação ao esporte e estudos. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas, utilizando um guia de entrevistas composto por eixos norteadores das questões, sendo elas: a trajetória esportiva, escolar e vocacional dos atletas, a conciliação de esportes e estudos, as exigências econômicas e meios de financiamento de sua modalidade e o papel da família e outros agentes sociais no decorrer da dupla carreira. A partir dessas informações, podemos aprofundar quais são as perspectivas dos atletas de elite do Distrito Federal sobre as oportunidades apresentadas pelo esporte e estudos e como esses pontos de vista influenciaram em suas decisões no decorrer da dupla carreira.

### **Justificativa**

A carreira esportiva de atletas de elite é um tema de discussão no meio acadêmico, principalmente no âmbito internacional. O Laboratório de Estudos sobre o Corpo (LABEC) é uma referência no país no que diz respeito a estudos com a temática da Dupla Carreira, onde as aproximações realizadas no decorrer dos anos mostram como as oportunidades ofertadas pela escolarização e esporte, influenciarão a priorização do atleta a uma dessas formações. No entanto, a compreensão da dupla carreira de atletas e as estratégias de conciliação da formação esportiva concomitante aos estudos ainda é um tema que está em progresso na literatura nacional. Poucos trabalhos abordam a carreira esportiva educacional de atletas de diferentes modalidades, além de abrangerem sua formação educacional após o ensino básico. Nesse sentido, o Distrito Federal possui suas particularidades ao considerarmos que é a

unidade federativa com maior nível de escolaridade da União, com 24,5% da população com o Ensino Superior Completo (IBGE, 2019). Portanto, compreender a conciliação da carreira esportiva e educacional por parte de atletas de diferentes esportes e em um contexto educacional diferenciado permitirá uma melhor análise e problematização de suas distintas características, formações e mercados de profissionalização.

### **Método**

Esse estudo foi dividido em três fases no que se refere à metodologia de pesquisa. Primeiramente foi elaborado uma revisão sistemática da literatura internacional com o caráter exploratório e descritivo relacionado à conciliação entre formação escolar/acadêmico e esportiva com objetivo de dar suporte às discussões nos capítulos seguintes, em vista da lacuna de estudos com esse escopo na literatura nacional. A busca se deu por meio da base de dados do Portal Periódicos da Capes utilizando as palavras-chave "student-athlete" e "higher education" nos campos de busca selecionando apenas artigos publicados em língua inglesa, em periódicos revisados por pares. Para melhor direcionamento da pesquisa, escolhemos bases de dados dentro das áreas de conhecimento “Ciências da Saúde e Ciências Humanas”, e como Subárea, “Educação Física e Esportes e Educação” e escolhemos aquelas que constavam as palavras "educação" e "esportes" em seu escopo, sendo elas: a) JSTOR Arts & Sciences I Collection (Humanities); b) Applied Social Sciences Index and Abstracts - ASSIA (ProQuest); c) Project Muse • Education Resources Information Center - ERIC (ProQuest); d) OECD Databases. Education Statistics; e) Physical Education Index (ProQuest); e, f) SPORTDiscus with Full Text (EBSCO). Inicialmente encontramos 66 artigos, e com isso, passando para a próxima fase de refinamento da amostra, foi feita a leitura dos resumos, que resultou na inclusão de 24 artigos que apresentavam a expressão “*student-athlete*” e na exclusão de uma tese. O passo seguinte foi a leitura dos artigos selecionados na íntegra, levando à inclusão de 14 pesquisas que atenderam ao critério de estabelecer debate sobre a dupla carreira em nível universitário, e a exclusão, portanto, de 10 artigos que tratavam da formação no ensino superior de estudantes negros, políticas para gestores educacionais ou as diferenças entre atletas de *eSports* e outros esportes.

A segunda fase metodológica foi pautada pela aplicação de um questionário estruturado na busca de traçar o conhecer os atletas de elite do Distrito Federal utilizando os bolsistas do PBA/DF como critério para delimitar os atletas de elite da região. O programa Bolsa Atleta do Governo do Distrito Federal (PBA-DF) em 2014/2015 contemplou 70 atletas

que possuíam, a época, entre 12 e 44 anos, distribuídos entre 16 diferentes modalidades (coletivas e individuais). Para a coleta de dados foi utilizado um questionário estruturado utilizando a plataforma *Survey Monkey*, com o Consentimento Livre Esclarecido - para atletas maiores de 18 anos - ou Assentimento Livre Esclarecido e anuência do responsável - para atletas menores de 18 anos. A plataforma *Survey Monkey* foi escolhida por ser bastante conhecida e utilizada dentro do meio acadêmico, por seu fácil manuseio para o pesquisador e para o respondente, além de facilitar a análise dos resultados por permitir o download das respostas em formato Excel e SPSS (SHERRY, et al., 2009).

O questionário foi estruturado a partir de quatro eixos temáticos, sendo eles, a) Trajetória no Esporte; b) Trajetória Educacional; c) Conciliação entre Esporte e Estudos e d) Relação da Família com o Esporte e Formação Educacional. O processo de coleta dos dados foi composto por quatro fases: a) busca pelos contatos no formato de números de telefone residencial ou móvel e e-mail; b) contato por telefone para explicação do estudo e convite a participação do mesmo durante os meses de Setembro de 2017 até Janeiro de 2018; c) envio do link do questionário da ferramenta *Survey Monkey* através do aplicativo *Whatsapp* ou por e-mail e d) repetição do processo de coleta a partir da fase “b” mediante demora na obtenção da resposta ao questionário ou possíveis erros passíveis de ajuste e reenvio do questionário. O software *IBM SPSS Statistics 20* foi utilizado para realizar as análises inferenciais das respostas por meio de estatísticas descritivas e cálculos de tabulação cruzada. A amostra analisada compreendeu os 25 atletas que responderam ainda estar em atividade no período em que responderam o questionário.

Por fim, a terceira fase metodológica foi a realização de entrevistas semiestruturadas com os atletas ex-beneficiários do PBA/DF, na busca de compreender as estratégias utilizadas para conciliar a formação e educacional e o impacto do benefício no desenvolvimento de sua carreira esportiva. O roteiro de entrevistas foi elaborado a base do guia utilizado por Gómez et al. (2018) e do modelo holístico proposto por Wylleman et al. (2013). Na busca do refinamento do instrumento, entrevistas-piloto foram realizadas com cinco atletas de rúgbi da Universidade de Brasília. Após a análise do piloto, uma versão final do roteiro foi estabelecido, composto por cinco blocos temáticos de perguntas, as quais são: a) Trajetória esportiva; b) Trajetória educacional; c) Trajetória vocacional; d) Exigências econômicas do esporte e demais atividades; e por fim, e) Conciliação a nível psicossocial.

Para o processamento e análise das entrevistas e do piloto, utilizamos o software *IraMuTeQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de*

*Questionnaires*), por permitir diferentes análises estatísticas sobre um texto, sendo as principais a lematização dos diferentes trechos das entrevistas, reduzindo as palavras com base de suas raízes lexicais. Além disso, uma pesquisa de vocabulário é efetuado no decorrer do texto para a redução de palavras com base em suas raízes lexicais (lematização) e identifica as formas ativas e suplementares. Para a análise das transcrições das entrevistas foi escolhido o método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) aonde é possível classificar os segmentos de texto de acordo com seus respectivos vocábulos e seu conjunto é repartido de acordo com a frequência das formas reduzidas (palavras lematizadas), permitindo assim obter classes que possuam vocabulários semelhantes entre si e diferentes de outras classes (CAMARGO; JUSTO, 2013) Outra ferramenta viabilizada pelo IraMuTeQ é o valor de significância estabelecido para cada uma das formas ativas e suplementares de acordo com sua frequência nos segmentos classificados pela CHD, onde estabelecemos o valor de significância de 95% das formas classificadas ( $p \leq 0,05$ ). Mediante a análise dos segmentos de texto do piloto, percebemos nos últimos 30% acontecer uma grande variação dos temas abordados e que dificultava o entendimento e a compreensão da classe. Portanto, com o objetivo de direcionar a análise para as frases mais relevantes, foi estabelecido o critério de leitura de 70% dos segmentos de texto organizados de acordo com a média dos valores de significância das formas ativas.

Para a análise de conteúdo do texto classificado utilizamos o critério de codificação da teoria fundamentada onde o pesquisador define o que ocorre nos dados e debate seus significados. Essa codificação envolve pelo menos duas fases principais: 1) a fase inicial onde ocorre a denominação de cada segmento de texto, fixando rigorosamente aos dados e observando as ações em vez de aplicar categorias já existentes. 2) a fase focalizada onde são utilizados os códigos iniciais mais significativos e frequentes para a análise e organização dos dados de forma definitiva (CHARMAZ, 2009).

Convidamos para as entrevistas os 14 atletas que responderam não estar recebendo o benefício no questionário aplicado durante a segunda fase do estudo, sendo que 10 aceitaram participar desse momento do estudo. Os contatos foram efetuados por telefone ou mensagens de texto via *Whatsapp*, *Facebook* e *Instagram*. A amostra final foi composta por 5 atletas do sexo masculino e 5 do sexo feminino, atletas de basquete, judô, natação, taekwondo, tênis de mesa, triatlo e vôlei. A coleta de dados ocorreu no período de Março a Abril de 2019 por meio de entrevista com roteiro semiestruturado em locais de fácil acesso ao entrevistado mediante agendamento prévio, com duração média de 1 hora.

**Aspectos Éticos:** O projeto desse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, tendo como o número CAAE: 40152814.1.0000.0030 e contou com o financiamento da Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF) debaixo do edital 05/2014 – PROGRAMA DE APOIO FINANCEIRO A PRIMEIROS PROJETOS. Toda entrevista ou aplicação de formulário implicará a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, específico para maiores e menores de idade. O anonimato será assegurado aos participantes e as instituições em publicações e apresentações públicas do estudo.

## **CAPÍTULO 1 – UMA REVISÃO NARRATIVA SOBRE O ESTUDANTE-ATLETA NO ENSINO SUPERIOR: ESTEREÓTIPOS E PREPARAÇÃO PARA TRANSIÇÃO PÓS-ESPORTE**

### **Introdução**

Durante uma década, o Brasil tornou-se palco de grandes eventos esportivos. Entre 2007 e 2017, o País sediou os Jogos Pan-americanos, os Jogos Mundiais Militares, a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos de Verão. Essa série de eventos acentuou, sobretudo no meio acadêmico brasileiro, diversas discussões relacionadas ao esporte, dentre elas, a concorrência entre formação esportiva e educacional de estudantes-atletas. De acordo com a literatura, o termo *dual career* (dupla carreira) exprime o significado desse conjunto de processos da formação esportiva em concomitância com a formação educacional ou outra carreira profissional (RYBA et al., 2014).

Diversos estudos desenvolvidos em diferentes culturas já demonstraram que a falta de equilíbrio de tempo entre as formações esportiva e educacional e a ausência de acompanhamento das escolas e clubes aos atletas em dupla carreira pode resultar na secundarização de um projeto de formação, ou mesmo no abandono de um deles – em geral, do esporte (MILLER; KERR, 2002; AZEVEDO et al., 2017), além do desgaste físico e mental causado pela dificuldade em conciliar ambas as formações (PINKERTON; BARROW, 1989; SUBIJANA; BARRIOPEDRO; CONDE, 2015). Entretanto, a possibilidade de conciliar estudos com a carreira esportiva proporciona ao atleta estar mais bem preparado para desafios futuros, em virtude de serem capazes de obter habilidades transferíveis entre diferentes áreas, senso de equilíbrio ao reconhecer a vida além do esporte e qualificações profissionais para a carreira após sua aposentadoria esportiva (AQUILINA, 2013). Outras pesquisas demonstraram que o nível médio educacional dos atletas pode ser similar (GONZÁLEZ FERNÁNDEZ; TORREGROSA, 2009), e em alguns casos chegando a ser maior que a média apresentada pela população geral na mesma idade (CONZELMANN; NAGEL, 2003).

É importante ressaltar que, nos países onde a formação básica é obrigatória, tem-se mais um fator acerca da organização dos atletas na busca da dupla carreira: respeitar a lei nacional. Diferente dos ensinamentos fundamental e médio, o nível superior não é compulsório, mas é objetivo dos estudantes-atletas por possibilitar melhor remuneração, além de conhecimentos

e habilidades capazes de prepará-los para a carreira profissional após o esporte (CÔTÉ; LEVINE, 1997; STAMBULOVA; STEPHAN; JÄPHAG, 2007; AQUILINA, 2013).

Outra variável que possui forte influência na busca da dupla carreira é o potencial econômico do esporte praticado pelo atleta. No Brasil, o futebol apresenta mercado altamente competitivo e estruturado, com oportunidades profissionais de altos ganhos financeiros, observada sua alta seletividade<sup>1</sup> (SOARES et al., 2011). Contudo, outros esportes não apresentam mercado fortemente organizado e, para esses atletas, o ensino superior pode surgir como possibilidade de ascender socioeconomicamente, ainda que sujeitos a um limitadíssimo amparo legal para que consigam conciliar suas obrigações esportivas e educacionais (HAAS; CARVALHO, 2015). Portanto, compreender e identificar como ocorre o processo de dupla carreira durante o ensino superior proporcionaria traçar melhores estratégias para a conciliação de ambas as carreiras.

Por outro lado, no Brasil, as pesquisas relacionadas à conciliação de estudos e carreira esportiva têm se mostrado mais centradas em atletas que estão cursando os ensinos fundamental e médio (BARTHOLO, et al., 2011; ROCHA et al., 2011; SOARES et al., 2011; MELO et al., 2014; MELO et al., 2016; SOARES; CORREIA; MELO, 2016). Logo, analisar a produção internacional que debate o processo de formação esportiva em conciliação com a formação universitária torna-se fundamental para conhecer experiências e modelos desenvolvidos.

Portanto, o presente artigo tem por objetivo discutir o estado da arte da literatura internacional relacionado à conciliação de estudos e carreira esportiva no ensino superior para qualificar a discussão no contexto brasileiro.

## **Metodologia**

Pesquisas de revisão narrativa buscam descrever e discutir o desenvolvimento de determinado tema de destaque dentro da literatura acadêmica, permitindo ao autor e ao leitor adquirir e renovar o conhecimento sobre o assunto abordado em um curto espaço de tempo, mas sem possuir um rigor metodológico que permita a reprodução dos dados (ROTHER, 2007). Este estudo verificou, por meio da base de dados do Portal de Periódicos da Capes<sup>2</sup>,

---

<sup>1</sup> O salário médio de um jogador de futebol, no Brasil, é de R\$ 3.653,00 por mês, chegando a valores acima de R\$ 51.000,00 (SABINO; GARCIA, 2018).

<sup>2</sup> O Portal de Periódicos da Capes é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza diversas bases de dados nacionais e internacionais. A pesquisa no Portal Capes pode apresentar diferentes resultados ao utilizar outra rede de internet.

pesquisas relacionadas à conciliação da formação educacional com a carreira esportiva para estudantes do ensino superior.

Os artigos foram selecionados no período de agosto a novembro de 2017, utilizando-se as palavras-chave *student-athlete* e *higher education*, em conexão com a rede de internet da Universidade de Brasília. Optamos pela expressão *student-athlete*, pois, na literatura internacional, ela é utilizada para exprimir a situação de um atleta que também está na condição de aluno de ensino regular, seja no ensino básico, seja no superior<sup>3</sup>.

#### *Crítérios de inclusão e exclusão*

Para um melhor direcionamento da pesquisa, escolhemos bases de dados dentro das áreas de conhecimento “Ciências da Saúde e Ciências Humanas”. E, como subárea, “Educação Física e Esportes e Educação”. O Portal Periódicos Capes possibilita ao pesquisador obter uma informação de que tipo de artigo é indexado em determinada base de dados. Portanto, escolhemos aquelas em que constavam as palavras "educação" e "esportes" no escopo. As bases de dados eleitas foram:

- JSTOR Arts & Sciences I Collection (Humanities)
- Applied Social Sciences Index and Abstracts - ASSIA (ProQuest)
- Project Muse
- Education Resources Information Center - ERIC (ProQuest)
- OECD Databases. Education Statistics
- Physical Education Index (ProQuest)
- SPORTDiscus with Full Text (EBSCO)

Foram encontrados 66 artigos que atendiam aos critérios de inclusão: terem sido publicados em periódicos revisados por pares, em língua inglesa. Com isso, foi feita a leitura dos resumos, que resultou na inclusão de 24 artigos que apresentavam a expressão “*student-athlete*” e na exclusão de uma tese. O passo seguinte foi a leitura dos artigos selecionados na íntegra, levando à inclusão de 14 pesquisas que atenderam ao critério de estabelecer debate sobre a dupla carreira em nível universitário, e a exclusão, portanto, de 10 artigos que

---

<sup>3</sup> Optamos por não utilizar a expressão "dual career" por ser empregada de forma similar para expressar a dualidade da carreira do atleta não só enquanto está estudando mas também para qualquer outra segunda carreira além do esporte.



tratavam da formação no ensino superior de estudantes negros, políticas para gestores educacionais ou as diferenças entre atletas de *eSports* e outros esportes.

<b>Fase 1</b>	Artigos em inglês publicados em periódicos revisados por pares.	66 artigos
<b>Fase 2</b>	Seleção de artigos que continham a expressão “student-athlete” em seus resumos.	<b>24 artigos selecionados</b>
		42 artigos excluídos
<b>Fase 3</b>	Leitura dos artigos na íntegra e seleção dos artigos que apresentassem debates sobre a Dupla Carreira a nível universitário.	<b>14 artigos selecionados</b>
		10 artigos excluídos

**Quadro 1:** Critérios de inclusão e exclusão dos artigos

## Resultados

Nos artigos selecionados, encontramos uma amostra de estudos centrados principalmente nos Estados Unidos, com apenas outros dois situados no Canadá (CHARD, POTWARKA; 2017) e na Coreia do Sul (CHIU et al. 2017). Também, 12 dos 14 trabalhos selecionados estudaram estudantes-atletas de diversas modalidades, enquanto outros dois estudos estiveram centrados apenas em atletas de futebol americano e basquete (BEAMON, 2008; NAVARRO; McCORMIC; 2017).

Após a seleção dos artigos, estabelecemos duas categorias de análise de textos similares, partindo do que consideramos fundamental para estruturar a análise e a discussão dos dados: a) barreiras encontradas pelos estudantes-atletas universitários, bem como soluções para desenvolverem sua formação acadêmica; e b) barreiras encontradas para a transição pós-carreira esportiva satisfatória.

<b>Barreiras e possíveis soluções</b>			
<b>Título do Artigo</b>	<b>Autores</b>	<b>Revista</b>	<b>Ano</b>
Examining Academic and Athletic Motivation Among Student Athletes at a Division I University	GASTON-GAYLES, J.L.	Journal of College Student Development	2004
"Used Goods": Former African American College Student-Athletes' Perception of Exploitation by Division I Universities	BEAMON, K.K.	The Journal of Negro Education	2008
The Influence of Student Engagement and Sport Participation on College Outcomes among Division I Student Athletes	GAYLES, J.G. & HU, S.	The Journal of Higher Education	2009
Predictors of Collegiate Student-Athletes' Susceptibility to Stereotype Threat	FELTZ, D.L. <i>et al.</i>	Journal of College Student Development	2013
Examining the Inclusiveness of Intercollegiate Team Climate and Its Influence on Student-Athletes' Cross-Racial Interactions	JONES, W., LIU, K. e BELL L.	Journal of College Student Development	2015
The Influence of Climate on the Academic and Athletic	RANKIN, <i>et al.</i>	The Journal of Higher	2016

Success of Student-Athletes: Results from a Multi-Institutional National Study.		Education	
An Exploring the Relative Importance of Factors That Influence Student-Athletes' School-Choice Decisions: A Case Study of One Canadian University	CHARD, C.R. & POTWARKA, L.R.	Journal of Intercollegiate Sport	2017
Not So Black and White: A Multi-Divisional Exploratory Analysis of Male Student-Athletes' Experiences at National Collegiate Athletic Association (NCAA) Institutions	COOPER, J. N., DAVIS, T. J., & DOUGHERTY, S.	Sociology of Sport Journal	2017
Priorities and preferences for collegiate athletic goals and processes in South Korea	CHIU, W. <i>et al.</i>	Social Behavior & Personality	2017
The Mis-Education of the African American Student-Athlete	HARRISON JR, L. <i>et al.</i>	Kinesiology Review	2017

**Quadro 2:** Artigos com a temática “Barreiras e possíveis soluções”

<b>Barreiras para preparação para a transição pós-carreira esportiva</b>			
<b>Título do Artigo</b>	<b>Autores</b>	<b>Revista</b>	<b>Ano</b>
An Examination of the Alignment of Student Athletes' Undergraduate Major Choices and Career Field Aspirations in Life After Sports	NAVARRO, K.M.	Journal of College Student Development	2015
Outcomes-Based Career Preparation Programs for Contemporary Student-Athletes	NAVARRO, K. & MCCORMICK, H.	Journal of Applied Sport Management	2017
Transition experiences of division-1 college student-athletes: coach perspectives	BJORSEN, A.L. & DINKEL, D.M.	Journal of Sport Behavior	2017
Understanding the Challenges and Opportunities Associated With Online Learning: A Scaffolding Theory Approach	MCNIFF, J. & AICHER, T.J.	SPORTDiscus with Full Text (EBSCO)	2017

**Quadro 3:** Artigos com a temática “Barreiras para preparação para a transição pós-carreira esportiva

Os artigos foram incluídos em cada uma das categorias, considerando-se o tema central da discussão que eles apresentaram. Observa-se que o tema sobre as barreiras enfrentadas pelos estudantes-atletas no processo de conciliação da dupla carreira aparece com maior frequência – em 10 artigos –, contra 4 artigos tratando das barreiras de transição para o pós-carreira esportiva. Pode-se sugerir que a preocupação nas pesquisas analisadas é com relação à formação harmoniosa entre as duas carreiras de investimento do estudante-atleta. Ainda que se pesquise os enfrentamentos dos estudantes-atletas para o pós-carreira esportiva, pode-se insinuar que essa temática seja uma consequência natural dos embates ocorridos durante o processo de formação básica e conciliação da dupla carreira esportiva. Em geral, imputa-se que a transição satisfatória para o pós-carreira esportiva pode ser dependente de um processo menos acidentado de formação na dupla carreira.

### **Análise e discussão dos artigos**

#### *Barreiras e possíveis soluções.*

A organização da dupla carreira, que envolve a formação esportiva e acadêmica, tem gerado diferentes barreiras para os estudantes-atletas que cursam ensino superior. Muitos

jovens consideram dedicar suas vidas ao esporte como possibilidade profissional, influenciados pelo grande foco da mídia sobre alguns esportes (BERRY; SORENSEN, 1981; LEE, 1983; MCGREGOR, 1989). Para esses estudantes-atletas, as exigências do esporte de alto rendimento possuem grande influência em sua formação educacional, pois, para alcançar um desempenho esportivo satisfatório, costumam dedicar de 15 a 38 horas semanais a treinos e outras atividades relacionadas (SHAW et al., 2004; JAYANTHI et al., 2015; NCAA ELIGIBILITY CENTER, 2017). Esta rotina pode comprometer o tempo disponível para dedicação à família, aos amigos e aos estudos – principalmente se comparado a estudantes não atletas.

Em países com campeonatos esportivos universitários de alta competitividade, como nos Estados Unidos, as instituições de ensino superior encorajam uma maior dedicação às responsabilidades esportivas, dado que os melhores resultados em competições possibilitam aumentar as receitas da universidade. No entanto, esse incentivo pode resultar na menor dedicação às responsabilidades acadêmicas por parte dos estudantes-atletas (BEAMON, 2008).

A experiência com o esporte acaba por colocar o estudante-atleta em um grupo com signos próprios, características que o diferenciam no contexto geral dos jovens, e o identificam com pares que compartilham de vivências semelhantes em uma rede de relações na sociedade. Essa identidade esportiva (BREWER; VAN RAALTE; LINDER, 1993) permite ao indivíduo reconhecer-se e ser reconhecido pelos grupos sociais como pertencente a uma “tribo” específica, dotada de *ethos* próprio e que, como consequência, assume para si os hábitos, costumes, valores, crenças, julgamentos e ideias das instituições por onde circula. Tais características identitárias cercam o estudante-atleta e o distinguem, assim como atribuem a ele papéis sociais que nem sempre se encaixam nos espaços das relações institucionais.

Observa-se que a identidade esportiva é produto de um processo de incorporação de *habitus*, garantido por anos de convivência e sujeição às regras do esporte. Entenda-se essa sujeição não como um mecanismo de passividade do indivíduo, mas como parte das estratégias de consolidação do projeto de carreira do estudante-atleta. É por meio desses artifícios que se formam as redes de suporte e influência, as quais podem ser determinantes para que os estudantes-atletas atinjam o seu objetivo e aumentem o investimento na carreira (ROCHA, 2017).

Distinguir-se do todo é algo natural e percebido no comportamento dos indivíduos nas sociedades complexas. Todavia, pertencer a um grupo com signos tão específicos pode trazer consequências negativas ao estudante-atleta. Para analisar as condições do indivíduo em dupla carreira esportiva, é necessário entender que ele participa ativamente de duas instituições independentes – ao menos no modelo instituído no Brasil. Por um lado, existe a educação, representada na figura das escolas e universidades, com objetivo de formar o cidadão consciente do convívio em sociedade e atribuir-lhe uma função; por outro, o esporte, na figura dos clubes, cuja missão principal é preparar para o desempenho atlético. Ainda que se guardem as características comuns de ambas as instituições, observa-se que, em essência, esporte e educação exigem a prioridade do estudante-atleta para que seus fins sejam atingidos. Dessa forma, os conflitos são inevitáveis. A questão nesse sentido é que as exigências do esporte de alto rendimento e as consequências negativas de uma forte identidade esportiva podem afetar negativamente o desempenho educacional de um atleta no ensino superior (PURDY; EITZEN; HUFNAGEL, 1982; EITZEN, 1987; ARIES ET AL., 2004; EMERSON; BROOKS; MCKENZIE, 2009; COMEAUX; HARRISON, 2011).

Pensemos que o processo de formação de um atleta exige tempo e dedicação, sendo que, nos períodos de competições, há maior intensidade de concentração do estudante-atleta. Com base nisso, soma-se a ideia de que são necessários anos de preparação e treinamento para que um atleta possa desempenhar seu papel de forma satisfatória para o mercado esportivo de elite. Com isso, sugere-se que tais práticas específicas do esporte criam a imagem de que o estudante-atleta pouco se dedica às obrigações educacionais. Em consequência, por todos esses fatores, a ideia que ganha força entre indivíduos, geralmente não pertencentes ou que não reconhecem o *ethos* esportivo, é a de que estudantes-atletas são menos inteligentes do que os outros estudantes, criando um estereótipo para esse grupo (COUTANT et al., 2011; FISKE; NEUBERG, 1990; HARRISON JR. et al., 2017).

Nesse caso, quando a característica que define um estereótipo traz descrédito, existe o risco de que o indivíduo entre em conformidade com essa característica e a reforce em si mesmo (STEELE; ARONSON, 1995). Torna-se imperativo revelar que o estereótipo negativo acrescenta ao grupo estigmatizado a baixa expectativa dos outros em relação ao seu projeto. No exemplo dos estudantes-atletas, a possível consequência seria uma expectativa reduzida de docentes, gestores e de outros estudantes em relação ao seu projeto educacional, formando-se um ciclo de desdobramentos prejudiciais ao seu desempenho acadêmico.

Isso significa também que, no caso dos estudantes-atletas, o estereótipo negativo quanto à inteligência pode ser reforçado neles mesmos, ressaltando a identidade esportiva e afastando-os de atividades acadêmicas e intelectuais (HARRISON JR. et al., 2017). Essa dificuldade é demonstrada por Feltz et al. (2013) e Cooper, Davis e Dougherty (2017), ao relatarem que aqueles que detêm uma forte identidade esportiva também possuem maiores chances de sofrerem ameaça de estereótipo. Os autores acrescentam que os estudantes-atletas negros estão mais suscetíveis a sofrer essa ameaça, visto que, por gerações, já sofrem com os estereótipos relacionados à sua raça, colocando-os como superiores fisicamente, mas inferiores intelectualmente (SAILES, 1993).

Essa realidade tem grande influência na forma como os estudantes-atletas percebem a sua inclusão do ambiente acadêmico. Jones, Liu e Bell (2015) e Cooper, Davis e Dougherty (2017) expõem que estudantes-atletas relatam poucas percepções positivas e inclusivas no ambiente da universidade, principalmente aqueles que possuem forte identidade esportiva. A estigmatização do estudante-atleta na universidade e as baixas expectativas dos professores em relação ao seu progresso educacional não contribuíram para que os vínculos nessas instituições fossem aproveitados com a mesma intensidade.

Como reduzir, então, os danos que os estudantes-atletas sofrem em virtude da ameaça de estereótipo? Gaston-Gayles (2004) apresenta um dos fatores, que diz respeito à motivação acadêmica dos atletas. O autor afirma que o desempenho acadêmico satisfatório de um estudante-atleta está relacionado à definição de objetivos acadêmicos, independentemente da aspiração esportiva. Portanto, as instituições de ensino precisam mostrar ao estudante-atleta que, além do que se espera em competições, deve-se exigir a participação também em atividades acadêmicas. A propósito, pesquisas apontam que os próprios estudantes-atletas tendem a procurar universidades que possibilitem uma formação acadêmica satisfatória além de ser apenas referência em atividades esportivas (CHARD; POTWARKA, 2017; CHIU et al., 2017).

Ademais, o baixo desempenho acadêmico de estudantes-atletas muitas vezes é resultado da cobrança nos estudos sem levar em consideração suas responsabilidades esportivas. As exigências do esporte de alto rendimento frequentemente impedem que o estudante-atleta consiga ter dedicação satisfatória e, por consequência, resultados iguais ou superiores aos outros. A informação dessa situação deve ser de grande importância para as instituições de ensino que desenvolvem programas esportivos. Essas, compostas pelo seu corpo docente, discente e gestor, precisam estar na condição que Goffman (1963) descreve

como “informado”. Os “informados” seriam pessoas “normais”, ou seja, indivíduos que não estão submetidos ao estereótipo em questão, mas simpatizam e compreendem as dificuldades dos indivíduos estereotipados.

Quando "informados" sobre a situação e as necessidades que um estudante-atleta possui para conseguir dedicar-se a sua carreira esportiva, os “normais” – no caso, a instituição de ensino – têm sua compreensão facilitada. Essa compreensão pode permitir a elaboração de estratégias para que o estudante-atleta consiga conciliar melhor sua carreira esportiva e acadêmica de maneira mais equilibrada, conquistando ainda melhor percepção de seu ambiente acadêmico.

Observamos, por meio da pesquisa de Cooper, Davis e Dougherty (2017), que estudantes-atletas da Divisão III da NCAA perceberam maior impacto positivo de sua experiência acadêmica de forma geral do que a experiência de estudantes-atletas de outras divisões superiores. O autor ressalta que isso se deve ao fato de as instituições da Divisão III enfatizarem o esporte como uma extensão da experiência acadêmica e não como o foco principal de sua formação – vivenciando-o em temporadas esportivas mais curtas que em outras divisões – e possuírem melhores estratégias para a gestão da dupla carreira.

Além disso, Gayles e Hu (2009) apontam que a interação com a comunidade acadêmica (professores e estudantes) bem como participar de atividades da universidade reflete grande impacto no conceito que os estudantes-atletas possuem de si mesmos e no ganho de habilidades de aprendizado e comunicação, independentemente de raça, gênero ou esporte praticado. Rankin et al. (2016) também apresentam que a interação entre instituição de ensino e estudante tem forte influência no sucesso acadêmico, sugerindo que, caso os estudantes-atletas identifiquem interesse do corpo docente, melhor será o seu desempenho. Esse convívio entre instituição de ensino e estudantes influencia diretamente a percepção de um ambiente mais inclusivo e acolhedor pelos atletas.

Podemos também destacar a importância que Goffman (1963, p. 23) assinala quanto aos “iguais” dentro de um grupo de indivíduos que sofrem de um estereótipo negativo, de modo que:

[...] tendem a reunir-se em pequenos grupos sociais cujos membros derivam todos da mesma categoria, estando esses próprios grupos sujeitos a uma organização que os engloba em maior ou menor medida. E observa-se também que quando ocorre que um membro da categoria entra em contato com outro, ambos podem dispor-se a modificar o seu trato mútuo, devido à crença de que pertencem ao mesmo “grupo”.

Nessa situação, os "iguais" dos estudantes-atletas seriam seus companheiros, que compartilham as mesmas dores e, portanto, compreendem melhor a condição de dupla carreira. Dentro de um grupo de indivíduos que compartilham o mesmo estereótipo, é comum encontrarmos aqueles que servem como "representantes". Muitas vezes, eles possuem o papel de servir de exemplo para os outros membros e de comunicar-se com os que não fazem parte do meio. No caso dos estudantes-atletas, técnicos, membros da equipe técnica e atletas experientes podem servir como representantes em uma universidade. Esse papel possui grande influência sobre os estudantes-atletas, dado que estão muito mais suscetíveis a ouvir o que seu técnico e colegas de equipe aconselham do que outras pessoas (BJORNSSEN; DINKEL, 2017). Esses "representantes" precisam usar essa influência para guiar o estudante-atleta durante sua carreira esportiva e acadêmica para que consigam equilibrar ambos. Feltz (2013), Jones, Liu e Bell (2015) e Rankin et al. (2016) destacam esse ponto, afirmando que treinadores que valorizam e incentivam a formação educacional e bons resultados acadêmicos costumam influenciar positivamente os seus atletas a focarem em seus estudos.

Portanto, desenvolver e fortalecer uma relação positiva entre a formação esportiva e acadêmica, entendendo o estudante-atleta como um sujeito de rotina diferenciada dos estudantes não-atletas pode contribuir para que eles consigam melhorar o seu desempenho acadêmico. A fim de que a barreira de organização do tempo e ajuste da rotina seja superada, é necessário que as instituições de ensino entendam a condição do estudante-atleta e sejam capazes de elaborar estratégias para tornar conciliáveis suas obrigações esportivas e acadêmicas.

#### *Barreiras e facilitadores na preparação para a transição pós-carreira esportiva*

Um dos principais encaminhamentos para a compreensão sobre a formação de um atleta de elite é que não se trata de um evento, mas, sim, de um processo. Proposta por Wylleman, Alfermann e Lavallee (2004), a perspectiva holística da carreira esportiva descreve fases de transição em diferentes eixos: atlético, acadêmico/vocacional, psicossocial, psicológico e financeiro. Entretanto, para atletas que não possuem perspectivas de alcançar a carreira profissional esportiva após o ensino superior, o período de aposentadoria ocorre antes do período previsto pelos autores mencionados, gerando uma maior necessidade de que os estudantes-atletas estejam mais bem preparados para sua carreira pós-esporte.

Esse é o tema dos quatro artigos selecionados para essa categoria de análise. Ao entrevistar estudantes-atletas de futebol americano da Divisão I da NCAA, Navarro e McCormick (2017) buscaram compreender o envolvimento desses atletas com atividades que os preparassem para o desenvolvimento de suas carreiras após o esporte. Os entrevistados declararam que as responsabilidades com o seu time e com os requisitos para manutenção da bolsa estudantil eram um dificultador para obterem habilidades que não fossem relacionadas com o seu esporte. De maneira similar, Bjornsen e Dinkel (2017) destacam que as viagens para competições e outros eventos esportivos reduzem o tempo disponível para que estudantes-atletas adquiram habilidades que os preparem para a carreira após o esporte.

Nos Estados Unidos, a escolha das matérias a serem cursadas durante a graduação é de livre escolha do estudante. No entanto, determinados cursos são preteridos em virtude de sua grade horária obrigatória (NUFFIC, 2016) quando conflitam com sua rotina esportiva. Percebemos isso no estudo de Navarro (2015), em que grande parte dos atletas, de universidades da Divisão I, apresentam que o tempo necessário para dedicação ao seu esporte foi determinante na escolha de seu curso, não importando que seus esportes sejam considerados pela universidade como “geradores de receita” (futebol americano e basquete) ou “olímpicos” / “não-geradores de receita” (atletismo, natação, remo, tênis). Portanto, a escolha dos cursos se dá com base da possibilidade vislumbrada pelos atletas em priorizar sua formação esportiva, ou seja: eles optam por cursos que apresentam uma rotina de conciliação viável (BEAMON, 2008). As obrigações esportivas que estudantes-atletas possuem no decorrer de sua formação, por muitas vezes, acabam por reduzir o tempo dedicado a atividades que os permitam preparar para sua carreira pós-esporte.

Em vista disso, Navarro e McCormick (2017) e Bjornsen e Dinkel (2017) destacam a importância de os estudantes-atletas se envolverem com atividades que promovam o desenvolvimento de sua carreira, como a escolha de matérias específicas durante sua formação ou pelo programa ofertado pela NCAA, "*CHAMPS/Life Skills*", bem como participação em “estágios” no seu futuro campo de trabalho, além de contato com atletas e ex-atletas.

Outra possibilidade que aparece como forma de permitir que os estudantes-atletas equilibrem suas obrigações educacionais e esportivas são disciplinas e tutoria *on-line* (MCNIFF; AICHER, 2017). Devido à necessidade de dedicação aos treinos e às frequentes viagens para competir, a utilização de recursos tecnológicos aparece como uma ferramenta de qualificação da relação atleta-universidade. Mcniff e Aicher (2017) destacam que “estudar *on-*



*line*” possibilita flexibilidade para que os estudantes-atletas equilibrem suas demandas esportivas e acadêmicas, tornando-os mais independentes e responsáveis pela organização da sua rotina de estudos. O processo de educação via acesso *on-line* aos conteúdos acadêmicos é acompanhado ainda pelo tutor, que atuará em parceria com o atleta. Exemplos similares já são relatados na União Europeia, onde cursos e matérias são ofertados *on-line* para compensar suas aulas presenciais em períodos de viagens para treinamentos e competições (AQUILINA; HENRY, 2010; SÁNCHEZ PATO et al., 2014). Entretanto, por mais que existam esses benefícios, Mcniff e Aicher (2017) destacam que é necessário analisar previamente se o estudante-atleta está preparado para cursos e tutoria *on-line*.

### **Conclusões**

A construção de uma rotina de dedicação ao esporte e aos estudos é exigente de estratégias e prioridades. Considerando-se a formação no esporte como um processo em longo prazo – aliado à obrigatoriedade do ensino básico, além do valor social atribuído ao ensino superior –, a dupla carreira constitui-se como um objeto de pesquisa com importantes resultados apresentados em diferentes países. No Brasil, vem ganhando espaço, de maneira sistematizada, há aproximadamente uma década.

Percebemos, por meio desta revisão bibliográfica, que boa parte da literatura aborda a necessidade de o estudante-atleta obter uma formação acadêmica qualificada concomitante a suas atividades esportivas. No entanto, grande parte dos estudantes-atletas acaba encontrando barreiras durante essa formação, sendo a principal delas a gestão do tempo, acompanhada de importantes aspectos de construção de estereótipos. Quando estigmatizados, seja por questões raciais ou intelectuais, devem administrar mais uma tensão em seu processo de formação. Nesse sentido, dispositivos de acompanhamento são fundamentais para que o atleta tenha qualidade de formação esportiva e educacional.

Observou-se que os estudos sobre as barreiras para conciliação da dupla carreira esportiva eram mais frequentes nas bases de dados investigadas. Isso sugere o indício de que, para se pensar a dupla carreira esportiva, é necessário entender o processo de investimento do estudante-atleta nela. Dessa forma, identificamos que todo o tempo de formação do estudante-atleta na dupla carreira contribui para a formação de uma identidade esportiva, a qual também pode ser responsável pela assimilação e incorporação de *habitus* próprio do esporte. Esse processo cria uma rede de apoio e relações que podem influenciar o investimento do estudante-atleta no esporte, em detrimento da formação acadêmica.

Ao mesmo tempo em que a dedicação ao esporte se acentua, também devido às normativas dessa instituição, a percepção dos estudantes-atletas sobre o apoio que recebem das instituições educacionais pode contribuir para que a dupla carreira tenha uma conciliação harmoniosa ou não. Verificamos, nos estudos analisados, indícios de que, quando a rede de suporte nas instituições de ensino reconhecia e considerava as dificuldades de se dedicar ao esporte e aos estudos simultaneamente, adequando o projeto educacional às condições do estudante-atleta, este último percebia uma relação de pertencimento ao espaço educacional. Tal fato indicou que esse tipo de articulação entre instituição educacional e estudante-atleta poderia produzir melhores efeitos na conciliação da dupla carreira esportiva e maior dedicação aos estudos, permitindo, talvez, uma transição mais satisfatória no pós-carreira esportiva.

Esse processo passa por esclarecer à comunidade escolar sobre a realidade enfrentada por atletas de elite, em diferentes momentos de sua carreira esportiva, para que tenham essa fase da vida desenvolvida de maneira equilibrada. Para muitas modalidades, a entrada no ensino superior coincide com o ápice atlético, exigindo ainda maior sensibilidade dos gestores, professores e treinadores. No Brasil, um país que encaminha a formação esportiva e educacional de maneira dissociada, cumpre-se o dispositivo legal previsto de amparo ao estudante. Isso significa delegar ao corpo docente a compreensão sobre a condição esportiva de elite do (também) estudante (COSTA; ROCHA; AMAYA CADAVID, 2018).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) permite às universidades autonomia para criar estratégias de acolhimento e acompanhamento da formação acadêmica dos atletas em consideração à sua condição esportiva – o mérito da questão em discussão poderá ser quem efetivamente mereça entrar nesse quadro específico de atenção. Observamos, ainda, que essas estratégias devem superar o abono de falta e a reposição de avaliações individuais. O programa de acompanhamento acadêmico do atleta deve considerar seu calendário esportivo; a possibilidade de tutoria, monitoria e adequação de horários de aula aos treinamentos; priorização e permissão de matrícula em disciplinas equivalentes; além da possibilidade de trancamento do curso em função da sua condição esportiva de excelência (oportunidades de intercâmbios internacionais, por exemplo).

Levando-se em consideração o estado da arte apresentado, é urgente que, em estudos futuros, seja discutido o papel social da educação, sobretudo da universidade enquanto espaço de formação humana, observada a especificidade do (jovem) atleta de elite e maneiras de incluí-lo no ensino superior.

**Limitações do estudo**

O estado da arte encontrado com respeito a "estudante-atleta" e "ensino superior" apresentou origem principalmente nos Estados Unidos. Uma justificativa para esse fato pode ser explicada pelas palavras-chave utilizadas para a pesquisa dos artigos, limitando os resultados encontrados. Estudos nos Estados Unidos têm por alvo estudantes-atletas universitários principalmente pela forma como o desenvolvimento esportivo no país é estruturado dentro das instituições educacionais, tendo como fase final o ensino superior (LEE, 1983).

## **CAPÍTULO 2 - BOLSA ATLETA DO DISTRITO FEDERAL: APROXIMAÇÕES DO PERFIL DOS BENEFICIADOS À NÍVEL ESPORTIVO E EDUCACIONAL**

### **Introdução**

Cada vez mais jovens brasileiros aspiram e optam pela carreira esportiva como objetivo profissional, influenciados tanto pelo meio que estão inseridos (família, treinadores, e círculo de amizades) quanto pela atenção atribuída pela mídia de maneira espetacularizada em torno das modalidades esportivas de alto rendimento (CÔTÉ, 1999; BAXTER-JONES; MAFFULLI, 2003; SOARES et al., 2011; BJORNSEN; DINKEL, 2017). Além disso, o sentimento de autorrealização ao alcançarem metas cada vez mais altas dentro do seu esporte, em conjunto com o desafio e a superação dos próprios limites nessa prática aparecem como fortes aspectos de motivação intrínseca ao atleta (LOPES; NUNOMURA, 2007).

No entanto, o caminho percorrido por atletas em busca do alto rendimento muitas vezes é extenuante, dedicando de 15 a 38 horas semanais em treinos e outras atividades relacionadas (SHAW et al., 2004; JAYANTHI et al., 2015; NCAA ELIGIBILITY CENTER, 2017). Ademais, no Brasil, as principais oportunidades de profissionalização como atleta estão concentradas nos esportes espetacularizados, isto é, aqueles que recebem maior atenção pela mídia, sobretudo o futebol masculino, e que aprecia até mesmo a possibilidade de migração para o mercado esportivo internacional (SOARES et al., 2011; MEDEIROS, 2011; CAPELO, 2016). Já outros atletas que não gozam da mesma condição, em geral, dependem de outras formas de financiamento de sua carreira esportiva, sendo elas principalmente por meio de sua família e patrocínios (PERES; LOVISOLO, 2006). Um dos meios instituídos no Brasil para o subsídio da carreira esportiva é o Programa Bolsa-Atleta<sup>4</sup>, que beneficia atletas no ano subsequente de acordo com seus resultados (DISTRITO FEDERAL, 1999; BRASIL, 2004).

Para além da questão financeira, diversos fatores também podem agir como barreiras para o desenvolvimento da carreira esportiva, como lesões, pressões psicológicas, distanciamento de familiares e resultados inferiores aos esperados, que em situações extremas podem acarretar até mesmo o abandono do esporte (SUBIJANA; BARRIOPEDRO; CONDE, 2015. FOLLE et al., 2016). Nesse cenário, a dedicação à formação educacional surge como

---

<sup>4</sup> O Programa Bolsa-Atleta é utilizado como um modelo de política de financiamento para atletas, possuindo diferentes versões no âmbito federal e estadual.

alternativa para que o atleta alcance o capital financeiro, pois além da valorização do ensino superior no mercado de trabalho ordinário, indivíduos com maior escolaridade tendem a receber melhores salários, requerendo a busca da devida formação para estarem inseridos nesse meio (METSÄ-TOKILA, 2002; BALASSIANO; SEABRA; LEMOS, 2005).

O termo *dual career* (dupla carreira) exprime o significado de atletas que conciliam sua formação esportiva com a educacional (RYBA et al., 2015). Um dos principais compreensões sobre esse tema é o entendimento de que a formação do jovem atleta deve ser realizada de maneira holística, observando o desenvolvimento e as transições presentes na carreira esportiva como um processo, e não um evento (WYLLEMAN; ALFERMANN; LAVALLE, 2004; STAMBULOVA et al., 2009). Os principais eixos de desenvolvimento da perspectiva holística seriam: atlético, psicológica, psicossocial, acadêmico/vocacional e financeiro (WYLLEMAN et al. 2013). No decorrer da vida do atleta, transições aparecem em diferentes momentos do processo de formação esportivo, exigindo desses atletas constantes adaptações aos novos desafios.

De acordo com Azevedo et al. (2017), atletas brasileiros estão sujeitos a um distanciamento entre os objetivos das instituições de ensino e esporte devido a formação esportiva e educacional acontecer em âmbitos diferentes, em clubes e escolas. Em vista do maior o tempo de dedicação exigido durante o auge esportivo, o atleta se vê diante do conflito de qual formação priorizar. Ademais, a estrutura familiar em que atletas estão inseridos possui grande relevância nas escolhas da dupla carreira, tanto para a dedicação ao esporte quanto para aos estudos (CÔTÉ, 1999; BAXTER-JONES; MAFFULLI, 2003; ISRAEL; BEAULIEU; HARTLESS, 2009).

Ao considerarmos que o progresso educacional pode ser alvo de atletas como oportunidade de obtenção de renda, o Distrito Federal apresenta uma realidade diferenciada se comparada ao resto do país, sendo a unidade da federação que apresenta o maior nível de instrução e maior rendimento médio mensal da união (IBGE, 2019), e portanto, identificar e traçar o perfil dos atletas de elite locais nos permite ter um entendimento inicial de seu processo de formação esportiva e da realidade em que estão inseridos em contraste com outras regiões do país. Assim, por meio de um questionário estruturado, este artigo busca conhecer os atletas de elite do Distrito Federal e o contexto familiar e educacional que estão inseridos, considerando os bolsistas do Programa Bolsa-Atleta do Governo do Distrito Federal (PBA-DF) como meio de delimitar os atletas de elite da região.

## Metodologia

A amostra da pesquisa compreendeu 25 atletas (13 homens e 12 mulheres) beneficiados pelo PBA/DF no edital 2014/2015 naquele período que afirmaram manter atividade esportiva no período da coleta de dados (Setembro de 2017 à Janeiro de 2018). O programa Bolsa Atleta do Governo do Distrito Federal naquele período foi ofertado a 70 atletas que possuíam, na época, entre 12 e 44 anos, distribuídos entre 16 diferentes modalidades (coletivas e individuais). Observada a exigência de resultados para obtenção da bolsa, entendemos esses atletas como parte da elite esportiva do Distrito Federal.

A coleta de dados foi pautada a partir de um questionário estruturado, com respectivo consentimento - maiores de 18 anos - ou assentimento - aos menores de 18 anos. O questionário foi estruturado a partir de quatro eixos temáticos, a saber, a) Trajetória no Esporte; b) Trajetória Educacional; c) Conciliação entre Esporte e Estudos e d) Relação da Família com o Esporte e Formação Educacional.

O processo de coleta dos dados foi composto por quatro fases: a) busca pelos números de telefone residencial ou móvel e e-mail por meio dos seus respectivos treinadores e/ou federação, sendo que obtivemos o contato de 60 atletas da população; b) contato por telefone para explicação do estudo e convite a participação do mesmo; c) envio do link do questionário da ferramenta *Survey Monkey* através do aplicativo *Whatsapp* ou por e-mail e; d) repetição do processo de coleta a partir da fase “b” mediante demora na obtenção da resposta ao questionário ou possíveis erros passíveis de ajuste e reenvio do questionário. Ao final, um total de 52 atletas responderam aos contatos e receberam o link para o questionário sendo que 39 aceitaram e participaram efetivamente da pesquisa. 25 dos 39 beneficiários do PBA-DF 2014/2015 afirmaram ainda atuarem como atletas, compondo a amostra desse estudo.

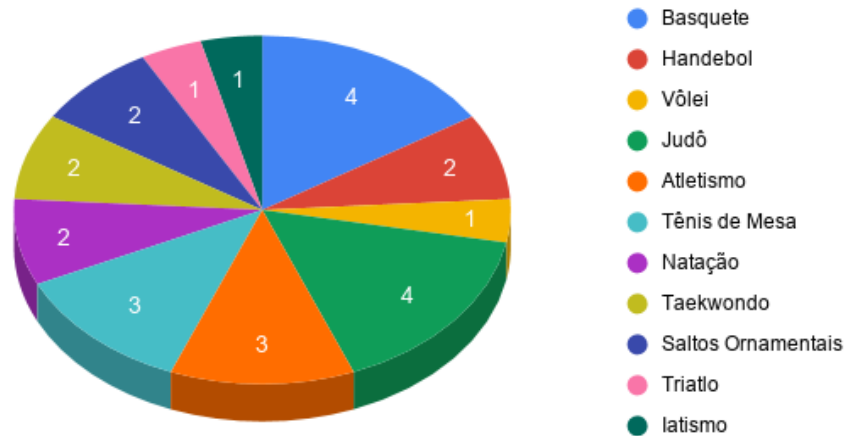
A ferramenta *Survey Monkey* oferece a opção de exportação dos dados coletados diretamente para o software SPSS, onde foram realizadas análises inferenciais das respostas.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, tendo como o número CAAE: 40152814.1.0000.0030 e contou com o financiamento da Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF) debaixo do edital 05/2014 – PROGRAMA DE APOIO FINANCEIRO A PRIMEIROS PROJETOS. Toda aplicação de formulário implicou a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, específico para maiores e menores de idade. O anonimato foi assegurado aos participantes e as instituições em publicações e apresentações públicas do estudo.

## Resultados

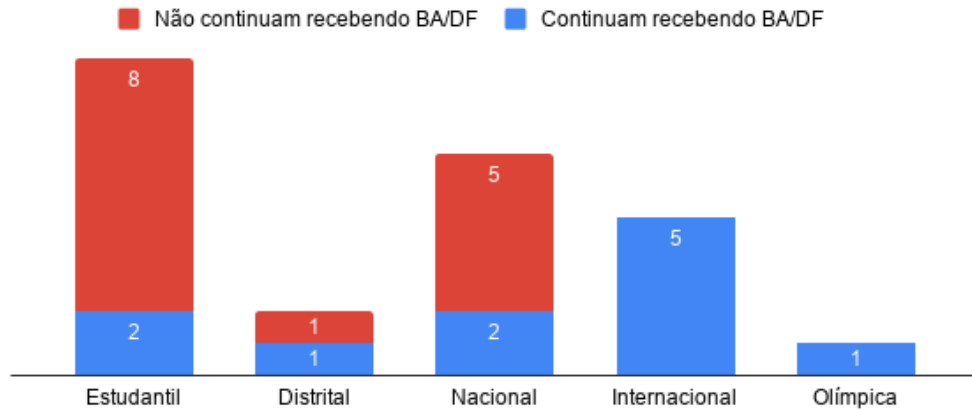
### *Modalidade esportiva, categorias contempladas e manutenção do benefício*

A amostra é constituída por sete atletas de modalidades coletivas (basquete, handebol e vôlei), contrastando com os demais 18 de modalidades individuais (judô, atletismo, tênis de mesa, natação, taekwondo, saltos ornamentais, triatlo e atletismo).



**Gráfico 1:** Modalidades esportivas praticadas pelos atletas da amostra.

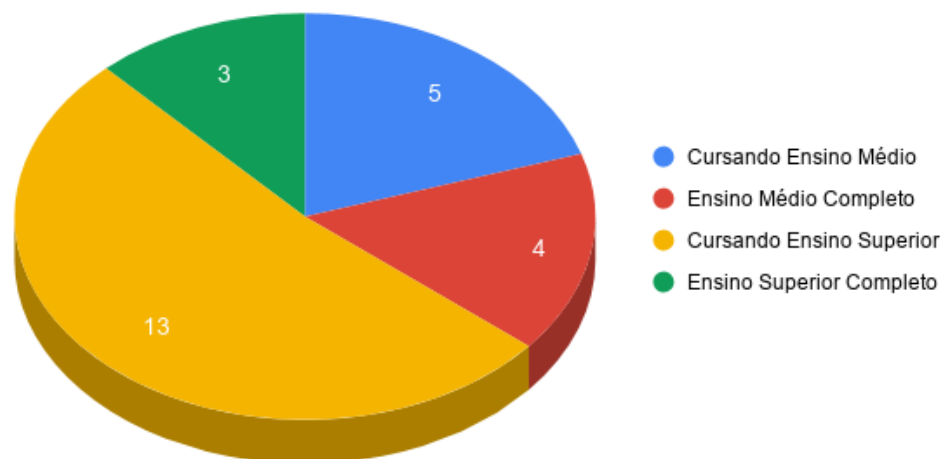
Com respeito às categorias de bolsas ofertadas, a Lei 2.402 que institui o PBA-DF prevê as seguintes categorias: a) Olímpico, b) Internacional, c) Nacional, d) Estadual, e) Estudantil. No período de 2014/2015, 10 atletas da amostra foram contemplados na categoria estudantil, dois na categoria distrital, sete na categoria nacional, cinco na categoria internacional e um na categoria olímpico. Dos contemplados, apenas 11 atletas continuaram recebendo o benefício até o ano de 2018, ocorrendo uma maior descontinuação de beneficiados nas menores categorias, principalmente a estudantil. O gráfico abaixo ilustra as categorias de bolsa contempladas no período 2014-2015 e a manutenção do benefício até a aplicação do questionário.



**Gráfico 2:** Categorias contempladas X Manutenção do PBA/DF

### *Formação Educacional*

Com respeito à formação educacional da amostra, 18 atletas estavam matriculados na educação básica obrigatória (5) ou em uma universidade (13), sendo que os outros sete não estavam estudando, possuindo o ensino médio (4) ou ensino superior completo (3). Sobre o tipo de instituição que os atletas estão matriculados, oito estão em instituições públicas distritais ou federais, em contraste com 10 em instituições particulares, sendo que dentre esses, nove estão em instituições de ensino superior, número na qual não se difere da realidade nacional onde encontramos uma maior concentração de estudantes universitários matriculados em instituições particulares (IBGE, 2015).



**Gráfico 3:** Escolaridade dos atletas

### *Dedicação ao esporte e estudos*

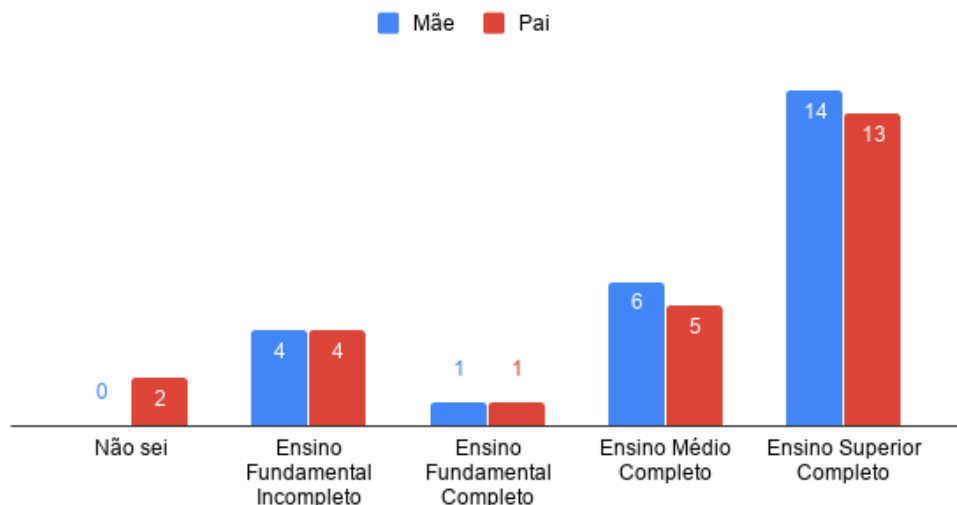
Acerca da importância atribuída a carreira esportiva pelo atleta, observamos pelo menos três tipos de trajetória, sendo elas: linear, quando o atleta dedica-se exclusivamente ao



esporte; convergente, na qual o esporte é priorizado mas os estudos ou trabalho são mantidos; e a paralela, em que os estudos ou trabalho possuem a mesma importância que a carreira esportiva (PALLARÉS et al., 2011). No entanto, ainda permitimos que os atletas respondessem se priorizavam os estudos acima do esporte, acrescentando uma nova possível trajetória ao que observada na literatura. Nesse sentido, verificamos que nenhum atleta buscou a trajetória linear, conciliando em algum nível esportes e estudos, sendo que 13 atletas priorizaram o esporte, seis tentaram conciliar de maneira igual e seis priorizaram os estudos.

### *Configuração Familiar*

Um dos principais agentes para a construção positiva da dupla carreira é o suporte familiar (SELVA; PALLARÉS; GONZÁLEZ, 2013) e, portanto, observar as relações dos pais com o esporte e seu nível de instrução nos permite compreender a influência que podem exercer. No que se refere à formação educacional, pais esperam que seus filhos obtenham credenciais acadêmicas iguais ou superiores àqueles que conquistaram (ISRAEL; BEAULIEU; HARTLESS, 2009). Quando analisamos a configuração familiar da amostra, percebemos que 14 mães (56%) e 13 pais (52%) possuem ensino superior completo ou grau mais elevado, como especialização, mestrado ou doutorado. O alto nível de instrução apresentado tanto pela maioria dos pais como das mães dos atletas da amostra faz com que a influência familiar seja mais forte quando pensamos na configuração de ambos os cônjuges. A partir disso, percebemos que 12 casais possuem ensino superior completo ou grau mais elevado de instrução (48%), e outros três possuem pelo menos um dos pais nessa mesma condição.



**Gráfico 4:** Escolaridade dos pais

## Análise e discussão

Para iniciar nossa análise, ao observarmos a manutenção do PBA/DF com as categorias de bolsas ofertadas percebemos um alto índice de descontinuação do benefício nas categorias de menor valor. Esse cenário pode estar relacionado as barreiras que um atleta enfrenta durante sua trajetória esportiva. Para dar continuidade ao progresso de sua carreira, um atleta está sujeito a diferentes obstáculos, como lesões, conflitos sociais, mudança de clubes/treinadores, dificuldade de conciliar estudos e esporte (STAMBULOVA, et al. 2009). Aqueles atletas que alcançaram resultados internacionais já passaram pela fase do esporte quando enfrentaram as principais barreiras com respeito ao seu desenvolvimento esportivo e conseguem manter o seu rendimento para continuarem pleiteando ao benefício, ao contrário de atletas de outras categorias, que estão mais vulneráveis a esses obstáculos, além de estarem sujeitos a uma maior competitividade dentro do cenário que participam.

Teixeira et al. (2017), ao analisarem o Programa Bolsa-Atleta do Governo Federal, destacam o caráter exclusivamente financeiro desse tipo de programa. Este é um ponto importante para avaliação do êxito do PBA/DF. De acordo com a Secretaria de Estado, Esporte e Lazer do Distrito Federal (SELDF), o PBA-DF tem por objetivo ‘garantir condições mínimas para que se dediquem, com exclusividade e tranquilidade, ao treinamento e competições locais, sul-americanas, pan-americanas, mundiais, olímpicas e paralímpicas’ (SELDF, 2018). No entanto, atletas de alto rendimento têm a necessidade de investirem em gastos relacionados a transporte, mensalidades das instituições esportivas, materiais para a prática da modalidade, inscrições, viagens, hospedagens para competições e outras despesas que tendem a aumentar no decorrer da trajetória esportiva. Para cumprir com seus objetivos de garantir condições de treinamento e participação de competições dentro e fora do país, o PBA/DF precisa apresentar um valor considerável de capital financeiro ao atleta. Estudos realizados com beneficiados pelo Programa Bolsa-Atleta do Governo Federal apontam que o auxílio recebido é insuficiente para custear as despesas relacionadas ao esporte de alto rendimento (ALMADA, 2016; RODRIGUES, 2016). Contudo, os valores ofertados pelo PBA/DF não são disponibilizados pelo site da SELDF e pela Lei 2.402<sup>5</sup>, dificultando uma avaliação específica do programa.

---

<sup>5</sup> A Lei 2.402 que instituiu o PBA/DF prevê a estimativa dos valores ofertados de acordo com a Unidade Fiscal de Referência (UFIR), um indexador de compensação inflacionária para corrigir e atualizar obrigações fiscais. No entanto, esse indexador foi descontinuado pelo Governo Federal desde o ano 2000, e é utilizado apenas em alguns lugares do país, onde, de acordo com REIS (2018), “a responsabilidade pelo cálculo de divulgação da unidade é das Secretarias da Fazenda dos estados que ainda a utilizam”.

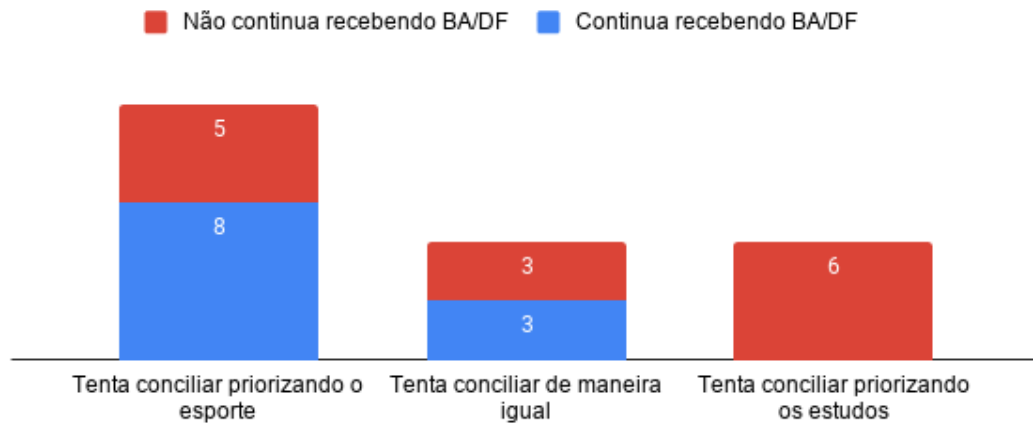
Salientamos também que a característica desse tipo de programa limita-se a uma oferta econômica, para garantir a condição atlética do beneficiado. Wylleman et al. (2013) apresentam outras variáveis permeiam a vida de um atleta, compreendendo aspectos atléticos, psicológicos, psicossociais e acadêmico-vocacionais, e que precisam ser levadas em consideração para que seja garantido as condições mínimas para dedicação satisfatória ao esporte. Por exemplo, dependendo da modalidade, atletas que estão em seu período de inserção e formação no ensino superior também estarão próximos da mudança para seu auge esportivo. Por ser um período de transição tanto em sua carreira esportiva quanto acadêmica, o atleta se vê diante de um aumento na demanda de treinos e estudos, apresentando uma maior necessidade de apoio para conciliar a dupla carreira. Já atletas que finalizaram sua formação acadêmica procuram manter o seu rendimento enquanto harmonizam treinos com sua profissão. Assim, nessa situação, um auxílio financeiro se torna mais necessário por permitir reduzir sua carga de trabalho e dedicar-se mais ao esporte (SELVA; PALLARÈS; GONZÁLEZ, 2013).

Outra informação que podemos abstrair do contexto dos atletas desse estudo diz respeito ao mercado esportivo na qual estão inseridos. Os principais esportes com potencial de investimento e retorno financeiro para o próprio atleta são aqueles espetacularizados, ou seja, que recebem a maior atenção da mídia (MEDEIROS, 2011). Na realidade nacional, o esporte mais espetacularizado é o futebol masculino, representando 9550 horas de transmissões esportivas na TV em 2015, três vezes mais que as transmissões de vôlei, basquete e tênis juntos (SOARES et al., 2011; CAPELO, 2016). No Distrito Federal, esportes como vôlei e basquete são os que mais podem se aproximar, mas não se comparar ao futebol, onde as oportunidades de formação e progresso esportivo são viabilizadas por clubes, sendo aqueles que fazem parte das ligas nacionais (Novo Basquete Brasil e Superliga) os que possuem os principais potenciais de investimento (AZEVEDO, 2014; PONTES et al., 2018). Para atletas de outras modalidades, a possibilidade de conseguirem o devido aporte financeiro graças a prática esportiva é reduzida, e geralmente está condicionada de outras formas de custeio e manutenção, como o apoio de suas famílias (PERES; LOVISOLO; 2006). Nesse sentido, percebemos que 15 dos 25 atletas de nosso estudo possuem pelo menos um dos pais com o Ensino Superior Completo. Considerando que existe uma forte relação entre nível de instrução, empregabilidade e valor do salário (ARAÚJO; BARBOSA, 2018) esse contexto nos permite deduzir que possuem uma situação socioeconômica familiar favorável que os possibilita manter em sua condição de atleta. Além disso, no caso do judô e do taekwondo em

nossa amostra, a principal fonte de renda dos atletas de esportes de lutas costuma ser o ensino da modalidade, permitindo adquirir retorno financeiro enquanto não se afasta da prática esportiva (VICENTINI; MARQUES, 2018).

Com respeito à formação educacional identificamos um progresso além do ensino básico obrigatório por 15 dos 25 atletas. Esse cenário pode ser reflexo da valorização do ensino superior pelo mercado de trabalho, tornando difícil conseguir e permanecer em um emprego sem a devida formação educacional. Ao considerarmos o mercado esportivo dos atletas da amostra estão sujeitos apresentarem chances escassas de se sustentar por meio da prática de sua modalidade e a descontinuação precoce da carreira esportiva comparado a outras opções profissionais, esse cenário pode fazer com que vislumbrem melhores oportunidades de obter capital financeiro por meio da formação educacional (METSÄ-TOKILA, 2002). Ademais, pais com alto nível de instrução é um forte indicativo de um *background* familiar influente para o ingresso em universidades e no progresso acadêmico (NERI, 2009). Podemos confirmar o valor atribuído a formação educacional ao observarmos que, mesmo apresentando resultados expressivos e teoricamente dedicando-se mais ao esporte do que outros atletas, todos tentaram conciliar, de alguma forma, sua formação esportiva e os estudos, ainda que priorizando uma dessas formações. Costa (2012) apresentou um contexto similar, onde pais com alto nível de escolaridade aparecem como um dos principais influenciadores na valorização da formação educacional pelas atletas de futsal em Santa Catarina em conjunto com fato do mercado do futsal feminino não permitir a dedicação exclusiva ao esporte, fazendo com que clubes ofereçam bolsas em instituições de Ensino Superior como atrativo para a prática da modalidade.

Os dados sobre dedicação ao esporte e aos estudos também apontam que os atletas que continuam recebendo bolsa tendem a priorizar o esporte em detrimento dos estudos enquanto aqueles que não recebem mais o benefício, em sua maioria procuram conciliar a dupla carreira igualmente ou priorizando os estudos. Esse cenário provavelmente está relacionado a necessidade de os atletas continuarem a apresentar resultados esportivos para assegurarem a manutenção do PBA/DF, ocasionando uma priorização do esporte por parte dos atletas que ainda possuem o benefício.



**Gráfico 5:** Manutenção do PBA/DF x Nível de dedicação do esporte e estudos

Quando cruzamos os dados de nível de dedicação a esportes/estudos com o sexo dos atletas, percebemos que mais homens priorizam o esporte (8) comparado com as mulheres (5). Essa relação é encontrada de forma inversa quando se trata da priorização dos estudos, onde encontramos apenas dois homens comparado com quatro mulheres. Selva, Pallarès & González (2013) discorrem que a atenção dos meios de comunicação para o esporte feminino é menor do que o masculino, fazendo com que os seus esforços sejam menos reconhecidos, além da falta de recursos como infraestrutura, condições de treinamento, que também são de maior prioridade aos homens. Esses fatores em conjunto com as escassas oportunidades de trabalho dentro do mercado esportivo e questões relacionadas a maternidade e constituição de família, onde atletas grávidas precisam se afastar do esporte por grandes períodos de tempo, são de grande influência para atletas mulheres planejem o término de sua carreira esportiva mais cedo e apresentem maior determinação na formação acadêmica (TEKAVC; WYLLEMAN; CECIĆ ERPIČ, 2015).

### Conclusões

A partir do que foi apresentado compreendemos que o PBA-DF possui um caráter exclusivamente financeiro de auxílio ao atleta de elite privilegiando aqueles que conseguem apresentar um resultado esportivo equivalente a categoria desejada. No entanto, é importante ressaltar que um atleta está sujeito a enfrentar diversas barreiras no decorrer do desenvolvimento atlético e que podem diminuir seu rendimento por determinado período como recuperação de lesões ou a gravidez de uma atleta resultando no afastamento temporário da modalidade (SELVA; PALLARÈS; GONZÁLEZ, 2013; FOLLE et al., 2016). Mas isso não significa o término de sua carreira esportiva por completo. Dependendo da modalidade

praticada, o atleta pode conseguir apresentar resultados expressivos até os 30-35 anos, e é capaz de superar as barreiras enfrentadas com a devido apoio dos agentes sociais próximos (pais, treinadores, companheiros de equipe etc.). Todavia, esse período que o atleta estiver afastado não permitirá que consiga obter resultados esportivos condizentes para pleitear o PBA-DF. Esse fato pode se mostrar ainda mais impactante para aqueles que dependem do benefício para que consigam financiar sua carreira no esporte.

Portanto, sugerimos uma avaliação dos requisitos para pleitear o PBA-DF, compreendendo os processos presentes durante a trajetória esportiva, como por exemplo, a verificação de resultados esportivos em um período maior do que apenas o ano anterior para atletas que sofreram lesões ou que tenham engravidado, permitindo assim que o atleta consiga devidamente superar essas dificuldades sem correrem riscos de não serem contemplados com o benefício.

Percebemos também que todos os atletas procuram estabelecer algum nível de conciliação da dupla carreira. Uma das influências apresentadas para a dedicação aos estudos foi o *background* familiar, por boa parte dos atletas estarem inseridos dentro de famílias com alto nível de instrução, e onde frequentemente a formação educacional é valorizada e esperada. Essa situação dos pais da amostra pode indicar famílias com situação socioeconômica favorável e que são capazes de sustentar seus filhos no esporte, dando condições para que alcancem seu auge esportivo sem a preocupação de buscarem formas de sustento. Contudo, o mercado esportivo experimentado por esses atletas é um fator com grande peso na decisão para conciliar esportes e estudos. Em vista que boa parte das modalidades praticadas pelos atletas da amostra são de esportes com baixas oportunidades de profissionalização, onde é comum financiamento por parte de suas famílias, patrocínios ou políticas governamentais, os mesmos podem enxergar nos estudos meios de obter a devida instrução para que consigam estar inseridos em um mercado de trabalho ordinário (METSÄ-TOKILA, 2002).

### **Limitações do estudo**

O estudo apresentou limitações no que diz respeito ao tamanho da amostra, dada a variabilidade das características específicas por grupo. Para um maior aprofundamento, viabilizando inclusive análises estatísticas, é necessário amostras maiores para testes significativos de associação e correlação.

Considerando esse estudo como parte de uma dissertação, o cenário apresentado abre possibilidades investigativas sobre o tema por meio de entrevistas semiestruturadas com a amostra. As estratégias construídas pelo ambiente familiar, as barreiras e os facilitadores

criados pelas instituições escolares e esportivas são pontos fundamentais de análise e discussão nos estudos futuros.

## **CAPÍTULO 3 - DUPLA CARREIRA DE ATLETAS DE ELITE DO DISTRITO FEDERAL: PERSPECTIVAS SOBRE A TRAJETÓRIA ESPORTIVA E ACADÊMICA/VOCACIONAL**

### **Introdução**

Atualmente, os requisitos para atletas de alto rendimento alcançarem a excelência e o auge esportivo estão relacionados a uma maior dedicação de tempo e energia de si mesmos. Esse cenário imediatamente implica na menor quantidade de tempo restante para investirem em outros aspectos no decorrer da vida. No entanto, poucos atletas possuem oportunidades de se sustentarem financeiramente por meio da prática de sua modalidade, e em vista disso, se veem na condição de investirem em sua formação educacional para estarem devidamente preparados para a inserção no mercado de trabalho formal (METSÄ-TOKILA, 2002). O conceito de “dupla carreira” (em inglês, *dual career*) refere-se a esse desafio de harmonizar a carreira esportiva com estudos ou trabalho (RYBA et al., 2014).

Uma das principais compreensões sobre esse tema diz respeito as fases de desenvolvimento esportivo proposto por Wylleman, Alfermann e Lavallo (2004), análogo ao modelo de Bloom (1985), compreendendo: uma fase inicial, onde crianças tem o primeiro contato com diferentes atividades físicas, engajadas por diversão e o simples prazer da prática; a fase de especialização/desenvolvimento, na qual o indivíduo foca-se em apenas um ou dois esportes que possuem um melhor rendimento; a fase de auge ou maestria em sua modalidade, em que os atletas se tornam especialistas em sua modalidade e dedicam-se a melhorar o seu rendimento esportivo para participação em competições de alto nível; a fase de descontinuação, quando ocorre uma transição para fora do esporte de alto rendimento e o trabalho formal tornando-se sua principal preocupação. Côté (1999) acrescenta a importância da família na trajetória esportiva, sendo os principais responsáveis pela oportunização da prática desde a juventude, até o financiamento e apoio emocional durante seu desenvolvimento, auge e descontinuação da carreira esportiva.

Wylleman, Alfermann e Lavallo (2004) ainda traz uma visão holística da vida do atleta, buscando compreendê-lo em sua totalidade, indo além da esfera esportiva. Os autores sintetizam as principais fases de sua trajetória em diferentes eixos<sup>6</sup>, que são: a) Atlético/Esportivo: relativo as fases de desenvolvimento em sua modalidade. b) Psicológico:

---

<sup>6</sup> O modelo holístico proposto por Wylleman, Alfermann e Lavallo (2004) foi atualizado no estudo de Wylleman et al. (2013) com o acréscimo do eixo financeiro.



referente aos níveis de desenvolvimento como indivíduo. c) Psicossocial: diz respeito aos principais agentes presentes durante sua trajetória. d) Acadêmico/Vocacional: compreende ao progresso educacional e profissionais. e) Financeiro: relacionado as formas de financiamento.

O modelo holístico apresentado pelos autores mencionados também compreendem períodos de transição entre as diferentes fases de seu desenvolvimento. O sucesso e a continuação da carreira esportiva dependerá de quais barreiras e facilitadores estarão sujeitos durante sua trajetória, podendo eles ser internos, inerentes ao próprio atleta, ou externos (STAMBULOVA et al. 2009).

Na busca de incentivar e fomentar a dedicação ao esporte de alto rendimento e podendo agir como um facilitador financeiro externo durante a carreira esportiva de atletas, o Brasil instituiu um modelo de política de financiamento com diferentes versões no âmbito federal e estadual, beneficiando financeiramente no ano subsequente de acordo com os resultados apresentados em sua modalidade (BRASIL, 2004; DISTRITO FEDERAL, 1999). O Programa Bolsa-Atleta do Governo do Distrito Federal (PBA-DF) em específico tem por objetivo ‘garantir condições mínimas para que se dediquem, com exclusividade e tranquilidade, ao treinamento e competições locais, sul-americanas, pan-americanas, mundiais, olímpicas e paralímpicas’ (SELDF, 2018), estabelecendo diferentes categorias de bolsa de acordo com o rendimento apresentado pelos atletas, sendo eles:

Categoria	Requisitos
OLÍMPICO A	Atletas que tenham participado de Olimpíada e obtido até a 4ª colocação, estando atualmente vinculados a clubes do Distrito Federal.
OLÍMPICO B	Atletas que tenham participado de Olimpíada, estando atualmente vinculados a clubes do Distrito Federal.
INTERNACIONAL	Atletas que tenham participado de seleção nacional em campeonatos sul-americanos, pan-americanos ou mundiais, e obtido até a 4ª colocação.
NACIONAL	Atletas que tenham participado do evento máximo da temporada nacional, representando o Distrito Federal e obtido até a 4ª colocação.
ESTADUAL/ DISTRITAL	Atletas indicados pelas respectivas Entidades de Administração do Desporto (Federações), mas, no mínimo, pertencentes à categoria juvenil da respectiva modalidade; e por fim.
ESTUDANTIL	Estudantes de 12 a 16 anos de idade com perspectivas de compor seleções nacionais, levando em conta os títulos e resultados conquistados pelos jovens atletas e a convocação para a seleção do Distrito Federal.

**Quadro 4:** Categorias e requisitos do PBA-DF

Portanto, temos como objetivo compreender o desenvolvimento da dupla carreira dos atletas de elite do Distrito Federal, considerando quais foram as principais barreiras e

facilitadores que estiveram sujeitos para conciliarem estudos e esporte, os gastos envolvidos em sua prática e a influência familiar e de outros agentes esportivos durante essa trajetória. Entendemos que os atletas beneficiados pelo PBA/DF como parte da elite esportiva do Distrito Federal em vista da exigência de resultados expressivos para obtenção da bolsa.

## Metodologia

Este artigo trata-se de uma pesquisa descritiva exploratória de abordagem qualitativa e que faz parte de um estudo maior com bolsistas do PBA-DF em 2014/2015. Nesse período, o programa beneficiou 70 atletas que possuíam, na época, entre 12 e 44 anos, distribuídos entre 16 diferentes modalidades (coletivas e individuais).

No período entre setembro de 2017 até janeiro de 2018 foi aplicado um questionário estruturado para bolsistas do PBA/DF de 2014/2015, onde 25 dos respondentes afirmaram ainda atuar como atletas. Destes 25, foram convidados os 14 atletas que afirmaram manter a atividade esportiva e não que recebem mais o benefício, sendo que 10 aceitaram participar do estudo (cinco homens e cinco mulheres)<sup>7</sup>, compondo a amostra dessa pesquisa<sup>8</sup>.

Indivíduo	Sexo	Idade	Modalidade	Priorização	Ainda é atleta?	Bolsa contemplada em 2014/2015	Escolaridade
1	Masculino	37	Tênis de Mesa	Estudos	Sim	Nacional	Ensino Superior Completo
2	Masculino	23	Tênis de Mesa	Estudos	Sim	Estudantil	Cursando Ensino Superior
3	Feminino	21	Basquete	Estudos	Não	Nacional	Cursando Ensino Superior
4	Feminino	20	Natação	Estudos	Não	Estudantil	Cursando Ensino Superior
5	Masculino	25	Judô	Conciliação	Sim	Nacional	Cursando Ensino Superior
6	Masculino	20	Basquete	Esporte	Sim	Nacional	Cursando Ensino Superior
7	Feminino	20	Basquete	Esporte	Sim	Estudantil	Cursando Ensino Superior
8	Feminino	18	Taekwondo	Esporte	Sim	Estudantil	Ensino Médio Completo
9	Feminino	21	Vôlei	Esporte	Não	Estudantil	Cursando Ensino Superior
10	Masculino	33	Triatlo	Esporte	Não	Nacional	Cursando Ensino Superior

**Quadro 5:** Descrição dos atletas do presente estudo

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semi-estruturada com o respectivo consentimento - maiores de 18 anos - ou assentimento – aos menores de 18 anos. O roteiro de entrevistas foi elaborado a base do guia utilizado por Gómez et al. (2018) e do modelo holístico proposto por Wylleman et al. (2013), sendo estruturado a partir de cinco eixos norteadores que se ramificam em questões diretas com respectivos apontamentos para intervenção do entrevistador no sentido de aprofundar as respostas do entrevistado. Os cinco

<sup>7</sup> Quatro entrevistados descontinuaram a carreira esportiva no período entre a resposta do questionário estruturado e a participação nesse estudo.

<sup>8</sup> Três atletas não responderam as tentativas de contato e uma atleta não aceitou participar.

eixos são: a) Trajetória esportiva; b) Trajetória escolar; c) Trajetória vocacional; d) Exigências econômicas do esporte e demais atividades e, e) Participação e influência da família e outros agentes sociais na conciliação da dupla carreira.

Os atletas foram contatados por telefone ou mensagens de texto via *Whatsapp*, *Facebook* e *Instagram* durante os meses de Março e Abril de 2019 quando foram convidados para participação da entrevista em locais de fácil acesso ao entrevistado com agendamento prévio e duração média de uma hora.

Para a análise das entrevistas foi utilizado o software IraMuTeQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), por permitir diferentes análises estatísticas sobre um texto, por dividir um texto em segmentos menores e efetuar uma pesquisa de vocabulário para reduzir as palavras de acordo com suas raízes lexicais. Utilizamos também o método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) onde os segmentos de texto são classificados de acordo com seus respectivos vocábulos, repartindo-o de acordo com a frequência das palavras reduzidas em classes que possuam vocabulários semelhantes entre si e diferentes de outras classes (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Ademais, o IraMuTeQ viabiliza o valor de significância para cada uma das palavras com base na frequência nos segmentos classificados pela CHD. Nesse sentido, determinamos o valor de significância de 95% das palavras classificadas ( $p \leq 0,05$ ). Para direcionar a análise para os trechos com maior relevância, estabelecemos o critério de leitura de 70% dos segmentos de texto organizados de acordo com a média dos valores de significância das palavras, em vista de que os últimos 30% dos trechos apresentarem uma grande variação de temas que dificultavam o entendimento da classe.

A análise de conteúdo do texto classificado foi feita por meio do critério de codificação da teoria fundamentada, sendo composta por duas fases principais: 1) a fase inicial onde ocorre a denominação de cada segmento de texto, fixando rigorosamente aos dados e observando as ações em vez de aplicar categorias já existentes. 2) a fase focalizada onde são utilizados os códigos iniciais mais significativos e frequentes para a análise e organização dos dados de forma definitiva (CHARMAZ, 2009).

## **Resultados**

O conjunto de entrevistas foi separado em 1590 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 1246 STs (78,36%). Emergiram 43252 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 2457 palavras distintas e 1037 com uma única ocorrência. O conteúdo

analisado foi categorizado em quatro classes, sendo elas: Classe 1, com 410 ST (32,91%); Classe 2, com 335 ST (26,89%); Classe 3, com 339 ST (27,21%); e Classe 4, com 162 ST (13%).

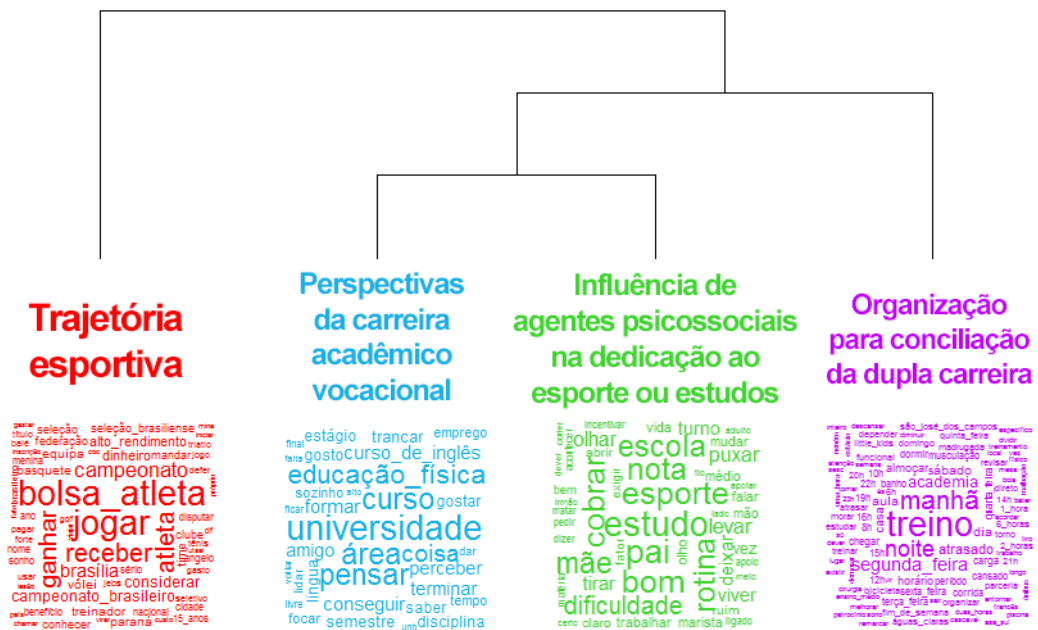
É importante ressaltar que essas quatro classes se encontram divididas em duas ramificações principais e uma sub-ramificação. A primeira ramificação é composta pela Classe 1, *“Trajetória esportiva”*, que se refere a iniciação e o desenvolvimento da carreira esportiva e como vieram a conhecer e utilizar o PBA/DF. A segunda ramificação contém os discursos correspondentes a Classe 4, *“Organização para conciliação da dupla carreira”*, onde os atletas relatam como organizavam sua rotina diária e semanal para conseguirem equilibrar sua dedicação ao esporte/estudos e a sub-ramificação que compreende a Classe 2, *“Influência de agentes psicossociais na dedicação ao esporte ou estudos”*, e a Classe 3, *“Perspectivas da carreira acadêmico/vocacional”*, que aborda as impressões dos atletas sobre a formação na escola e na universidade, a influência da família, treinadores e professores na dedicação a dupla carreira e suas expectativas de inserção no mercado de trabalho formal ou esportivo (ver Figura 2).

**Classe 1 – Trajetória esportiva:** Constituída por palavras e radicais no intervalo entre  $x^2 = 4,1$  (natação) e  $x^2 = 136,17$  (jogar). Essa classe é composta por palavras como “jogar” ( $x^2 = 136,18$ ); “atleta” ( $x^2 = 88,54$ ); “ganhar” ( $x^2 = 87,94$ ); “campeonato” ( $x^2 = 74,04$ ); “dinheiro” ( $x^2 = 38,27$ ); “conhecer” ( $x^2 = 21,19$ ); “representar” ( $x^2 = 17,16$ ); “participar” ( $x^2 = 14,5$ ); “pagar” ( $x^2 = 11,53$ ) e “experiência” ( $x^2 = 7,97$ ). Predominaram as evocações dos indivíduos com mãe e pai com ensino superior completo (respectivamente  $x^2 = 34,87$  e  $x^2 = 7,73$ ); com 21 e 37 anos de idade (respectivamente  $x^2 = 31,9$  e  $x^2 = 7,99$ ); atletas de esportes coletivos ( $x^2 = 24,4$ ); atletas de vôlei e basquete (respectivamente  $x^2 = 11,64$  e  $x^2 = 7,58$ ) e que não estudam atualmente ( $x^2 = 7,99$ ).

**Classe 2 – Influência de agentes psicossociais na dedicação ao esportes ou estudos:** Constituída por palavras e radicais no intervalo entre  $x^2 = 3,85$  (namorado) e  $x^2 = 57,3$  (estudo). Essa classe é composta por palavras como “estudo” ( $x^2 = 57,3$ ); “cobrar” ( $x^2 = 52,24$ ); “pai” ( $x^2 = 53,54$ ); “mãe” ( $x^2 = 47,43$ ); “boletim” ( $x^2 = 25,87$ ); “turno” ( $x^2 = 21,9$ ); “Ensino Fundamental” ( $x^2 = 17,04$ ); “encarar” ( $x^2 = 14,27$ ); “consciência” ( $x^2 = 13,65$ ); “positivo” ( $x^2 = 11,34$ ); e “influenciar” ( $x^2 = 7,64$ ). Predominaram as evocações dos atletas de taekwondo e judô (respectivamente  $x^2 = 17,27$  e  $x^2 = 5,26$ ) com 18 e 25 anos (respectivamente  $x^2 = 17,27$  e  $x^2 = 5,26$ ); com pai e mãe com ensino médio ( $x^2 =$  respectivamente  $x^2 = 17,27$  e  $x^2 = 5,26$ ) e que conciliaram esportes e estudos igualmente ( $x^2 = 5,26$ ).

**Classe 3 – Perspectivas da carreira acadêmico-vocacional:** Constituída por palavras e radicais no intervalo entre  $x^2 = 3,88$  (voltar) e  $x^2 = 53,67$  (universidade). Essa classe é composta por palavras como “universidade” ( $x^2 = 53,67$ ); “Educação Física” ( $x^2 = 38,47$ ); “conseguir” ( $x^2 = 23,75$ ); “formar” ( $x^2 = 23,43$ ); “trancar” ( $x^2 = 18,83$ ); “gostar” ( $x^2 = 17,31$ ); “querer” ( $x^2 = 11,94$ ); “especializar” ( $x^2 = 10,74$ ); “profissional” ( $x^2 = 8,59$ ); “relação” ( $x^2 = 8,45$ ); e “pretensão” ( $x^2 = 8,05$ ). Predominaram as evocações dos atletas de esportes individuais ( $x^2 = 20,02$ ); com mães com ensino fundamental incompleto ( $x^2 = 15,96$ ); atletas de natação ( $x^2 = 15,96$ ); com 20 e 23 anos (respectivamente  $x^2 = 7,68$  e  $x^2 = 5,29$ ) e do sexo masculino ( $x^2 = 5,68$ ).

**Classe 4 – Organização para conciliação da dupla carreira:** Constituída por palavras e radicais no intervalo entre  $x^2 = 4,27$  (piscina) e  $x^2 = 302,1$  (treino). Essa classe é composta por palavras como “treino” ( $x^2 = 302,1$ ); “manhã” ( $x^2 = 221,53$ ); “noite” ( $x^2 = 182,54$ ); “aula” ( $x^2 = 71,09$ ); “horário” ( $x^2 = 46,05$ ); “período” ( $x^2 = 41,18$ ); “musculação” ( $x^2 = 39,51$ ); “carga” ( $x^2 = 36,72$ ); “dormir” ( $x^2 = 35$ ); “16 horas” ( $x^2 = 33,59$ ); e “cansado” ( $x^2 = 30,85$ ). Predominaram as evocações dos atletas que cursam o ensino superior ( $x^2 = 5,67$ ); e atletas de vôlei ( $x^2 = 4,7$ ).



**Figura 2:** Dendrograma de classes emergidas do conteúdo das entrevistas

## Análise e discussão

### *Trajatória esportiva*

Dois temas principais emergiram da análise das entrevistas relacionados a essa classe: A iniciação e o desenvolvimento esportivo e as barreiras e os facilitadores encontrados no decorrer desse processo. A carreira esportiva é composta por quatro fases principais: a iniciação a modalidade, seu desenvolvimento, a maestria e a descontinuação do esporte de alto rendimento (WYLLEMAN; ALFERMANN; LAVALLE, 2004). Durante as entrevistas percebemos que acontecimentos marcaram os períodos de transição dessas fases. Ademais, no decorrer de sua trajetória no esporte, atletas de alto rendimento estão sujeitos a enfrentar diferentes situações que podem servir como barreiras que interferem diretamente no desenvolvimento de sua carreira esportiva. Para conseguirem superar essas barreiras, esses atletas valem-se de facilitadores que servem de auxílio nesse processo (STAMBULOVA et al., 2009).

O primeiro contato dos atletas da amostra com esportes, em geral, ocorre na infância e no início da pré-adolescência. Muitas vezes são influenciados e incentivados por seus pais, mas não necessariamente na modalidade em que vieram a se dedicar em alto rendimento, e começam o esporte institucionalizado em sua escola ou clubes.

Eu comecei a praticar esporte na escola. Eu praticava vários esportes, por exemplo, joguei basquete, vôlei, handebol, futebol e tênis de mesa. Depois me profissionalizei mais no tênis de mesa (Ind. 1 – Tênis de Mesa).

Esportes em si é algo que está associado com meu pai e com os três pilares que ele considera importante na educação, a família, a educação religiosa e educação por meio dos esportes. Então meu pai sempre colocou isso na nossa cabeça desde jovem. Então já com 6 anos de idade eu já estava competindo na natação (Ind. 4 - Natação).

Côté (1999) enfatiza o papel dos pais como os principais responsáveis por iniciar seus filhos ao esporte, valorizando muito mais a experiência de diferentes atividades, não necessariamente ligado com um objetivo em específico além da própria satisfação da prática.

Após o período de iniciação, nove dos 10 dos atletas mudaram seu local de prática esportiva para instituições de maior referência no esporte, seja uma escola com maior dedicação a competições escolares estaduais e nacionais, ou clubes de maior destaque na modalidade. O único caso em que não ocorreu uma mudança do local de treinamento aconteceu com a atleta de taekwondo, que sempre treinou na academia em que seu pai era mestre.

O episódio da mudança de instituição coincide com o momento em que começaram a se considerar atletas, entrando assim na fase descrita por Côté (1999) como anos de especialização, ou por Wylleman, Alfermann e Lavallo (2004) como período de desenvolvimento de sua carreira, onde ocorre um aumento da carga de treinamento e da dedicação a um único esporte na busca de alcançar a maestria, abandonando qualquer prática de outras modalidades.

Eu passei a me considerar atleta a partir do momento que troquei de técnico [...] Porque mesmo no antigo clube eu treinava pra competir, ir pra campeonato regional, meu foco era nas competições distritais. Com o novo treinador era muito diferente, o treinamento era muito puxado e o foco era para conseguir ir para campeonatos nacionais (Ind. 4 - Natação).

Eu jogava vôlei [...] Aí eu desisti do vôlei e foquei no basquete. Eu comecei a jogar vôlei com 11 anos e parei com 13 anos. Aí depois dos 13 anos comecei a jogar basquete (Ind. 7 - Basquete).

Outro acontecimento recorrente foi o recebimento de bolsas de estudos em instituições particulares de ensino básico ou superior em algum momento de suas vidas graças a sua dedicação a carreira esportiva. Considerando a visão de que escolas particulares apresentam melhores desempenhos comparado a públicas (DEMO, 2007), em conjunto da oportunidade de cursarem o ensino superior e estarem inseridos nessas instituições sem a necessidade de pagarem as mensalidades serviram de incentivo para que continuassem sua trajetória esportiva.

Quando começamos comecei a treinar e a escola viu que eu tinha potencial e comecei a participar e ganhar os JEBs, então eles deram uma bolsa para nós de 100%. Isso eu estava na 7ª série. E acabou que não pagávamos mais nada na escola. Até o final do ensino médio (Ind. 4 - Natação).

O que eu lembro de positivo na faculdade foi a iniciativa que tiveram de dar bolsa para os atletas, porque até então nenhuma faculdade que fazia isso [...] E tiveram a iniciativa, me convidaram, ano passado me deram 70% de bolsa, e se trouxesse resultado no JUBs, eu subia para 100% de bolsa. Aí eu fui pro JUBs e fui campeão e consegui a bolsa (Ind. 5 - Judô).

No entanto, os atletas de triatlo, vôlei e basquetebol salientaram ainda a necessidade da mudança para outro estado afim para alcançarem maiores níveis de desempenho em suas modalidades.

Eu formei aqui, aí em 2017 eu fui pro Rio de Janeiro [jogar em um clube da NBB] (Ind. 6 - Basquete).

Eu não queria ficar em Brasília, e eu já tinha jogado Campeonato Brasileiro, feito peneira na seleção brasileira. Já estava em um nível muito alto. Aí me chamaram pra jogar no Paraná, onde fui jogar na cidade de Cascavel [...] E depois eu fui jogar em São Paulo, em São José dos Campos (Ind. 9 - Vôlei).

Eu saí de Brasília, porque aqui tinha pouca oportunidade no momento. Você não tinha equipe forte. E eu fui convidado por uma equipe de São Paulo [...] que tinha atletas que tinham ido as Olimpíadas (Ind. 10 - Triatlo).

Os atletas destacaram os principais resultados obtidos durante sua carreira, que podem ser vistos na Tabela 3:

Indivíduo	Modalidade	Competição	Colocação
1	Tênis de Mesa	Campeonato Brasileiro	1°
2	Tênis de Mesa	Campeonato Brasileiro por equipes	1°
3	Basquete	Campeonato Brasileiro de seleções	1°
4	Natação	Campeonato Brasileiro	4°
5	Judô	Campeonato Brasileiro	2°
6	Basquete	Campeonato Brasileiro de seleções	3°
7	Basquete	Campeonato Distrital	1°
8	Taekwondo	Campeonato Brasileiro (Categoria Cadete)	1°
9	Vôlei	Campeonato Mundial Escolar	1°
10	Triatlo	Pan-americano Júnior	1°

**Quadro 6:** Principais resultados esportivos dos entrevistados

Uma das barreiras enfrentadas por muitos atletas diz respeito a instabilidade do mercado esportivo. No Brasil, as principais oportunidades de se obter renda por meio da prática de uma modalidade estão concentradas no esporte que recebe maior atenção pela mídia, o futebol (SOARES et al., 2011). Como forma de obter um retorno financeiro, atletas de outras modalidades costumam depender do apoio financeiro de suas famílias, e, caso consiga destaque na mídia, podem surgir oportunidades de patrocínios (PERES; LOVISOLO, 2006). Essa instabilidade é relativizada por uma das atletas da amostra na seguinte fala:

O basquete não é futebol. Tem muito menos dinheiro envolvido. Uma profissional de basquete ganha quatro, cinco mil reais. Mas o que é isso? Depois que ela parar de jogar ela aposentou. Se ela não soube poupar, acabou os ganhos dela. Ela precisa de um investimento. E no basquete isso é muito pouco. Uns quatro, cinco mil reais. Se você está em uma vida pública, é para sempre. É uma perspectiva de estabilidade, e no esporte não tem estabilidade. Um dia você pode ser o melhor de todos. Você machucou e você não sabe o que vai acontecer (Ind. 3 - Basquete).

O PBA/DF então surge um auxílio comumente citado pelos atletas para custear as despesas relacionadas ao esporte, principalmente para a compra de materiais esportivos, alimentação e pagamento da mensalidade de seu respectivo clube. Um dos atletas ainda



destaca como o PBA/DF possibilitou diminuir sua carga de trabalho formal e ter mais tempo disponível para dedicar-se ao seu treinamento.

O PBA/DF, quando eu recebi, eu até diminuí minha carga de trabalho, saí de algumas escolas, pra poder aumentar a carga de treino. Isso pra mim, melhorou demais, foi um bom ano pra mim. Acredito que um dos melhores (Ind. 5 - Judô).

O PBA/DF me ajudou a ter melhores resultados porque eu conseguia comprar equipamentos melhores, não tinha a correria pra conseguir dinheiro pra viajar, então foi bem mais fácil (Ind. 8 - Taekwondo).

No entanto, outros fatores precisam ser considerados ao avaliarmos a efetividade do programa. Por mais que vários atletas tenham encarado positivamente o recebimento do PBA/DF, esse benefício muitas vezes era significativo mais como um incentivo “motivacional” para a dedicação ao esporte. Os entrevistados destacaram que o valor recebido não era suficiente para custear todas suas despesas e, para isso, muitas vezes contavam com o auxílio dos pais para suprir essa necessidade, levando ao PBA/DF ser usado como poupança ou até “mesada”. Essa ideia é reforçada ao observarmos que outros dois atletas independentes financeiramente de seus pais (Indivíduos 5 e 10) ponderaram que o auxílio possuiu pouco impacto para o desenvolvimento de sua carreira, sendo insuficiente para custear suas despesas no esporte:

O fato de eu ganhar a PBA/DF não teve influência no meu resultado de ganhar o campeonato, porque o valor era muito baixo, insignificante (Ind. 1 – Tênis de Mesa).

[O PBA/DF] era muito pouco. O PBA/DF me incentivou por dizer que o esporte pode me dar algo a mais. Talvez, acho que a ideia foi mais do que necessariamente o dinheiro. O impacto da ideia de que estou ganhando um dinheiro por fazer algo que eu já gosto foi algo bem maior (Ind. 2 – Tênis de Mesa).

Como a minha condição financeira não é ruim, o meu pai dava esse dinheiro [o PBA/DF] pra ser a minha mesada. Tipo um bônus por eu praticar esporte em alto rendimento. Então esse dinheiro ficava pra mim gastar [sic] como eu quisesse (Ind. 3 - Basquete).

Ganhei campeonatos depois que ganhei o PBA/DF, mas não acho que ela me ajudou muito a ganhar. A ajuda é mínima. O valor é muito baixo (Ind. 10 - Triatlo).

Como última fase da trajetória esportiva, quatro indivíduos da amostra passaram pela descontinuação do esporte de alto rendimento. Os fatores determinantes para que esse processo ocorra estão relacionados a dificuldades enfrentadas por algum acontecimento (que podem ou não serem previstos) no decorrer da carreira esportiva e os recursos disponíveis ao atleta durante essas situações, como o devido suporte por parte da família ou do clube que representa (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2012). Nesse sentido, todos os quatro atletas

citaram episódios-chave que influenciaram sua transição para fora do esporte, como lesões, a falta do devido retorno financeiro por parte de seu clube e a não-obtenção do resultado esportivo esperado:

Eu estava jogando um campeonato sub-17 de seleções em Goiânia, fui cortar pra cesta e quando fiz isso senti meu joelho girar e acabei rompendo o ligamento cruzado (Ind. 3 - Basquete).

Eu comecei a parar a natação porque você chega a certo ponto que você atinge um limite no esporte [...] E quando você se dedica tanto e não consegue melhorar seus resultados, você fica bem triste [...] Você está treinando e você observa que outras pessoas você ganhava facilmente e hoje elas é que ganham de você. Eu treinava tanto e não conseguia resultados. Cheguei em um nível que eu não estava mais conseguindo melhorar [...] Isso tudo gerou algo que me travou muito (Ind. 4 - Natação).

Depois eu voltei pra Brasília e tive a proposta de jogar em um time profissional da Superliga aqui em Brasília [...] só que o gerente lá ficou me prometendo pagamento [...] ele disse que não tinha como me pagar, e falei pra ele que eu não ia continuar se ele não pudesse me pagar (Ind. 9 - Vôlei).

Esse foi um dos motivos que saí de lá. Eu não estava bem de cabeça. Fisicamente eu estava excelente. Não me adaptei muito ao treinador, estava longe de casa, da família [...] Mas era questão do treinador, não me adaptei a ele [...] Os resultados não vinham como esperava, aí você começa a cair (Ind. 10 - Triatlo).

Além disso, outras circunstâncias intensificaram a decisão de descontinuarem sua carreira esportiva, como gravidez (Ind. 9), inserção no ensino superior (Ind. 3 e 4) e a priorização do trabalho formal devido a falta de patrocínio ou outro auxílio financeiro para se sustentar no esporte (Ind. 10):

Como meus pais fizeram essa universidade eu meio que tinha essa obrigação de passar também. Eles me influenciaram muito nos estudos. Eles falavam que eu tinha que passar (Ind. 3 - Basquete).

Meu pai me perguntou se eu não deveria parar de treinar, porque o treino era caro e eu não estava indo pra nenhuma competição, se eu não preferia fazer um intensivo para estudar para o ENEM [...] porque eu vou insistir em algo que não está dando resultados. Então eu larguei a natação (Ind. 4 - Natação).

Não posso ficar no triatlo. Aqui no Brasil o custo realmente seria seu ou você teria um grande patrocinador e hoje, qualquer modalidade é difícil ter um grande patrocinador [...] Então, no ano passado, 2018 eu não me dediquei mais aqui porque eu tinha que fazer isso [a academia] dar certo, porque era minha fonte de renda seria a academia (Ind. 10 - Triatlo).

### *Organização para a conciliação da dupla carreira*

Para que atletas de alto rendimento consigam conciliar sua dupla carreira, é necessário organizarem sua rotina diária de estudos e treinamento. Essa muitas vezes não é uma tarefa fácil de realizar, visto que diferentes pesquisas mostram que o esporte de alto rendimento

possuí a exigência de 15 a 38 horas semanais a treinos e outras atividades relacionadas (SHAW, et al. 2004; JAYANTHI, et al. 2015). Assim, a literatura acadêmica aborda três tipos de trajetória de acordo com a prioridade do esporte, sendo elas: a linear, quando o atleta dedica-se exclusivamente ao esporte; convergente, onde existe a dedicação a estudos ou trabalho, mas o esporte é priorizado; e a paralela, em que os estudos ou trabalho possuem a mesma importância que a carreira esportiva (PALLARÉS et al., 2011).

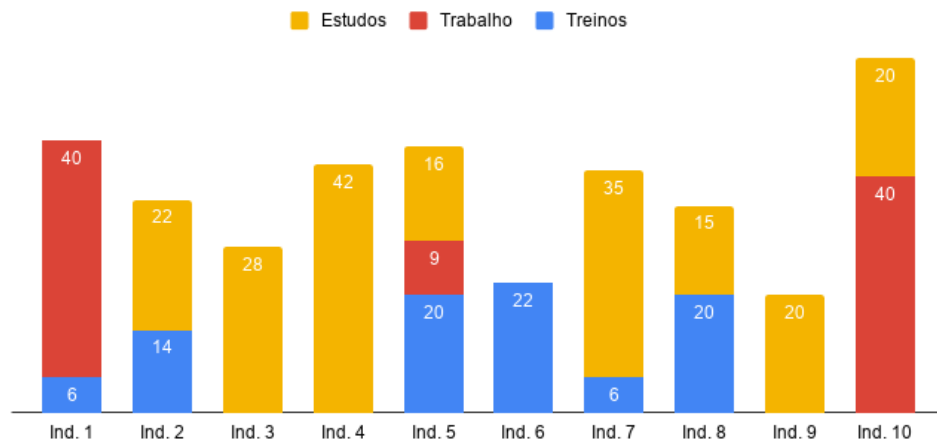
Em nossa amostra encontramos cinco atletas (Indivíduos 6, 7, 8, 9 e 10) que priorizaram o esporte em algum período de suas vidas, quando reservaram de 20 à 30 horas semanais para seus treinos<sup>9</sup>. Entretanto, percebemos que quatro atletas entraram em processo de descontinuação (Indivíduos 3, 4, 9 e 10) levando a reservarem maior tempo a sua formação educacional ou a sua carreira profissional formal.

Daqueles que continuaram treinando, percebemos que reservam em média 14,6 horas semanais para atividades relacionadas ao seu esporte, distribuídos pelos turnos diurno ou noturno. Já aqueles que continuam estudando destinam entorno de 25 horas semanais para aulas ou participação de projetos acadêmicos e estudos extras. A figura 3 ilustra a quantidade de horas dedicadas por cada atleta a estudos, treinos ou trabalho formal.

Entendemos então que todos os atletas buscam conciliar esportes e estudos/trabalho, enquanto que, aqueles que entraram em descontinuação de suas modalidades passaram a se concentrar em outras atividades relacionadas a sua carreira acadêmico/vocacional. No entanto, é importante ressaltar que três indivíduos apresentaram horas de treino menores do que são previstos na literatura para atletas de alto rendimento (Indivíduos 1, 2 e 7), sendo similar ao padrão apresentado por atletas que praticam esportes como *hobby* (SANTOS; PIUCCO; REIS, 2007; LOPES et al., 2011). Esse cenário pode estar relacionado ao nível de competitividade de sua modalidade não exigir que dediquem mais horas para alcançar resultados expressivos no âmbito na qual rivalizam com outros atletas.

---

<sup>9</sup> O indivíduo 4 não soube mensurar quantas horas semanais dedica-se aos estudos por cursar uma graduação a distância.



**Gráfico 6:** Horas semanais dedicadas a treinos, estudos ou trabalho formal

### *Influência de agentes psicossociais na dedicação ao esporte ou estudos*

As escolhas e decisões tomadas no decorrer da vida são extremamente influenciadas pelo ambiente social em que um indivíduo está inserido, e portanto, ao observarmos as relações entre o atleta, sua família e outros agentes, podemos identificar como influíram na dedicação a dupla carreira no decorrer da trajetória esportiva (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002). Assim como destacado no subtópico sobre a “Trajetória esportiva”, os pais são um dos principais responsáveis pela iniciação esportiva dos filhos, encarando a prática como algo positivo e valorizado. Ademais, em alguns casos ainda observamos a presença de familiares que já foram atletas, predispondo a busca da carreira esportiva dentro desse contexto onde esse tipo de experiência é fomentada por meio de práticas e costumes recorrentes e sendo capaz de orientar e influenciar suas decisões e ações (CORREIA, 2018).

Meus pais se conheceram por causa do esporte na universidade. Minha mãe jogava vôlei profissional e depois ela entrou aqui nessa universidade. E meu pai jogava basquete aqui. Eles se conheceram na verdade em Maceió mas os dois estavam jogando o JUBs (Ind. 3 - Basquete).

É que meus pais já faziam taekwondo desde que eu era criança, aí meu pai me levava para os treinos dele e eu ficava assistindo e fui começando a gostar. Então desde pequena eu fui fazendo. Eu comecei com 2 anos. Meu pai é mestre, do quarto dan [...] Minha mãe não teve tantos resultados esportivos, ela viajou, mas deu mais aula de taekwondo como professora (Ind. 8 - Taekwondo).

Destacamos também que a formação esportiva muitas vezes exige um relativo custo financeiro, como por exemplo, materiais, viagens, alimentação e outras exigências, tornando essa prática pouco acessível para aqueles que possuem uma baixa renda. Correia (2018) apresenta essa situação com atletas de futebol do Rio de Janeiro, na qual o esporte de alto

rendimento se torna um projeto familiar, e é presente principalmente em famílias de classe média por possuírem condições de sustentar seus filhos em sua modalidade. Esse cenário é similar ao apresentado pelos atletas da amostra ao indicarem que o incentivo ao esporte foi continuado no decorrer do desenvolvimento esportivo, com os pais assumindo o papel de principal financiador de suas despesas ou até mesmo estando mais pessoalmente inseridos.

As pessoas mais importantes para me tornar atleta foram meu pai e minha mãe, com certeza [...] Me levavam pra treino, buscava, bancava o treinador, clube, trajes, roupas, equipamentos, tudo era o meu pai e minha mãe. Minha mãe viveu muito em nossa função para nos levar para treino, academia, escola (Ind. 4 - Natação).

Minha mãe nunca me deixou faltar nada, ela sempre usou [o dinheiro do PBA/DF] pra mim [...] Todo sábado, meu pai pedia a chave e eu ficava treinando, sozinhos, e nós treinávamos, e eu melhorei muito rápido. Meu pai foi fundamental nisso. Minha mãe também, me apoiava, levava nos treinos. Todos os jogos ela tava na arquibancada, gritava, e isso foi muito legal (Ind. 9 - Vôlei).

Mas esse apoio e o incentivo familiar não foi presente apenas para o esporte como também para a dedicação aos estudos. Usualmente, pais com alto nível de instrução criam um ambiente onde o sucesso acadêmico é esperado e valorizado (ISRAEL; BEAULIEU; HARTLESS, 2009). Observamos esse padrão nas entrevistas, onde os atletas relataram que seus pais sempre estiveram presentes no decorrer da sua formação educacional básica e superior, acompanhando o boletim de notas e exigindo rendimento acima do necessário para a aprovação.

Quem me influenciou nos estudos foi minha mãe, porque ela sempre foi aquela pessoa que estudou muito e cresceu na vida por causa do estudo. Ela tem até mestrado (Ind. 2 – Tênis de Mesa).

Minha mãe não me cobrava um horário pra dedicar aos estudos, eu que fazia meus horários, mas seu sempre tive a consciência de ter que estudar [...] Minha mãe acompanhava meu boletim. Se eu não tirasse nota boa apanhava muito (Ind. 5 - Judô).

Inclusive para, pelo menos, dois atletas, seus pais exigiram a inserção no ensino superior:

Como meus pais fizeram universidade eu meio que tinha essa obrigação de passar para a mesma universidade também. Eles me influenciaram muito nos estudos. Eles falavam que eu tinha que passar pra cá (Ind. 3 - Basquete).

Em São Paulo eu fazia faculdade, eu comecei Educação Física no meio do ano. mas eu estava conciliando esportes e estudos [...] Eu ia pra minha faculdade porque minha mãe pediu pra fazer faculdade lá (Ind. 9 - Vôlei).

Para compreendermos quais são os fatores que determinarão o maior incentivo da família e a dedicação do atleta, precisamos encarar o esporte e estudos como variáveis que

dependem de outros aspectos, sendo elas principalmente o nível socioeconômico que possuem, a estrutura de oportunidades que a carreira esportiva e educacional permitem e o capital social que lhes é apresentado, ou seja, os agentes sociais que estão presentes durante sua trajetória (ROCHA, 2017).

De acordo com Correia (2018), futebolistas possuem outra possibilidade profissional que não depende da escolarização, levando a relativizarem a estrutura de oportunidades da formação educacional e esportiva. Ou seja, o atleta e sua família pesarão quais das duas trajetórias terão maiores chances de sucesso. Ao fazerem isso, famílias que acreditam que a profissionalização no futebol está próxima enxergam os estudos como caminho incerto ou até uma barreira para a carreira esportiva.

Entendemos então que o mesmo juízo de valores é feito por famílias e atletas de outros esportes. Contudo, diferente do futebol, esses não dispõem das mesmas estruturas de oportunidades, sofrendo de maior incerteza para conseguirem um retorno financeiro pela prática esportiva e ocasionando uma percepção inversa daqueles apresentados no estudo de Correia (2018). Agora a família valoriza a formação educacional acima da carreira esportiva, que é vista de maneira duvidosa, fazendo com que a sua continuação esteja condicionada a bons rendimentos escolares. O esporte pode tornar-se uma opção viável para priorização apenas quando apresentado resultados expressivos que possibilitem vislumbrar melhores oportunidades, como o convite de um clube de referência ou até mesmo a composição de seleção nacional:

Eu sabia que precisava das notas pra passar de ano e pra continuar treinando. Meus pais exigiam que pra treinar eu precisava estar com as notas em dia na escola, então era um esforço necessário [...] No [clube da NBB] tinha vez que eu treinava três vezes por dia, porque era o treino da base e do adulto juntos. Então a universidade era de manhã, as vezes batia o horário com um dos treinos do adulto ou da base [...] Aí eu achei que não valia a pena eu ficar estudando mais ou menos e treinar mais ou menos, então eu decidi me dedicar totalmente aos treinos e sair da universidade (Ind. 6 - Basquete).

[Meus pais] diziam que se eu não tivesse resultado na escola, o treinamento ia sofrer. Enquanto tivesse resultado bom, não tem problema, pode fazer o esporte. Mas se eu não estivesse dando resultado na escola, eu iria sair (Ind. 10 - Triatlo).

Em um caso extremo de um atleta de judô, sua mãe desmotivou a dedicação a carreira esportiva, causando divergência entre seus familiares:

Pra eles atleta não é nada, atleta é vagabundo [...] Me falam que eu não ganho nada, que estou me ferrando cheio de lesões, treina pra caramba, gasta dinheiro e não ganha [...] Tive que dar essa explicação pra minha mãe. Cara, foi tenso. Ela não queria que eu continuasse me dedicando ao esporte. Até hoje ela não gosta. Por mais que eu tente

mostrar, que eu a ajude graças ao esporte que eu pratico, não, ainda não é suficiente. Pra mim foi o que mais machucou a vida inteira (Ind. 5 - Judô).

Baxter-Jones e Maffulli (2003) ressaltam que aqueles que não recebem incentivo de seus familiares para a carreira esportiva tendem a enfrentar maiores dificuldades no seu desenvolvimento, e em algumas situações, levando até a descontinuação. A forte identidade esportiva, que representa o indivíduo que identifica a si mesmo com o papel de atleta, pode ser um fator determinante para a perseverança no esporte (BREWER, VAN RAALTE; LINDER, 1993), em conjunto com o apoio de outros agentes sociais influentes na trajetória esportiva, em especial os treinadores (BJORNSEN; DINKEL, 2017). Ademais, muitos atletas de artes marciais possuem como principal fonte de renda o ensino de sua modalidade, permitindo obter um retorno financeiro sem se afastar da prática esportiva (VICENTINI; MARQUES, 2018).

Eu comecei a trabalhar desde os 16 anos com o judô. Então basicamente eu já pagava as minhas contas [...] As pessoas mais importantes pra mim ter me tornado um atleta foram meus treinadores, tanto do primeiro até o sensei atual [...] E aí, acho que com 20 anos eu resolvi sair de casa. Não dava mais [...] Aí meu sensei falou pra passar o ano morando lá na academia, tinha um quarto, pra mim ir pra lá, morar sozinho e não pagar aluguel (Ind. 5 - Judô).

#### *Perspectivas da carreira acadêmico/vocacional*

Em vista da aposentadoria do esporte de alto rendimento acontecer precocemente a outras carreiras formais, atletas em geral, procuram preparar-se para a transição para fora do esporte, onde buscarão postos de trabalho ordinário de acordo com o nível de instrução alcançado, demandando assim a busca da devida formação para estarem inseridos nesse meio (METSÄ-TOKILA, 2002).

Nesse sentido, percebemos que o Ensino Superior foi alvo de todos os atletas da amostra, sendo que, mesmo a atleta que apenas concluiu o Ensino Médio (Indivíduo 8), relatou ainda estudar para o ingresso no curso universitário de seu desejo.

Esse ano eu vou tentar o vestibular da UnB de meio de ano para direito. Eu quero tentar fazer porque é uma área que tem um leque muito grande de possibilidades de emprego (Ind. 8 - Taekwondo).

Entretanto, dois dos três atletas que mudaram de estado para representarem clubes de maior expressão relataram ter sua formação acadêmica interrompida em diversos momentos. Essa situação é abordada no estudo de Pallàres et al. (2011) com atletas de polo aquático, onde aqueles que seguiam uma trajetória de priorização do esporte na dupla carreira

enfrentavam um maior número de percalços e interrupções da formação acadêmica em prol de suas atividades esportivas.

Na época que eu respondi [o questionário] eu comecei a fazer uma universidade no Rio de Janeiro, mas era presencial, não tava dando pra fazer junto com os treinos e aí eu tranquei (Ind. 6 - Basquete).

Iniciei Educação Física, fiz até o Sétimo Semestre. Tranquei, fiquei um período grande sem estudar e foi quando eu me dediquei exclusivamente ao esporte. Que foi o período que eu comecei a ter resultado (Ind. 10 - Triatlo).

Salientamos também que boa parte dos entrevistados não vislumbra sua carreira como atletas profissionais, possivelmente influenciados pelas oportunidades que sua modalidade oferece para obterem um retorno financeiro. No entanto, quatro dos cinco atletas que responderam ter priorizado o esporte tiveram a influência de sua trajetória esportiva em suas escolhas de curso e perspectivas profissionais ao declararem que pretendem continuar trabalhando em áreas relacionadas, em contraste com os atletas que afirmaram priorizar os estudos (Indivíduo 1, 2, 3 e 4) e escolheram cursos nas mais diversas áreas de acordo com a sua preferência (ver Quadro 7).

Eu quero ser *personal trainer* de atleta, de alto rendimento, dos esportes que vier. Conseguir trabalhar, ter um leque bem amplo, em todas as áreas (Ind. 5 - Judô).

Eu acho que o esporte não vai sair da minha vida tão fácil. Provavelmente vou querer me especializar em marketing esportivo e eu acho que vou fazer ainda uma graduação em nutrição (Ind. 6 - Basquete).

Indivíduo	Curso	Tipo de Instituição	Priorização	Ainda é atleta?	Perspectiva profissional
1 <sup>10</sup>	Farmácia	Particular	Estudos	Sim	Servidor Público
2	Engenharia Civil	Pública	Estudos	Sim	Engenheiro Civil
3	Ciências Contábeis	Pública	Estudos	Não	Servidor Público
4	Administração	Particular	Estudos	Não	Professora Universitária
5	Educação Física	Particular	Conciliação	Sim	Atleta e <i>Personal Trainer</i>
6	Marketing	Particular	Esporte	Sim	Atleta
7	Educação Física	Particular	Esporte	Sim	Atleta ou Treinadora
8	-	-	Esporte	Sim	Promotora
9	Educação Física	Particular	Esporte	Não	Professora de Educação Física
10	Educação Física	Particular	Esporte	Não	Gestão de Academia

**Quadro 7:** Cursos escolhidos e perspectiva profissional

Observamos também que quatro dos cinco atletas continuam treinando e estudando estão em instituições particulares. Essa escolha pode estar relacionada a sua carreira esportiva, considerando que nesse tipo de instituição as aulas são distribuídas em apenas um dos turnos,

<sup>10</sup> Já concluiu o Ensino Superior.



permitindo uma maior liberdade para conseguirem conciliar a dupla carreira, além do fato de três deles receberam bolsas de estudos pelo fato de serem atletas.

Por fim, todos os atletas ressaltaram o ganho de habilidades graças a sua carreira esportiva e que podem ser aproveitados em outras áreas. Graças ao nível alto de exigência da carreira esportiva, eles acreditam fortemente que sua experiência como atletas permitiu lidar melhor com situações de pressão, onde é necessário uma rápida tomada de decisão, além da necessária disciplina para alcançarem seus objetivos. Outra competência obtida está relacionado a maiores habilidades de socialização, principalmente aqueles atletas que praticaram esportes coletivos e de luta, aprendendo a lidar com diferentes tipos de pessoas na busca de um objetivo em comum. Ademais, a experiência de conciliarem esportes e estudos permitiu serem mais organizados e a melhor gerirem seu tempo. Uma das atletas de basquete inclusive comenta a obtenção de um estágio profissional em sua área de formação graças ao seu passado como atleta:

Eu aprendi muito com esse esporte. Eu lidava com muitas pessoas diferentes. Tanto que eu fazia estágio em um ano atrás eu penso que entrei por causa disso. Me perguntaram quais foram minhas experiências, e não era de escritório. Era algo de lidar com outras pessoas por causa do esporte. De lidar com pressão. Tem hora que você precisa definir o jogo. Mesmo que não seja seu melhor jogo, você é a que mais treinou, é a que falam que você recebe Bolsa Atleta e tem que treinar mais que todos mesmo. E esse tipo de pressão foi um fator importante pra ter sido aceita no processo seletivo que participei (Ind. 3 - Basquete).

## **Conclusões**

Os resultados desse estudo identificou novas hipóteses com respeito a realidade dos atletas do Distrito Federal. Acreditamos que a iniciação esportiva está relacionada com a oportunização da prática por parte da família durante a infância ou pré-adolescência. O incentivo para o desenvolvimento em sua modalidade muitas vezes está ligado a obtenção de bons resultados esportivos em conjunto com a obtenção de bolsas de estudos em instituições de ensino particulares que valorizem essa prática.

No entanto, percebemos também que as estruturas de oportunidades nas modalidades praticadas pelos atletas da amostra não permitiram uma trajetória linear, com a dedicação exclusiva ao esporte. Essa percepção também foi apresentada pelos pais desses atletas haja vista que, por mais que a prática esportiva fosse valorizada e incentivada, sua manutenção sempre estava condicionado ao rendimento educacional. Portanto que o contexto do mercado esportivo experimentado em conjunto com a influência de suas famílias levaram aos atletas a

conseguirem as credencias acadêmicas necessárias para a inserção no mercado de trabalho formal.

Acerca do PBA-DF, por mais que o benefício fosse encarado com bons olhos, em diversas situações foi ressaltado que não era suficiente para custear suas despesas. Portanto, há a necessidade de avaliar a efetividade desse programa, considerando seu objetivo de garantir condições para a dedicação exclusiva ao esporte com tranquilidade. Selva, Pallàres e González (2013) destacam que o impacto de um auxílio financeiro é maior para aqueles que já concluíram sua formação acadêmica e que conciliam sua carreira esportiva com a ordinária, tendo em vista que possibilita reduzir sua carga de trabalho e dedicar maior tempo ao seu treinamento. Assim, atletas que estão no ensino superior apresentam maior necessidade do devido apoio para conciliarem esportes e estudos.

Uma das medidas que já estão sendo consideradas no Brasil diz respeito ao Projeto de Lei nº 2493 de 2019 onde prevê a reserva de vagas em concursos seletivos para instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio em conjunto com o abono de faltas nos dias necessários para participação e deslocamento de competições e a viabilização de processos avaliativos de segunda chamada. A julgar que a oferta de bolsas de estudos em universidades particulares foi encarado positivamente pelos atletas da amostra, medidas como essas podem ser de grande valia para a trajetória de dupla carreira do atleta de elite. Mas não só a simples oportunidade de matrícula no ensino superior, é vital que a existência de políticas de tutoria e amparo do estudante-atleta de elite para que sua formação acadêmica não seja prejudicada. Políticas e programas que sigam esse modelo já foram colocadas em prática nos Estados Unidos e em países europeus e podem ser observados em estudos futuros que discutam sua inserção levando em conta as particularidades da realidade nacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas sobre dupla carreira esportiva e a conciliação entre esportes e estudos é tema de pesquisa no âmbito internacional há mais de 50 anos, e está concentrada principalmente na Europa e Estados Unidos. No Brasil, o Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi referência por iniciar os estudos com essa temática em nosso país, preocupando-se com os desdobramentos ocasionados pela tentativa de jovens atletas harmonizarem sua dupla carreira. Nesse contexto, o foco dessa pesquisa foi analisar as estratégias desenvolvidas pelos atletas de elite do Distrito Federal para conciliarem o alto rendimento esportivo e sua formação educacional.

Os estudos já realizados tanto no âmbito nacional e internacional permitiram nos aproximar da necessidade dos atletas tentarem conciliar a carreira esportiva e a acadêmico/vocacional. Uma das maiores motivações para essa busca está relacionado ao desenvolvimento e a descontinuação precoce do esporte comparado a outras opções profissionais, ocorrendo a tentativa de inserção no mercado de trabalho formal após o término dessa trajetória. Além disso, as oportunidades preeminentes de obter o retorno financeiro por meio da prática esportiva estão centradas nos esportes espetacularizados pela mídia e que são capazes de gerar renda em várias esferas, desde o clube que representam até o próprio esportista, fazendo assim que atletas de esportes que não gozam dessa possibilidade necessitam de outros meios de financiamento, como suas famílias, patrocinadores, ajuda governamental, e até mesmo uma ocupação paralela para a obtenção de seu sustento.

As principais dificuldades enfrentadas para a conciliação da dupla carreira estão relacionadas com o nível de dedicação exigido pelo esporte e o estudo para serem bem-sucedidos, e na tentativa de harmonizar ambas, muitas vezes uma dessas carreiras pode ser prejudicada em detrimento da outra. Observamos por meio do nosso estudo de revisão que atletas universitários norte-americanos sofrem da ideia pré-concebida de que são menos inteligentes do que outros estudantes, criando um estereótipo negativo a esse grupo e que pode ser reforçado em si mesmos, prejudicando seu desempenho acadêmico. Além disso, devido as exigências do esporte de alto rendimento, esses estudantes-atletas não conseguem obter resultados educacionais satisfatórios e deixam de participar de atividades que os preparem para terminar sua carreira esportiva sem grandes percalços. Em países onde o esporte e a educação ocorrem no mesmo âmbito, essas barreiras podem ser mais facilmente minimizadas graças a proximidade dessas formações. No entanto, no Brasil, o conflito entre

ambas as carreiras pode ser ainda mais intensificado graças a separação entre instituições educacionais e clubes esportivos, com objetivos diferentes entre si.

O fator que muitas vezes determina a priorização do esportista a uma dessas carreiras é a estrutura de oportunidades ofertadas pelos estudos e o esporte. Atletas de modalidades espetacularizadas são frequentemente influenciados pela grande atenção midiática e vislumbram maiores chances de sucesso na dedicação ao esporte do que aos estudos. Já atletas de outras modalidades costumam enxergar na busca de uma carreira acadêmico/vocacional um caminho mais certo de retorno e que pode perdurar até o fim da idade adulta. Percebemos esse cenário em nosso estudo, onde todos os atletas, que são de esportes não-espetacularizados em nosso país, procuraram conciliar a dupla carreira, mesmo que priorizando uma das formações. Essa ideia é reforçada quando reparamos que boa parte da amostra não encara como opção a carreira de atleta, por mais que suas escolhas profissionais estejam ligadas ao esporte. A influência da família mostrou ser um fator importante nesse sentido, onde muitas vezes era constituída por pais com alto nível de instrução e, por mais que o esporte fosse encarado positivamente, a formação educacional era mais valorizada e uma condição para continuarem em sua trajetória esportiva. Apenas aqueles atletas que apresentaram oportunidades esportivas expressivas, como o convite de um clube de referência ou a convocação da seleção brasileira, vieram a priorizar o esporte durante sua trajetória.

O PBA-DF surge então com o objetivo de garantir condições para que atletas dediquem-se exclusivamente a treinamentos e competições esportivas. Mas, como observamos, esse tipo de programa garante apenas um auxílio econômico ao beneficiado, e mesmo nesse sentido, mostrou ser insatisfatório, com as famílias agindo como principais financiadores dos gastos de seus filhos como esportistas. Diversas barreiras também podem estar diante dos atletas de alto rendimento durante sua trajetória, resultado em um afastamento temporário do esporte. Visto que o PBA/DF beneficia apenas aqueles que apresentam resultados condizentes com a categoria que pretendem pleitear, o período em que eventualmente não participem de competições significa que não receberá o benefício. Tendo em vista esse cenário, é necessário avaliar os requisitos do PBA/DF para que consigam contemplar as possíveis barreiras que um atleta pode enfrentar.

Ademais, ao lembrarmos da visão holística da trajetória esportiva, compreendemos que outras variáveis permeiam a vida de um atleta e precisam ser levadas em consideração para a busca de uma dedicação de sucesso ao esporte. A julgar que a principal barreira enfrentada pelos atletas diz respeito a gestão de tempo entre esporte e estudos, outros meios

de auxílio são necessários para que consigam conciliar ambas carreiras. A maior articulação entre instituições e os atletas são de grande contribuição para que haja uma conciliação harmoniosa, principalmente durante a entrada no ensino superior, que coincide com o período de auge esportivo do atleta de alto rendimento e que exigirá uma grande dedicação assim como a carreira acadêmica. Dispositivos como a inserção facilitada de atletas de alto rendimento em universidades em conjunto com um programa de acompanhamento acadêmico que leve em consideração as particularidades desses indivíduos são necessários e podem ser levados em consideração pela comunidade acadêmica graças a autonomia permitida por lei as instituições de ensino superior.

\*\*\*

Esse trabalho nos permitiu reforçar a hipótese apresentada pelos estudos nacionais, de que os esportes e os estudos sofrem a influência das mesmas variáveis, determinando a priorização de uma dessas formações no decorrer da dupla carreira. No entanto, diferente do futebol, que foi a modalidade analisada nos trabalhos antecedentes, para atletas de esportes não-espetacularizados os estudos aparecem como uma opção mais segura de sucesso e retorno financeiro, predispondo a dedicação do atleta e o apoio familiar a essa formação. Ademais, apresentamos que o PBA/DF é encarado um auxílio insuficiente para a dedicação ao esporte de maneira exclusiva e prioritária, sendo necessário a reavaliação do programa como política de subsídio da carreira esportiva. Por fim, essa dissertação apresentou a necessidade do apoio ao atleta além do auxílio financeiro devido as características multifatoriais apresentadas na perspectiva holística da dupla carreira, principalmente relacionado ao acompanhamento e tutoria de atletas para a conciliação satisfatória de esportes e estudos.

## REFERÊNCIAS

- ALFERMANN, D.; STAMBULOVA, N. Career Transitions and Career Termination. In: **Handbook of sport psychology**. [s.l: s.n.]. p. 712–733.
- ALMADA, V. E. **CAPACIDADE DE IMPLEMENTAÇÃO E ESTIMATIVA DE VALORES PARA A BOLSA-ATLETA DO GOVERNO FEDERAL**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano.) - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília - DF, 2016. Disponível em: <<http://www.mestradoprofissional.gov.br/sites/images/mestrado/turma2/vitor-evangelista.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2019.
- AQUILINA, D. A study of the relationship between elite athletes' educational development and sporting performance. **International Journal of the History of Sport**, v. 30, n. 4, p. 374–392, 2013.
- AQUILINA, D.; HENRY, I. Elite athletes and university education in Europe: A review of policy and practice in higher education in the European Union Member States. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 2, n. 1, p. 25-47, 2010.
- ARAÚJO, H. E.; BARBOSA, F. O futuro da previdência e do trabalho. **GV-executivo**, v. 7, n. 4, p. 22, 2018.
- ARIES, E.; MCCARTHY, D.; SALOVEY, P.; BANAJI, M.R. A Comparison of Athletes and Non-Athletes at Highly Selective Colleges: Academic Performance and Personal Development. **Research in Higher Education**, v. 45, n. 6, p. 577-602, 2004.
- AZEVEDO, M. F. et al. Formação escolar e formação esportiva: Caminhos apresentados pela produção acadêmica. **Movimento**, v. 23, n. 1, p. 185–200, 2017.
- BALASSIANO, M. SEABRA, A. A. de. LEMOS, A. H. Escolaridade, Salários e Empregabilidade: Tem Razão a Teoria do Capital Humano? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 9, n. 4, p. 31-52, dez. 2005.
- BARTHOLO, T.L.; SOARES, A.J.G.; SALGADO, S. da S. EDUCAÇÃO FÍSICA: dilemas da disciplina no espaço escolar. **Currículo sem Fronteira**, v. 11, n. 2, p. 204-220, 2011.
- BAXTER-JONES, A. D. G.; MAFFULLI, N. Parental influence on sport participation in elite young athletes. **Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**, v. 43, n. mai. 2014, p. 250–255, 2003.
- BEAMON, K. K. “Used Goods”: Former African American College Student-Athletes' Perception of Exploitation by Division I Universities. **The Journal of Negro Education**, v. 77, n. 4, p. 352–364, 2008.
- BERRY, G. L. SORENSEN, D. S. But Counselor! My Career Goal is to be a Professional Athlete. **The School Counselor**, v. 28, n. 4, p. 273-278, mar. 1981.

BJORNSEN, A. L.; DINKEL, D. M. Transition Experiences of Division-1 College Student-Athletes Coach Perspectives. **Journal of Sport Behavior**, v. 40, n. 3, p. 245–268, 2017.

BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. Nova Iorque: Ballantine Books, 1985.

BRASIL. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, [2017]. Disponível em: <[http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf)>. Acesso em: 01 de Fevereiro de 2018.

BRASIL. **Lei Nº 10.891, de 9 de Julho de 2004**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.891.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.891.htm)>. Acesso em: 28 mai. 2019.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 2493, de 5 de maio de 2019**. Alteração da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e alteração da Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para definir mecanismos que possibilitem a continuidade de estudos e a formação acadêmica de atletas de alto desempenho. Brasília - DF, 2019. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=7944054&ts=1560548589560&disposition=inline>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

BREWER, B. W.; VAN RAALTE, J. L.; LINDER, D. E. Athletic identity: Hercules' muscles or Achilles heel? **International Journal of Sport Psychology**, v. 24, n. 2, p. 237-254, 1993.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513–518, 2013.

CAPELO, R. **O futebol tem três vezes mais transmissões na TV do que vôlei, basquete e tênis juntos**. 15 jul. 2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/vida/esporte/noticia/2016/07/o-futebol-tem-tres-vezes-mais-transmissoes-na-tv-do-que-volei-basquete-e-tenis-juntos.html>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

CHARD, C. R.; POTWARKA, L. R. Exploring the Relative Importance of Factors That Influence Student-Athletes' School-Choice Decisions: A Case Study of One Canadian University. **Journal of Intercollegiate Sport**, v. 10, n. 1, p. 22–43, 2017.

CHARMAZ K. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Porto Alegre: Artmed; 2009.

CHIU, W. et al. Priorities and preferences for collegiate athletic goals and processes in South Korea. **Social Behavior and Personality: an international journal**, v. 45, n. 3, p. 517–527, 2017.

COMEAUX, E.; HARRISON, C. K. A Conceptual Model of Academic Success for Student–Athletes. **Educational Researcher**, v. 40, n. 5, p. 235–245, 2011.

CONZELMANN, A.; NAGEL, S. Professional Careers of the German Olympic Athletes. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 38, n. 3, p. 259–280, 2003.

- COOPER, J.N.; DAVIS, T.J.; DOUGHERTY, S. Not So Black and White: A Multi-Divisional Exploratory Analysis of Male Student-Athletes' Experiences at National Collegiate Athletic Association (NCAA) Institutions. **Sociology of Sport Journal**, v. 34, n. 1, p. 59-78, 2017.
- CORREIA, C.A.J. **Projetos familiares na formação de atletas do futebol: Apostas na profissionalização e na escolarização**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<http://ppge.fe.ufrj.br/teses2018/tCarlusAugustus.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2019.
- COSTA E SILVA, A. L. da. **Esporte e Escolarização: projetos, biografias e programa governamental**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.
- COSTA, F. R. da. **A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina**. 2012. 109 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- COSTA, F. R.; ROCHA, H.P.A.; AMAYA CADAVID, M. Sobre a dupla carreira esportiva e o direito à educação. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 3, n. 1, p. 1-6, 2018.
- CÔTÉ, J. E.; LEVINE, C. Student motivations, learning environments, and human capital acquisition: Toward an integrated paradigm of student development. **Journal of College Student Development**, v. 38, n. 3, p. 229–243, 1997.
- CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, v. 13, n. 1995, p. 395–417, 1999.
- COUTANT, D. et al. A multidimensional examination of the “Stereotype” concept: A developmental approach. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 35, n. 1, p. 92–110, 2011.
- DEMO, P. Escola pública e escola particular: semelhanças de dois imbróglis educacionais. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 15, n. 55, p. 181–206, 2007.
- DISTRITO FEDERAL. **Lei Nº 2.402, de 15 de Junho de 1999**. Disponível em: <[http://www.esporte.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/10/Lei-Nº-2402\\_99.pdf](http://www.esporte.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/10/Lei-Nº-2402_99.pdf)>. Acesso em: 28 mai. 2019.
- EITZEN, D. S. The Educational Experiences of Intercollegiate Student-Athletes. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 11, n. 1–2, p. 15–30, 1987.
- EMERSON, J.; BROOKS, R.L.; MCKENZIE, E.C. College athletics and student achievement: The evidence at small colleges. **New Directions for Institutional Research**, v. 2009, n. 144, p. 65-76, 2009.



- FELTZ, D. L. et al. Predictors of Collegiate Student-Athletes' Susceptibility to Stereotype Threat. **Journal of College Student Development**, v. 54, n. 2, p. 184–201, 2013.
- FISKE, S. T.; NEUBERG, S. L. A Continuum Model of Impression Formation: From Category Based to Individuating Processes as a Function of Information, Motivation, and Attention. **Advances in Experimental Social Psychology**, v. 23, p. 1–74, 1990.
- FOLLE, A. et al. Transições no processo de desenvolvimento de atletas do basquetebol feminino. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 2, p. 477–490, 2016.
- GASTON-GAYLES, J. L. Examining Academic and Athletic Motivation Among Student Athletes at a Division I University. **Journal of College Student Development**, v. 45, n. 1, p. 75–83, 2004.
- GAYLES, J.G.; HU, S. The Influence of Student Engagment and Sport Participation on College Outcomes Among Division I Student Athletes. **The Journal of Higher Education**, v. 80, n. 3, p. 315-333, 2009.
- GOFFMAN, E. **Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Quarta edição. [S. l.: s. n.], 1963. Disponível em: <<http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2019.
- GÓMEZ, I. G. et al. Remando contracorriente: facilitadores y barreras para compaginar el deporte y los estudios. **Revista Andaluza de Medicina del Deporte**, v. 11, n. 1, p. 12–17, 2018.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, M. D.; TORREGROSA, M. Análisis de la retirada de la competición de élite: Antecedentes, transición y consecuencias. **Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte**, v. 4, n. 1, p. 93–104, 2009.
- HAAS, C. M.; CARVALHO, R. A. T. de. O conflito entre a legislação esportiva e educacional brasileira em relação a escolarização de seus jovens talentos esportivos. **Revista de Estudos e Investigación en Psicología y Educación**, n. 12, p. 12–14, 2015.
- HARRISON JR., L. et al. The Mis-Education of the African American. **Kinesiology Review**, v. 6, n. 1, p. 60–69, 2017.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2388>>. Acesso em: 27 abr., 2018.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral – 1º trimestre de 2019**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2388>>. Acesso em: 29 mai., 2019.
- ISRAEL, G. D.; BEAULIEU, L. J.; HARTLESS, G. The Influence of Family and Community Social Capital on Educational Achievement. **Rural Sociology**, v. 66, n. 1, p. 43–68, 2009.

- JAYANTHI, N. A. et al. Sports-specialized intensive training and the risk of injury in young athletes: A clinical case-control study. **American Journal of Sports Medicine**, v. 43, n. 4, p. 794–801, 2015.
- JONES, W. A.; LIU, K.; BELL, L. F. Examining the Inclusiveness of Intercollegiate Team Climate and Its Influence on Student-Athletes' Cross-Racial Interactions. **Journal of College Student Development**, v. 58, n. 4, p. 564–582, 2017.
- LEE, C. C. An Investigation of the Athletic Career Expectations of High School Student Athletes. **The Personnel and Guidance Journal**, v. 61, n. 9, p. 544–547, 1983.
- LOPES, P.; NUNOMURA, M. Motivação para a prática e permanência na ginástica artística de alto nível. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 3, p. 177–187, 2007.
- MCGREGOR, E. Mass Media and Sport: Influences on the Public. **The Physical Educator**, v. 46, n. 1, p. 52-55, 1989
- MCNIFF, J.; AICHER, T. J. Understanding the Challenges and Opportunities Associated With Online Learning: A Scaffolding Theory Approach. **Sport Management Education Journal**, v. 11, n. 1, p. 13–23, 2017.
- MEDEIROS, Jefferson. **A espetacularização midiática sobre os denominados heróis-singulares da ginástica artística**. Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dra. Robéria Nádia A. Nascimento. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Campina Grande - PB, 2011. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1833/1/PDF%20-%20Jefferson%20Medeiros.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2019.
- MELO, L. B. S. de. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro**. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.
- MELO, L.B.S. de; ROCHA, H.P. A. da; SILVA, A.L. da C.; SOARES, A.J.G. Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 4, p. 400-406, 2016.
- MELO, L.B.S. de; SOARES, A.J.G.; ROCHA, H.P. A. da. Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 4, p. 617-628, 2014.
- METSÄ-TOKILA, T. Combining Competitive Sports and Education: How Top-Level Sport Became Part of the School System in the Soviet Union, Sweden and Finland. **European Physical Education Review**, v. 8, n. 3, p. 196–206, 2002.
- MILLER, P. S.; KERR, G. The athletic, academic and social experiences of intercollegiate student athletes. **Journal of Sport Behavior**, v. 25, n. 4, p. 346–367, 2002.

- NAVARRO, K. M. An Examination of the Alignment of Student-Athletes' Undergraduate Major Choices and Career Field Aspirations in Life After Sports. **Journal of College Student Development**, v. 56, n. 4, p. 364–379, 2015.
- NAVARRO, K.; MCCORMICK, H. Outcomes-Based Career Preparation Programs for Contemporary Student-Athletes. **Journal of Applied Sport Management**, v. 9, n. 1, p. 135–164, 2017.
- NCAA ELIGIBILITY CENTER. **2017-18 Guide for The College-Bound Student-Athlete**, 2017. Disponível em: <[http://www.amateursports365.com/NCAA/2017-18 Guide for the College-Bound Student-Athlete.pdf](http://www.amateursports365.com/NCAA/2017-18%20Guide%20for%20the%20College-Bound%20Student-Athlete.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- NERI, M. **Tempo de permanência na escola**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, 2009. Disponível em: <[https://www.cps.fgv.br/ibrecps/rede/finais/Etapa3-Pesq\\_TempodePermanenciaNaEscola\\_Fim2.pdf](https://www.cps.fgv.br/ibrecps/rede/finais/Etapa3-Pesq_TempodePermanenciaNaEscola_Fim2.pdf)>. Acesso em: 28 mai. 2019.
- NOGUEIRA, C. M. M e NOGUEIRA, M. A. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições. **Educação e Sociedade**, v. 23, n. 78 p.15-36, abr. 2002.
- NUFFIC. **Education system United States**. versão 5. 2. ed. [S. l.], jul. 2018. Disponível em: <[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwi72dyX4NfgAhUwEbkGHdFDD\\_wQFjAAegQICRAC&url=https%3A%2F%2Fwww.nuffic.nl%2Fdocuments%2F485%2Feducation-system-united-states.pdf&usq=AOvVaw3scL6VTESb9aVluquHKF-3](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwi72dyX4NfgAhUwEbkGHdFDD_wQFjAAegQICRAC&url=https%3A%2F%2Fwww.nuffic.nl%2Fdocuments%2F485%2Feducation-system-united-states.pdf&usq=AOvVaw3scL6VTESb9aVluquHKF-3)>. Acesso em: 1 jul. 2019.
- OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Population with tertiary education (indicator)**. 2019. Disponível em: <<https://data.oecd.org/eduatt/population-with-tertiary-education.htm>>. Acesso em: 28 mai. 2019.
- PALLARÉS, S. et al. Modelos De Trayectoria Deportiva En Waterpolo Y Su Implicación En La Transición Hacia Una carrera Profesional Alternativa. **Cultura, Ciencia y Deporte**, v. 6, n. 17, p. 93–103, 2011.
- PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação Esportiva: Teoria E Visões Do Atleta De Elite No Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 17, n. 2, p. 211–218, 2006.
- PINKERTON, R. S.; BARROW, J. C. The college student-athlete: Psychological considerations and interventions. **Journal of the American College Health Association**, v. 37, n. 5, p. 218–226, 1989.
- PURDY, D. A.; EITZEN, D. S.; HUFNAGEL, R. Are Athletes Also Students? The Educational Attainment of College Athletes. **Social Problems**, v. 29, n. 4, p. 439-448, 1982.
- RANKIN, S.; MERSON, D.; GARVEY, J. C.; SORGEN, C. H.; MENON, I.; LOYA, K.; OSEGUERA, L. The Influence of Climate on the Academic and Athletic Success of Student-Athletes: Results from a Multi-Institutional National Study. **The Journal of Higher Education**, v. 87, n. 5, p. 701-730, 2016.

- REIS, T. **UFIR: O que é a Unidade Fiscal de Referência e qual era a sua função?**. [S. l.], 20 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.sunoresearch.com.br/artigos/ufir/>>. Acesso em: 9 jul. 2019.
- ROCHA, H. P. A. da. **O Futebol como Carreira, a Escola como Opção: o dilema do jovem atleta em formação**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://ppge.educacao.ufrj.br/teses2017/tHugoAlmeida.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2019.
- ROCHA, H.P.A. da; BARTHOLO, T.L.; MELO, L.B.S de; SOARES, A.J.G. Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz**, v. 17, n. 2, p. 252-263, 2011
- ROCHA, H.P.A. da. **A escola dos jóqueis: a escolha da carreira do aluno atleta**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- RODRIGUES, M. B. **PROGRAMA BOLSA-ATLETA E SUA CONFIGURAÇÃO NO CENÁRIO ESPORTIVO BRASILEIRO**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano.) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/150866/001009138.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 9 jul. 2019.
- ROMÃO, M. G. COSTA, F. R. SOARES, A. J. G. **Escolarização de equipes do voleibol no Rio de Janeiro**. In: XI Congresso Espírito-Santense de Educação Física, 2011, Vitória. XI Congresso Espírito-Santense de Educação Física - Educação Física nas políticas públicas: trabalho e gestão integrada, 2011.
- ROTHER, E. T. . Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, 2007.
- RYBA, T. V. et al. Dual career pathways of transnational athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p. 125–134, 2014.
- SABINO, A.; GARCIA, G. **Jogador brasileiro ganha quatro salários mínimos por mês em média**. [S. l.]: Folha de S. Paulo, 4 maio 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/05/jogador-brasileiro-ganha-quatro-salarios-minimos-por-mes-em-media.shtml>>. Acesso em: 1 jul. 2019.
- SAILES, G. A. An Investigation of Campus Stereotypes: The Myth of Black Athletic Superiority and the Dumb Jock Stereotype. **Sociology of Sport Journal**, v. 10, n. 1, p. 88–97, 1993.
- SÁNCHEZ PATO, A.; ISIDORI, E.; CALDERÓN, A.; BRUNTON, J.; GARCIA ROCA, J. A.; FAZIO, A.; ANGELILLO, E.; LATERZA, E.; COLITTI, L.; LUIS ARIAS ESTERO, J.; MESEGUER, P.; JAIME, B.; KOUSTELIOS, A.; SAMANTZIS, C.; THACKRAY, S.;

RUSSELL, M.; DECELIS, A.; MALLIA, O.; MEROÑO, L.; CÁNOVAS, F. **AN INNOVATIVE EUROPEAN SPORTS TUTORSHIP MODEL OF THE DUAL CAREER OF STUDENT-ATHLETES**. [S. l.]: UCAM Catholic University of Murcia, 2017. ISBN 978-84-16045-67-9. DOI 10.5281/zenodo.581806. Disponível em: <[http://www.dualcareer.eu/wp-content/uploads/2017/06/Handbook\\_Tutorship\\_Modell.pdf](http://www.dualcareer.eu/wp-content/uploads/2017/06/Handbook_Tutorship_Modell.pdf)>. Acesso em: 1 jul. 2019.

SELDF – Secretaria de Estado de Esporte e Lazer. **Bolsa Atleta**. 2018. Disponível em: <<http://www.esporte.df.gov.br/bolsa-atleta/>>. Acesso em: 28 mai. 2019.

SELVA, C.; PALLARÈS, S.; GONZÁLEZ, M. D. Una mirada a la conciliación a través de las mujeres deportistas = A look at reconciliation through sportswomen. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 22, n. 1, p. 69–76, 2013.

SHAW, T. et al. Training patterns and sports injuries in triathletes. **Journal of Science and Medicine in Sport**, v. 7, n. 4, p. 446–450, 2004.

SHERRY, M. THOMAS, P. CHUI, W. H. International students: a vulnerable student population. **The International Journal of Higher Education Research**, v. 60, p. 33-46, 2010.

SINCLAIR, D. A. ORLICK, T. Positive terminations from high-performance sport. **The Sport Psychologist**, v. 7, p. 138-150, 1993.

SOARES, A. J. G. et al. Jogadores de Futebol no Brasil: Mercado, Formação de Atletas e Escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 4, p. 905–921, 2011.

SOARES, A. J. G. MELO, L. B. S. de. COSTA, F. R. da. BARTHOLO, T. L.. BENTO, J. O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n 4, Porto Alegre, out./dez. 2011.

SOARES, A. J. G.; CORREIA, C. A. J.; MELO, L. B. S. de. **Educação do corpo e escolarização de atletas: debates contemporâneos**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018.

SOUZA, C. A. M. de et al. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, v. 14, n. 30, Porto Alegre, dez. 2008.

STAMBULOVA, N. et al. ISSP position stand: Career development and transitions of athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 4, p. 395–412, 2009.

STAMBULOVA, N.; STEPHAN, Y.; JÄPHAG, U. Athletic retirement: A cross-national comparison of elite French and Swedish athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 8, n. 1, p. 101–118, 2007.

STEELE, C. M.; ARONSON, J. ATTITUDES AND SOCIAL COGNITION Stereotype Threat and the Intellectual Test Performance of African Americans. **Journal of personality and social psychology**, v. 69, n. 5, p. 797–811, 1995.

SUBIJANA, C. L. DE; BARRIOPEDRO, M.; CONDE, E. Supporting dual career in Spain: Elite athletes' barriers to study. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p. 57–64, 2015.

TEIXEIRA, M. R. MATIAS, W. B. CARNEIRO, F. H. MASCARENHAS, F. A. O programa bolsa atleta no contexto esportivo nacional. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 29, p. 92-109, Dezembro 2017.

TEKAVC, J.; WYLLEMAN, P.; CECIĆ ERPIČ, S. Perceptions of dual career development among elite level swimmers and basketball players. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p. 27–41, 2015.

VICENTINI, L.; MARQUES, R.F.R. A carreira profissional no jiu-jitsu brasileiro: A perspectiva de atletas de alto rendimento que atuam como professores. In: PALVA, Leandro. **Ciência aplicada às artes marciais**. [S. l.]: OMP Editora, 2018. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/328944044\\_A\\_carreira\\_profissional\\_no\\_jiu-jitsu\\_brasileiro\\_A\\_perspectiva\\_de\\_atletas\\_de\\_alto\\_rendimento\\_que\\_atuam\\_como\\_professores](https://www.researchgate.net/publication/328944044_A_carreira_profissional_no_jiu-jitsu_brasileiro_A_perspectiva_de_atletas_de_alto_rendimento_que_atuam_como_professores)>. Acesso em: 1 jul. 2019.

WYLLEMAN, P.; ALFERMANN, D.; LAVALLEE, D. Career transitions in sport: European perspectives. **Psychology of sport and exercise**, v. 5, n. 1, p. 7–20, 2004.

WYLLEMAN, P.; REINTS, A.; DE KNOP, P. A. **Development and holistic perspective on athletic career development**. In: P. Sotiaradou & V. De Bosscher (Eds.), *Managing High Performance Sport* pp.159-182, New York: Routledge, 2013.

## **ANEXO**

### **Anexo I – Questionário Estruturado**

#### **ANÁLISE DA PROFISSIONALIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DOS ATLETAS DO PROGRAMA BOLSA ATLETA DO GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL**

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem por objetivo analisar a escolarização de jovens atletas. Buscamos os beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta do GDF no período 2014/2015 para entendermos o perfil desse grupo, sobretudo os aspectos relacionados à rotina de treino e estudos. Além de entender como os atletas organizam sua vida esportiva e escolar, pretendemos contribuir com políticas públicas mais efetivas, visando atender àqueles que dividem sua vida entre estudar e treinar.

Neste primeiro momento as respostas são curtas e o questionário não levará mais de 10 minutos para ser preenchido. Após a confirmação de sua condição de atleta do programa, será apresentado um documento de concordância em participar da pesquisa, diferenciado entre os que atingiram a maioridade e os que não atingiram mais de 18 anos.

Em outro momento, encaminharemos a segunda fase de coleta de dados, com um questionário para identificar outras características do processo de dupla carreira.

Agradecemos a participação.

1. Aceito participar da pesquisa.

- Sim
- Não

#### **SITUAÇÃO:**

2. Fui atleta beneficiado pelo programa Bolsa Atleta do Governo do Distrito Federal no período 2014/2015.

- Sim
- Não

3. Qual é a sua idade?

- Tenho menos de 18 anos.
- Tenho 18 anos ou mais

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

4.1. Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa Análise da profissionalização e escolarização dos atletas do Programa Bolsa Atleta do Governo do Distrito Federal, sob a responsabilidade do pesquisador Felipe Rodrigues da Costa. Nesta pesquisa pretendemos analisar como os jovens atletas em formação no esporte para o alto rendimento conciliam as atividades de treinamento com as obrigações escolares. O objetivo desta pesquisa é investigar a relação entre a formação esportiva e a vida escolar dos beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta do Distrito Federal, relacionando ainda o nível socioeconômico e familiar, e o grau de instrução dos responsáveis dos atletas, às expectativas educacionais e às estratégias adotadas para a concretização da formação profissional no esporte. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é pequena incidência de pesquisas nacionais sobre a escolarização de atletas. Este estudo quer produzir informações para auxiliar a construção de programas ou políticas de Estado que tenham como foco criar estratégias para melhorar a relação desses jovens com a escola. O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a). Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Felipe Rodrigues da Costa, no telefone 61 9903 2727. Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do Termo de Consentimento (quando maior de 18 anos) ou do Termo de Assentimento (quando menor de 18 anos), ou aos direitos do participante da



pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br ou cepfsunb@gmail.com, horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira.

- Entendo os termos da pesquisa e aceito participar.
- Entendo os termos da pesquisa mas não tenho interesse em participar.

#### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

4.2 Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Análise da profissionalização e escolarização dos atletas do Programa Bolsa Atleta do Governo do Distrito Federal”. Nesta pesquisa pretendemos analisar como os jovens atletas em formação no esporte para o alto rendimento conciliam as atividades de treinamento com as obrigações escolares. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é a baixa produção de pesquisas sobre a escolarização de atletas no Brasil. Esta pesquisa quer produzir informações para auxiliar a construção de programas ou políticas de Estado que tenham como foco criar estratégias para melhorar a relação desses jovens com a escola. Para esta investigação adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): aplicaremos um questionário fechado e entrevistaremos pessoalmente os jovens atletas e seus pais. Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você ou o responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.

- Entendo os termos da pesquisa e aceito participar
- Entendo os termos da pesquisa mas não tenho interesse em participar.

#### IDENTIFICAÇÃO DO ATLETA

##### 5. Dados de Identificação do Atleta

- Nome:
- Data de nascimento (dd/mm/aaaa):
- CEP de onde mora:

6. Qual a modalidade da bolsa recebida para o período 2014-2015?

- Bolsa Atleta Estudantil
- Bolsa Atleta Distrital/Estadual
- Bolsa Atleta Nacional
- Bolsa Atleta Internacional
- Bolsa Atleta Olímpica

7. Você treina atualmente?

- Sim
- Não

8. Com relação à dedicação ao esporte/treino e aos estudos, você considera que:

- Me dedico exclusivamente ao esporte
- Tento conciliar o esporte com os estudos, priorizando o esporte
- Tento conciliar esporte e estudo de maneira igual
- Tento conciliar esporte e estudo, priorizando os estudos

9. Você treina na mesma modalidade em que foi contemplado com o bolsa atleta 2014/2015?

- Sim
- Não

10. A qual clube você está vinculado?

11. Continua recebendo algum tipo de Bolsa Atleta?

- Sim
- Não

12. Seus pais participam, ou participaram, de alguma atividade esportiva?

	Não	Sim, por lazer	Sim, como atleta
Pai	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mãe	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. Além de seus pais, alguém da sua família foi ou é atleta?

- Não
- Sim - irmãos ou irmãs
- Sim - tios ou tias
- Sim - primos ou primas
- Sim - avós
- Sim - bisavós
- Outro (especifique):

14. Você está matriculado em alguma escola/universidade?

- Sim
- Não

15. Qual ano você está matriculado?

16. Em qual/quais turno(s) você está matriculado?

- Manhã
- Tarde
- Noite

17. Sua escola/universidade é:

- Federal
- Pública - GDF
- Militar / Forças armadas
- Particular

18. Em qual escola/universidade você estuda atualmente?

19. Em qual cidade / região administrativa a sua escola/universidade está localizada?

#### ESCOLARIDADE DA FAMÍLIA

20. Qual a escolaridade da sua mãe ou responsável?

21. Qual a escolaridade do seu pai ou responsável?

#### FAMÍLIA

22. Você tem irmãos?

- Sim
- Não

23. Quantos irmãos?

24. Quantos irmãos participam de algum processo de formação esportiva?

25. Algum irmão recebe ou recebeu algum tipo de Bolsa Atleta?

- Sim
- Não

Obrigado pela participação

Prezado(a) atleta, agradecemos a sua participação.

Em breve entraremos em contato novamente.

## Anexo II – Roteiro de Entrevistas (Piloto)

### **Grupo de Estudos em Dupla Carreira - DuCa Guia de Entrevistas Projeto Bolsa Atleta DF**

O guia é dividido em cinco eixos norteadores que se ramificam em questões diretas com respectivos apontamentos para intervenção do entrevistador no sentido de aprofundar as respostas do entrevistado, caracterizando assim um guia de entrevista semiestruturado.

#### **Trajetória no Esporte**

#### **Trajetória Escolar**

#### **Exigências Econômicas do esporte e demais atividades**

#### **Conciliação no nível Psicossocial**

#### **Conciliação entre estudos e carreira esportiva**

### **Trajetória no Esporte**

1. Como você começou a praticar esporte? Como conheceu o esporte “X”? (Quando, onde, influências, motivações, relações com clube, formador e de rendimento). Caso tenha mudado de esporte, por que mudou?

A partir de que momento você passou a se considerar um atleta?

Me fale sobre sua rotina de atleta... (Carga horária, turnos, nível de exigência, distâncias percorridas, relações interpessoais com comissão técnica, dirigentes, colegas e etc.)

Como conheceu o bolsa atleta? Como se inscreveu?

Ainda tem algum tipo de benefício como atleta? Ganhou alguma competição durante/após o período de recebimento da bolsa?

### **Trajetória Escolar**

1. Quando falamos da escola, do que você se lembra? O que teve de positivo na escola?

O que você não gostava na escola? Por que não gostava?

Teve dificuldade na escola? Como eram suas notas? Reprovou? Ficou de recuperação? Por que?

Me fale sobre sua formação educacional...

Onde você começou seus estudos? Quais escolas estudou? Públicas? Particulares? O que te levou a escolher essas escolas? Porque?

Como eram as relações na escola? Tinha muitos amigos? Também eram ligados ao esporte como você? Como era sua relação com os professores, coordenadores, diretores e demais empregados da escola? Então a escola era para você...

Como você enxergava essas relações depois de ter se tornado atleta? (Turnos, escolas diferentes, motivos de escolha das escolas, particulares? Públicas? Seus círculos de amizade mudaram? Como? Distâncias percorridas). Então aqui a escola passou a ser vista por você de que maneira? Como você acha que seus professores e colegas enxergavam sua relação com o esporte?

Já mudou de escola por causa do esporte? E de turno, já mudou? Se não foi pelo esporte, por que foi então?

Realizou ou realiza alguma outra atividade rotineira? Ex. Trabalho, menor aprendiz, estágio, cursos e etc. Qual o seu interesse nessas atividades? O que você espera dessas atividades?

Dedicação atual aos estudos: Estudo e dever de casa hoje em sua escola. Conta como você estuda? Você tem uma rotina organizada de estudos diariamente? Quando você estuda? Seus pais acompanham seu boletim de notas? Eles cobram uma rotina de estudos para você diariamente ou semanalmente? –

Sucesso escolar: Conte até quando quer estudar (ou parar o estudo)? Você já ficou em recuperação alguma vez? Em que ano e em quais matérias? Em sua opinião, o que te levou a ficar em recuperação? Você já foi reprovado alguma vez? Em que ano e em quais matérias? Em sua opinião, o que te levou a ser reprovado? Quais as dificuldades que você enfrentou e enfrenta na escola? Quais as matérias que você mais gosta? E as que você menos gosta? –

Expectativa de futuro: qual a profissão que pretende seguir? Onde gostaria de ser empregado?

## **Exigências econômicas no esporte e demais atividades complementares**

1. Quais os gastos que você tinha para manter sua carreira esportiva? (alimentação, suplementação, equipamento/material esportivo, passagens, diárias, transporte para competições e treinos, inscrições, equipe técnica, nutricionista, psicólogo, técnico).

Quem financiava esses gastos?

O auxílio do bolsa atleta 2014 foi o seu primeiro? Se não, quais foram os outros? (clube, empresários, bolsa atleta DF e ou Federal, Universidade).

Como usava a bolsa atleta? Exclusivamente para o esporte? Ou não?

## **Conciliação a nível psicossocial (Família)**

1. Quais pessoas foram fundamentais para você se tornar um atleta?
1. Me fale do apoio de seus familiares e pessoas próximas no seu desenvolvimento esportivo? Como você percebe que sua família e as pessoas próximas a você enxergavam sua relação com esporte? E com os estudos?
2. Alguma outra pessoa fora da sua família te influenciou a ser um esportista? Quem? Como te influenciou? Em que momento da sua vida? Qual impacto essa outra pessoa teve no seu desenvolvimento como atleta?
3. Houve alguma mudança na rotina profissional dos seus pais devido a exigências esportivas do filho? Quais? Como aconteceram?

## **Conciliação entre esporte e estudos**

1. Me fale sobre sua rotina diária quando treinava como atleta e estudava ao mesmo tempo... Como se dividia seu tempo entre os compromissos com o esporte e estudos? (Trajetos, meios de transporte, horários, atrasos e seus motivos, carga horária de estudos fora da escola, cansaço na escola e nos treinos, se poupava?)

Como o clube em que você treinava enxergava seus compromissos com a escola? (Carga de treinamento, exigência de desempenho na escola, apenas matricula, flexibilizava horários para com a escola?). Havia dispensa dos treinos para estudar, participar de alguma atividade escolar? A escola provoca dificuldades para o seu desempenho no esporte? Quais seriam essas dificuldades?

Como a escola enxergava seus compromissos com a carreira de atleta? (Estratégias de flexibilização para o esporte, faltas, abonos, remarcação de provas, trabalhos extra).

Você participava das equipes escolares? Como seus colegas enxergavam sua participação nessas equipes? Como seu clube enxergava sua participação nessas equipes?

Me fale um pouco como você se sente ou se sentia em relação a essa situação de conciliar estudos e carreira esportiva...

Da minha parte passamos por todos os temas da entrevista, mas, se você percebeu que não falamos de algum tema específico e que tenha a ver com os temas falados ficarei grato em te ouvir. Obrigado por participar.



## Anexo III – Roteiro de Entrevistas (Final)

Nome: \_\_\_\_\_  
 Idade: \_\_\_\_\_  
 Nível de Instrução atual: \_\_\_\_\_  
 Esporte: \_\_\_\_\_  
 Tipo Bolsa que recebeu: \_\_\_\_\_

### Grupo de Estudos em Dupla Carreira - DuCa Guia de Entrevistas Projeto Bolsa Atleta DF

O guia é dividido em cinco eixos norteadores que se ramificam em questões diretas com respectivos apontamentos para intervenção do entrevistador no sentido de aprofundar as respostas do entrevistado, caracterizando assim um guia de entrevista semiestruturado.

- a) **Trajatória no Esporte**
- b) **Trajatória Escolar**
- c) **Trajatória Vocacional**
- d) **Exigências Econômicas do esporte e demais atividades**
- e) **Conciliação no nível Psicossocial**

#### a) **Trajatória no Esporte**

1. Como você começou a praticar esporte? Como conheceu o esporte “X”? Caso tenha mudado de esporte, por que mudou?
2. Como foi sua carreira esportiva? Quais foram suas principais conquistas? E as derrotas?
3. A partir de que momento você passou a se considerar um atleta? E como atleta de alto rendimento?
4. Me fale sobre sua rotina diária quando treinava como atleta e estudava ao mesmo tempo... Como se dividia seu tempo entre os compromissos com o esporte e estudos?

Quando, onde, influências, motivações, relações com clube, formador e de rendimento.  
 Autor desconhecido  
 19/03/2019 10:20

Trajetos, meios de transporte, horários, atrasos e seus motivos, carga horária de estudos fora da escola, cansaço na escola e nos treinos, se poupava?  
 Autor desconhecido  
 19/03/2019 10:21

#### b) **Trajatória Escolar**

1. Me fale sobre sua formação educacional... Onde você começou seus estudos? Quais escolas estudou? Públicas? Particulares? O que te levou a escolher essas escolas? Porque?
2. Quando falamos da escola, do que você se lembra? O que teve de positivo na escola? E na faculdade?
3. O que você não gostava na escola? E na faculdade? Por que não gostava?
4. Teve dificuldade na escola? Como eram suas notas? Reprovou? Ficou de recuperação? Por que? E na faculdade?

5. Como eram as relações na escola? Tinha muitos amigos? Também eram ligados ao esporte como você? Como era sua relação com os professores, coordenadores, diretores e demais empregados da escola? Então a escola era para você... E na faculdade?
6. Como você enxergava essas relações depois de ter se tomado atleta? Então aqui a escola passou a ser vista por você de que maneira? Como você acha que seus professores e colegas enxergavam sua relação com o esporte? E na faculdade?
7. Já mudou de escola por causa do esporte? E de turno, já mudou? Se não foi pelo esporte, por que foi então?
8. Dedicção atual aos estudos: Estudo e dever de casa hoje em sua escola. Conta como você estuda? Você tem uma rotina organizada de estudos diariamente? Quando você estuda? Seus pais acompanham seu boletim de notas? Eles cobram uma rotina de estudos para você diariamente ou semanalmente?
9. Sucesso escolar: Conte até quando quer estudar (ou parar o estudo)? Você já ficou em recuperação alguma vez? Em que ano e em quais matérias? Em sua opinião, o que te levou a ficar em recuperação? Você já foi reprovado alguma vez? Em que ano e em quais matérias? Em sua opinião, o que te levou a ser reprovado?
10. Quais as dificuldades que você enfrentou e enfrenta na escola? Quais as matérias que você mais gosta? E as que você menos gosta?
11. Como o clube em que você treinava enxergava seus compromissos com a escola? Havia dispensa dos treinos para estudar, participar de alguma atividade escolar? A escola provoca dificuldades para o seu desempenho no esporte? Quais seriam essas dificuldades?
12. Como a escola enxergava seus compromissos com a carreira de atleta?
13. Você participava das equipes escolares? Como seus colegas enxergavam sua participação nessas equipes? Como seu clube enxergava sua participação nessas equipes?
14. Me fale um pouco como você se sente ou se sentia em relação a essa situação de conciliar estudos e carreira esportiva.

Turnos, escolas diferentes, motivos de escolha das escolas, particulares? Públicas? Seus círculos de amizade mudaram? Como? Distâncias percorridas  
 Autor desconhecido  
 19/03/2019 10:21

Carga de treinamento, exigência de desempenho na escola, apenas matrícula, flexibilizava horários para com a escola?  
 Autor desconhecido  
 19/03/2019 10:22

Estratégias de flexibilização para o esporte, faltas, abonos, remarcação de provas, trabalhos extra.  
 Autor desconhecido  
 19/03/2019 10:22

Conciliação

Fernando Bernardes M...  
 19/03/2019 10:32

### c) **Trajatória Vocacional**

1. Realizou ou realiza alguma outra atividade rotineira? Ex. Trabalho, menor aprendiz, estágio, cursos e etc. Como começou? O que você espera dessas atividades?
2. Expectativa de futuro: qual a profissão que pretende seguir? Onde gostaria de ser empregado?
3. Como você vê que o esporte influencia nessas atividades?

**d) Exigências econômicas no esporte e demais atividades complementares**

1. Quais os gastos que você tinha para manter sua carreira esportiva?
2. Quem financiava esses gastos?
3. Como conheceu o bolsa atleta? Como se inscreveu?
4. O auxílio do bolsa atleta 2014 foi o seu primeiro benefício? Se não, quais foram os outros?
5. Ainda recebe algum tipo de benefício como atleta? Ganhou alguma competição durante/após o período de recebimento da bolsa?
6. Como usava a bolsa atleta? Exclusivamente para o esporte? Ou não?

Alimentação, suplementação, equipamento/material esportivo, passagens, diárias, transporte para competições e treinos, inscrições, equipe técnica, nutricionista, psicólogo, técnico.

Autor desconhecido  
19/03/2019 10:23

Clube, empresários, bolsa atleta DF e ou Federal, Universidade.

Autor desconhecido  
19/03/2019 10:29

**e) Conciliação a nível psicossocial (Família)**

1. Quais pessoas foram fundamentais para você se tornar um atleta?
2. Me fale do apoio de seus familiares e pessoas próximas no seu desenvolvimento esportivo? Como você percebe que sua família e as pessoas próximas a você enxergavam sua relação com esporte? E com os estudos?
3. Alguma outra pessoa fora da sua família te influenciou a ser um esportista? Quem? Como te influenciou? Em que momento da sua vida? Qual impacto essa outra pessoa teve no seu desenvolvimento como atleta?
4. Houve alguma mudança na rotina profissional dos seus pais devido a exigências esportivas do filho? Quais? Como aconteceram?

Família. Outros parentes. Empresário. Técnico. Professor na escola, etc.

Fernando Bernardes M...  
19/03/2019 10:38

Pais. Como eles encaravam o esporte?

É casado/namorado? Como eles lidam com a relação com esporte?

Tem filhos? E como os filhos lidam com isso?

Fernando Bernardes M...  
19/03/2019 10:36

Da minha parte passamos por todos os temas da entrevista, mas, se você percebeu que não falamos de algum tema específico e que tenha a ver com os temas falados ficarei feliz em te ouvir. Obrigado por participar.

## Anexo IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE



Universidade de Brasília

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa **Análise da profissionalização e escolarização dos atletas do Programa Bolsa Atleta do Governo do Distrito Federal**, sob a responsabilidade do pesquisador Felipe Rodrigues da Costa. Nesta pesquisa pretendemos analisar como os jovens atletas em formação no esporte para o alto rendimento conciliam as atividades de treinamento com as obrigações escolares.

O objetivo desta pesquisa é investigar a relação entre a formação esportiva e a vida escolar dos beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta do Distrito Federal, relacionando ainda o nível socioeconômico e familiar, e o grau de instrução dos responsáveis dos atletas, às expectativas educacionais e às estratégias adotadas para a concretização da formação profissional no esporte. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é pequena incidência de pesquisas nacionais sobre a escolarização de atletas. Este estudo quer produzir informações para auxiliar a construção de programas ou políticas de Estado que tenham como foco criar estratégias para melhorar a relação desses jovens com a escola.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a)

A sua participação se dará por meio de convite a responder um questionário sobre o tema em questão, na data combinada com um tempo estimado de 45 minutos para sua realização.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.

A pesquisa oferece riscos ao participante de sentir-se constrangido com algum questionamento. Porém, a pesquisa será conduzida com este tipo de preocupação, procurando evitar tal situação. O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) a qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Todas as despesas que você tiver relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa ou exames para realização da pesquisa) serão cobertas pelo pesquisador responsável.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Felipe Rodrigues da Costa, no telefone 61 9903 2727.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CFP/FS) da Universidade de Brasília. O CFP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-1947 ou do e-mail [cepfs@unb.br](mailto:cepfs@unb.br) ou [cepfsunb@gmail.com](mailto:cepfsunb@gmail.com), horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira.



Universidade de Brasília

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor(a).

\_\_\_\_\_  
Nome / assinatura

\_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável  
Nome e assinatura

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:  
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa/UnB, Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro.  
Universidade de Brasília Brasília DF 70.904-970 Brasil. **(61) 31071947**

Pesquisador Responsável: Felipe Rodrigues da Costa  
Endereço: Centro Olímpico. Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília - DF, 70910-900.  
Email: [fcostavix@gmail.com](mailto:fcostavix@gmail.com).  
Telefone: (61) 9903 2727.

**Anexo V – Entrevistas transcritas****INDIVÍDUO 1**

Meu nome é Rogger Diquique. Tenho 37 anos. Possuo Ensino\_Superior\_Completo. Eu era atleta de tênis\_de\_mesa e recebia o ba\_nacional. Eu comecei a praticar esporte na escola. Eu praticava vários esportes, por exemplo, joguei basquete, vôlei, handebol, futebol e tênis\_de\_mesa. Depois me virei profissional mais no tênis\_de\_mesa. Mas esses campeonato\_escolar eu participava de todos. Eu sempre participei dos campeonato\_escolar da região. Eu conheci o tênis\_de\_mesa na escola, meu irmão já praticava. Nós tínhamos um clube na nossa cidade que tinha aulas de tênis\_de\_mesa e eu acabei indo pro clube que meu irmão já treinava. Isso era em Cruzeiro\_do\_Oeste, Paraná. Eu acredito que meu irmão me influenciou a praticar tênis\_de\_mesa, porque como nós já tínhamos aula na escola, então já praticamos alguns esportes, e como ele já estava, eu ia participar um pouco. Sim, na nossa cidade nós só participamos só de um clube. Eu participei pelo ABB de Brasília depois eu representei o Nippo. Na época que eu fui bolsa\_atleta eu não me lembro de qual clube que eu era. Eu já passei por outros clubes fora de Brasília. No paraná foram quatro clubes. Nós jogávamos jogos abertos e éramos contratados em cada ano. Nós passamos por quatro. Acho que era um de Foz\_do\_Iguaçu, já joguei em São\_Paulo. De cabeça não vou lembrar. Sobre treinador, lá nós não tínhamos um específico. Nós treinamos meio que por conta. Eram jogadores experientes que passavam o conhecimento mas não era um treinador em específico. Tinha uma pessoa que auxiliava. Então eu não tive muitos treinadores não. Eu comecei a praticar o tênis\_de\_mesa com 12\_anos. Por aí. Eu fui campeão\_paranaense, campeão dos jogos\_da\_juventude, campeão\_brasileiro, campeão\_brasiliense, campeão\_goiano. Campeão\_paulista. Acho que só. Acho que não teve um momento que me considerei atleta de alto\_rendimento, porque para me considerar assim você precisa representar a seleção\_brasileira. E eu nunca tive esse objetivo. De conseguir a seleção\_brasileira. Então nós jogávamos pelo estado, no Paraná, sempre consegui classificar pra ir pros jogos brasileiros pela seleção\_paranaense, mas para você se dedicar como elite da seleção\_brasileira, provavelmente eu teria que mudar para são\_paulo, fazer um treinamento e viver disso. Então eu nunca tive esse objetivo de viver só do esporte, me dedicar a só isso. Servia como um lazer para mim. Então nunca quis tentar uma seleção\_brasileira ou algo assim. Mas sim, eu me considerava como atleta, porque de todo o tempo que eu joguei no Paraná, e para ir para o brasileiro você precisa estar entre os três primeiros do estado. E eu sempre fiquei entre os três primeiros. Então no Paraná eu sempre conseguia estar na seleção\_paranaense. Eu acho que foi logo depois que eu comecei. Um ano depois eu comecei a me considerar atleta, consegui resultados e joguei até os 17\_anos onde parei pra fazer a universidade. Eu fiz farmácia. Fiz no Paraná. Eu parei uma época de praticar na universidade. Às vezes participava de um campeonato ou outro. Mas depois que eu formei eu voltei aos poucos mas não de forma consistente. Porque eu trabalhava na época. Voltei mas não integralmente. Nunca mudei para outro esporte depois do tênis\_de\_mesa. Eu ganhei aqui em Brasília porque fui campeão\_brasiliense em 2014, então em 2015 eu ganhei o bolsa\_atleta, e fui pro campeonato\_brasileiro e ganhamos o campeonato em equipes. Fiquei em terceiro esse ano e ganhei o bolsa\_atleta novamente. Então eu acho que foi uma bolsa\_atleta nacional e outra estadual. Eu ia treinar umas duas\_vezes por semana entorno de duas\_horas de treino. As vezes três\_vezes por semana. Eu já trabalhava no ministério\_da\_saúde e treinava a noite. Minha rotina de trabalho é oito\_horas. Eu fazia academia mas não era voltada ao esporte. Eu tinha uma atividade mais regular. Na época de escola eu treinava mais. Eu acho que ia treinar umas

três\_vezes por semana. Treinava umas duas\_horas e meia, três\_horas. Essa é a rotina de um tenista\_de\_mesa. Assim, quem treina para pegar seleção\_brasileira treina todos os dias. Mas é três\_horas mesmo. A intensidade é um pouco maior. Eu comecei a estudar no Paraná. Eu fiz o ensino\_médio em uma escola e o ensino\_fundamental em outra escola. Estudei em três escolas. Eu estudei na Escola\_Nossa\_Senhora\_de\_Fátima, depois na Escola\_Estadual\_de\_Tamandaré e por último a Escola\_Estadual\_Anchieta no ensino\_médio. A primeira escola\_particular, eu estudei até a terceira\_série e as outras eram escola\_pública. Minha família que escolheu essas escolas. Quando eu era pequeno não tinha muita opção. Ou eram essas ou não estudava. E foi lá que eu tive contato com o esporte. Fiz universidade na Unipar. universidade\_particular. Quando fala de escola eu lembro mais do convívio com os colegas, com os professores, com várias atividades e ensinamentos. Era mais disso que eu gostava. Esse convívio de aprendizado, de fazer amizades, conhecimento com outras pessoas. Tinha as atividade\_física que eu gostava bastante. Na universidade era menos, quase não tinha esporte, tinha os campeonato\_universitário mas era menos. Mas o convívio era melhor. Era um convívio mais direcionado. Todos tinham o mesmo objetivo e isso era melhor. O que eu não gostava da escola e na universidade era a frequência. Aquela rotina todos os dias, às vezes você cansado, trabalhava e tinha que ficar presente pra assistir a aula. Eu nunca tive dificuldade na escola e na universidade. Nunca fiquei de recuperação e não reprovei. Eu tinha bastante amigos na escola. Nem todos eram ligados ao esporte. Uns sim, outros não. Alguns jogavam tênis\_de\_mesa também, mas no ensino\_médio. Na universidade não. Minha relação com os diretores e professores eram bem tranquilos também. Eu nunca consegui perceber uma diferença da minha relação com os colegas antes e depois de eu ser atleta. Alguns colegas da universidade sabiam que eu jogava tênis\_de\_mesa. Só um ou outro colega comentou. Às vezes nós ganhamos, mas não era nada demais. Já mudei de escola por causa do esporte uma vez. Fui do estadual para o tamandaré por causa dos campeonato\_escolar. Tinham pessoas para formar equipe, elas eram de uma escola e eu mudei pra outra pra formar a equipe, porque eu estudava sozinho. Isso era no fundamental. A escola que eu participava no ensino\_médio tinha equipe\_escolar também. Depois da universidade eu fiz pós\_graduação. Na pós\_graduação eu organizava meus horários mais tranquilamente. Eu fazia as aulas a distância e estudava no fim\_de\_semana. Na época de universidade eu estudava de noite. Noturno. É por isso que eu quase não treinava na época de universidade. Como era noturno e eu trabalhava durante o dia, eu quase não joguei tênis\_de\_mesa nessa época. Meus pais nunca viram muito meus boletins na escola. Nunca cobraram uma rotina de estudos de mim. Na escola eu gostava muito de cálculo. Matemática, física. A matéria que eu menos gostava era geografia, história. O clube não tinha muito controle sobre os estudos dos seus atletas porque era um clube muito aberto, e não tinha um treinador específico que ficava no pé de cada aluno. Então não havia uma cobrança com respeito aos estudos não. Em nenhum momento eu era dispensado do treino para estudar para prova ou algo assim. A escola também não prejudicava em nenhum momento o meu desempenho no esporte. Eu acho que hoje em dia o esporte está mais voltado ao rendimento, com técnico e cobrança aos estudos. Na minha época não havia muito essa cobrança. Não havia esse controle. Hoje existe mais esse controle de ir bem na escola, ter um bom rendimento, fazer uma avaliação. Mas na minha época isso não acontecia. Minha escola flexibilizou bastante para mim praticar esporte. Sempre via com bons olhos. Se eu precisava viajar, passar uma semana fora, eles atendiam bem, repunha provas ou aula em outro dia. Quando eu comecei a praticar tênis\_de\_mesa e fui pro ensino\_médio, eu comecei a fazer universidade e parei de praticar outros esportes. Só o tênis\_de\_mesa tinha um clube específico. Pra mim conciliar esporte e estudo era bem tranquilo. Como era duas\_vezes por semana não era algo muito pesado. Além dessa minha atual profissão no ministério\_da\_saúde eu sempre trabalhei como farmacêutico. Eu já fiz o curso\_de\_inglês antes. Eu fiz o curso\_de\_inglês mas

não tinha outra expectativa de ganhar algo além não. Só para aperfeiçoar mesmo. Sobre minha perspectiva profissional, eu não penso em ter outro emprego além desse aqui no ministério\_da\_saúde. Minha experiência no esporte ajudou eu ter disciplina, ajudou eu estar centrado. Isso acrescenta muito na minha carreira\_profissional. Vários amigos meus que não praticavam esporte, a maioria nem se formou na universidade, não tiveram uma evolução na carreira. Ficaram estagnados. Não sei se eu posso relacionar isso ao esporte como um aprendizado, uma disciplina, algo mais educacional. Mas eu acredito nessa tese de que, desde cedo você pratica um esporte, faz alguma ocupação de atividade\_física tem uma relação muito direta depois com a carreira\_profissional. Meus gastos como atleta eram com material\_esportivo. Era a mensalidade do clube. Não era muito caro, mas para estudante na época era mais pesado. Não tinha nenhum auxílio. Era a viagem para os campeonatos que pagavam do próprio bolso. As inscrições. Não tinha uma alimentação diferenciada. Meu material\_esportivo era raquete e bolinha. Um treino regular a cada três meses precisa trocar. A raquete era só minha. A bolinha, várias pessoas tinham, você pegava de alguém, sempre tinha esse compartilhamento. Passagem, diária e transporte era tudo por minha conta. Inscrição. Alimentação fora. Hospedagem. Uma raquete que eu jogava era mil\_e\_trezentos reais. Mas a raquete não troca, só se quebrar, algo assim. Dura bastante tempo. A borracha que você precisa trocar a cada três\_meses. Uma média de 400\_reais, 500\_reais. O uniforme era fornecido pelo clube, se não é algo de 80\_reais por ano. O tênis é nós que compramos, mas não é algo descartável, dura bastante. A mensalidade da ABB era 50\_reais e mais 50\_reais do espaço. No nippo era uns 40\_reais. Quem financiou esses gastos era o meu pai. E depois que eu terminei a universidade era eu mesmo que financiava, eu que me mantinha. Eu conheci o bolsa\_atleta aqui em Brasília. O tênis\_de\_mesa nem recebia o bolsa\_atleta. Depois que eu me mudei para cá em 2011, em 2013 aí eu ganhei o campeonato\_brasiliense aqui e fiquei sabendo que eu tinha essa opção de ganhar o bolsa\_atleta. Foi através do site mesmo, e o pessoal da federação. Quem ganhava o bolsa\_atleta era o melhor do ano. Era automático, não precisava se inscrever. Essa bolsa\_atleta não foi o meu primeiro benefício financeiro porque lá no Paraná eu sempre jogava os jogos\_abertos, e as cidades queriam montar as equipes e eles contratavam os atletas para representar a cidade, e eles pagavam os atletas. Os jogos\_abertos são para várias cidades, eles tem verba mas não tem atleta, então eles contratam de outras cidades. Então acontecia isso. Uma cidade que tinha verba para montar uma equipe, nós sempre éramos contratados por alguma cidade. Minha cidade era Cruzeiro\_do\_Oeste, perto de Maringá. Atualmente não recebo nenhum benefício. Depois que eu recebi o bolsa\_atleta eu ganhei eu acho que ganhei fui para os campeonato\_brasileiro, e nós ganhamos duas vezes o campeonato\_brasileiro por equipe. O fato de eu ganhar a bolsa\_atleta não teve influência no meu resultado de ganhar o campeonato, porque o valor era muito baixo, insignificante. Eu usava o bolsa\_atleta pra comprar material mesmo. Para me tornar atleta quem foi importante foram meus pais. Me incentivaram a continuar. Meu pai já jogou futebol. Meu irmão também me influenciou indiretamente porque ele começou a praticar tênis\_de\_mesa e eu conheci. Ele continua praticando lá no Paraná. Meus pais sempre foram a favor do meu desenvolvimento esportivo. Sempre apoiaram. Eles sempre iam assistir, torcer quando o campeonato era na cidade. Se precisava meu pai me levava pros treinos. Hoje eu sou casado, tenho filho. Eles me incentivam ao esporte. Sempre viam o esporte como positivo. Meus pais nunca opinaram nos estudos. Nunca foi algo muito rígido porque eu nunca tive problema com relação a notas. Sempre fui exemplar então eles não tinham dúvidas com relação a isso. Meus pais também nunca opinaram sobre minha carreira\_profissional na farmácia. Quem pode ter me influenciado foi os colegas de escola porque todos queriam praticar alguma coisa e você meio que quer praticar algum que você tenha habilidade.



## INDIVÍDUO 2

Meu nome é Renato Rodrigues Pereira. Tenho 23\_anos. Estou no nono\_semestre do curso de engenharia\_civil na unb. Sou atleta de tênis\_de\_mesa. Eu não me lembro qual o bolsa\_atleta que eu recebia. O valor que eu recebia era bem pouquinho. Eu acho que 138\_reais, alguma coisa assim. Provavelmente era o bolsa\_atleta estudantil. Só recebi o bolsa\_atleta do gdf e da UnB. Eu comecei a praticar esportes na escola. Sempre foi muito de ter esportes na escola que eu estava, então comecei jogando futsal e fazendo as aulas de educação\_física eu acabei gostando de basquete. Cheguei a levar o basquete mais a sério, equipe\_escolar, essas coisas. Então eu viajei para o panamericano\_2007 no Rio\_de\_Janeiro e lá eu fui assistir o basquete, só que tinha o ingresso barato para o tênis\_de\_mesa. Aí eu assisti e depois eu procurei lugares para treinar aqui em Brasília e foi assim. Eu treinei ali na AABB, no setor\_de\_clubes\_sul. Eu treinei lá até 2017. AABB Rizzone. Eu treinei lá até 2017. Depois eu fui pra Fit\_Pong, que é aonde eu estou hoje. Fica na 514\_sul. Eu comecei a treinar sério em 2011, lá na AABB. Eu tinha 15 anos. Antes eu sempre joguei na escola. Nada de treino mesmo, mas o basquete eu comecei com uns 12\_anos. E aí treinava o time da escola, normal, mas um treino mais sério mesmo foi só com o tênis\_de\_mesa em 2011. Era no La\_salle de águas\_claras. Minhas principais conquistas eu poderia dizer que a principal foi o campeonato\_brasileiro por equipes de 2015, que nós ganhamos o campeonato representando a AABB, e nesse mesmo campeonato de seleções estaduais que pelo DF nós ficamos em segundo. Esse foi o mais significativo. Eu descobri lá pelo Google mesmo. Eu sempre fui de pesquisar onde ir fazer as coisas que eu gosto. Então eu pesquisei no google mesmo e vi que em Brasília tinha três clubes na época, a AABB, as asmatch e o clube\_nipo. E eu fui nos três e a AABB eu já conhecia um amigo meu que tinha tido aula com um professor de lá e fiquei por lá. Eu acho que quem me influenciou no esporte em geral foi meu pai. Ele jogou handebol pela escola, pela seleção\_brasiliense. Sempre disse que se eu quisesse fazer qualquer esporte ia me apoiar. Sempre me levou para todos os lugares. Então ele sempre foi aquela pessoa que achava que o esporte vai ajudar na vida, que é bom e que sempre me ajudou nisso. Sempre me incentivou, vai até hoje comigo nos campeonatos. Na escola eu treinei com o José\_alex, que foi quando eu comecei a ver o tênis\_de\_mesa depois do panamericano\_2007. Aí depois eu comecei a brincar na escola e quando eu quis algo mais sério eu procurei a academia de tênis\_de\_mesa em si. Aí eu treinei com o vinícius na AABB e depois com o professor josé\_ricardo. E aí eu treinei com o vinícius nos primeiros anos e depois com o josé\_ricardo até 2017. Aí em 2017 eu mudei pra fit\_pong onde treino com o jorge\_vieira. Sempre fui um cara muito tranquilo então eu não entrava em discussões com o pessoal do clube. Tinha algumas discussões no clube, mas coisa pequena, nada sério não. Em 2007 na escola eu brincava de tênis\_de\_mesa, mas só me considerei atleta em 2011, foi quando eu fui pra AABB e comecei a participar dos campeonato\_distrital e campeonato\_brasileiro. Eu sempre pensei que o que eu faço eu quero fazer bem. Quando eu comecei a treinar eu quis ficar bom. Vi os campeonatos e comecei a ir e a jogar, e assim foi. Eu estudava na época de manhã e treinava pela tarde. No início eu treinava pouco, coisa de três\_horas semanais. Atualmente estou treinando de segunda-feira à quinta-feira, duas\_horas por dia. O que dá oito\_horas semanais. É uma carga de treino que eu venho fazendo a muito tempo, mas mais do que isso eu acho que não. Tem o treino, o treino que eu digo é o treino na mesa, batendo bola, professor, mas sempre, tem uns 4\_anos que eu venho fazendo academia, preparo\_físico voltado ao tênis de mesa, até passado para os meus professores, então vem acompanhando junto. Eu vou na academia todos os dias, de segunda-feira à sexta-feira, com entorno de 1\_hora\_e\_30\_minutos de treino. O treino da mesa acontece de 19h às 21h. A academia eu costumo ir de manhã, às 6h, antes de vir para cá. Eu costumo estudar depois que acaba a aula aqui, ou no final da manhã ou 16h da tarde. As

aulas aqui começam sempre às 8h. Tem dia que eu pego até as 10h, tem dia que eu estudo até as 12h ou pego as matérias de 14h às 16h. Aí as vezes eu estudo aqui ou eu vou para academia e estudo lá. Mas daqui eu sempre vou direto pro treino. Eu moro no Vicente\_pires. Eu estudei o jardim no espaço\_criança no guará. Depois, o ensino\_fundamental de primeira\_série à quarta\_série no siman, na octogonal. E da sexta\_série em diante foi no la\_salle de águas\_claras. Depois eu entrei na UnB e na Universidade\_Católica\_de\_Brasília. Eu fazia dois cursos. Eu fazia engenharia\_civil lá e física aqui. Aí depois de um ano e meio eu transferi aqui para engenharia\_civil e lá eu mudei pra física. Eu fiz essa troca porque eu sempre gostei de física. Desde o Ensino\_médio eu sempre gostei muito de física, por isso escolhi a engenharia\_civil, vi que gostava de física e matemática, a engenharia é algo bom, então escolhi a engenharia\_civil. Mas como eu não consegui entrar direto aqui na engenharia\_civil, aí eu falei que faria a engenharia\_civil, e por ter nota em física, eu pensei que seria legal, então fui fazer. Só que aqui dentro eu percebi que tinha essas coisas de transferência interna, outros meios de entrar no curso. Então consegui a transferência, e pra não jogar o que eu tinha feito, mudei lá pra fazer física. Não cheguei a terminar física lá. Falta só fazer estágio\_obrigatório e mais duas matérias, mas a princípio eu terminei. Ele está trancado. A princípio é terminar aqui e depois passar mais 1\_ano e terminar lá. No espaço\_criança meus pais escolheram porque era perto. Depois no SIMAN, era uma escola que minha prima estudava e era mais próxima aonde a gente morava era a melhorzinho. Depois o la\_salle porque meu pai estudou lá então conhece a rede de escolas, e nós tínhamos mudado para vicente\_pires, e aí eu estudei no la\_salle de águas\_claras porque era perto. Quando eu penso em escola eu lembro dos meus treinos de basquete. Porque diferente do tênis\_de\_mesa, o basquete é um esporte mais coletivo e você faz um monte de coisa, conhecendo muita gente, tendo uma roda maior de amigos. Cheguei a disputar campeonato\_escolar, tanto no basquete quanto no tênis\_de\_mesa. No basquete eu disputei um campeonato\_regional, fui pra são\_carlos disputar campeonato, e no tênis\_de\_mesa eu cheguei a disputar os jogos escolares do DF. Só não fui no campeonato\_brasileiro porque era sempre na data do PAS, aí eu nunca ia. Eu ficava pra fazer o PAS. O que eu lembro de positivo da escola eu acho que essa parte que você faz até meio fora da aula. Porque na escola você fica muitas vezes preso a sua turma. Por eu fazer o basquete e ficar muito tempo na escola. Estudava de manhã e almoçava na escola a tarde pra treinar, eu acabava tudo lá, outros funcionários, outros esportes, então isso eu percebi de algo positivo na escola. Os meus outros amigos que não praticavam esporte não tinham essa experiência, porque eu tinha convivência com todos, desde mais velho até mais novo, e quem não jogava, amigos meus que não jogavam ficavam presos aquele grupo de sala de aula e só. Isso eu achei muito bom pra mim. De positivo na universidade eu penso, talvez, a liberdade aqui, de você fazer o que você quiser, escolher as coisas que quer fazer e também as oportunidades que com o tênis\_de\_mesa eu tive aqui dentro. De ser presidente do clube de tênis\_de\_mesa, conheci muita gente, fui em várias palestras, representar a universidade. A própria unb paga para irmos jogar campeonato\_universitário, o JUBs. O que eu não gostava da escola era as aulas de português, porque eu sou de exatas, não tem jeito. E pra mim, as matérias de humanas não dá. curso\_de\_inglês eu não tinha problema. Eu sei fluente curso\_de\_inglês, espanhol, um pouco de italiano, mas línguas não é o problema. O português era por causa da matéria ser muito grande e do professor ser muito chato. Mas as outras matérias de humanas não era pra mim não, com certeza não era. O que eu não gosto da universidade, eu acho que o fato de eu ter feito duas universidades, estar em dois lugares no início dos cursos, eu acabei não criando vínculo de amizade. Eu acabo conhecendo de vista muita gente, mas não tenho proximidade de ninguém. Eu acho que sou distante até do pessoal do meu próprio curso. Nunca tive dificuldade em nota na escola, sempre fui um aluno tranquilo nisso. Nunca tive nenhum problema. Parte do pessoal que eu conhecia do basquete,

muita gente também se aventurava em outros esportes, então era mais ligado ao esporte, agora o pessoal que não praticava nada, as vezes eu nem conversava sobre o esporte, então isso, eu não sei, eu acho estranho isso. Porque esporte pra mim é tão presente, mas pra outras pessoas não. Eu vejo uma coisa estranha disso. Essa distância do esporte. Eu acabava me relacionando mais com as pessoas do esporte. Minha relação com professores, diretores e coordenadores sempre foi muito tranquilo. Nunca dava trabalho e sempre tentava ajudar. Então eu sempre tive uma boa relação, viajei com o vice-diretor da escola, por exemplo, dividi quarto com ele. Meu professor de basquete já me chamou pra churrasco. Sempre foi tranquilo. Eu praticava basquete antes de 2007, acho que comecei em 2005, com uns 11\_anos, mais ou menos. Eu não consigo dizer a diferença das minhas relações depois que eu virei atleta porque eu comecei o basquete logo na quinta\_série, quando mudei de escola, então foi logo no início da quinta\_série, então é difícil de dizer que as diferenças são porque eu mudei de escola ou por causa do esporte. Depois que me encarei como um atleta, em 2011, eu não sinto que minhas relações mudaram, porque pelo pessoal já estar um pouco acostumado com o basquete antes. Aí eu acho que não teve tanta diferença. Talvez eu tenha diminuído de fazer algumas coisas, sair muito ou ficar muito tempo no computador, que era quem eu ficava bastante tempo, jogava online, essas coisas, pra passar a treinar. Aí eu acho que talvez isso. Mas acho que pouco. Não acho que a forma como eu encarei a escola mudou, porque eu sempre fui bem centrado, sabia o que eu queria. Sempre me concentrei porque eu sabia que a escola era lugar de estudar, e só pensava em outras coisas depois de acabar a aula. Mas sempre fui bem certinho. A maioria dos meus professores incentivaram o esporte, pediam resultados, perguntavam. Mas sempre recebi muito apoio. Dos professores principalmente. Viajar pra torneios, sempre me ajudavam, os trabalhos eu podia entregar depois ou enviar por email, até na unb continuam me ajudando. Aqui eu nunca tive problema com professor, precisava viajar em data de prova, fazia em outras turmas ou em outros horários, sempre os professores foram bem tranquilos com isso. Mas é aquele negócio. Pediam pra avisar com antecedência. Mas na medida do possível nunca tive problema. Nunca mudei de escola ou de turno por causa do esporte. Eu tiro pra estudar pelo menos umas 2\_horas por dia. É algo que eu tento sempre fazer. Quase nunca consigo, mas a minha ideia é de sempre tentar eu estudar isso. Ver o que está acontecendo e fazer, porque às vezes fica corrido, principalmente depois de viagem que eu preciso correr atrás o que eu deixei. Mas eu sempre tento. Normalmente as viagens para campeonato é entorno de quatro\_dias à cinco\_dias. As vezes vai um dia antes mas não consegue voltar no mesmo dia, aí tem que voltar no dia seguinte. Então é entorno disso. Costumo perder conteúdo por causa disso, aí o que eu normalmente faço é avisar o professor e aí eles me passam mais ou menos o que vai ser falado e peço para os meus amigos tirarem foto do quadro ou mandar um áudio explicando o que foi dito na aula e aí eu faço. Essa rotina é algo que eu sempre tento fazer, de estudar e fazer isso. Não vou dizer que sempre fiz, mas sempre me falaram pra fazer e eu tentava fazer na medida do possível fazer um pouquinho. Quem falava eram meus pais, e eles sempre acompanharam meu boletim de notas. Eu nunca tive problema com nota, então eles meio que falaram que era bom ter rotina de estudo, mas como eu nunca tive problema com nota eles nunca chegaram a cobrar. A média lá na escola era 7,5, e sempre passei mais de 8,5, 9,0 em tudo. Não sei até quando quero estudar, porque estou no final do curso e não consegui estagiar, não consegui ter contato com a vida profissional, então meio que estou perdido se eu invisto mais em tentar um mestrado ou algo assim, ou se eu tento de qualquer jeito ir para a área profissional e ver no que dá. Eu não diria que o esporte é a minha principal atividade na vida, eu sempre fui centrado nos estudos e em mais algo, mas seu sempre tive o esporte como a segunda atividade principal na minha vida. Teve um semestre que eu tranquei aqui pra tentar estudar e passar em medicina, mas mesmo trancando aqui, parando minha vida toda pra fazer cursinho de vestibular, mas não parei o

tênis\_de\_Mesa. Diminuí mas não parei. Porque o esporte pra mim o esporte é algo pra você distrair, ter o seu tempo. Eu tenho uma forte identidade esportiva. Meu pai jogou handebol por muitos anos. Acho que nunca tive dificuldade na escola, mas por causa do esporte. Sempre fui muito fechado, tímido, e o esporte me ajudou a conseguir amigos, a não ficar isolado. Acho que por isso. Consegui me socializar, porque eu acho que se não, eu seria o nerd que ficava isolado de todos e pronto. Os clubes que eu participava, porque assim, eu sempre deixei claro que os estudos sempre estavam primeiro pra mim, e o esporte depois, mas que eu queria levar o esporte um pouco a sério também. Então eu sempre deixei isso claro e sempre foi tranquilo. Nunca tive problema, nunca me incomodaram, nada. Nunca chegaram a cobrar que eu treinasse porque eu não faltava. Porque eu tentava fazer tudo o que eu conseguia pra fora dos horários de treinos, para na hora do treino esfriar a cabeça e só jogar. E me divertir. Quando tá nessas épocas, o esporte pra mim é me divertir. Quando está em outras épocas, é focar, melhorar. Talvez no final do terceiro\_ano, que eu estudava pra vestibular, eu realmente tenha diminuído minha carga de treino, essas coisas, mas é a vida. Você tem que fazer escolhas e pra onde você vai. Aí eu diria que nesse momento a escola prejudicou o esporte. Mas é a vida. Na escola e na universidade sempre remarcaram prova. Na universidade passavam conteúdo quando eu estivesse viajando, na escola eu pegava o conteúdo com os amigos e teve uma vez que tinha um trabalho final, de final de ano e era na data de campeonato\_brasileiro que precisava entregar. Aí eles estenderam o prazo e eu entreguei um trabalho diferente dos outros, mas acho que essa foi a única vez que fizeram algo realmente diferente, porque tudo era previsto deles, de ter uma prova repositiva pra quem precisasse, tendo uma justificativa, uma declaração. Professor diz que não abona falta, mas também diz que não tem problema porque tem uma justificativa muito plausível, então fica naquelas. Eu nunca fui de faltar muito então também nunca precisei. Os clubes me incentivavam a participar dos campeonato\_escolar. Os professores da AABB mesmo gostava que eu tirava notas boas e sempre foram muito, percebiam o que eu queria, que era realmente estudar, estar bem nos estudos e o tênis\_de\_mesa como uma segunda coisa. Então sempre foi bem tranquilo, me ajudavam com algumas coisas. Porque um dos professores era da área de saúde, então ele me ajudava com coisas de biologia, me ajudou em trabalhos. É isso, era bem tranquilo. Se eu tiver uma carreira profissional eu não sei o que eu faria, porque ela está muito longe. Eu acho que é válido continuar sempre estudando. Mas depende de carga horária que eu vou conseguir fazer. Não tenho nada contra os estudos, então se eu tiver oportunidade, vou continuar, se não tiver. Eu vejo pelas outras pessoas de outros esportes que eu conheço. Pra mim é muito tranquilo estudar e fazer esporte porque sempre tive ajuda do meu pai e da minha mãe. Todo mundo na minha vida foi muito receptivo essa ideia de esporte e estudo. Então sempre tive estudo e tirando essa falta de tempo, porque o dia só tem 24\_horas, nunca tive nenhum problema. Mas para conciliar era tranquilo, sempre foi. Eu fiz curso\_de\_inglês e curso\_de\_espanhol. Inglês e espanhol eu fiz na Wizard. Todo o curso eu fiz lá, que foram 6\_anos e o de espanhol foi 4\_anos\_e\_meio. Italiano eu sei por causa do meu vô que morou lá e ele fica brincando comigo e eu aprendo algumas coisas. Nunca trabalhei ou fiz estágio. Não consegui estágio. Passei o ano passado inteiro tentando fazer um estágio e as empresas dizem que não tem obra, não tem nada. É o momento da área mesmo. A engenharia tá bem-parada por causa do país. Tá difícil, ninguém tem obra, ninguém tem nada, então não vão contratar gente. Não tem estágio\_obrigatório na engenharia. Eu fiz cursos de programas que nós usamos na engenharia\_civil, excel, autocad, essas coisas. Eu sempre gostei de aprender coisas novas, não tinha nada em especial em fazer os cursos de línguas. Eu não sei que profissão eu gostaria de seguir. O que eu gostaria mesmo era ser médico. Mas não vou ser. Eu passei no vestibular, em vários lugares, mas eu não consegui passar aqui, e eu queria aqui ou Goiânia, porque eu tenho família lá também. Mas acabei não passando, e faltava um ano e meio pra me formar em

engenharia. Aí eu pensei que eu iria para o fim do mundo pra fazer medicina. Fazer mais dois anos de internato, pra daqui 8\_anos ter um emprego. Ou fico aqui, faço tudo aqui perto, continuo com o tênis\_de\_mesa, perto da minha família, continuo na minha rotina e termino curso. Aí decidi continuar. O problema da medicina é que, além de 6\_anos de curso, tem mais dois de residência pra você pegar uma especialização, pra ser clínico, cardiologista, mas é o que vem antes, é 1\_ano de estudo pra passar no vestibular. Porque medicina não dá, você não passa se você não estudar de verdade. Com afinco. Aí eu penso em continuar na carreira, continuar na engenharia mesmo. Meu pai é corretor de imóveis, então penso em ajudar elena empresa, algo assim. O que eu levei pra fora do esporte foram as relação\_pessoal. Eu sempre fui muito calado, mas a partir que eu fiz esporte, interagir com outras pessoas me ajudou muito. E também o tênis\_de\_mesa me possibilitou viajar para o país inteiro, então conheci culturas do país inteiro, e até fora, joguei torneios fora do país também, até no paraguai. E isso agrega, muda sua forma de ser. Você muda, aprende novas coisas, tem a coisa do respeito que vai passando pra fora do esporte, então acho que é sempre válido, sempre ajuda, e pra mim fez muita diferença. No basquete foi só escolinha que pagava 30\_reais aí depois acabei nem pagando e continuei treinando, porque eu entrei no time da escola. O tênis\_de\_mesa a exigência era o pagamento do clube, 150\_reais, e o material, porque no tênis\_de\_mesa é muito caro. A raquete e as borrachas. Como eu sou classista, uso os dois lados da raquete, eu preciso de duas borrachas, então tem que comprar duas. O Rogger, ele joga de caneta, então ele só compra um lado. Raquete, a que eu uso atualmente, ela custa uns 950\_reais. E cada borracha custa entorno de 260\_reais. A borracha, com essa minha atual carga de treino dura entorno de três\_meses. A raquete dura bastante, se você não quebrar por acidente, dura anos. O uniforme eu comprei do clube da AABB, e a Fit\_pong eu ganhei. A AABB eu comprei duas camisas, 90\_reais. Pro tênis, qualquer um indoor dá pra jogar. O pessoal usa o de futsal. Eu gosto os de handebol que são mais estruturados. O último que eu paguei foi 380\_reais, por aí. Viagens eram todas por minha conta, inscrição, tudo. Tirando os torneios universitários que é a UnB que paga. Alimentação e suplementação tudo por minha conta. Suplementação eu usei por um tempo mas porque tive problema intestinal, umas cápsulas lá, e só isso. Mas a princípio. Foi tudo meu, carro, combustível, caro pra caramba. Eu saio da UnB pro treino. Dura uns 20\_minutos. Do treino pra casa dura uns 25\_minutos. Não tenho nutricionista ou psicólogo. Treinador é o do clube. Não preciso pagar algo extra pra ele. Pago pra participar do clube e do que está relacionado. Quem financia esses gastos é clube, a UnB, eu mesmo, normalmente o meu pai. Eu conheci o bolsa\_atleta do GDF eu conheci pela federação de tênis\_de\_mesa, eles divulgaram, eu não lembro como foi, mas tinha um critério pelo ranking, e eles homologariam a inscrição no bolsa\_atleta. O bolsa\_atleta foi o primeiro auxílio que eu recebi. Depois eu só recebi o bolsa\_atleta\_unb e o auxílio\_viagem pra viajar pra campeonato\_universitário. Também recebi o compete\_brasília, já peguei algumas vezes. O bolsa\_atleta do df eu só recebi em um ano. No campeonato\_universitário eu já cheguei em nono\_lugar. Na época do bolsa\_atleta eu usava mais para lanche, quando eu tava na AABB. Por passar muito tempo lá, assim, saindo da escola e ia pra lá direto, e depois saindo daqui e ia pra lá eu usava como lanche mesmo, porque não tinha como usar para outra coisa. Era muito pouco. Eu não diria que o bolsa\_atleta melhorou meus resultados. Eu não faria uma análise tão crua assim. O bolsa\_atleta me incentivou por dizer que o esporte pode me dar algo a mais. Talvez, acho que a ideia foi mais do que necessariamente o dinheiro. O impacto da ideia de que estou ganhando um dinheiro por fazer algo que eu já gosto foi algo bem maior. A pessoa mais importante pra me tornar um atleta foi meu pai. Por ele ter jogado handebol por diversos anos, ter contado história de viagens e coisas que ele fazia e ter sempre incentivado. Assim, eu praticar qualquer esporte, ele gostava, ele sempre foi um incentivo. Eu sei que ele já representou a seleção\_brasiliense que tinha na época. Na minha família teve muita gente

que praticou algum esporte. Meus tios por exemplo, o irmão do meu pai, ele jogou basquete no Flamengo, jogou por vários anos, jogou até ele ter uns 25\_anos. Meu tio, irmão da minha mãe ele jogou vôlei aqui em Brasília por vários e vários anos. Eles me influenciaram de uma certa forma, não tão próximo como meu pai por conversar todo dia, mas principalmente meu tio do basquete porque ele contava histórias também, principalmente quando comecei a jogar basquete ele falava das coisas, me ensinou várias coisas, ele sempre foi bem receptivo a ideia de praticar esportes na minha família. Quem me influenciou nos estudos foi minha mãe, porque ela sempre foi aquela pessoa que estudou muito e cresceu na vida por causa do estudo. Ela tem até mestrado. Ela é da área da educação. Hoje ela é funcionária pública no INEP. Ela tem mestrado, eu não sei qual a área, é alguma coisa com educação\_básica. Meu pai tem especialização na área de administração de empresas e na área de mercado\_financeiro também. Não acho que namorada tenha me influenciado. Eu tive duas influências muito grandes no esporte fora da família. O meu primeiro treinador de basquete na escola. Ele sempre me ajudou e gostou de me ajudar a conseguir treinar, me buscou diversas vezes no metrô. Ele sempre me ajudou e me incentivou e me ensinou que o esporte iria me ajudar na vida. E o treinador da AABB, o josé\_ricardo, quando eu disse que precisava parar por causa de vestibular ele disse que entendia, podia ver dessa forma, mas me ensinou a ver o esporte da forma como vejo hoje, e acho que isso foi muito importante pra mim continuar no esporte até hoje, não ter parado. Meus pais não mudaram a rotina profissional por causa do meu esporte porque sempre tinha meu avô pra me levar pros lugares, então ele sempre me ajudou nessa logística de transporte. Eles sempre trabalhavam e não tinham esse tempo. Sempre acompanhavam incentivando, e acabavam que não precisaram trocar por causa disso. Eu só digo que esporte é bom. Esporte é bom demais.

### INDIVÍDUO 3

Isabela Rocha Gomes Soares. Tenho 21\_anos. Estou no sétimo\_semestre da universidade. Três\_anos\_e\_meio. Meu curso é ciências\_contábeis. E meu esporte é o basquete. Atualmente eu não recebo bolsa\_atleta. Eu recebia quando eu estava no ensino\_fundamental e no ensino\_médio. Eu já recebia uma ba\_estadual e depois eu recebi uma ba\_nacional. Eu sempre pratiquei esporte, porque nos meus primeiros anos de vida minha mãe já me colocou pra fazer natação porque meu avô era engenheiro e queria ter piscina e ela tinha medo disso. Então eu sempre fiz algum esporte na minha vida. Mas depois de um tempo, mais\_ou\_menos no quinto\_ano do ensino\_fundamental teve uma viagem no basquete da minha escola, que era o Marista, minhas primas jogavam. E eu queria viajar com elas e meu pai já jogava basquete. Minha mãe era profissional de vôlei quando ela era adolescente. E por causa disso, estar com minhas primas, a viagem e tudo mais e então eu comecei a jogar basquete. O primeiro contato com o basquete também foi por causa do meu pai, também. Eu já fazia natação, fiz judô, minha mãe jogava vôlei então eu até cheguei a fazer aula, mas o que eu realmente levava a sério era o tênis, porque eu sempre joguei mais sério. Mas o tênis é um esporte\_individual. Eu realmente jogava sério. Joguei campeonato\_brasileiro de tênis com 12\_anos eu joguei alguns campeonato\_brasileiro de tênis. Copa\_das\_confederações. Foi aí que eu tive contato com o basquete, um esporte\_coletivo, mais animado. Eu não tinha muita paciência com o tênis. Queria acabar logo os jogos. Então foi um contato que me fez apaixonar pelo basquete. Pelo público, por tudo. E depois de um tempo que eu conciliava os dois, o tênis e o basquete ao\_mesmo\_tempo, eu abrir\_mão do tênis pra jogar basquete. Eu cheguei a praticar outro esporte mas apenas recentemente. Em determinado momento eu fiz vôlei mas não cheguei a abandonar o basquete, fiz os dois ao\_mesmo\_tempo. E agora na UnB, depois de cirurgia, bolsa\_atleta e toda essa fase, eu larguei um pouco o basquete pra fazer crossfit, esse tipo de

coisa mais voltado na academia. E depois eu voltei a jogar basquete. E agora nesse momento eu não estou jogando. No basquete eu joguei sete campeonato\_brasileiro. Na seleção tem os campeonato\_brasileiro que são assim. São os estados, eles pegam os melhores e fazem um campeonato que nós chamamos de seleção. Então tinha a seleção\_brasiliense. Eu fiz parte de sete seleção\_brasiliense, tanto mais velha, quando eu tinha 15\_anos eu peguei a seleção\_brasiliense sub\_17. E nós jogamos geralmente a segunda\_divisão. O DF tem esse histórico. E no geral nós íamos muito bem. Ganhávamos, ia pra primeira e caia. Mas eu tenho alguns campeonato\_brasileiro. Tanto sub\_17 quanto sub\_15. Foi nessa época que eu ganhei o bolsa\_atleta. Se não me engano com 15\_anos foi quando eu ganhei a bolsa\_atleta nacional, que estava beirando uns 800\_reais. Eu ganhado recentemente o JEBs pelo Marista. A segunda\_divisão. E aí nós saímos em um jornal, tirou foto. Ganhamos o brasileiro sub\_15. Eu peguei o sub\_17 e fomos segundo\_lugar, então foi um ano que eu apareci muito. A escola para o bolsa\_atleta nesse ano era indicação dos treinadores da cidade e aí eu fui indicada por todos os treinadores que tinham tanto masculino quanto feminino. Isso era em 2014. Eu joguei nesse nível até o meu terceiro\_ano do ensino\_médio, que foi nessa época. Minha bolsa\_atleta foi em 2013. Eu joguei e ganhei o estadual em 2014. E eu ia ganhar de novo em 2015, mas eu machuquei e tive que operar o joelho. Foi quando eu tive que parar de jogar e fiz cirurgia. Então essa bolsa\_atleta maior foi em 2013. Eu estava jogando um campeonato sub\_17 de seleções, tava em Goiânia, fui cortar pra cesta e quando fiz isso senti meu joelho girar e acabei rompendo o ligamento\_cruzado. Eu tive uma lesão em novembro. Fiz a cirurgia em janeiro de 2015 e fiquei sem jogar até setembro. Eu até perdi o campeonato\_brasileiro que seria da minha idade. Porque eu já estava competindo no sub\_17 fazia 3\_anos, mas o meu ano de fato eu não joguei. Essa lesão influenciou na minha carreira porque eu tinha uma perspectiva de seleção\_brasileira. Quando eu tinha 15\_anos eu recebi uma ligação para uma pré\_convocação da seleção\_brasileira mas na época estourou um escândalo de corrupção da CBB e o campeonato foi cancelado. Porque nesses campeonatos tem um sul\_americano como amistoso. Depois tem o sul\_americano de fato, depois copa\_américa e por último o mundial. E nós jogamos as classificatórias. Então essa pré\_convocação seria em uma fase de ano de amistoso. O ano seguinte seria o ano da seleção de fato. E eu tive essa pré\_convocação mas não resultou em nada porque a CBB disse que não tinha dinheiro por causa desses escândalos e não participaram do campeonato. E aí depois aconteceu a lesão. Se eu tivesse ido bem nesse campeonato, no meu ano na sub\_17, um destaque nesse campeonato seria uma vaga na seleção\_brasileira. Eu continuei como atleta mas por causa da lesão eu tive mais tempo para estudar, então foi um ano que eu passei aqui na UnB. Eu estava no terceiro\_ano do ensino\_médio. Eu não cheguei a fazer cursinho, mas como eu não podia praticar esporte era muito tempo que eu deixava de treinar, porque eu treinava tanto junto com as mulheres como com os homens. Então eu treinava muitos horários. E mesmo fazendo fisioterapia, não era todos os dias. Então eu tinha mais tempo para estudar do que antes. Eu acho que eu sempre tive que eu iria estudar, que eu iria fazer uma universidade. Talvez eu não seria atleta\_profissional adulto, de abrir\_mão da minha carreira\_universitária para isso. Mas não vou dizer que não é o sonho de qualquer atleta jogar na seleção\_brasileira, mesmo que seja a juvenil. Eu entrei na universidade logo depois do terceiro\_ano, no PAS. Eu entrei em 2016 para o curso de ciências\_contábeis. Eu passei a me considerar uma atleta quando eu estava no campeonato do Marista que nós ganhamos o JEBs e demos entrevista, quando eu tinha uns 14 anos, eu tive que decidir se eu queria jogar basquete seriamente ou se eu iria continuar jogar tênis e basquete ao\_mesmo\_tempo. Foi quando eu abrir\_mão do tênis para jogar basquete e eu comecei a me considerar atleta de basquete para focar no esporte. Foi a partir desse momento que eu me encarei como atleta de alto\_rendimento. Eu passei aqui em Brasília eu joguei pelo Marista, porque aqui as categorias no basquete\_feminino são escolas. Nesse ano do JEBs eu

recebi uma bolsa pra jogar no COC, outra escola na asa\_sul, eu ganhava bolsa pra jogar na escola e foi quando eu comecei a treinar com os homens. Eu melhorei muito meu nível de jogo e foi isso que fez eu ganhar tanto destaque, inclusive o bolsa\_atleta. Teve também a seleção\_brasiliense, porque todo ano tinha dois campeonatos. Eu joguei um campeonato em Recife, eu não cheguei a jogar lá mas era como se uma contratada para jogar um campeonato específico. Foi logo depois que eu mudei para o COC. E joguei pela UnB. Nós fomos para um campeonato, jogamos um que é da CBDU. Mas nunca cheguei a ganhar o bolsa\_atleta\_unb. Porque tinha algumas pessoas que já ganhavam quando eu cheguei e na época teve um corte de salário, o nosso treinador parou de receber dinheiro e ficou mais concorrido o sistema de bolsas. O pessoal atual do basquete recebe porque tem alguns editais diferentes. Antes, o treinador, de nome Joaquim. ele recebia para ser treinador das meninas, inclusive era o treinador das seleções de Brasília quando eu jogava. Ele foi meu treinador em momentos diferentes. Ele inclusive foi uma pessoa importante para mim ganhar o bolsa\_atleta do DF. Ele foi uma das pessoas que me indicou. Ele era meu treinador também. Mas quando eu vim para a UnB era um momento diferente. Tinha algumas pessoas que ganhavam a bolsa\_atleta e ele precisava fazer essa escolha. E quando eu cheguei o edital já tava feito. As pessoas já estavam recebendo. Demorou 1\_ano pra sair outro edital mas ele não estava recebendo, as meninas estavam pensando em dividir a bolsa\_atleta entre todos os atletas. Quem recebeu era quem estava mais tempo na UnB. Quando eu tive uma lesão eu estava no COC mas eu não saí do clube. Eu continuei. Eu ainda estava no COC e mesmo fazendo fisioterapia eu ia assistir os treinos, eu continuei ganhando a bolsa da escola. Eu ganhei a bolsa por causa do basquete. Eu ganhava 50\_por\_cento de desconto na mensalidade. Eu voltei a jogar no final do ano quando teve um campeonato do GDF. Nós não ganhamos mas eu cheguei a jogar outro campeonato depois da lesão. A lesão aconteceu durante a lesão em novembro do segundo\_ano. Aí eu operei em janeiro do terceiro\_ano. E então eu aproveitei essa época para me considerar nos estudos. Depois que eu saí da escola eu só pratiquei esporte só na UnB. Quando eu entrei aqui na UnB, eu entrei em um curso noturno e os treinos aqui são a noite. Segunda-feira e quarta-feira às 19h da noite. No primeiro\_semestre eu tentei conciliar, vinha para UnB na sexta-feira que eu não tinha aula. Eu só tinha aula no segundo\_horário da segunda-feira então eu vinha. Então no primeiro\_semestre eu tentava conciliar. No segundo\_semestre eu montei o horário para tentar treinar. Pegava algumas aulas de manhã e saía do treino toda suada e ia pra aula. Aí no terceiro\_semestre eu também fiz isso. Lá para o quarto\_semestre não dava mais para abrir\_mão desse horário porque eu precisava pegar algumas matérias nesse horário e eu não tinha outra opção. Eu treinava no Centro\_Olímpico pelo clube da UnB. Eu cheguei a voltar a treinar em alguns momentos. Porque quando eu não treinava aqui eu treinava no Vizinhança. As meninas treinavam em alguns outros lugares e eu cheguei a ir em alguns outros treinos. eu fazia matéria de manhã, todos os dias 8h da manhã. E aí eu pegava o segundo\_horário da noite na segunda-feira e na quarta-feira. E todos os dias 19h na terça-feira e na quinta-feira. De manhã eu vinha para UnB eu tinha aula de 8h às 10h.

Depois de 10h ao 12h. Depois eu ia pra casa e almoçava. Minha casa era no parkway, perto do aeroporto. Eu levo minha irmã na escola, depois eu saio daqui, busco ela e volto pra casa. De tarde eu saía pra levar minha irmã pro inglês na segunda-feira e na quarta-feira. Aí eu saía pra academia no iate, aqui perto. Do iate eu já ia direto pro Centro\_Olímpico, treinava de 19h às 21h. Saía umas 20h e quarenta, tipo uns 20\_minutos mais cedo. E ia direto pro PJC pra ter aula até 22h e meia da noite. Demorava uns 10 minutos pra chegar na aula. E terça-feira e quinta-feira eu tinha aula normal, de manhã e de noite e academia a tarde. A tarde ficava livre pra estudar, pra academia. Atualmente eu faço academia todos os dias, geralmente a tarde. Sobre as minhas aulas, a UnB como tava de férias, de dezembro à janeiro, eu acabei fazendo uma cirurgia da tireóide. Esse meu mês não é um modelo do que têm acontecido. Eu tenho



estado parada, mas até antes da cirurgia eu ia para academia todos os dias às 16h. Eu estudava em uma escola\_pública perto da 705\_sul. Essa foi minha primeira escola. Depois eu fui pra uma escola\_particular, no Maria\_Imaculada, perto do Mackenzie. Fiquei lá até o quinto\_ano. O quinto\_ano eu fiz no Marista até o oitavo\_ano. Aí foi nesse ano que eu ganhei o campeonato e no nono\_ano eu fui pro COC. Fiz do nono\_ano até o terceiro\_ano do ensino\_médio no COC, depois UnB direto. O COC é particular. A primeira escola era mais perto da minha casa. Eu morava na 705\_sul. A segunda escola os meus pais construíram uma casa no parkway e essa escola no lago\_sul é bem próxima do parkway e minha tia trabalhava lá. Ela era professora de informática da escola. Depois eu fui pro Marista porque meu pai já tinha estudado lá, então ele gostava do Marista, tinha esporte, que é uma coisa que minha família sempre foi. Meus pais se conheceram por causa do esporte na UnB. Minha mãe jogava vôlei profissional e depois ela entrou aqui na UnB. e meu pai jogava basquete aqui na UnB. Eles se conheceram na verdade em Maceió mas os dois estavam jogando o JUBs pela UnB. Então era uma coisa que sempre foi muito motivada pela minha família e esse foi um dos motivos de que eu mudasse pro marista, porque era uma escola que tinha uma valorização do esporte. Tinha várias oportunidades independente do basquete ou não. Mas de qualquer forma eu fazia tênis na época. E minha escola de ir pro COC foi porque eu ganhei a bolsa na escola de 50\_por\_cento e porque eu competiria, teria um time mais sério. A minha opinião é de que o Marista a média era sete. Eu tinha que me esforçar mais pra atingir os sete pontos. Mas em compensação, no COC eu tinha que fazer mais sozinha. Eu dependia mais de mim. E era meio que um esquema aqui na UnB. Não é que os professores sejam ruins, mas não era meio livre. Mas é que você faz mais as coisas sozinho. A primeira coisa que eu lembro da escola é de amizade. Tanto por causa do basquete quanto da escola em si, mas principalmente a amizade. E na universidade também. Mas inclusive meus amigos da universidade eles são os mesmos da escola. Porque a maioria dos meus amigos acabou passando para administração aqui na UnB e esse curso e contábeis são juntas, as matérias são muito parecidas, então pegamos muita matéria junta, dividimos os mesmos prédios. Então é muito forte essa relação tanto da universidade quanto da escola. O basquete foi fundamental. Eu aprendi muito com esse esporte. Eu lidava com muitas pessoas diferentes. Tanto que eu fazia estágio em um ano atrás eu penso que entrei por causa disso. Me perguntaram quais foram minhas experiências, e não era de escritório. Era algo de lidar com outras pessoas por causa do esporte. De lidar com pressão por causa do esporte. Tem hora que você precisa definir o jogo. Mesmo que não seja seu melhor jogo, você é a que mais treinou, é a que falam que você recebe bolsa\_atleta e tem que treinar mais que todos mesmo. E esse tipo de pressão foi um fator importante pra ter sido aceita no processo\_seletivo que participei. Eu não gostava de ter uma grade muito grande. Eu entrava 7h e 10 e saía 13h e 10. Eu tinha aula de segunda\_feira à sábado no ensino\_médio. Isso era no COC. E eu tinha prova um dia da semana pela tarde. Então eu ficava muito limitada nesses horários. Na universidade eu acho maravilhoso porque eu escolho os meus horários. Lógico que tem semestre que não dá. Professor tá dando matéria em um horário e você tem que fazer. Mas você é mais livre. O que eu não gosto da universidade é que aqui na UnB principalmente, ao contrário de outras universidade\_particular você tem algumas sensações de insegurança, como no Centro\_Olímpico a noite. Você sempre tenta parar o carro o mais claro possível que tem. O mais perto da portaria das quadras. Mais um problema de segurança e infraestrutura da instituição do que no ensino\_superior. Eu não tive dificuldade em nenhuma matéria na escola. Na escola eu achava que era muito mais fácil de conciliar esporte e estudos. Treinar todos os dias. Na universidade parecia que quanto mais eu estudava, mais desesperada eu chegava na prova, porque era tudo muito novo. Na contabilidade tem muito termo que você nunca ouviu na vida. Você ler um artigo, estuda. Aqui na contabilidade você acerta tudo ou erra tudo. Não tem meio\_termo. Eu estudava tudo mas esquecia um

detalhe e tirava dois\_pontos. Na escola eu errava algo e mesmo assim passava. Eu tinha que ter uma boa nota pra manter a bolsa. Precisava tirar seis\_pontos. Mas era muito tranquilo fazer isso porque as matérias eram muito repetitivas. Na universidade não. Eu nunca reprovei. Já fiquei de recuperação mas não por minha causa. Porque além do esporte eu viajava muito. Meus pais viajavam muito pra jogar tênis, campeonato\_sênior. Mas meu pai trabalha no tribunal\_de\_contas e ele não tirava férias de uma vez. Ele tirava ao longo do ano. Então eu sempre viajava ao longo do ano. Eu faltava aula. Então já aconteceu de eu passar em uma matéria sem eu fazer prova. Então minhas notas sempre foram boas porque independente da bolsa tinha essa situação que eu precisava manter as nota\_alta. Claro que a bolsa era algo muito importante, mas independente dela eu tinha que ter as nota\_alta. Na universidade eu reprovei algumas matérias. Duas delas foram nas ocupações da UnB. Eu não tive aula. Mas já teve uma matéria que eu reprovei mesmo, de não conseguir. Eu reprovei porque eu tive falta por causa de um campeonato que participei aqui na UnB. Aí eu faltei uma semana antes da prova. Mas esse não foi o único fator de eu reprovar na matéria. A matéria era muito difícil, exigia muita dedicação. Mas lógico que as faltas influenciaram. Foi no último semestre que joguei. Foi no quarto\_semestre. O professor aceitou a declaração mas ele meio que disse, você tirou menos na prova, pronto. Eu tinha muitos amigos na escola. Quando eu estava no Marista que nós aparecemos no jornal, o pessoal meio que ficaram surpresos por isso. Nós éramos meio idolatradas, por ser criança. No COC, como ganhamos todos os campeonatos porque era um time muito forte, nós aparecemos muito. Foi a época que acabou surgiu o instagram, e elas queriam seguir no instagram, porque eu era a menina que fez ponto. Tinha muita gente que conversava comigo, não necessariamente era meu amigo mas queria estar perto, queria saber o que estava acontecendo. Minha relação com os professores e diretores eram boas. Eles entendiam minha situação com o esporte. Eles sabiam que minha dedicação na escola dependia disso. Por exemplo, na época que teve a pré\_convocação da seleção\_brasileira, se eu tivesse mesmo o treinamento, eu ia ficar três\_meses fora da escola. Se não eu iria ser cortada. E ia ter alguma coisa de estudo a distância. Lista de exercício. Como a ligação foi para a escola, porque ela era o clube, eles já estavam dando um jeito de que eu não perdesse o ano. Muitos dos meus colegas de universidade fazem academia. Alguns deles eu conhecia por causa da escola então algumas pessoas jogam vôlei aqui na UnB. Eu tenho alguns amigos que por causa do esporte até passaram pra educação\_física. Então eu tenho amigos tanto do marista quanto do COC que fazem educação\_física aqui na UnB. Minha relação com os outros professores aqui na universidade é boa mas poucos sabem tirando esses que me viam com a roupa da UnB suadas nos primeiros semestres. Vinha direto de jogo, direto de treino. Esses agora de final de curso não. Eles não conhecem muito esse lado esportivo. Mas minha relação com eles é boa. Antes dos 15\_anos eu me considerava atleta porque eu sempre fiz muita coisa e mais de um esporte por vez. Eu fazia natação e tênis. Depois tênis e basquete. Eu sempre fiz mais de um esporte de uma vez. Teve um fator que foi nessa época do bolsa\_atleta que foi a época do COC também e da bolsa da escola, foi tudo junto, eu comecei a namorar com um menino que eu conheci no campeonato. E ele também é de alto\_rendimento. Ele não morava em Brasília. E nessa época foi que ele era seleção\_brasileira. Eu também queria ter uma seleção\_brasileira na época. Foi a época que eu mais treinei esses anos. A gente namorou uns 3, 4\_anos. Foi até esse tempo até a cirurgia. Foi até depois, porque quando eu entrei na UnB a gente também tava namorando. Mas eu conheci ele um pouco depois dessa decisão de ser atleta de alto\_rendimento porque namorar com ele também reforçava essa ideia, porque ele também vivia uma vida de atleta, jogava no minas, recebia pra jogar, então as nossas rotinas eram voltadas pra isso. Entorno do basquete. A partir do momento em que eu me tornei atleta de alto\_rendimento eu tive mudanças nas amizades, porque eu mudei de escola e eu também recebi alguns convites para jogar fora de Brasília, pra

jogar em São\_Paulo. E agora que você me perguntou eu até lembrei de um clube que eu cheguei a jogar. Eu joguei aqui em Brasília pelo Vizinhança, que eles entraram na liga adulta. Assim, eu treinava mas eu não cheguei a jogar de fato o campeonato. Eu tava inscrita no campeonato mas eu nem joguei. Por isso eu nem considere como clube. Mas eu treinava no clube no adulto mesmo sem não ser atleta de lá. Eu ainda tenho contato com os amigos do marista. Não tanto quanto antes mas ainda tenho. E a maioria que eu tenho contato foi porque entrou na UnB e faz o mesmo curso que eu. Por exemplo, eu tenho um amigo do marista que faz educação\_física e é coincidência e nos encontramos aqui. Eu mudei para o Marista por causa do esporte e pro COC também. Eu entrei aqui na UnB e peguei matéria de manhã pra ter horário livre pra jogar basquete. Eu sempre estudei de tarde fora da universidade, porque eu faço matéria de manhã e de noite, então a tarde eu tenho o horário pra fazer malhação e estudar. Eu tenho minhas aulas de manhã, volto pra casa almoçar e volto às 14h até umas 16h eu fico estudando sem parar. Aí às 16h vou pra academia, tomo banho e venho pra aula. Na escola eu tentava buscar essa rotina também. Em alguns momentos da escola eu fazia curso\_de\_inglês, mas como meu namorado não morava aqui em Brasília eu também tinha mais o fim\_de\_semana. Os meus fim\_de\_semana é quando ele tava aqui, e como ele não morava aqui, eu tirava pra estudar ou estar com ele. Eu tinha que fazer curso\_de\_inglês, eu tinha que treinar. Meus pais sempre acompanhavam meu boletim. Hoje em dia na universidade não, mas assim, até um determinado momento da universidade o meu pai entrava junto comigo no Matrícula\_Web e olhar. Na minha casa meu pai sempre acompanhou minhas notas. Eles sempre foram muito de estar presentes nas matérias. No dia que eu reprovei a matéria foi bem no dia em que ele parou de olhar. Ele não sabe hoje que eu reprovei essa matéria. Eu reprovei em três matérias, mas duas delas foi em ocupações, então não foi culpa minha. Não teve conteúdo. Essa foi culpa minha, eu meio que escondi e ele falou que eu era adulta agora e que não precisava olhar. Eles cobram uma rotina de estudos, de mim até não tanto, porque como eu nunca tive resultado ruim eles sempre acompanhavam minhas notas, mas não cobram. A minha irmã por exemplo ela sofre, porque ela às vezes ela vai em uma prova e meus pais comparam com ela comigo. Na época de escola eles não cobravam porque era uma coisa que eu já sabia que era uma obrigação. Eu pretendo estudar, a princípio eu devo terminar a universidade já esse ano, no verão ou no meio do ano\_que\_vem, e depois disso eu pretendo ou estudar pra concurso, provavelmente, então, eu devo continuar estudando. Alguns cursinhos são voltados para contabilidade pública então eles dão título de pós. Mas eu nunca fiz cursinho e essa vai ser uma experiência nova. E eu acho essa a pior coisa da escola. Ficar sentado na mesa estudando em determinado horário. E aqui na UnB é diferente, você tem um tempinho em uma aula e outra. Eu não sei se vou aguentar fazer um cursinho. Eu fiquei de recuperação na escola em Física. A matéria que eu mais gostava na escola era matemática. A que eu menos gostava era filosofia. Meus treinadores se preocupavam com as minhas notas, até porque a minha bolsa era de 35\_por\_cento de desconto e no final desse primeiro ano de bolsa, que foi o nono\_ano e para aumentar a minha bolsa para 50\_por\_cento, esse foi o fator que foi considerado, porque como eu era boa na escola, ele foi aumentado para 50\_por\_cento. Os treinadores nunca tiveram menor carga de treino por causa de prova mas eu acho que era algo específico pra mim porque tinha outras pessoas que estavam nessa situação de bolsista e tal. Era assim, até tinha uma menor carga de treino mas eu nunca precisei. Eles até podiam flexibilizar os treinos mas como o meu treinador era o mesmo que dava treino para o masculino e eu abrir\_mão do feminino me permitia continuar treinando com ele em outro horário. A escola não provocava dificuldade no meu desempenho no esporte. Aqui na UnB nós geralmente pegamos uma declaração e apresentava para os professores em relação as faltas. Mas no geral, pelo menos aqui na universidade o pessoal não é flexível com ir para campeonato não. Diferente da escola que

aplicava a prova em outro dia. Aqui o pessoal não aceita tão bem as declarações não. Tanto perder conteúdo na escola como na UnB era muito tranquilo porque eu tinha consciência que eu conseguia me virar, ver vídeo no youtube, ler um livro, porque eu acho até mais fácil ler o livro e fazer um resumo, por exemplo. Eu competi tanto no distrital quanto no nacional. Na época de escola as principais competições eram as federações entre Brasília mesmo. Tinham os campeonato\_escolar porque levava para o brasileiro\_escolar. E tinha os campeonatos de seleção, que era os campeonatos com os melhores dos estados. Tinham vários níveis de competição. Da federação, os escolares e a seleção. Eu tinha consciência da minha rotina então pra mim não era difícil conciliar estudos e esporte. Mas nessa época que eu namorava, ele não tinha essa mesma consciência, tanto que ele reprovou escola, à seleção\_brasileira dele era três\_meses fora, então era mais falta do que presença. Então ele tava abrindo mão. Mas como eu tinha uma consciência que eu precisava ter essa vida também, e essa determinação eu não abria mão dela. Eu dava o meu jeito de conseguir fazer os dois, não importava como. Essa experiência esportiva me permitiu ter uma vivência com pessoas muito diferentes, e eu tenho vivências de me conhecer melhor por causa do tênis, que é um esporte\_individual mas eu também tenho contato com outras pessoas por causa do basquete. E como eu joguei em muitas categorias, tive um destaque, eu tenho até um pouco de experiência com liderança também. E isso acaba sendo muito importante pra minha profissão hoje. Porque o contador ele acaba sendo junto com o administrador, sendo um gestor de uma empresa, mesmo que seja em um concurso. Ele acaba tendo cargos importantes de administração. A profissão que eu pretendo seguir, o sonho de carreira seria auditora da receita\_federal. No basquete eu acho que os principais gastos são até aceitáveis em relação com outros esportes, porque por exemplo, o tênis é um esporte bastante caro. O basquete não. O que eu tinha de gasto era academia, em alguns momentos de alto\_rendimento eu tinha nutricionista e suplementação. De material não precisava porque isso era fornecido pelo clube. Quando a gente joga os campeonatos aqui em Brasília a inscrição fica por conta do clube. Mas essas campeonato\_brasileiro, por exemplo, ela fica por conta da federação. E os campeonato\_brasileiro, por exemplo, o JUBs, temos um ajuda de custo pela UnB. Outras coisas tem o COB\_Brasília. Tratamento\_médico eu usei o plano\_de\_saúde do meu pai. A academia sempre foi meu pai. Mesmo quando eu ganhava o bolsa\_atleta, assim, porque como a minha condição\_financeira não é ruim, o meu pai dava esse dinheiro pra ser a minha mesada. Tipo um bônus por eu estar praticando o esporte em alto\_rendimento. Então esse dinheiro ficava pra mim gastar como eu quisesse, seja quando meu namorado vinha e ia no restaurante e ia no cinema, dava pra gastar livremente. Mas a cirurgia em si foi o plano\_de\_saúde que era do tribunal do meu pai. Nutricionista e suplementação era por meio do bolsa\_atleta mas a parte da academia sempre foi meu pai que pagou. Eu conheci o bolsa\_atleta porque eu fui indicada. Chegou um email pra mim falando que eu estava apta pra ganhar o bolsa\_atleta e eu falei LEGAL. Mas eu nem sabia que existia o bolsa\_atleta e nem que alguns amigos ganhavam porque você só ganha acesso a lista de quem ganha quando você está dentro dela. Eram doze pessoas que ganhavam e era muita gente para uma ambiente pequeno. Eu nem precisei me inscrever, eu já ganhei. Eu não cheguei a me inscrever pra ganhar, eu já cheguei ganhando. O bolsa\_atleta foi meu primeiro benefício financeiro. Atualmente não recebo nenhum outro benefício. Eu ganhei o bolsa\_atleta em 2013 e 2014. Eu ganhei o campeonato em 2012 e aí chegou um email dizendo que eu ganhei o bolsa\_atleta já em 2013. O bolsa\_atleta me ajudou a ganhar outras competições depois porque é um incentivo a mais. Essa primeira bolsa\_atleta que eu ganhava eu usava pra suplementação, eu cheguei a tomar whey\_protein na época. Eu pagava nutricionista. Academia meu pai pagava e eu usava um pouco pra mim, pra sair no fim\_de\_semana. Ir no salão arrumar meu cabelo. Tinha livre, tipo um salário. Depois diminuiu porque virou a estadual. Eles deram a nacional pros meninos que,

no bolsa\_atleta de basquete aqui em Brasília serve tanto pro feminino quanto para o masculino. E a gente foi enquadrado no estadual. Porque era só duas meninas que ganhavam. As pessoas mais importantes pra me tornar uma atleta foi meu pai, minha mãe e minhas duas primas. O meu namorado me influenciou pra me dedicar mais ao esporte. Meus pais me apoiavam bastante. Na pré\_convocação da seleção\_brasileira meu pai me acordava 5h pra gente ir arremessar antes da aula. Eu acordava 6h normalmente e eu comecei a acordar 6h e praticava 1\_hora de arremesso, tomava banho e ia pra aula. Isso aconteceu um mês, um mês e meio, quando ia sair a convocação oficial mas ela não saiu por causa das circunstâncias. Quando eu encontrava como meu namorado nós conversávamos muito sobre o esporte porque, mais do que pra mim, ele vivia pra isso. Ao contrário de mim ele dependia do esporte financeiramente. Então pra ele aquilo era a vida dele mesmo. Então muitos dos nossos assuntos era sobre basquete. Eu sabia todos os nomes dos jogadores da liga masculina, tudo, tanto do pessoal quanto na questão do esporte, quanto eles chutavam a cesta, qual era o índice, sabia tudo. Minha família encarava minha relação com o esporte como algo positivo. Como meus pais fizeram UnB eu meio que tinha essa obrigação de passar para a UnB também. Eles me influenciaram muito nos estudos. Eles falavam que eu tinha que passar na UnB. Meu pai falou que se eu quisesse ter um carro eu precisava passar na UnB e tal. Mas pensando um pouco antes, meu pai comprou um carro e disse que aquele carro seria meu mas só se eu passasse na UnB. Se não ia ser vendido. Eu admirava muito o LeBron\_James porque ele é um jogador que se destaca muito. Ele faz todas as posições e quando eu fui para o COC não tinha um time formado quando eu ganhei a bolsa no primeiro ano. Então chegava de pegar a súmula desse primeiro ano, como eu treinava também com homem, eu era muito mais rápida do que as meninas. Eu era muito mais magra também, antes da cirurgia. Então o que acontecia antes do campeonato\_escolar. São quatro\_tempos no basquete. Então nós precisávamos ficar fora em um dos quartos do jogo. Então eu ganhava o jogo nos três\_quartos sozinha e nesse um que eu não tava nós perdíamos o jogo. Então ele é um jogador que é decisivo, ele faz todas as posições se precisar, ele leva o time mesmo sem ter gente. Não é que os jogadores sejam irrelevantes, mas ele se destaca no meio dos outros. Ele é uma pessoa que naquele momento que eu estava vivendo eu me via nele. Eu queria ser tão boa, tão grande quanto ele era. Eu acho que essa questão do meu ex\_namorado pode ser relevante porque como é uma análise dessa vida dupla, eu tinha essa vida com a consciência de que eu precisava estudar e mesmo que eu levasse a vida de atleta e quando eu chegasse que decidir eu iria decidir, mas eu iria estar com as duas vidas até o limite. E eu vi ele seguir uma vida que não era assim. Ele tava abrindo toda a vida na parte escolar, que poderia até dar um futuro melhor que ele vive. Ele abriu mão de toda essa parte acadêmica pra viver o basquete. Eu vi o tanto que ele sofreu. Era difícil estar sujeito a uma subjetividade do treinador. Porque às vezes você pode ser o melhor e o treinador pode simplesmente não te colocar na quadra. E eu vi várias dificuldades no esporte que não está na sua mão. Assim como na sua carreira profissional, não está na sua mão ir para um processo\_seletivo. Mas eu vejo hoje que o esporte, principalmente o basquete é mais subjetivo. O basquete não é futebol. Tem muito menos dinheiro envolvido. Uma profissional de basquete ganha quatro\_mil\_reais, cinco\_mil\_reais. Mas o que é isso? Depois que ela parar de jogar ela aposentou. Se ela não soube poupar, acabou os ganhos dela. Ela precisa de um investimento. E no basquete isso é muito pouco. Uns quatro\_mil\_reais, cinco\_mil\_reais, se você está em uma vida\_pública, é para sempre. É uma perspectiva de estabilidade, e no esporte não tem estabilidade. Um dia você pode ser o melhor de todos. Você machucou e você não sabe o que vai acontecer.

Meu nome é Marina de Camargo Santos Neta, tenho 20\_anos e estou no sétimo\_semestre da universidade de administração. Meu esporte é a natação e minha bolsa era o bolsa\_atleta ba\_estudantil. Esportes em si é algo que está associado com meu pai e com os três pilares que ele considera importante na educação, a família, a educação\_religiosa e educação por meio dos esportes. Então meu pai sempre colocou isso na nossa cabeça desde jovem. Então já com 6\_anos de idade eu já estava competindo na natação. Mas já fiz outros esportes, mas meu pai sempre puxava sardinha pra natação. Mas os esportes sempre estavam presentes na minha educação. Eu nadava dias alternados, já fiz saltos\_ornamentais, fazia ginástica\_rítmica, equitação, mas sempre fazia natação, sempre teve desde sempre. Na verdade eu optei pela natação, porque no início nós começamos a fazer natação por sobrevivência, porque é importante saber nadar pra caso caia na piscina não irá se afogar, ou em um rio, cachoeira. Então iniciou com essa preocupação. Aí ao longo do tempo, meu pai era mais presente na questão da natação, de nós participarmos do esporte e abrir novas portas, eu e meu irmão gostamos mais da natação. Então nós optamos pela natação. E quando eu terminei já estava com 17\_anos. Na natação eu ganhei os campeonato\_brasileiro. quarto\_lugar do campeonato\_brasileiro, MOCOCA, que é um campeonato\_sulamericano em são\_paulo, o GIMNASIADE, um campeonato\_mundial que aconteceu em Brasília. E campeonato\_regional do centro\_oeste, que era a galera que nós mais conhecemos mas que era bom porque era mais tranquilo em referência ao campeonato\_brasileiro, então podíamos curtir mais, então nossa brincadeira nem era ganhar a medalha, mas sim bater o recorde do campeonato. Eu passei a me considerar atleta a partir do momento que troquei de treinador. Porque no início eu comecei em uma academia, indo treinar no DEFER, e depois de muitos anos lá, com 11\_anos, uma antiga professora minha, a Adriana, do escola Marista, ela virou uma auxiliar do Hugo\_lobo, um treinador muito bom. Com o passar do tempo eu comecei a treinar, me saí bem em algumas competições, e o meu pai achou o DEFER fraco. Fui treinar no Minas com o Antônio e com o Mario e em uma das competições acabou que o Minas tirou a piscina da equipe, então tivemos que mudar de lugar. E nessa transição nós ficamos sem treinar, e a Adriana chamou pra ir treinar com eles. E ali eu percebi que lá minha realidade mudou. Lá era um treinamento para ser atleta, não uma brincadeira. Então um hobby virou um esporte. Porque mesmo no Minas eu treinava pra competir, ir pra campeonato\_regional, meu foco era nas campeonato\_distrital. No hugo era muito diferente, o treinamento era muito puxado e o foco era para conseguir ir para campeonato\_brasileiro. Passei pelo Minas, o DEFER, PLIN, que era uma academia pequena, e por fim a AABB, com o Hugo\_lobo. Meus treinadores mais marcantes foram a Adriana, o Hugo\_lobo, o auxiliar técnico dele, o Cleiton, e por fim o Fabrício, já mais na frente. Você percebe a diferença de um lugar para o outro. O tipo de treinamento, o foco do técnico e da equipe. Por exemplo, no Minas eu era muito jovem para treinar como eu treinava com o Hugo, mas segunda\_feira eu não treinava, tinha dia de recreação, no Hugo não existia essa palhaçada. Não existia isso. Ou você treina muito, ou você treina muito. Sai daqui e vai pra academia, depois funcional e vai. E todos que estão nessa equipe, com esse projeto de vida, de participar das olimpíadas, quando nós começamos a treinar eu fiquei surpresa como o pessoal treinava muito, e realmente a carga de treinamento era absurda. Nós tínhamos três módulos em um semestre. Porque a cada 6\_meses nós estávamos nos preparando para um campeonato. Então no início do ano nós treinamos a nossa base, que era muito pesado. Nós voltamos de férias, tinha que ter engordado durante essa 1\_semana de férias, e depois tínhamos que ficar na forma. Nessa primeira semana nós começamos com 3000\_km e no final dessa base, que era de 3\_meses, nós estávamos terminando com 15000\_km nadando. Depois disso nós voltamos para o específico. Eu era fundista, tem o velocista e o meio-fundo. Velocista é provas de 50\_m, meio-fundo até 400\_m e acima disso é fundista. E começava esse treinamento começando de madrugada e a tarde.

Então treinava antes da aula de madrugada, ia pra aula, saia da aula, almoçava e ia pro treino de novo. E depois o polimento, que era uma ou duas semanas antes da competição, onde nós nos soltávamos. A nossa carga de treino tava 60000\_km por semana e caia para 15000\_km por semana. Eu começava a treinar às 4h40 da manhã, acordava às 3h40, e entrava depois lá no treino na AABB. A maioria do meu tempo de treinamento foi na AABB. E ia até às 6h. Das 6h eu ia direto pra escola. Tomava banho e ia direto pra escola. Eu entrava na escola às 7h10 e dependia até que horas eu ficava. Era até às 13h. Mas depois de um tempo, no ensino\_médio eu comecei a ter aula a tarde. Eu estudava no Dom\_Bosco. Aí depois eu ia almoçar, as vezes em casa ou lá na escola mesmo, pra ir direto pro treino. O treino começava às 15h e acabava, dependia muito, em média acabava quase umas 20h da noite. Porque eu chegava lá, fazia um funcional antes de entrar na piscina, depois começava o treino, e depois desse treino nós íamos pra academia. Variava muito porque dependia da época de treinamento. Quando estávamos fazendo base, saímos umas 22h do clube. Mas em média, saíamos às 20h. Treino era de segunda-feira à sábado. Domingo era o dia de descanso, entre aspas, porque as competições eram no sábado ou domingo, ou dependendo quando nós íamos participar das competições nós emendamos, de segunda a segunda. Minha mãe que me levava sempre. Eu demorava uns 25min de casa pro treino. Da escola para o treino era uns 10min, e quando eu fiquei mais velha minha mãe não podia me levar da escola pro treino, então eu ia de treino, demorava mais, então eu saia da aula, almoçava e ia direto pro treino, porque só passa uma linha de ônibus no setor\_de\_clubes. Às vezes eu chegava atrasada na escola, rolava muito. Porque nós saímos do treino, e acabava que durava mais do que nós pensávamos, passava muito no banho, e chegava em cima da aula, atrasada, esperava pra segunda aula. Não é que eu dava preferência a escola, isso era complicado porque naquela época eu era muito focada na natação, mas eu comecei a me atrasar pros treinos no ensino\_médio quando eu comecei a estudar a tarde também, então dava choque de horários, então eu chegava um pouco atrasada no treino e tinha que compensar para a noite. Eu ficava muito cansada do treino a ponto de eu ficar com muito sono durante a aula, mas, no ensino\_médio eu praticamente só dormi na sala\_de\_aula, porque eu estava com uma carga de treino muito forte. Um pouco no ensino\_fundamental também. Porque eu estava extremamente cansada e o local que eu tinha pra dormir era ali. Mesmo se eu tomasse o guaraná\_em\_pó que me ajudava a ficar acordada, tinha uma hora que a adrenalina caia do treinamento, e o hugo cobrava muito, então, tinha época que eu treinava de madrugada a semana inteira. Chegava às 4h40 e ia dormir quase às 23h da noite. Não sustentava. Eu acabava me concentrando muito pouco na aula. Mas apesar disso, eu sempre fui bem nos estudos, apesar da natação me sugar muito, eu sempre tive muita facilidade para aprender as coisas, meu professor pode estar apresentando, mas eu conseguia estudar sozinha, eu sabia me virar nisso. Foi uma coisa que não me afetou tanto. Eu nunca reprovei uma matéria independente da situação, nunca fiquei de recuperação. A média lá da escola era 7\_pontos, mas mesmo assim, se você for olhar meus boletins, não tinha nota ruim, eu sempre fui aluno\_destaque da escola. Até porque a escola usava a minha imagem associada a isso. Aluno\_destaque atleta. Eu tive banner na escola, quando eu participei do JEBs, então foi bom, nos dois quesitos. Consegui de certa forma carregar os dois. Eu comecei a parar a natação porque você chega a certo ponto que você atinge um limite no esporte, então você começa a se reinventar, começa a fazer um treino diferenciado, ou muda suas provas, porque acaba que fica deprimido, porque você não consegue mais melhorar o tempo, treinava seis\_meses pra essa prova, duas\_semanas antes eu pioro muito, chego na competição que eu treinei seis\_meses e não tenho o rendimento. Meu treinador era extremamente difícil, então ele falava que entrava quem quisesse, ficava quem aguentava. Porque nós treinamos nesse ritmo e ninguém mais treinava assim. Nós conseguíamos excelentes resultados mas a base de muita dedicação. E quando você se dedica tanto e não consegue melhorar seus resultados,

você fica bem triste, porque você está treinando tanto e você se cobra naturalmente, seu pai e sua mãe te cobra de certa forma também, e seu treinador, ele fazia uma lavagem\_cerebral em mim, eu treinava de madrugada! Mas ele acabava com todos nós. Nos humilhamos. No meio de campeonato nós saíamos chorando, limpava a cara, ia conversar com ele na arquibancada e ele mandava olhar no olho dele, e a arquibancada toda ouvindo que eu não era atleta dele, que eu não representava o time dele porque ele não fazia atleta daquele nível. Jogava na minha cara que se eu estava indo para pagar vexame, que eu estava fazendo meus pais fazerem tudo isso pra aplaudir os outros. Então tudo isso, ir treinar, pegando ônibus, chegar lá e só ser humilhada, ou treinar pra caramba, se matando e ele dizer que não está bom. Isso já deu 22h da noite e você treinando ainda e não consegue melhorar seu tempo. Então isso é uma série de coisas que vai somando ao longo do tempo. Você está treinando e você observa que outras pessoas você ganhava facilmente e hoje elas é que ganham de você. Eu treinava tanto e não conseguia resultados. Cheguei em um nível que eu não estava mais conseguindo melhorar. E eu acredito que a pressão externa, cobrança de mim mesmo. Isso tudo gerou algo que me travou muito. Então decidi mudar de treinador. Eu mudei para outro treinador, o Fabrício, que era o treinador do meu irmão, ele dava aula na ASBAC, eu gostava muito dele e tinha muita proximidade com os atletas dele. Mas eu não consegui me adaptar ao treino dele e acabei lesionando o ombro. Eu tinha passado seis\_anos da minha vida com alguém que treinava extremamente pesado. Mas ao mesmo tempo que o treino era pesado, nós temos muito funcional para cuidar do ombro, pra cuidar da parte física, e quando eu cheguei no outro treinamento, algumas coisas me incomodaram. O horário por exemplo, então 4h50 eu tinha que estar no lugar, se eu chegava atrasada eu já ficava extremamente preocupada. Então o outro treinador não tinha esse mesmo policiamento. Era algo muito mais tranquilo. Não era um padrão militar como eu tinha vivido. Então eu estranhei isso. E na época eu só treinava com homens. E eles eram melhores do que eu, eram mais velhos, e o treino não me dava o foco que eu precisava. Eu era fundista e alguns era meio-fundo, não tinha divisão de treino para cada um, então acabava que não estava rendendo pra mim. Ou então eu não conseguia acompanhar eles na série e não pegava a saída com eles, e com isso eu ficava com defasagem. Acabava que a série era 5000\_km e eu só fazia 4000\_km, pra terminar todos juntos porque só tinha um treinador. E eu ficava chateada porque eu não fazia malhação, porque nós fazíamos juntos, mas estávamos cansados e eles não iam fazer isso. Eu não me adaptei ao treino dele, o que gerou uma lesão, no futuro isso me deixou mais chateada ainda. Acabou que eu fui desistindo aos poucos. Porque a prova que eu tinha foco eu não conseguia, fazia fisioterapia, acabei pegando uma infecção no braço que gerou um nódulo na minha corrente\_sanguínea, ou eu fazia pulsão ou eu dava um tempo nos treinos. Nisso já era setembro do terceiro\_ano do ensino\_médio. Meu pai me perguntou se eu não deveria parar de treinar, porque o treino era caro e eu não estava indo pra nenhuma competição, se eu não preferia fazer um intensivo para estudar para o ENEM, e então foi aí que eu percebi que nunca tinha parado para pensar no que eu quero fazer da vida. Que caminhos eu tinha além da natação. Ou porque eu vou insistir em algo que não está dando resultados. Então eu largue a natação, isso foi muito ruim pra mim porque eu senti muita falta do esporte, então eu parei tudo, então o nível de treinamento era altíssimo e virou pra mim não fazer nada, passar o dia inteiro estudando. Comecei a ter vários problemas de saúde, problemas psicológicos, comecei a ir para psicólogo. Quando eu passei pro ENEM, consegui nota mas nem sabia que curso escolher. Logo que eu passei no ENEM eu voltei a nadar no Minas, mas algo mais tranquilo, mas não foi muito bom porque eu não tinha associado que eu não estava mais no nível de atleta de alto\_rendimento. Eu não me considerava mais atleta porque eu não estava acompanhando mais aquelas pessoas no dia\_a\_dia. Eu não tinha mais os mesmos resultados. O condicionamento\_físico eu não tinha mais, e a falta disso e a sensibilidade com a aula é algo que todo dia você precisa treinar. Nós



sentíamos uma falta de um dia sem treinar, eu passei seis\_meses sem treinar. Então quando eu tentei voltar, foi a lesão no ombro, o problema do nódulo na corrente\_sanguínea, eu treinava e ele travava a corrente\_sanguínea e meu braço inchava. Então foi uma série de coisas que eu não treinei nada em um ano. Quando tentei voltar a treinar eu percebi como meu nível caiu. Isso era em 2015 para 2016. Então foi muito complicado essa fase, porque, meio que sempre foquei no esporte, acabei não dando essa visão para o que eu queria fazer na minha vida em si. Toda essa época que eu comentei eu estava com 16\_anos para 17\_anos. Lá no meu segundo\_ano do Ensino\_Médio. Aí no terceiro\_ano foi que eu me concentrei aos estudos. É, em 2017 eu estava treinando mais como um hobby, porque quando eu parei tudo eu não consegui voltar no mesmo ritmo. Mas eu treinava no Minas, e foi aí que eu vi que não estava mais ao mesmo nível. Eu até parei de novo de treinar. Comecei a estudar no Monteiro\_lobado, acho que era na 912\_norte. Depois eu fui pra Escola\_Classe\_305\_sul até a terceira\_série. E depois eu estudei até o final do ensino\_médio no Dom\_Bosco. E agora estudo na Universidade\_Católica\_de\_Brasília no curso de Administração. Só a escola\_classe\_305\_sul era particular. A monteiro\_lobato, dom\_bosco e a Universidade\_Católica\_de\_Brasília eram particulares. Meu pai escolheu essas escolas porque ele tinha uma empresa de transporte\_escolar então ele fazia parceria com as escolas. Monteiro\_lobato eu acho que ele conseguiu por aquele deputado Izalci, que pagava metade, dava um cheque com o valor da metade da mensalidade. Tem um programa que é mais ou menos isso. Depois disso eu acredito que acabou esse projeto e eu fui pra escola\_classe e com o transporte\_escolar ele fez uma parceria com a dom\_bosco com 50\_por\_cento de irmãos, cada um pagava 50\_por\_cento. Meu irmão tem dois anos de diferença de mim. É mais velho do que eu. Quando começamos comecei a treinar e a escola viu que eu tinha potencial e comecei a participar e ganhar os JEBs, então eles deram uma bolsa para nós de 100\_por\_cento. Isso eu estava na sétima\_série. E acabou que não pagávamos mais nada no dom\_bosco. Até o final do ensino\_médio. Eu lembro muito dos amigos quando eu penso em escola. Eu lembro muito do dom\_bosco. Ele foi muito importante porque não era uma escola só focada na questão de passar no ENEM, no vestibular. Pregava muitos valores. Isso para mim era muito mais importante era essa questão, porque eu tinha uma família na nataçãõ e outra na escola, que são os amigos que eu estudei a minha vida inteira, e pessoas na nataçãõ também. Os meus amigos eram diferentes da nataçãõ e na escola. E as amizades na nataçãõ eram muito mais fortes do que as da escola. Dom\_bosco também era uma escola religiosa. Católica. A universidade já foi uma decepçãõ atrás da outra porque nós saímos do ensino\_médio iludidos com os padrões da vida, achando que tudo vai ser fácil. Que a minha dedicaçãõ a nataçãõ já me ajudava, e isso vai me ajudar a conseguir mais coisas. Chegando não era assim na realidade. Foi muito complicada porque eu estava passando por bastante problema. Eu não gosto da universidade em si, porque eu sempre vi pessoas dedicadas, via na nataçãõ alguém que se dedicava muito naquilo. Quando eu cheguei na universidade não era isso. Era cada um por si, mas eu ficava triste por ter que levar os outros nas minhas costas e eu não gostava disso. Eu entrei no primeiro\_semestre no projeto\_de\_pesquisa, tem empresa\_júnior. O projeto\_de\_pesquisa foi e é muito importante pra mim. Mas na empresa\_júnior as pessoas queriam horas ali. Eu comecei a ver que as pessoas estão ali para trocar por algo, não para aprender. Para ter a experiência. Se eu não tinha a opção de estar no projeto\_de\_pesquisa como bolsista, eu vou entrar como voluntariado. E as pessoas não têm essa visão. Ou então chegar em uma boa aula e tentar tirar o melhor dali, e não sair pra fumar narguilé no meio da praça. Então foi muito importante pra mim para ver a realidade da vida. Porque ela me mostrou o que é o que. Esse seria o que eu tirei de positivo. Eu entrei na universidade\_católica\_de\_brasília com bolsa de 100\_por\_cento. O que eu não gostei na escola é que eu dei tanto foco na nataçãõ que eu perdi muitas oportunidades, diversões com a galera. Eu falo que eu tinha muitos amigos na escola, mas essas amizades em

relação aos que eu tinha na natação eram muito superficiais. Eu dava muita preferência ao pessoal da natação. O pessoal da escola queria ir pro cinema e eu não ia, ia com o pessoal da natação. Ia ter excursão e eu não ia, ia pros treinos da natação. Então isso foi uma coisa ruim que eu não aproveitei quando eu podia. Hoje em dia você precisa estar muito focado no seu profissional e acaba que você não tem muito tempo. Não tenho como curtir uma tarde livre. Então desde muito cedo estive muito focado e não pude curtir as coisas daquela época. Não tinha nenhum amigo que era do treino e da escola. Isso é até chato porque quando você falava que nadava e treinava pra caramba, as pessoas começaram a acreditar que eu era realmente atleta quando o dom\_bosco começou a me usar como propaganda, e quando eu comecei a realmente a só dormir em sala de aula. Elas viram que eu treinava pra caramba, tinha acabado de chegar do treino direto pra escola de manhã e eles ficavam muito surpresas. Às vezes eles achavam que eu tava mentindo, falavam que também nadava, mas o que eles nadavam nem se comparava ao que eu fazia. Comentava que fazia esporte, três vezes na semana, uma\_hora. Então ficava meio chato porque as pessoas não entendiam o nível de exigência que eu estava no esporte. Eu estava extremamente estressada, preocupada com o treino. O pessoal já não estava preocupado com nada. Minha relação com professores e direção sempre foi muito boa. Eu sempre fui meio nerd, então mesmo eu treinando eu ia bem na escola. Porque eles sabiam que eu estava cansada, tava no meu limite, mas eu estava me esforçando. Então tudo que eu precisava eles estavam aptos para me ajudar. Então os professores eram muito meu fãs. Sempre gostavam de mim. Sempre tive uma boa relação com o corpo docente. E isso me ajudava. Já era pra mim ter reprovado por falta na época do dom\_bosco, porque eu viajava muito, mas eu apresentava as declarações e eles me deixavam tranquilo. Caso a prova caísse na época da viagem eles remarcaram a prova, e vai. Eu ficava viajando mais ou menos uma\_semana. Nós tínhamos as plataformas a distância pra estudar, então não passava um conteúdo específico. O que me ajudava bastante era abonar as faltas e horários. Porque tem que ter os 75\_por\_cento de presença, mas eu chegava atrasada por conta do treino da madrugada. Viajava muito tempo e perdia as aulas. Muitas viagens e eles sempre abona minhas faltas. O conteúdo os professores sempre estavam aptos a me dar outras opções, falavam pra me entregar o trabalho antes, ou conversava com as pessoas do grupo e via se tinha participado, então não precisava apresentar. Prova dava pra remarcar depois. Na universidade eu também já tive prova remarcada mas por conta de apresentação em congresso. O que foi ruim pra mim na universidade foi quando eu quis voltar pra nadar, e eles não incentivam o esporte. No UniCEUB eles incentivam, oferecem a piscina e o treinador pra treinar, pagar uma taxa mínima pro treinador. Ou pagar a ida para o JUBs ou participar das campeonato\_master seria muito legal. A Universidade\_Católica\_de\_Brasília eu quis treinar às 11h40, e tinha uma piscina que era oferecida para os alunos de educação\_física, e a piscina era fechada às 12h e ele tinha que almoçar e eu só tinha 20min para praticar. A estrutura era muito boa, nadadeira, pranchinha, não precisava de tudo esse material, só óculos e maio, mas eu podia pegar o treino com outra pessoa, dava uma nadada lá, mas todo dia era assim. Aí começou a ter terça\_feira e quinta\_feira um trabalho voluntariado pra fazer hidrogenástica, aí eu falei com o treinador e ele disponibiliza uma raia para que eu treinasse. Mas começou a ficar chato porque quando a turma dele começou a crescer ele pegava a raia. Você treinar sozinha também é chato. Aí eu pensei que não precisava ficar fazendo isso, então fui fazer estágio. Então isso na Universidade\_Católica\_de\_Brasília foi muito ruim. E quando eu participei do JUBs também, a Universidade\_Católica\_de\_Brasília não é federada, então eu precisava correr atrás de outros meios. Precisava levar um documento para assinar e ninguém assinava, nem o reitor queria me atender. Essa questão na Universidade\_Católica\_de\_Brasília é muito ruim mesmo. Se eu estivesse em uma instituição que desse valor ao esporte, porque eu não teria voltado? Eu não voltaria para o absoluto, mas para o nível universitário, com

certeza. Quando eu decidi ser atleta foi quando eu ganhei a bolsa do dom\_bosco e eles começaram fazer uma divulgação de mim. E outro quesito foi o meu corpo. O meu corpo mudou muito, eu era muito masculina. Atleta de natação é muito masculina, não tem peito, costas largas, muito forte. Treinava no sol então era muito negra. Hoje eu sou branca. Antes eu era torrada de sol. Não que as amizades mudaram em si, mas elas tiveram outra visão de mim. Viram que eu me dedicava muito. Sempre tive muitos amigos homens, porque os assuntos eram muito masculinos, me perguntavam qual era a série de academia que eu fazia, qual suplemento eu estava tomando. Perguntavam porque eu tava tomando os suplementos. Acabava que eu levava um pouco da minha rotina de treinamento para a escola. Mas eu acredito que era muita admiração por parte dos meus colegas. Nunca mudei de escola ou de turno por causa do esporte. Sempre estudei de manhã. Tinha uma quantidade normal de dever de casa. Eu treinava pra caramba mas eu dava conta de tudo. Eu já fazia o trabalho da escola desde cedo. Eu sempre fui muito responsável com meus deveres e obrigações. Então eu sempre tirava tempo livre para resolver os deveres da escola. Se eu não tinha dever que eu não conseguia fazer eu pedia ajuda e tentava fazer na hora. Eu fazia o dever depois do treino ou antes do treino da tarde, que é aquele período de 13h às 15h. Meus pais acompanhavam mais\_ou\_menos o meu boletim, nunca tive problema na escola. Meus pais não ficavam cobrando muito que eu estudasse. Quem cobrava que eu tirasse nota boa era o hugo, porque quantas vezes eu já vi ele proibindo alguém porque estava tirando notas ruins. Por mais que parecesse que ele não se importava com a escola e focava na natação, mas ele também ensinava que se você quer ser referência no esporte, você precisa ser bom na escola também. Hoje nós temos uma grande falta de infraestrutura, muitos atletas vão pros grandes clubes e você se afasta da sua família, acaba sofrendo por se matar para treinar, Meus amigos moram no Rio\_de\_janeiro e eles precisam mostrar resultados se não são demitidos do clube. Vai voltar a realidade dele de outro estado. A carreira esportiva também é muito instável, as vezes você está bem, mas aí se lesiona e acaba tudo. Nunca que o hugo iria diminuir minha carga de treinos por causa que eu estou na semana de provas. Era tudo igual. Na escola isso também não acontecia. Só flexibilizou caso eu vá para campeonato. Eu representava a escola pela natação no JEBs. O Hugo não gostava que eu participasse desses campeonatos. Eu já tive grandes brigas por isso, porque eu era bolsista e eu precisava representar a escola nos campeonato\_escolar. O hugo era muito focado nas principais campeonatos, então ele montava um planejamento para esses campeonatos específicos do calendário. O JEBs era durante uma semana, mas ele não aceitava que eu iria viajar sem o meu treinador. Eu não fazia treinos de madrugada porque não tinha condições. Eu fazia o reconhecimento da piscina e fazia isso durante uma\_hora. Então ele odiava porque quebrava muito o ritmo de treino, e, querendo ou não, a nossa liberdade a mais. Você passa 24h com seu treinador, você viaja com seu treinador, escuta humilhação dele o tempo todo, e aí essa semana pra mim fazer o que eu quisesse. Aí eu curti muito, nem treinava direito. Acabava que nós tínhamos excelentes resultados porque a minha carga de treino era pra outros campeonatos muito maiores do que no JEBs. Muitas dessas pessoas que encontrávamos lá não ia para campeonato\_brasileiro. Nós batemos recorde e tudo mais. Eu já fui atleta da secretaria\_de\_esporte\_e\_lazer, é porque essa época eu já estava nas campeonato\_master, e eu era atleta do SEL, que é a equipe máxima do DEFER, mas o Minas tem uma equipe mas não era por ela. Mas eu não estava competindo normalmente, só para o campeonato\_master, porque eu não estava dando conta das competições. Para conciliar esporte e estudos precisa de muita disciplina. Não era fácil, as vezes olho para trás e fico surpresa como eu consegui lidar com isso. Mas o código mudou muito, e em outras escolas seria mais puxado, então isso me ajudou. E o esporte também me ajudou muito, apesar de me cobrar muito tempo, estudar muito, mesmo eu treinando pra caramba eu me saía muito melhor na escola do que muitos que estavam só estudando. O que o esporte me trouxe hoje é muito

isso. Quantos amigos que eu vejo na universidade que só estudam, faz uma coisa ou outra e não está mais conseguindo lidar. Eu penso que eu nadei tanto tempo, treinei tanto tempo, fiz também a escola, me sinto inútil ficar só estudando. Foi então que eu fui na secretaria e comecei a fazer um monte de coisa. Foram habilidades que eu levei pra vida inteira, disciplina, perseverança, nunca desistir mesmo que esteja pesado. Quando eu entrei na Universidade\_Católica\_de\_Brasília eu não sabia o que eu queria da minha vida. Até hoje eu não sei o que eu gosto. Isso foi um ápice. Mas eu não vou dar o meu braço a torcer se eu ganho bolsa de 100\_por\_cento e não vou terminar. Eu vou terminar a universidade e o que eu assumir. Eu comecei as matérias de economia, cálculo\_1 e o professor me convidou pra participar de projeto\_de\_pesquisa, e eu sempre fui ambiciosa, sempre aprendi a querer mais, a correr atrás das coisas que eu quero. Eu não sei o que eu quero, mas se apareceu uma oportunidade eu vou correr atrás. Sempre tive muita garra. Se eu posso fazer um projeto\_de\_pesquisa. Se eu posso entrar na empresa\_júnior eu vou entrar e me dedicar. Se eu vou entrar no estágio, eu não vou ficar preocupada só com ganhar o dinheiro, independente disso, eu quero estar aprendendo. Isso eu tiro muito da natação, de sempre estar querendo mais além do básico. Ter ambição. Eu quero crescer e ser boa no que eu faço. Eu quero ser reconhecida. A natação pra mim foi isso. Atividades além do esporte e estudos, eu já fiz estágio, projeto\_de\_pesquisa, empresa\_júnior. Já fui em congresso, publicação de artigo. Mas eu nunca fiz curso de línguas, porque como eu sempre fui muito focada na natação, eu nunca aprendi outra língua. O meu inglês é básico, e pra mim que tem pretensão pra fazer mestrado e doutorado é algo que falta. Eu quero que todas essas atividades acrescente meu lado profissional. Eu me sinto um pouco perdida porque eu sinto que perdi muito tempo na natação, e como eu fiquei tanto tempo apenas nisso eu não fui para outras vertentes. Vejo que fizeram curso de línguas, aprendeu um instrumento, e todo esse tempo eu só fazia a natação. Apesar de ter sido maravilhoso e ter aprendido muita coisa, eu fiquei muito tempo presa em uma coisa que eu poderia ter aproveitado para desenvolver outras habilidades. E isso foi um ponto que me pegou muito. Eu acabei não descobrindo como pessoa e sim como atleta, com determinação. Mas não a minha identidade além do esporte. O que eu gosto de fazer, o que eu quero fazer. Quais são minhas pretensões de vida. Atualmente eu gostaria, eu não sabia, ainda não sei pra ser sincera, mas eu pretendo ser professora\_universitária. Eu gostaria de me ver empregada aqui na Universidade\_Católica\_de\_Brasília mesmo. Na UnB. Tenho muita vontade de mudar pro Rio\_de\_janeiro e dar aula na PUC ou na UFRJ que são fodas da economia. A pesquisa me fez pensar assim. Eu me encontrei muito na pesquisa. Cansa e estressa muito? Sim, mas é algo que estou sempre aprendendo. No início eu tinha gastos com o clube. Mensalidade do clube. Não me lembro quanto eu pagava. Mensalidade do treinador, porque era por fora. Dificilmente estava junto com a mensalidade do clube. No Minas eu pagava a carteirinha pra poder entrar e ser um sócio\_atleta, e pro treinador você paga outro valor referente ao treinamento. AABB era igual, só que no Minas, logo que eu entrei, eu pagava só a mensalidade do clube e recebia um desconto na mensalidade do treinador. Isso que meus pais que pagavam sempre. Na AABB, eles sabiam da minha condição financeira e falei que não tinha condição de pagar o treinador. Porque o Hugo é um dos melhores do Brasil e ele é muito caro. Era um salário\_mínimo só para ter treino com ele. Fora a academia que precisávamos pagar por fora. Ele ofereceu eu pagar só academia, e eu não precisava pagar pro Hugo, eu era bolsista dele, e ele jogava isso na minha cara, e eu precisava me empenhar mais. Aí quando ganhei bolsa\_atleta eu passava metade pra ele como compensação por eu ter alcançado aquilo graças ao treinamento dele. O Hugo sempre me ajudava nessa área. Eu falei muito mal dele mas ele é muito bom como pessoa. Ele é péssimo como treinador mas como pessoa é muito bom. Ele me indicou nutricionista, conseguiu os descontos pra mim ou nós conversávamos um desconto ou alguém fazia pra gente. A Academia Dom\_Bosco foi a

maioria do tempo que eu passei treinando foi lá, e como tinha parceria com a escola, eles me patrocinavam, eu tinha que ir pros campeonatos e usava o boné do dom\_bosco. Participava das travessias e pagava as mensalidades disso e me dava o direito de fazer malhação na dom\_bosco, mas não pagava nada. Suplementação quem pagava era o meu pai, alimentação também. Ou nós conseguimos um desconto, mas quem pagava era meu pai. Meu pai também pagava o equipamento, era maiô, óculos, prancha, pubol, nadadeira, palmar, snorkel. Cada um tinha seu saco de treinamento. Um snorkel era 150\_reais na época. Touca, maiô que vai amaciando. Alguns equipamentos específicos, brucutu, paraquedas. Mas isso é algo que comprávamos só uma vez, durava bastante. Quem pagava as passagens, inscrição e hospedagem quem pagava era o compete\_brasília, mas era muito complicado porque eles falavam em cima da hora quando iria sair o dinheiro, então a gente ia pra competição, tirava uma foto com o compete\_brasília, tirava uma foto em contrapartida. Pedia pra deputados também, ou então fazia vaquinha para juntar grana pra pagar a passagem para as competições. A alimentação durante a viagem nós pagamos por fora. Eles davam a hospedagem e as diárias. Quando a gente viajava nós temos que rachar o preço da viagem do treinador junto com todos os outros atletas. Psicólogo eu precisei só depois que eu abandonei o esporte. Nós conhecemos muito bem o bolsa\_atleta porque tinha os meninos que já recebiam e essa questão de convivência nós fomos descobrindo que nós precisávamos de participar de alguns campeonatos para pontuar para o bolsa\_atleta. Porque querendo ou não, acaba que você começa a ir atrás de recursos para financiar algumas coisas. Tinha suplementos que eram muito caros. Bolsa\_atleta ia metade pro hugo, metade pro suplemento. E mesmo assim era muito falha a minha suplementação porque eu não tinha grana pra bancar tudo isso. Quando eu não recebia o bolsa\_atleta eu tirava dinheiro da suplementação do próprio bolso. O primeiro benefício financeiro que eu ganhei foi o bolsa\_atleta porque a maioria era troca de favores. A época que eu ganhava a bolsa\_atleta eu estava muito bem na nataçao. A bolsa\_atleta ajudava eu me manter como atleta, porque apesar da quantia ser pequena, era melhor você ter aquele valor do que nada. E você tendo o bolsa\_atleta te dá mais aberturas. Quando você fala que ganha bolsa\_atleta para outras pessoas, você é admirada. As pessoas mais importantes para me tornar atleta foram meu pai e minha mãe, com certeza. Porque o resto criticava muito na verdade. Me levavam pra treino, buscava, bancava o treinador, clube. Trajes, roupas, os equipamentos, tudo era o meu pai e minha mãe. Minha mãe viveu muito em nossa função para nos levar para treino, academia, escola. Minha mãe não trabalha, só meu pai que trabalha. Como meu pai e minha mãe tinha uma empresa, ambos cuidavam juntos da empresa. Depois eles fecharam a empresa e meu pai voltou a trabalhar como analista\_de\_sistema e minha mãe ficou sem trabalhar. Meu pai e minha mãe também foram muito importantes pra mim nos estudos. Meu pai dá aula hoje em curso\_técnico, e ele fala muito de se dedicar aos estudos. Ele nunca deixou nós pararmos de estudar. Porque sempre falou que o melhor lugar do mundo é a escola, onde vamos aprender. Uma herança que ele queria deixar para nós é conhecimento. Nessa questão de escola em casa era sempre comentado. Todos meus dois irmãos praticam esportes mas ninguém chegou no meu nível. O mais\_velho foi muito bom mas a parte masculina era muito concorrida, mas ele gosta mais de esportes do que eu. Até hoje ele compete no masters. Ele faz educação\_física e tudo mais. E o mais\_novo faz esportes, nada e faz judô. Eu acredito que meu irmão mais\_velho me influenciou só um pouco, porque nós sempre estivemos juntos, ele me puxou muito. As vezes eu ficava pra baixo e ele me animava, falava pra me valorizar. Então isso me puxou muito. Nunca tive namorado. Nunca tive tempo pra isso nem na nataçao nem aqui na universidade. Sempre foi algo que ficou de lado, me abduquei de ter namorado. Uma pessoa fora do esporte que me influenciou foi o Hugo. Como tinha a questão do treino de madrugada, isso quebrava muito a rotina de qualquer pessoa. Levar seu filho pra ir treinar tão cedo. Minha mãe fazia

isso, na época ela não estava tão ativa na empresa e quem cuidava era o meu pai, então ela teve que abster da vida dela para viver para gente. Teve que ficar muito para nós. Ela deixava a gente no treino, do treino levava para escola, da escola levava para casa pra fazer almoço pra encontrar com a gente. Eu sempre morei ali nas chácaras do lago\_norte. Quase indo para o Paranoá, na M3. E treinava no setor\_de\_clubes\_sul. E estudava na asa\_sul.

## INDIVÍDUO 5

Meu nome é Luciano Beserra Loiola. Tenho 25\_anos, faço universidade no segundo\_semestre de educação\_física na Faculdade Mauá. Na vicente\_pires, na EPTG. Meu esporte é o judô e recebia o ba\_nacional. Eu comecei a praticar esporte em um projeto lá em Ceilândia. No cantinho\_do\_girassol. Eles colocaram judô lá quando eu tinha 11\_anos de idade. Fiz a iniciação lá, os dois primeiros anos até a faixa azul e depois eu vim para cá. É um projeto que de início a visão não era formar atletas, era para mais questão disciplinar, ensinar disciplina, projeto\_social, e nós estávamos muito bagunceiros, e aí resolveram colocar, de um projeto de 80 pessoas eu fui o único que virou atleta. Na verdade era mais de 100 crianças. A maioria parou de praticar. Algumas abandonaram, outras infelizmente já morreram. Acho que o que me ajudou a progredir como atleta é que o primeiro campeonato quando eu tinha faixa branca. Na verdade eu treinava no turno da manhã e aí o professor falou que só levaria para o campeonato só o pessoal da tarde. Eu desafiei ele, perguntando se eu não estava, e falei que eu viria a tarde e bateria em todos eles, se eu fizesse isso ele teria que me levar. Aí eu fiz isso e ele me levou. Aí nesse campeonato eu fiquei encantado. Até aí eu não era atleta de alto\_rendimento, uma criança de 12\_anos não sabe disso. Aí aos 13\_anos perguntou se eu queria ser atleta de alto\_rendimento e mostrou o que eu precisava fazer. Se eu estivesse preparado para abrir mão das coisas, não ter namorada, ter que ir para treino, dormir cedo, e eu disse que era isso que eu queria. Aí ele me indicou para Taguatinga, aqui no academia\_espaco\_marques que foi o que me motivou a vir e ser atleta. Foi a primeiro campeonato e já fiquei apaixonado. Não praticava outro esporte não. Praticava futebol, que tinha nesse projeto lá no cantinho\_do\_girassol, eu entrei lá com 8\_meses de nascido e saí com 20\_anos nessa creche. Lá são 3 níveis. O berçário, criança\_feliz e o recanto\_juvenil, separado por idade. E até o criança\_feliz, com 5\_anos de idade, ficava em período integral, aí eu fiz a pré\_escola lá. Aí de manhã, quando comecei a ir pra escola eu ficava no período contrário, no caso a tarde. Porque ela tinha que ir trabalhar e ela me deixava lá. Não era um clube, era um projeto dentro da instituição. Na verdade, dentro do recanto\_juvenil, que era os maiores. Minhas principais conquistas esportivas foram, pra mim, que deu o pontapé para o esporte foi 2009, quando eu ganhei o primeiro campeonato\_regional. Primeiro tem o centro\_oeste, que é por regiões, e depois tem o campeonato\_brasileiro. Então tive esse resultado e pra mim eu acho que foi o mais marcante, talvez por ter sido o primeiro, por causa da situação em si para ir pra ele, foi bem complicada. Acabei conseguindo ir e ter um bom resultado, um excelente resultado. Pra quem só tinha 2\_anos de judô. Eu já fui vice\_campeão nacional três vezes, 2012, 2014. Em 2013 fui terceiro\_colocado nacional, 2015 e 2016 também. E em 2018 eu fui vice\_campeão universitário. E já fiz parte de três ciclo\_olímpico, atualmente estou no meu quarto. Atualmente estou em terceiro no ranking brasileiro. Vai para a seletiva olímpica os oito melhores do país, mas vai apenas um. Eu passei a me considerar atleta quando eu vim para cá, na academia\_espaco\_marques, porque o treino era diferenciado, é diferenciado até hoje. Qualquer academia aqui em Brasília, a partir do momento que eu vim para cá que eu vi a galera, campeão\_brasileiro, campeão\_panamericano, campeão\_sulamericano, classificado para mundial. Foi aí que eu percebi que estava em um nível forte, que eu realmente era atleta. O projeto que eu fazia parte era o cantinho\_do\_girassol, e depois eu vim para cá, na

academia\_espaco\_marques. Só fiz parte desses dois clubes. Minhas relações nesses dois clubes sempre foram muito boas, me conheciam desde pequeno. As coordenadoras de lá, que estão até hoje lá, todo mundo me conhece. Nunca fui uma criança fácil, mas dou graças a deus por tudo que fizeram por mim, por puxar minha orelha, brigarem comigo, querer o meu melhor porque se eu sou o que sou hoje foi graças a eles. Treinadores importantes foram lá, tipo, a coordenadora hoje, a atual, ela foi bem marcante porque ela me acompanhou minha vida inteira lá, foi minha professora desde pequeno até mais velho, e virei professor lá, e ela minha chefe, é uma relação bem legal que nós mantemos lá, bem tranquila. Na época do ensino\_fundamental era mais fácil conciliar esportes e estudos porque era mais fácil. Era bom e era ruim porque tinha mais tempo e dava pra conciliar. A escola era de manhã, eu chegava e revisava a matéria e ia treinar. Fazia todos os treinos, físico, técnico e tático, musculação. Aí nisso aí, de lá pra cá eu treino em média de 5\_horas à 8\_horas dependendo do dia. No ensino\_médio era igual. O que mudou foi que eu comecei a trabalhar, eu virei professor no cantinho\_do\_girassol, comecei a trabalhar lá, como professor de judô, porque fiquei meio archoado os horários, precisei mudar a rotina na questão de não poder deixar de estudar, aí eu ia pra escola de manhã, chegava da escola e fazia todos os treinos, aí do penúltimo pro último treino tinha uma brecha de 2\_horas, aí eu revisava matéria, fazia dever de casa. Eu estudei em escola\_pública só no ensino fundamental, porque no ensino\_médio eu ganhei bolsa no la\_salle por causa do judô. Entrava às 7h30 da manhã e saía 12h30. Eu entrava no treino geralmente às 13h30 e saía 22h. Isso tanto treino quanto as aulas que eu ministrava. Hoje eu faço universidade de manhã, presencial, e na sexta eu tenho matéria EaD, mas é todos os dias. Faz de manhã universidade. É mais complicado hoje, mas mesmo assim tento não sair do judô, da minha rotina, tenho que me manter focado, chego no dia muito cansado, mais que antes, porque cara, a carga de estudos é mais pesada. Chega às vezes tem trabalho pra fazer logo, aí treina, sai do treino, volta vai dar aula, treina, volta a dar aula e volta pra cá pra treinar. Hoje eu dou aula no SESC da asa\_sul e na escola little\_kids da asa\_sul. Todos os dias de manhã eu vou pra universidade, só na sexta-feira que eu não vou porque a matéria é a EaD. Segunda-feira de tarde eu trabalho na little\_kids, dou duas aulas, das 17h45 até as 19h15. Terça-feira eu dou uma aula de manhã no SESC, de 9h da manhã até às 10h. Depois na Little\_kids de 10h até as 11h. Aí dou aula no SESC também, das 14h às 15h. Quarta-feira é o mesmo horário de segunda-feira, 17h45 até as 19h15. Quinta-feira é o mesmo horário de terça-feira. Aí nesses horários vagos que eu treino e estudo. Hoje eu estou procurando diminuir meu estudo durante a semana, eu só reviso a matéria do dia mesmo, e no fim\_de\_semana que eu foco nos estudos e aproveito pra descansar. Eu já estudei na escola\_classe\_12, na Ceilândia norte, até a quarta\_série. Depois no centro\_de\_ensino\_fundamental\_16 também na Ceilândia norte, até a oitava\_série. Aí no ensino\_médio eu primeiro fui pro centro\_de\_ensino\_médio\_02 na Ceilândia norte também, e depois eu fui pro La\_salle no núcleo\_bandeirante. Quando eu acabei fazendo outra universidade antes, de pedagogia, mas depois saí pra fazer educação\_física. E agora faço universidade na Mauá. Eu estudei nessas escolas porque era de praxe sair de uma escola e ser encaminhado para outra, era por proximidade mesmo. O que eu mais lembro de escola é as bagunças. Nunca fui um aluno fácil, não dá pra esconder isso. Mas eu gostava muito de bagunçar, eu era bagunceiro. De positivo eu lembro de um professor meu, o Jorjão, foi um cara que me ajudou muito na escola. Foi o melhor professor que eu já tive. Era professor de geografia. Conversou muito comigo, me orientou demais. Foi no ensino\_médio no la\_salle. Era uma fase que eu estava bem mal na escola, e como eu era bolsista eu não podia reprovar, então ele conversou muito comigo, me orientou bastante. O que eu lembro de positivo na universidade foi a iniciativa que tiveram de dar bolsa para os atletas, porque até então nenhuma universidade que fazia isso. Antes a universidade\_católica\_de\_brasília dava bolsas,

mas agora não está dando mais, só a Mauá. E tiveram a iniciativa, me convidaram, ano passado me deram 70\_por\_cento de bolsa, e se trouxesse resultado no JUBs, eu subia para 100\_por\_cento de bolsa. Aí eu fui pro JUBs e fui campeão e consegui a bolsa. Isso sem contar que é um dos melhores cursos de educação\_física. Acho que isso pra mim foi marcante. O que eu não gostava da escola era dos professores humilhando alunos. E vice-versa. Via muito isso no centro\_de\_ensino\_fundamental\_16, via muito no centro\_de\_ensino\_médio\_02, apesar de ter ficado pouco tempo também vi. De ambas as partes, de professor para aluno e de aluno pra professor. Isso eu não gostava, isso me revoltava. Primeiro que professor, cara, pra você se formar você precisa de um professor. Pra você ser alguém, pra ser uma pessoa com conhecimento, com sabedoria. Precisa de alguém pra te ensinar. E hoje eu vejo o quanto era ruim. Mas até me arrependo de algumas coisas que eu fazia na sala com os professores. E isso era o que mais me chateava na época. Hoje então, me deixa mais chateado ainda. É uma coisa que pode marcar um aluno, que nem o Jorjão que te falei. Ele esperava a aula acabar, todo mundo ir embora e me chamava, perguntava o que está acontecendo. Me mandaram para um psicólogo no la\_salle, pra coordenadora, todo mundo tentou conversar comigo, mas as vezes têm um jeito de se conversar. Não consigo pensar em nada de negativo da universidade. Eu tive dificuldades em notas na escola, já reprovei uma vez. Fiquei de recuperação. As matérias que eu tinha mais dificuldade eram as exatas. Eu tinha dificuldade porque eu não prestava atenção, era tanto que na recuperação, eu conseguia passar, porque no pouco que eu sentava e estudava eu conseguia entender a matéria. Eu tinha empatia com alguns professores mas evitava em entrar em confronto

com professor, porque ficava de marcação com o aluno, mas evitava, normalmente nós nunca, nenhum aluno gosta de todos os professores. Sempre tem aquele que você não gosta. Meus professores de matemática e física eram os piores. O judô me ajudou muito ao lidar com as pessoas na escola, porque me ensinou a controlar os meus sentimentos. A raiva, como eu lidava com as amizades, eu me controlava muito. Na verdade eu era muito estourado, a professora falava, eu retrucava, enquanto ela falava eu respondia, aí eu ia pra direção e era suspenso. Quando eu entrei no judô, fiz os dois primeiros meses, vi o professor falando, ele contando da hierarquia do judô, de como era a disciplina e a história. E eu não queria ficar fora das competições. Eles cobravam muito, tirava nota baixa, ficava fora de campeonato. Foi suspenso ou advertido, também. E como a escola era perto do clube eles ligavam e comunicavam. Isso para todo mundo. Eu tinha bastante amigos. Alguns também praticavam esporte, mas não continuam mais no esporte, no judô. Tenho contato com alguns deles até hoje. Com relação aos professores, coordenadores e direção era tranquilo também, porque no ensino\_fundamental quando eu comecei a viajar, eu tinha que conversar com eles, questão de prova, trabalho. No ensino\_médio também. Teve época do la\_salle que eu perdi 10 provas. Aí quando eu voltava eles dividiam para mim fazer, ou passavam trabalho, então era mais tranquilo. Graças a deus eu não tive problema nenhum com o pessoal de coordenação. Eu tive problema com algumas faltas mas a escola abona e sempre tinha a declaração, tudo certinho. Se eu faltasse eu tinha prova de segunda\_chamada, mas a prova falaram que era mais difícil, mas eu não sei dizer, porque eu sempre fazia a prova de segunda\_chamada. Teve bastante diferença na forma como eu me relacionava com meus amigos a partir que entrei no judô, porque eu vi que minha postura era errada. Eu ficava bagunçando e via que no judô eu não era assim. Porque eu não posso ser igual aqui como eu sou no judô? E não o inverso. Eu levei meus ensinamentos do judô pra vida pessoal. Inclusive me afastei de alguns amigos porque não condizem com a forma como minha mãe tinha me ensinado a vida inteira, e comecei a ver coisas que não via antes. Nas pessoas que iriam me levar para o mal caminho. Atitudes que eram erradas mas que eram comuns antes, mas comecei a ver de outra forma. Porque meus professores sempre me abriram os olhos. De judô então, tive três professores de judô e sempre



me orientaram muito. O Robert mesmo, me adotaram quando eu vim para cá. A maioria dos meus amigos encararam o esporte como algo positivo. Na verdade até o ensino\_fundamental sim, mas no ensino\_médio pra cima não. Pra eles atleta não é nada, atleta é vagabundo. Pra até algumas pessoas da minha família eles acham que eu sou vagabundo. Mas até o ensino\_fundamental era tranquilo. Eu tinha um respeito das pessoas por ser atleta. Eu tinha um olhar diferenciado das pessoas por ser atleta e do judô ainda mais. Um esporte onde a disciplina é elevada. Então eu tinha que dar o exemplo. Eu não podia ser judoca e ser ruim. Tive bons olhares até o ensino\_fundamental. Ensino\_médio em diante foi complicado. Diria que não a maioria, mas metade das pessoas não me apoiam no esporte. Me falam que eu não ganho nada, que estou me ferrando cheio de lesões, treina pra caramba, gasta dinheiro e não ganha. Aí eu viro para alguns amigos e pergunto quantos países ele já conheceu, e ninguém conheceu nenhum. Eu já conheci três. Eu já conheci todos os estados do país e eles nenhum. Ganhar todo mundo quer, mas infelizmente só ganha um. Se eu estiver bem no dia, fizer tudo certinho vai vir todo o resultado. É uma vivência que não vai ser paga de nenhuma forma. Eu acho que eu devo ter vivido mais coisas que pessoas de 50\_anos aí hoje. O judô que me colocou onde eu estou hoje. Cara, olha o que o judô me deu. Me deu bolsa na escola, na universidade. Não estou rico, mas olha onde eu estou. Tem amigos meus que se afundaram nas drogas e falam isso pra mim, pra ir trabalhar com ele com isso, mas eu gosto de dormir com minha cabeça tranquila, preocupado que ninguém vai me matar. Tem amigo meu que diz que ganha 5000\_reais na semana, mas ele pode ser preso, morrer, não vai adiantar de nada. E para alguns isso não adianta. Tive que dar essa explicação pra minha mãe. Cara, foi tenso. Ela não queria que eu continuasse me dedicando ao esporte. Até hoje ela não gosta. Por mais que eu tente mostrar, que eu ajude ela graças ao esporte que eu pratico, não, ainda não é suficiente. Pra mim foi o que mais machucou a vida inteira. Ela queria que eu trabalhasse fichado. Falava que o judô não ia me levar a lugar nenhum. E eu nunca esqueço essas palavras, quando ela falou isso pra mim foi muito tenso, pesou muito. Minha mãe não me cobrava um horário pra dedicar aos estudos, eu que fazia meus horários, mas seu sempre tive a consciência de ter que estudar. Diria que desde o ensino\_fundamental para cá. No cantinho\_do\_girassol nós tínhamos os horários pra fazer as tarefas, e eu acho que isso ajudou muito, porque quando migrei para fora de lá, eu tinha que fazer as tarefas, mas eu sempre arrumava um horário. Minha mãe acompanhava meu boletim. Se eu não tirasse nota boa apanhava muito. Eu pretendo fazer mais que a universidade, fazer pós\_graduação, mestrado. E se tudo der certo, até o doutorado. A matéria que eu mais gostava na escola era de educação\_física, lógico, não tem nenhum aluno que goste. Eu gostava de geografia, história, e do meu ensino\_médio eu gostei de inglês e espanhol. As que eu menos gostava era física, matemática e química, as exatas. Os treinadores liberaram do treino na época de provas, então quem quisesse não precisava ir treinar. Ficava estudando. Aí fazia exercício. Nunca senti que o esporte prejudicava minha carreira no esporte, nem o inverso. Era tudo questão de conciliar. Eu representava a escola no judô, jogos\_escolares. Os clubes incentivaram muito que nós representássemos as escolas nas competições. Pra dedicar aos estudos e esporte no começo foi complicado, tem que adaptar aos horários e se acostumar. Mas depois que eu consegui me adequar a rotina, foi tranquilo. Eu já fiz curso\_de\_inglês, dois anos. Ganhei bolsa também. Faço estágio hoje. Eu estagio aqui nas aulas de funcional, e as vezes aqui na academia aqui em cima. curso\_de\_inglês eu tava me amarrando, já estava conseguindo falar, mas acabou a bolsa, é como eu falei, quando alguma instituição de ensino dá esse pontapé inicial da bolsa pra quem faz esporte é magnífico. Mas só tive essa e só consegui ficar por dois anos. Pra mim tava sendo fantástico. Aprender duas línguas. Ser bilíngue hoje é comum, então tem que aprender. E o meu estágio aqui me ajuda muito, estou aprendendo muito sobre os exercícios, movimentos que até então eu não sabia. Por mais dessa carreira de atleta, eu sempre, todo

treino que eu faço eu pergunto para que serve, o que aquilo trabalha, mas, ainda assim, alguns exercícios eu não sabia. Então me ajudou muito. Eu quero ser *personal\_trainer*, trabalhar com atleta. Ser *personal\_trainer* de atleta, de alto\_rendimento, dos esportes que vier. Conseguir trabalhar, ter um leque bem amplo, em todas as áreas. O judô me deu primeiramente paciência. Tive que ter muito isso no judô, porque as nossas lutas é um xadrez ali. Você faz um golpe pensando em outro, e tudo precisa ser bem pensado, analisado e calculado. Então você precisa bastante paciência e isso eu levei muito para as minhas aulas, principalmente quando comecei a dar aula para as crianças. Entender uma criança, primeiro de tudo você precisa ter paciência não dá pra ser professor de nada. E eu acho que mais me passou foi isso. Eu gastava com viagens, hotel, inscrição de campeonato, quimono, alimentação, suplementação. Hoje graças que eu tenho parcerias, então está bem melhor. Mas no começo gastava muito. Tenho nutricionista, psicólogo. Não preciso pagar o treinador. Eu financiava esses gastos porque eu comecei a trabalhar desde os 16\_anos com o judô. Então basicamente eu já pagava as minhas contas. Lá no *cantinho\_do\_girassol* eles pagavam as viagens. Então até os 16\_anos foi bem tranquilo. A viagem que eu fiz para o campeonato\_universitário foi pago pelo governo, e o COB pagou a hospedagem e alimentação. Eu conheci o *bolsa\_atleta* pelo pessoal mesmo do judô. Todo ano sai a lista e saí as inscrições, tanto para o estadual quanto para o nacional. Foi por eles que me falaram. Sempre divulgam no site da federação. O *bolsa\_atleta* foi meu primeiro benefício financeiro. Atualmente não recebo mais. O *bolsa\_atleta*, quando eu recebi, eu até diminui minha carga de trabalho, saí de algumas escolas, pra poder aumentar a carga de treino, porque isso pra mim, melhorou demais, foi um bom ano pra mim. Acredito que um dos melhores. Recebi só por um ano. Eu ganhava uns 945\_reais, tipo um salário\_mínimo. Eu usava basicamente pra pagar as viagens, treinos, ajudava minha mãe em casa, pagava inscrição de campeonato, tinha que comprar quimono as vezes, mas quase que exclusivamente ao esporte. As pessoas mais importantes pra mim ter me tornado um atleta foram meus treinadores, tanto do primeiro até o Robert agora. Os meus familiares não me apoiaram em nada no esporte. Nem minha mãe nem ninguém. Nos estudos ninguém me apoiou. Minha mãe até um pouco me apoiava nos estudos, mas depois não. Minha mãe hoje não trabalha. Na época ela era empregada\_doméstica e ela me deixava de manhã nesse projeto, *cantinho\_do\_girassol*, pra ela ir pro trabalho, na época que era integral. Eu tenho dois irmãos mais velhos, só tenho um agora, e dois mais novos. Eles tiveram contato com esporte, um deles é faixa marrom no judô. É muito bom quando você tem o apoio da família. Mas eu nunca tive. Eu olhava os pais dos meus amigos na arquibancada, eu não via minha mãe eu ficava meio triste. Teve uma época que fiquei chateado e tudo que minha mãe me falava acabou virando uma bola de neve e eu não sabia como lidar, era muito novo, tinha só 16\_anos. Eu acho que dos 16\_anos aos 18\_anos foi uma fase complicada. Tinha muito conflito com minha mãe por causa disso. As vezes eu nem dormia em casa, porque eu chegava em casa as 23h porque tava treinando, e a minha mãe brigava comigo, falava que não ia pra nenhum lugar, aí acabava o treino e eu pedia pro sensei pra mim dormir no lugar de treino e de lá eu ia pra escola, mas eu não queria ir pra casa, porque você chegava em um ambiente onde todos te incentivam, que é bom, e um ambiente que todos te colocam pra baixo, e outra, é a sua mãe. Por mais que você não queira dar ouvidos, é a sua mãe, você vai dar ouvidos. É a sua mãe, não tem como. Aí eu não me adequei, falei pra ela que não pararia, que era isso que eu queria para mim, que era meu sonho, ir para as olimpíadas, ir para um mundial, e não ia desistir porque ela não queria. E quando eu completei 18\_anos eu falei pra ela que era maior de idade, graças a deus pago as minhas contas, não era ingrato, mas na vida minha vida quem manda sou eu. E aí, acho que com 20\_anos eu resolvi sair de casa. Não dava mais. Aí eu morava com um amigo, nós dividíamos um apartamento, só que ele casou, aí eu ia continuar morando sozinho, aí meu sensei falou pra passar o ano morando lá na academia, tinha um quarto, pra

mim ir pra lá, morar sozinho e não pagar aluguel. E desde então, eu não moro com minha mãe, mas eu procurei me afastar mais por isso, porque tava chato. Pra mim era muito ruim, eu não conseguia render por causa disso. Porque chegava em um campeonato e eu lembrava o que ela falava, e era muito pesado, muito ruim.

## INDIVÍDUO 6

Meu nome é Danilo Martins Monteiro. Tenho 20\_anos de idade. Eu estou fazendo o ensino\_superior no segundo\_semestre de Marketing. Eu não estava fazendo essa universidade quando eu respondi. Na época que eu respondi eu comecei a fazer uma universidade no Rio\_de\_Janeiro, na Univeritas, mas era presencial, não tava dando pra fazer junto com os treinos e aí eu tranquei. Eu fazia o curso de nutrição. Eu recebia o ba\_nacional. Nós jogamos o brasileiro e quando ganhamos a medalha de bronze nós ganhamos o bolsa\_atleta. Foi por causa do resultado do brasileiro de seleções. Eu representava a seleção\_brasiliense. Desde criança eu sempre gostei de praticar esportes. Meus pais sempre me incentivaram a correr, fazer atividade\_física, então sempre eu gostei de tudo, brincava em casa já. Aí na escola eu estudei, eu não lembro porque eu era bem mais novo. Tinha turno\_integral e eu comecei a praticar esportes lá meio que brincando. Depois eu fui pro Marista e eu participava do turno\_integral e do time da escola. Então eu acho que foi na escola que eu comecei a ver o esporte como um jogo sério. Antes era uma brincadeira e depois na escola fui chamado pra jogar no Lance\_Livre. Depois do Lance\_Livre virou Minas\_Brasília e fui pro Flamengo. Depois do Flamengo eu vim agora para o Universo. O primeiro esporte mais sério que eu joguei era futsal e natação. Disputava campeonato dos dois. Eu nem lembro direito como eu comecei a praticar basquete. Eu lembro que fazia de tudo. Eu fazia futsal terça\_feira e quinta\_feira e natação na quarta\_feira e na sexta\_feira. Aí eu queria entrar mais o basquete e nem tinha horário pra fazer. Aí comecei a fazer o turno\_integral. Mas eu era alto e a professora chamou para fazer. Só que eu precisei tirar um esporte. Então eu tirei a natação e ficou basquete e futsal e depois teve um ano que não podia fazer dois esportes juntos, aí eu fui pro basquete. E comecei a gostar mais foi do basquete. Eu tava no ensino\_fundamental quando comecei a praticar basquete. Devia ser o sexta\_série quando comecei a treinar basquete. Foi quando eu tinha 13\_anos. Aí a partir dos 14\_anos eu comecei a treinar sério em uma escolinha. Porque querendo ou não nós disputamos campeonato escolar mas o tipo de treinamento era diferente. No escola nós não temos tanto tempo pra treinar. Depois na escolinha era de segunda\_feira a sexta\_feira, tem mais campeonatos e viaja mais. Então foi isso. 13\_anos eu comecei e 14\_anos eu estava mais sério, digamos, treinando mais forte. Foi a partir daí que eu comecei a me considerar atleta. Porque eu comecei a disputar campeonato da federação, não era só escolar. Eu treinava com pessoas que já tinham esse pensamento de seguir carreira. Jogava com outros clubes que treinavam mais vezes na semana, que estavam mais preparados. Então por aí com uns 14\_anos, 15\_anos eu estava mais focado. Mas antes eu me considerava atleta, eu gostava de jogar, de competir, mas não era algo que eu levava tão a sério. Se não desse pra jogar, não iria, se não desse pra ir pro treino eu não iria. Depois virou algo que eu precisava estar ali sempre. O Marista eu entrei na quarta\_série. Depois no Marista eu estudei até o ensino\_médio. Só no primeiro\_ano que eu saí mas no segundo\_ano eu já voltei. Quando eu fui pro Lance\_Livre eu parei de treinar na escola. Porque lá o treino era todo dia já. E aí ficava cansativo a rotina e não tinha como ir nos dois treinos, da escola e do clube. Mas no ensino\_médio, no segundo\_ano e no terceiro\_ano eu conversei com meu treinador e eu ia em alguns treinos na escola pra poder ir para o campeonato\_escolar. Nós ganhamos segundo\_lugar na federação\_escolar. Fazia muito tempo que a escola não ganhava alguma coisa. Aí eu joguei mas não tava indo treinar direto porque já tinha outros treinos no

clube e pra não ficar tão cansativo. Mas praticamente foi isso. Saí da escola, fui para o lance\_livre, parei de treinar na escola. Eu terminei a escola em 2016 que foi a época que eu formei. Eu formei aqui aí em 2017 eu fui pro Rio-de\_Janeiro. E vim para cá no Universo no final do ano\_passado. Eles falaram comigo, eu ainda estava no Flamengo. Acho que começamos a treinar em setembro, outubro. Já tinha voltado mas tava treinando por fora e só agora veio um contrato. Eu acho que as principais vitórias foi o campeonato\_brasileiro de seleções pela seleção\_brasiliense quando ganhamos a medalha de bronze, isso quando eu era mais novo. Depois a convocação da seleção\_brasileira sub\_17 e como profissional o título de campeão\_carioca lá no Flamengo. Foi a primeira experiência que tive depois da transição e eu já pude jogar no primeiro\_ano. Disputei alguns jogos, e isso foi bem importante esse título. Teve os da base também, que ganhamos dois campeonato\_carioca em dois anos. No futsal e na natação eu nunca cheguei a viajar pra competir. Era um campeonato\_distrital. Eu não lembro o nome. Eu lembro que ia nadar na DEFER, ali no Nilson\_Nelson, de futsal acho que era LEF, liga\_escolar\_de\_futsal, algo assim. Era tudo bem aqui, tudo aqui em Brasília. De futsal era mais escolar, eu não sei se nós jogávamos contra escolinha de futsal. Natação eu nadava contra quem era federado também. Eu não era mas nadava contra era federado. Eu acho que um dos motivos de eu ter gostado mais do basquete é que eu não gostava dos treinos da natação. Você sozinho, você e o tempo, tinha tempo que eu não gostava de ir treinar natação. Eu sempre gostei de competir, muito bom a preparação, mas no dia\_a\_dia, treinar eu achava um pouco cansativo. Eu passei a deixar a natação de lado por causa disso. Não queria levar aquilo como carreira. E o futsal eu penso que não tive o mesmo destaque que eu tive no basquete. No basquete assim que eu comecei a jogar eu aprendi as coisas rápido, fui evoluindo rápido, e vi que tinha mais condições de jogar melhor no basquete do que no futsal então acabei seguindo no basquete. Normalmente eu treino de segunda\_feira à sábado, dois treinos por dia e no sábado só um treino. Aí nós revezamos um dia pra academia, outro dia nós fazíamos malhação lá na ASCEB mesmo com os pesos livres mesmo. De manhã é o treino de força. Deve dar uma\_hora e meia, duas\_horas de treino. É um treino de força mais um treino específico. Um treino mais individual. De tarde o treino tático. Então todo dia dois períodos de treino e sábado normalmente só um. Mas dependendo da semana, se tiver jogo na segunda, domingo nós treinamos e depois do jogo é folga. Mas basicamente segunda à sábado, duas vezes por dia, e sábado uma vez. Entorno de uma\_hora e meia, duas\_horas de treino. É um treino que começa às 9h30 e outro 5h30. Normalmente eu estudo de noite, porque eu prefiro. Depois de comer eu estudo de noite. Mas como a universidade que estou fazendo não é presencial fica bem mais tranquilo pra mim escolher o horário pra mim estudar. Normalmente eu estudo em casa porque estou no conforto, com internet. Eu só preciso ir na universidade pra fazer as provas. Mas geralmente eu estudo de noite, depois do treino. Vou pra casa, já tomei banho, jantei, e aí eu vou e estudo um pouco. Não tenho nenhum outro trabalho além da minha carreira\_esportiva. Só estou estudando e treinando. Na época de escola o treino era só segunda\_feira, quarta\_feira e sexta\_feira. O treino era um pouco maior, umas duas\_horas e meia, mas era só um treino. Aí eu estudava de manhã e de tarde era o treino e eu não fazia academia na época. Só fazia o trabalho no treino. Às vezes fazia algum treino de flexão ou algo assim, mas não tinha peso. Era um pouco difícil conciliar mas eu acho que teve época de outras atividades, já fiz curso\_de\_inglês, já fiz outras coisas, mas era uma coisa que eu gostava de fazer e o esforço que eu tinha pra estar ali, eu sabia que precisava das notas pra passar de ano e pra continuar treinando. Meus pais exigiam que pra treinar eu precisava estar com as notas em dia na escola, então era um esforço necessário mas eu achei que deu pra levar tranquilo. Nunca tive dificuldade com as matérias na escola, eu sempre fui bem. No Flamengo tinha vez que eu treinava três vezes por dia, porque era o treino da base e do adulto juntos. Então a universidade era de manhã e as vezes batia o horário com

um dos treinos do adulto ou da base. Então eu ficava sem saber se eu iria pro treino e faltava aula, ou faltava o treino e ia pra aula. Aí começou que mais\_ou\_menos, aí eu achei que não valia a pena eu ficar estudando mais\_ou\_menos e treinar mais\_ou\_menos, então eu decidi me dedicar totalmente aos treinos e sair da universidade. Não era questão de atraso, era falta mesmo porque o horário não dava, não tinha como. Ou eu ficava sem ir na aula ou sem ir no treino. Não tinha como. Eu comecei a jogar na Univeritas porque eu tinha recebido a bolsa pra jogar o campeonato\_universitário lá, mas quem chamou não era ninguém do Flamengo entendeu? Não era parceria com o clube que eu estava. Eu acho que ele até tinha uma parceria com o fluminense, com alguns meninos da base, mas como não era junto com o flamengo, nem tinha essa conversa. Como era presencial nem tinha muito o que fazer. O Flamengo tinha parceria com a Estácio, mas não estava dando pra começar os estudos mas eu não me lembro porque. Eu lembro que no outro ano, no meio do outro ano dava pra ter começado, mas como não estava certo que eu iria continuar lá eu preferi esperar mesmo. Eu comecei a estudar no CECAP, no lago\_norte. Acho que nem mais CECAP, acho que é COC. Acho que até mudou. Mas era só CECAP na época. Depois estudei no Sagrada\_Família, acho que na 116\_norte. As duas eram escola\_particular. Depois fiz no INEI, que virou Sigma, ali do lado da Thomas. Aí depois fui pro Marista João\_Paulo\_Segundo. Tirando o primeiro\_ano que fui pro Galois, e depois voltei. Univeritas e agora estou no UNICEUB à distância. Lá no começo meus pais escolheram o CECAP porque era perto da escola, aí na época que nós fomos para o Sagrada\_Família talvez por ser uma escola católica, não sei exatamente. Mas eu lembro que quando fomos pro Marista era porque tinha o turno\_integral, aí eu e minha irmã nós sempre estudamos e ficávamos na escola de tarde, eu fazia muito esporte, às vezes tinha aula de curso\_de\_inglês, espanhol ou alguma outra coisa, então nós ficávamos o dia inteiro na escola. Era basicamente por causa disso. Quando falamos de escola, a primeira coisa que eu lembro era dos amigos. Ter uma rotina com seus amigos todo dia, era um ambiente muito bom. Eu ainda tenho contato com a maioria deles. Isso seria o que mais de positivo eu consigo lembrar da escola. Da universidade eu nem tive muito tempo pra dizer algo que eu não goste. O que eu não gostei foi ter atrapalhado meu treino, porque não era a distância. Porque não era conversado e não tinha essa parceria. A distância eu teria levado numa boa. Eu nunca tive dificuldade na escola, nunca reprovei ou fiquei de recuperação. Foi bem tranquilo. Nem na universidade. Meus pais ficavam de olho no meu boletim. Era uma exigência eu ir bem na escola pra poder treinar, jogar. Então acabava que se eu queria treinar, queria ir para os jogos, estar me dedicando, eu precisava estar bem na escola. Não podia deixar de lado. Então eu acho que isso era o maior incentivo que eu tinha. Meu pai não cobrava uma rotina de estudos, mas eles estavam cobrando o resultado final na escola. Eu mesmo particularmente não era uma pessoa que conseguia estudar todo dia. Mas eu também não ia pra nenhuma prova sem ter estudado. Então eu estudava quando dava ou quando eu estava mais tranquilo. Porque depois de semana de treino puxado tinha vezes que mesmo eu precisando estudar ou fazer um dever, eu preferia descansar mais e deixar pra outro dia mais tranquilo e fazer tudo de uma vez. Mas eles cobravam as notas no final entendeu? Então boletim precisava uma nota acima da média. Meus amigos eram ligados ao esporte, alguns sim, outros não. Tinha amigo que jogava vôlei, vôlei\_de\_praia, tinha até uma rotina parecia comigo, nós estudamos pra estudar diferente, via muita videoaula, as vezes estudava fora do material. A gente estudava bem nisso também. Mas tirando eles tinham muitos que jogavam mas eram poucos que queriam seguir carreira. Desses só tinha um, que estudava na minha sala. O resto jogava mais por lazer, por diversão. Mas muitos que eu tenho contato até hoje. Minha relação com diretor, professor, coordenador era tranquilo porque todo mundo sabia que eu jogava, se eu precisasse de alguma falta pro campeonato era só levar os documentos, uma declaração dizendo que eu ia faltar por causa da viagem. Essas faltas eram abonadas. Se precisasse marcar outro dia de prova eles

forneciam outro horário, os professores também sempre tinham uma boa relação, então foi bem tranquilo na época da escola. Não me passava conteúdo extra porque eu acho que não chegava a precisar. Queria saber o que aconteceu nos dias que eu faltei e me falava pra pegar a matéria com alguém. Aí eu falava com meus amigos que estavam indo nas aulas e eu conseguia recuperar os dias que eu perdia. Não tinha tutor não, era mais remarcar prova. As minhas conversas com a coordenadora era bem tranquila, ela era bem parceira de todo mundo. Então em uma situação específica como eu e desse meu amigo gabriel, que jogava vôlei\_de\_praia, ela sabia que tinha situação de falta pra jogar. Ela sabia das nossas necessidades e quando precisasse ajudar ela ajudava. Eu viajava em torno de 1\_semana. 7\_dias. Eu nunca achei que o esporte atrapalhava na escola. Eu acho que influencia, lógico, e se for uma pessoa que tem um pouco de dificuldade, que não estar ali no dia pode ser ruim. Mas eu, desde essa época que eu treinava eu acostumei a estudar por fora, às vezes pegava em sites, via videoaula então não dependia especificamente de estar ali vendo alguém falar, então eu acho que por isso eu acabei criando essa vantagem de poder estudar sozinho depois e serviu como facilidade pra mim. Eu conseguia estudar depois e mesmo sem a aula do professor eu conseguia acompanhar a matéria tranquilo. Lógico que tem coisa que ele vai falar na aula que eu não verei estudando apenas lendo, mas eu conseguia me virar muito bem estudando sozinho. A escola não iria remarcar a prova, mas sempre tem a segunda\_chamada. Mas se eu não pudesse ir na segunda\_chamada por causa da viagem eu tinha que conversar pra remarcar, e já aconteceu mas bem raramente. Eu também não tinha viagem toda hora, mas às vezes calhava na semana de provas, aí eu precisava fazer a segunda\_chamada. Assim, eu não faltava prova porque não tava preparado pra prova, eu não deixava de ir, eu só não ia quando eu não estava em Brasília, quando eu estava viajando. Quando tinha jogo de manhã, o campeonato era de manhã e de tarde, e o horário que eles podiam remarcar para segunda\_chamada de tarde também batia com meu jogo, então eles colocaram a minha prova em um horário mais tarde ainda pra dar tempo de chegar na escola. Então sempre dava um jeito se precisasse. E bem, a segunda\_chamada era mais difícil, aí eu pegava a prova mais difícil do mesmo jeito, não tinha diferenciação. E não, meu treinador não pegava mais leve pra mim estudar pra prova não. O que acontecia muito era deles quererem saber como nós estávamos na escola e tinha algumas pessoas que eram bolsistas do Santo\_Doroteia, então quem estudava lá eles acompanhavam tudinho. Mas quem não era eles buscavam saber se estavam indo também e tentar ajudar se possível. Como o treinamento lá era um pouco puxado considerando que estávamos a manhã inteira na escola e boa parte da tarde no treino eles tentavam ajudar o que podiam, mas chegando lá era outra coisa, não tinha essa preocupação de que nós estávamos em semana de provas ou algo assim. Na Univeritas eu cheguei a conversar com a direção da universidade sobre a minha dificuldade de conciliar. Aí a gente conseguia mexer nas datas das provas se tivesse jogo, viagem, mas não dava para abonar as faltas. Então assim, era bolsa, mas era uma bolsa pra uma universidade presencial, então nós não tínhamos essa opção de não estar indo por causa dos treinos, por isso que ficou um pouquinho ruim. Eu estava com as notas boas mas se eu terminasse aquele semestre lá eu iria ter reprovado por falta mesmo com as notas, então, daí eu pensei que era melhor eu parar e fazer algo melhor, focado 100\_por\_cento, e não ficava 60\_60, prefiro fazer algo mas fazer focado. Lá às vezes eu tava treinando três períodos, mas era mais ou menos dos horários daqui, mas aqui acaba meu treino, às vezes faço um treino extra e vou embora pra casa. Lá eu ainda tinha o treino do sub\_19, então chegava em casa e já tinha acabado qualquer horário de aula a noite. Não dava pra me encaixar em nenhum horário para aula presencial, não tinha como. Eu estava meio que assim, três aulas, dois treinos por semana. Três treinos e duas aulas na outra semana. Depois falei que queria trancar e fiquei treinando todo dia. O dia\_a\_dia com meus colegas mudou a partir que eu comecei a ser atleta. Ter treino direto e chegava um dia

que eles queriam sair e eu estava cansado. Ou no dia seguinte tem jogo, não posso sair. Muda um pouco querendo ou não, mas meus amigos todos entendem meu lado e a gente sempre conseguiu fazer as coisas que eu podia, se desse eu ia com eles, tipo, mudou mas não foi nada que eu pensava que eu queria sair do esporte pra sair com eles. A gente sempre sai, sempre dá pra fazer algo com eles. Os professores também entenderam bem a minha carreira. Teve uma época que eu estava com acompanhamento com a nutricionista e tinha um lanche que eu precisava fazer durante a aula. Antes do almoço mas depois do intervalo, e não pode comer na sala, era uma regra, mas conversando com a coordenadora ela permitiu, eu expliquei que eu treinava, jogava, e ela sabia, falei que tava tendo acompanhamento do nutricionista e foi liberado pra mim e tinha vez que durante a aula eu tinha que comer. Então eles ajudaram em tudo que podia lá, foi bem tranquilo. Eu nunca mudei de escola ou turno por causa do esporte. Eu pretendo fazer a universidade e provavelmente fazer uma pós\_graduação também. Assim, tem várias áreas que eu gosto e calhou de eu fazer marketing e eu estou gostando bastante. Eu provavelmente vou querer me especializar em marketing\_esportivo, eu acho que o esporte não vai sair da minha vida tão fácil. Provavelmente vou querer me especializar em marketing\_esportivo e eu acho que vou fazer ainda uma universidade de nutrição. O que aconteceu sobre representar a escola, eles chegaram a oferecer uma bolsa para estudar no santo\_dorotéia, mas na época eu não quis pra não trocar do ambiente que eu não estava acostumado, com meus amigos e tudo mais, e meus pais não queriam porque achavam que era uma escola mais fraca que o Marista, e acabou que eu não fui, mas eles não viam problemas com isso. Normalmente não batia horário e os campeonato\_escolar de Brasília, a federação escolar e a de Brasília era junto, então nunca ia ter jogo no mesmo dia, porque sabiam que os jogadores estudavam em tal escola, e quando tinha jogo do escolar não podia ser junto com o jogo do lance\_livre. Então nunca teve problema nenhum, foi tranquilo. Eu fiz curso\_de\_ingles na Thomas. Eu me formei na Thomas. Isso faz uns três\_anos. Pra começar foi meus pais que me colocaram no curso, mas depois eu meio que vi que era uma coisa que eu queria fazer também e eu acho que é importante para levar até no esporte, no caso de jogar e ir pra fora ou se algum dia tiver oportunidade de jogar fora do país vai ser importante. Eu nem sei direito qual carreira seguir depois do esporte, mas eu pretendo trabalhar com alguma coisa do esporte. Fazendo marketing provavelmente tentado especializar em marketing esportivo, então não sei se vou fazer educação\_física, então tenho que ver alguma coisa pra me formar, eu ainda não sei direito. O meu primeiro pensamento profissionalmente eu

penso é em jogar, ser atleta. Agora depois eu estou esperando pra ver como vai ser, não tenho nenhum outro sonho não. Acredito que uma das coisas que mais dá pra considerar é o relacionamento porque como tem relação com os seus companheiros, com o adversário, com comissão técnica, acho que isso é uma das coisas que mais agrega, eu acho. E a habilidade física também, se eu tiver que fazer, se eu for, sei lá, fazer educação\_física, for personal\_trainer, porque já aprendi bastante coisa só por causa dos treinamentos também, mas eu acho que é mais ou menos isso. Facilidade em falar talvez. Trabalho em grupo na escola, nunca tive problema com ninguém, sempre tentei entender o lado do outro, fazer algo junto pra ir pra frente, não ficar um apontando o erro do outro, essas coisas eu acho que ajuda também. Saber conviver melhor. Disciplina, disciplina eu acho bem, coisa que o esporte dá muito também. Quando eu estava começando a jogar era basicamente tudo pelos meus pais, quando eu era mais novo, comecei no lance\_livre, na escola. Depois dos 15\_anos aos 17\_anos eu ganhava o bolsa\_atleta, a gente conseguiu a medalha de bronze e tinha direito o bolsa\_atleta por 10\_meses, quase 1\_ano, mas esse dinheiro eu guardei, aí meus pais sempre estavam me ajudando. Depois que eu fui pro rio\_de\_janeiro eu estava, tudo que eu ganhava era eu que usava, então lá eu tinha direito a alojamento, algumas refeições, domingo só que não tinha, o resto era por minha conta. Então basicamente era alimentação, suplemento e

transporte pra ir pros treinos e voltar, porque lá não precisava pagar onde eu estava morando, então a alimentação porque não era todo dia não é? Mas a do dia\_a\_dia eu estava sempre comendo no clube. Aí o resto era basicamente isso, suplemento, transporte, aí ficava o dinheiro pra mim. Aqui em Brasília, agora não tenho mais os suplementos porque nós temos do clube, então, é mais comigo com questão de transporte, com carro, gasolina, estou morando em casa, não estou tendo despesa porque moro com os pais. Na época que eu estava começando não tinha muita coisa, porque eu não tinha acompanhamento de nutricionista, mas desde que eu comecei a ter aí mudou e continua até hoje. Já material\_esportivo é eu que compro, com meu dinheiro. Tênis, meia, short\_térmico. Uniforme de treino e jogo é do clube, mas qualquer outro treino que eu precise fazer a parte é bom sempre ter, e eu que pago. Roupa e tênis de academia. Na época dos clubes profissionais, passagem, alimentação durante a viagem, hospedagem era tudo por conta dos clubes, na época do lance\_livre quando eu era mais novo eram os pais que sempre ajudaram a bancar as viagens. As únicas que não, na época do lance livre, qualquer viagem era de ônibus tudo, porque era mais perto, mas as viagens representando o df era todos do governo também, que era a secretaria\_de\_esportes, eles que bancavam a viagem. Os campeonato\_brasileiro de seleções era pago. Nos clube\_profissional, aqui o transporte é carro, mas no Flamengo era bicicleta, carro, ônibus, metrô, era um pouco de tudo. Dava até pra ir andando mas era uma meia\_hora e ia chegar cansado, então era ruim. Inscrição para campeonato os clubes pagavam. Eu acho que eu nunca cheguei pra pagar, provavelmente no começo eu lembro que o lance\_livre a gente pagava tipo uma escolinha, mensalidade e tal, então eu acho que dentro da mensalidade dos atletas tava pagamento de qualquer inscrição que seja para os campeonatos. Ajudar com os uniformes eu acredito que também estava com a mensalidade. Lá no Flamengo não era salário, chamava de bolsa\_incentivo porque eu não tinha feito 20\_anos e na NBB tinha alguma coisa lá, uma lei, um regulamento, quando você não tem 20\_anos o contrato não é adulto ainda. Então era uma bolsa de 900\_reais e agora 1200\_reais. Nos dois clubes tinham praticamente tudo. Aqui no Universo não tem psicólogo, mas o resto tem todo o acompanhamento de médico, nutricionista, fisioterapeuta, massagista. Tudo. O que não der pra resolver lá no ginásio ali, que a fisioterapeuta e tal,mas eles já vão encaminhar para algum médico que é do clube, que nós vamos ter um acompanhamento do clube também, então é tudo interligado. Eu nem sabia que existia o Bolsa\_Atleta, mesmo indo disputar um campeonato que valia o bolsa\_atleta, não sabia, mas depois que nós fomos bem, ganhamos a medalha e voltamos eu soube que tinha. Soube depois do resultado, não sabia que estava valendo aquilo. Foram 3\_anos que eu recebi o bolsa\_atleta, porque fomos 3\_anos seguidos e batemos na trave, nem chegamos na final. O bolsa\_atleta foi meu primeiro benefício, nós pagávamos na mensalidade pra jogar, tinha alguns clubes que os jogadores já recebem algum auxílio, nem que seja pro transporte, aqui em Brasília não era desse jeito, eu acho que até por não ter nenhum clube grande, então foi parte dos campeonato\_brasileiro que eu comecei a receber alguma coisa, que foi do bolsa\_atleta. Não recebi nenhum outro benefício além do bolsa\_atleta e do meu salário. Na época do Flamengo eu ganhei alguns tênis, ganhei algumas meias e tal, mas aqui já não estou mais recebendo nada. Só o salário mesmo. Na minha situação particularmente eu acredito que o bolsa\_atleta não teve muita influência no meu desenvolvimento esportivo porque o dinheiro eu peguei e guardei, não usei diretamente pra mim, mas, assim, pra mim ter um gasto a mais comigo, que eu quisesse, por vontade, um tênis mais legal, eu ia ter o meu dinheiro pra fazer isso, então eu acho que mais por opção eu prefiro guardar. Na época não precisava estar usando, então preferi guardar. Quando eu precisava usar era para questões do esporte ou era como a minha mesada, então eu usava pra mim sair, era um dinheiro que eu pegava pra sair. Acho que as pessoas mais importantes pra mim ter me tornado atleta foram meu pai e minha mãe. Eles sempre deram abertura pra mim escolher o que eu queria fazer, e aí só era exigido



de não largar os estudos ou não deixar de lado, não tratar como segunda opção, então era sempre, podia treinar mas precisava estudar também, então fazendo os dois eu podia continuar tranquilo. Meu pai me ajudava principalmente me levando para os treinos, pagar a viagem se precisasse, pagava a mensalidade pra me treinar. Se o jogo acontecesse aqui em Brasília ia me assistir praticamente todos os jogos. Minha avó gosta muito de ver mas não pode ir em todos. Mas pode contar como uma das mais importantes, ela sempre gostou de ir lá ver. Eles sempre encararam o esporte com algo positivo, com certeza. Sempre incentivou. A minha namorada também me incentiva ao esporte. Ela gosta de acompanhar e tal mas ela não joga não. Não sei se ela é importante hoje pra me continuar na carreira esportiva mas é alguém que me incentiva a ser melhor na vida em tudo, então consequentemente no esporte também. Pra me dedicar aos estudos meus pais foram muito importantes, com toda certeza. Eles sempre falavam pra mim não parar de estudar, tinha que estar acima da média, não ficar de recuperação se não poderia treinar, então era a exigência. A média no Marista era sete e minha nota sempre tinha que estar sempre oito. Já a minha irmã ela já fez esporte e tal mas nunca pra seguir carreira. Já nadou na época que nós fazíamos natação, ela fez ginástica olímpica a muito tempo atrás, e a última vez ela fez patinação\_artística, mas só hobby mesmo. Eu acho que alguns amigos foram muito importantes pra me tornar atleta, porque na época, pra começar a jogar foi mais influência dos amigos do que meu interesse próprio. Tipo, falavam que eu era grande, corria bem, e fui uma vez, gostei, comecei a brincar e depois eu levei a sério. Esses amigos eu ainda tenho contato até hoje. Até hoje se algum resultado ruim, algo chato acontece eles sempre tentam me incentivar, falando que vai dar certo, que eu estou treinando, então é um incentivo que eles dão como a amizade mesmo, querem me ver crescer também, então eu acho legal esse incentivo por parte deles. Não, meu pai nunca mudou a rotina do trabalho por causa do esporte. Minha mãe sempre trabalhou de manhã e meu pai a tarde, então pra ir pra escola as vezes eu ia com minha mãe, as vezes ia de ônibus, aí a noite batia com o horário de saída do meu pai do trabalho e ele me buscava do treino. Como eu fui jogar no rio\_de\_janeiro e eu já tinha 17 pra 18\_anos meus pais foram lá no rio\_de\_janeiro pra ver qual apartamento eu ia morar, ver o clube, as instalações e tal. Mas eu tava sozinho, fui morar sozinho. Então eles não precisaram se mudar porque eu ia jogar no Flamengo. Na época que eu terminei na escola eu passei na UnB pra fazer educação\_física, mas como eu queria seguir carreira eu conversei com meus pais eles viram que era uma oportunidade muito boa pra ir pro rio\_de\_janeiro, então optar para não entrar na UnB, eu fui pro Rio\_de\_Janeiro pra continuar jogando. Foi bom eu fazer isso porque não ir pra lá iria ser algo um pouco frustrante, então apareceu uma oportunidade legal, eu pude ir e eles me apoiaram nessa decisão, me ajudaram bastante. E me mudar, me dedicar ao esporte foi muito bom, conhecer galera de vários lugares, eu acho que só tinha uma pessoa do Rio\_de\_janeiro. Tinha eu de Brasília, um do paraná, outro de goiânia, outro do maranhão, ou seja, tinha gente de outros lugares, pessoas de outras culturas.

## INDIVÍDUO 7

Amanda Candida dos Santos. Tenho 20 anos. Estou no primeiro\_semestre de educação\_física na faculdade LS de Ceilândia. Sou atleta de basquete e recebia o bolsa\_atleta estudantil. Foi a última que eu recebi e aí eu tava tentando conseguir a ba\_nacional mas parece que reduziram. Eu comecei quando eu morava no gama. Eu estava andando pela rua e aí um treinador de basquete, na época eu jogava vôlei, chegou em mim e perguntou se eu não tinha interesse em jogar basquete. Eu tinha altura. Aí ele me convidou para ir no CID do Gama e eu apareci, era a única mulher, e continuei treinando e ele conseguiu uma bolsa de estudos no COC, e eu comecei através daí. Eu jogava vôlei, no SESI do Gama também. Antes eu só praticava o vôlei. Aí eu desisti do vôlei e foquei no basquete. Eu comecei a jogar vôlei com 11\_anos e

parei com 13\_anos. Aí depois dos 13\_anos comecei a jogar basquete. Depois eu fiquei jogando só basquete mesmo. Quando eu participava no COC eu jogava bastante handebol, mas só pra brincar mesmo. Foi o Luis que me conheceu e ele que me ajudou a jogar no COC. E o que me fez gostar do basquete porque é um esporte que não tenho o que comentar, primeira vez que fui jogar foi uma paixão a primeira vista. O meu primeiro clube foi o sigma do gama. O segundo foi o COC, que lá também era um time. Depois do COC, o mesmo treinador era o clube do vizinhança. Aí eu fui pro vizinhança. De lá eu vim para o Filadélfia, que eu jogo aqui e no Cerrado. De vez em quando eu jogo no cerrado, mas só quando eles me convidam. Mas eu só jogo oficialmente aqui mesmo. O Filadélfia disputa todas as competições daqui de Brasília. Inclusive esse ano nós não vamos disputar a primeira competição porque iria ser poucos times e então preferimos viajar para competir. O COC eu só estudei em um ano, depois eu ganhei bolsa para o La\_Salle, jogar basquete. Eu passei a me considerar atleta foi quando eu fui realmente reconhecida, quando eu fui convocada pra seleção\_brasiliense. Pelo meu ponto de vista, na seleção\_brasiliense só são convocadas as melhores de Brasília, quando eu vi que fiquei entre as 12 selecionadas, eu até me emocionei, comecei a chorar, porque tinha jogado 1\_ano e já tinha ficado entre as 12 da seleção\_brasiliense, fiquei muito feliz. Hoje eu estudo e treino ao mesmo tempo. Inclusive os estudos eu consegui através do Filadélfia, bolsa. Parceria com a universidade. Eu estudo de manhã, de 8h às 11h. O treino é das 18h às 20h. Hoje acabou um pouco mais tarde, às 20h30. Academia é só lá em casa mesmo. Na época de escola eu estudava de manhã e treinava a noite, no mesmo horário. Não interferia. Na época que eu estudava no escola\_particular eu me sentia pressionada porque toda minha vida eu estudei em escola\_pública, então era mais pressão, eu precisava saber dividir as coisas. Eu acho que tomei muito mole porque eu tava no COC e perdi a bolsa lá, porque eu me dedicava mais ao basquete e deixava de lado os estudos. Aí eu ganhei bolsa no la\_salle, prestei mais atenção e foquei nos dois. Eu chegava cansada na escola porque eu morava longe, eu morava no gama essa época, tipo, quando eu estudava no la\_salle, de águas\_claras. Eu morava no gama, tinha que pegar metrô, ônibus até a rodoviária do plano e metrô até águas\_claras, e eu tinha que acordar 4h da manhã pra não chegar atrasado. E eu chegava do treino quase às 00h e ia dormir um pouquinho pra recomeçar tudo de novo. Nessa época eu treinava no vizinhança. Ficava lá no 108\_sul. Tinha treino do COC também, a tarde, eu participava porque tinha os campeonato\_regional pela escola, que era o JEBs, quem ganhava aqui o campeonato\_regional participa no campeonato\_brasileiro fora. Eu almoçava na escola, levava dinheiro e ia pro treino. Do treino eu ia pra casa. Eu estudava sozinha em casa e também na escola. Eu tinha um tempo lá pra estudar. O pessoal do basquete era todo mundo junto, todos da mesma turma, aí o pessoal se reunia e ficava uma, duas horas estudando. Não chegava atrasada nos treinos não. Eu estudei no jardim\_de\_infância eu morava no tocantins, então eu vim pra Brasília na quarta\_série. Aí eu fui pro CAIC do gama, onde eu fiz a quarta\_série até a sexta\_série. E a sétima\_série e a oitava\_série eu fiz no SESI, depois ganhei bolsa no COC e depois eu fui pro La\_Salle e depois terminei. Eu demorei um pouco pra entrar na universidade depois de acabar o ensino\_médio, porque não tinha condições para pagar. O pessoal me ajudou, 80\_por\_cento de desconto. Porque lá em casa só trabalha a minha mãe, e ia ficar pesado pra ela me ajudar. Eu estudei no La\_Salle e no COC de escola\_particular. Do primeiro\_ano ao sétimo\_ano foi escola\_pública. Minha mãe escolhia essas escolas porque ficava mais próximo de casa e minha mãe não gostava que eu estudasse longe por causa do perigo que tem. Eu sinto bastante falta do meu ensino\_médio. Estou na universidade agora e sinto falta, porque na escola é mais tranquilo, tipo, é pesado mas é bem mais tranquilo. Já na universidade se não estudar perde a bolsa e nem quero pensar. O que eu lembro de positivo da escola é as amigas que eu fiz, os professores sempre me apoiaram. Na universidade eu penso de positivo é em me formar. De negativo na escola eu lembro do

bullying que eu sofria, porque eu era a mais alta. Tipo, na quarta\_série, eu tinha dez anos e eu era a maior da turma, daí você já sabe. Girafa, pé\_grande, aí eu ficava triste e minha mãe conversava comigo. Aí pra sexta\_série, sétima\_série eu nem ligava. Mas isso só entre a primeira\_série até a quinta\_série. Da universidade eu tenho medo de não me adaptar a turma, tem turma que todos se apoiam, todos se ajudam e eu tenho medo de isso não acontecer, de que eu fiquei de fora. Eu tinha bastante dificuldade em matemática na época da escola. Inclusive eu fazia reforço direto na escola. Na escola\_pública. No La\_Salle eu também tinha essa dificuldade. Era porque eu achava difícil mesmo. E eu sou daquelas que estuda muito, passa o dia estudando e chega no dia da prova e dá um branco e eu esqueço tudo. Eu tinha dificuldade com matemática mas eu gostava. No meu terceiro\_ano eu fiquei com muito medo de reprovar em matemática, eu fiquei de recuperação, isso em 2017, fiquei na escola de recuperação que pegou metade das minhas férias, aí o professor me dava uma semana de aula de todas as matérias, e eu sempre sentava atrás por causa do meu tamanho, e nesse dia da recuperação eu fiquei na frente, focada. Estudei e consegui entender tudo e ainda bem que passei de ano. O ensino\_médio eu fiz em escola\_pública, no SESIS. Já reprovei uma vez no COC, e daí eu fui pro La\_Salle. Eu saí do la\_salle porque tava muito difícil, não reprovei, mas tinha que me dedicar muito aos estudos. E tipo, eu penso alto, eu penso em me formar mas em ser uma atleta\_profissional, porque eu não estou aqui pra brincar e sim pra treinar forte, poder conseguir jogar em times profissionais lá fora, já fui chamada pra jogar mas eu era menor\_de\_idade mas minha mãe não autorizou porque ela tinha medo, e porque o valor que me ofereciam era muito pouco. 150\_reais pra morar em são\_paulo. Eles iam me dar moradia, 150\_reais, plano\_de\_saúde, escola e o basquete. Mas mesmo assim minha mãe não autorizou. A matéria que eu menos gostava era filosofia. O professor falava demais. A matéria que eu mais gostava era química. Eu tinha muitos amigos, alguns eram relacionados ao esporte, outros não. Eu até incentivei vários a jogar basquete. Na época do SESIS mesmo. Minha relação com os professores também era muito boa, eles me perguntavam direto, e eu avisava antes quando ia viajar, que eu ficaria viajando por uma\_semana pra viajar pra campeonato, aí quando eu chegava eles me perguntavam, falava que queria ver tudo, foto. Geralmente nós passávamos viajando uma semana. Com a direção também era bem tranquilo. Eu sempre me adiantava, levava a declaração uma semana antes pra não ter problema. Eles remarcam a prova se precisasse, me ajudava no conteúdo, eles me passavam pelo email pra mim estudar durante a viagem, ir relendo, dava tudo certo. Tinha tutor que me guiava nas minhas aulas. Isso era no SESIS. No La\_Salle e no COC nós nunca viajávamos na época de prova, e eles olhavam antes pra não ter problema. Eu não disputava campeonato pelo SESIS, porque só tinha basquete\_masculino, basquete\_feminino não tinha. Eu continuei a me relacionar com as pessoas do mesmo jeito depois que me tornei atleta. Só algumas amigas minhas que falavam que eu deixava de fazer as coisas com elas pra ir pro basquete. Mas eles sempre encaravam como positivo, e eles sempre me perguntavam porque eu não treinava fora. Hoje minha mãe diz que se eu quiser ir eu posso, sou maior\_de\_idade. Mas que eu tenha cuidado. No COC e no La\_Salle eu ganhei bolsa de 100\_por\_cento e mudei para essas escolas por causa do esporte. O treino era do lado do COC, mas era perto. Mas nunca mudei de turno, sempre estudei de manhã. Eu tiro pra estudar a tarde quando eu não chego muito cansada da universidade, ou a noite depois do treino. Tenho uma rotina organizada para estudar. Eu geralmente eu estudo das 14h às 15h para estudar. De 15h às 16h pra fazer algum dever, e depois eu me arrumo pra vir pro treino. Minha mãe sempre acompanhava meu boletim de notas. Ela sempre cobrava que se eu não tirasse nota boa eu sairia do basquete. Eu penso em estudar além da universidade, se eu me formar em educação\_física eu penso em fazer uma pós\_graduação e talvez outro curso, mas ainda estou pensando. Os clubes que eu participei se preocupavam se eu estava indo bem na escola. O meu treinador sempre tinha comunicação

com meus professores. O Marcão sempre pegava no meu pé, pedia boletim e tudo para mim ver. A rotina de treinamento continuava o mesmo na semana\_de\_prova, só se tivesse muita coisa eu tinha que avisar que eu iria faltar o treino pra estudar. Mas era tranquilo, era só não mentir. Eles não gostavam de mentiras. Eu nunca percebi que o esporte atrapalhou meu desempenho no esporte. Na universidade são poucos professores que sabem que eu jogo basquete. Eu acho que eles me apoiam bastante. Até pediram pra me explicar o basquete em uma aula da universidade. Eu já participei de equipe\_escolar tanto pelo COC quanto pelo La\_Salle. Inclusive já viajei pelo COC pra participar do JEBs em Belém. O meu treinador me incentivava ir pros campeonatos, mas meus companheiros de time não me incentivaram não. Aí quando eu vim para o Filadélfia sim, aqui é uma família. Isso acontecia porque no vizinhança era individual, cada um por si. Não são de dar a força pra pessoa. Hoje meu treinador é o Maurício. Eu acho muito importante conciliar os estudos e o esporte mas eu achava um pouco difícil fazer isso. No começo foi um pouco difícil mas foi diminuindo e até que ficou tranquilo. Agora tá um pouco difícil porque eu preciso de bastante tempo pra estudar na universidade, mas eu estou conseguindo. Eu já fiz curso\_de\_inglês, faço faz um\_ano, mas eu nunca trabalhei. Desde a época da escola eu sempre buscava emprego, e aí eu fiz um curso\_de\_RH mas não consegui terminar por causa dos horários dos treinos. Aí eu parei e agora focar na universidade pra conseguir um estágio. Eu faço curso\_de\_inglês para conseguir uma bolsa em uma universidade nos estados\_unidos. Eu pretendo ou ser técnica ou ser uma jogadora\_profissional de basquete. Meu sonho seria jogar na WNBA. Eu ganhei muitas habilidades que podem ser levadas para fora do esporte. Eu tive a oportunidade de jogar nos estados\_unidos mas eu precisava de 7\_mil\_reais para pagar passagem e fazer uma prova seletiva para ir para a universidade, mas eu poderia pagar e teria ainda a chance de eu não passar, mas não consegui esse dinheiro de imediato. Eu não preciso de suplementação, tem uma alimentação diferenciada. Eu e minha mãe que pagamos esses gastos. Eu tenho que pagar o uniforme, tênis, mensalidade do clube, passagem de ônibus para vir para cá, mas como eu uso o passe\_livre tem ele pra ajudar. As viagens pra competição e inscrições era o clube que pagava. Aqui temos uma taxa pra pagar pra participar dos campeonatos, mas é uma taxa durante o ano inteiro. A Filadélfia tem parceria com a nutricionista e eu utilizo. Eu fui indicada para o bolsa\_atleta através da seleção sub\_17 em 2014. Nós ficamos na primeira\_divisão e iam escolher 15 atletas para receber, aí eu fui indicada e recebi. Eles iam observar a atleta que ia mais se destacar no campeonato e quem se destacasse ganhava a bolsa\_atleta. Foi meu primeiro auxílio\_financeiro e desde então nunca recebi nenhum outro benefício. Eu ganhei competição depois que eu ganhei a bolsa\_atleta. E me ajudou muito, porque eu comprei um tênis que está até hoje lá em casa. E eu comprava roupa, material de escola, passagem. Era pouco, 259\_reais. As pessoas mais importantes pra me tornar atleta foi meu primo. Mas hoje ele não está mais vivo, ele morreu. Ele sempre me incentivou. Até hoje eu vejo as mensagens dele no facebook que ele sempre me pensava alto, e eu me desanimava. Ele falava que ia me ver jogando na TV, na seleção\_brasileira, mas ele sempre me incentivou nas horas das viagens, quando eu tava precisando de dinheiro e ele me dava um pouco pra me ajudar. Ele sempre me ajudou. Quem foi importante pra mim nos estudos foi minha mãe. Ela sempre me cobrou estudar. Nenhum parente meu me incentivava no esporte, só meu primo. Eu tenho um primo que até chegou a jogar em são\_paulo futebol, mas não levou a carreira dele a sério. Teve uma lesão e parou de jogar. Hoje ele joga mas tá com o joelho todo machucado, não consegue mais. Na minha família e meus amigos ninguém me incentiva, as vezes até minha mãe, fala que o basquete não me dá dinheiro, então pra que me dedicar? Mas mesmo assim eu pretendo continuar nessa carreira. Mesmo se eu não estivesse jogando no Filadélfia eu queria ser atleta.

## INDIVÍDUO 8

Lorena Mirelle Linhares Lima. Tenho 18\_anos, tenho o Ensino\_Médio completo. Sou atleta de Taekwondo e recebia a ba\_estudantil. Eu só fiz taekwondo na minha vida. Eu fiz um pouco de dança mas só depois. É que meus pais já faziam taekwondo desde que eu era criança, aí meu pai me levava para os treinos dele e eu ficava assistindo e fui começando a gostar. Então desde pequena eu fui fazendo. Eu comecei com 2\_anos. Meu pai é mestre, do quarto\_dan. Ele chegou a ir para campeonato mas não campeonato\_brasileiro porque sofreu um acidente e teve que parar. Mas ele estava querendo ir competir fora. Minha mãe não teve tantos resultados esportivos, ela viajou, mas deu mais aula de taekwondo como professora. As minhas maiores influências no esporte foram meus pais. Eu sempre morei em Brasília e fiz parte dos seguintes clubes. Sempre fiz parte nos clubes do meu pai, eu fazia parte do projeto da IACC, instituto\_arte\_cia\_e\_cidadania, mas ele fechou porque não estava com condições de continuar, aí ele abriu a própria academia dele, que também era um projeto, mas era só ele, só aula de taekwondo, que foi o projeto\_superar, e eu só atuei nesses dois lugares. Na IACC tinha taekwondo, karatê, dança, informática. Era aberto para o público. Sempre tudo de graça. Eu fiz dança em 2014 porque o professor chegou lá pra dar aula também, no projeto, e eu quis experimentar algo diferente, aí eu quis dar uma mudada, mas continuei no taekwondo e na dança. Minha motivação para ser atleta é o bolsa\_atleta, porque querendo não é um dinheiro que você recebe e ajuda bastante. Minha relação com o clube sempre foi boa. Meu pai sempre foi meu treinador. Tinha as pessoas da própria academia, os alunos mais velhos dele as vezes dava aula, eu cheguei a dar aula pras crianças, mas sempre naquele meio mesmo. Ganhei os campeonato\_brasileiro durante muitos anos. Quando eu era mais novinha, 2007, 2008, 2009, 2010 eu fui campeã do campeonato\_brasileiro. Eu ganhei a categoria infantil e cadete. Eu continuei depois só que eu não estava conseguindo chegar em primeiro\_lugar. Fiquei em segundo, terceiro, fui até pra seletiva da seleção\_brasileira mas foi isso. A última competição que eu fui foi o campeonato\_brasileiro de 2018, em Cuiabá. Eu perdi na primeira luta. Eu comecei a me considerar como atleta de alto\_rendimento em 2010, foi quando eu comecei a me dedicar seriamente ao esporte. Fiz dieta, fui para os treinos de alto\_rendimento. Quando eu tinha uns 10\_anos de idade. Eu ia para escola pela tarde, treinava de manhã e a noite. O local do treino era perto da minha casa, uns 10\_minutos a pé. E eu ia junto com meu pai. O treino era de 9h às 11h30, aí ia pra casa, trocava de roupa e ia pra escola. E de noite o treino era de 19h às 20h30 da noite. Eu não fazia academia, era só os treinos. Eu só fiz academia só em 2016, pra ganhar massa muscular. Em 2016 eu estudava de manhã, aí ia pra academia às 14h e 15h eu ia pro treino. E terminava às 18h. Da minha casa pra escola, era uns 5\_minutos a pé. Mas era próxima. Sempre foi escola\_pública. Eu nunca me senti desgastada por causa do treino. Meu pai me falava sempre que não estava me obrigando a fazer taekwondo, eu fazia porque eu queria. Se eu tivesse um baixo rendimento na escola eu devia parar os estudos porque os estudos sempre são os mais importantes. Eu nunca me atrasava pra treino ou para escola. Eu já estudei quando eu era muito nova, quando não competia fora, eu estudava no Logus, que era escola\_particular, do primeiro\_ano até o terceiro\_ano, depois eu estudei no Kairos escola\_particular, e eu estudei o quarto\_ano e o quinto\_ano, e depois disso foi escola\_pública. Estudei no CEF\_504 que era perto de casa, e no ensino\_médio, CEM\_304, do primeiro\_ano ao terceiro\_ano. Nós escolhemos essas escolas porque era mais perto de casa mesmo. Mais fácil. Até as públicas. Não sei porque eu estudei os primeiros anos do ensino\_fundamental em escola\_pública. Foi escolha da minha mãe. E quando fui pro sexto\_ano minha mãe não queria pagar pra mim, era uma escola próximo de casa e era bem falada, e aí eu fui pra escola\_pública. Ela disse que se eu não me adaptasse eu voltaria pra escola\_particular, mas eu me adaptei. Quando fala de escola a primeira coisa que me lembro é

dos meus amigos. O que eu lembro de positivo da escola é tudo. No ensino\_fundamental eu não tive muitos empecilhos. Meus professores sempre me ajudaram na carreira, sempre me ajudaram quando eu fazia viagens, passava trabalho antes pra entregar e dar a nota e não reprovar. Sempre foi tranquilo. Eles remarcam prova quando eu viajava. Eu geralmente viajava por uma\_semana, eu saia na quarta\_feira e voltava na terça\_feira da outra semana. Aí se tivesse prova eles remarcam. Ou eu fazia antes ou fazia depois. Trabalho a mesma coisa. Se eu perdia matéria os professores me ajudavam. Só era eu falar e dizer que eu tinha alguma dúvida eles me atendiam separado e me ajudavam. Mas sempre encararam o esporte como algo positivo. O que eu não gostava da escola era a convivência mesmo. Só no ensino\_médio eu tive problemas com isso. Não é nada relacionado ao esporte, é que as vezes nós não se batemos com alguém. Problema de convivência com algumas pessoas. Nunca tive dificuldade na escola. Só no terceiro\_ano mesmo, que era o ano mais difícil, mas a dificuldade normal de prova, matéria. Nunca reprovei ou fiquei de recuperação. Sempre gostei muito de educação\_física, história e filosofia. As matérias que eu não gostava era matemática e física. Mas eu sempre me esforçava pra passar nessas matérias, nunca tive dificuldade com elas. Poucos dos meus amigos eram ligados ao esporte. Eu tive alguns amigos que eram do taekwondo, pouquíssimos, e alguns outros faziam muai\_tai, jiu\_jitsu. Mas eram pouquíssimos mesmo. A maioria era amigos de sala de aula mesmo. Ainda tenho contato com eles, a maioria deles. Sempre tive total apoio da escola no meu esporte, sempre tive uma boa relação com direção e coordenação. Os professores sempre incentivavam a fazer enem, pas, pra conseguir a universidade, mas eles entendiam que eu tinha o esporte e eles sempre faziam eu pesar os dois. Tipo, não puxar muito para um lado ou para o outro para manter um equilíbrio. Mas sempre me ajudavam, se eu tivesse dificuldade em uma matéria, os professores me ajudavam na sala dos professores, sempre. Depois que eu acabei a escola eu tentei me dedicar mais ao esporte e então eu não entrei na universidade. Eu até tentei entrar mas minha nota não foi suficiente pra entrar no curso que eu queria, direito. Aí eu conversei com minha família. Minha nota não deu pra fazer direito na unb, mas só em outros estados. E eu não queria sair de Brasília porque eu queria continuar treinando, aí conversei com minha família e eles deixaram eu escolher. Aí eu quis continuar me dedicando ao esporte e então eu fiz isso. Terminei a escola em 2017 e em 2018 eu estava me dedicando exclusivamente ao esporte. Esse ano eu vou tentar o vestibular da unb de meio de ano para direito. Eu quero tentar fazer porque é uma área que tem um leque muito grande de possibilidades de emprego. Posso estudar aqui, estudar fora, porque eu faço francês também, aí eu poderia sair, fazer uma especialização fora, voltar, e ter uma carreira mais estabilizada. Mas é uma área que eu tenho interesse, eu gosto. Faz 5\_anos que eu faço o francês. O horário sempre foi picado. Quando eu estudava e fazia o francês a minha carga de treino diminuía. Ou eu fazia o francês de manhã e estudava a tarde ou estudava de manhã e fazia o francês a tarde. Aí treinava a noite. Começava às 20h e ia até às 23h treinando. Eu não consegui perceber diferente a relação com meus colegas antes ou depois de me tornar atleta porque eles sempre me apoiaram, sempre deram força pra mim continuar no esporte, me ajudavam com trabalhos da escola porque sabia que eu viajava e treinava. Mas sempre me apoiaram. Eu me considerei atleta em 2010 porque eu treinava no alto\_rendimento e eu fazia dieta. Mas antes eu não fazia dieta, não era importante. E eu treinava em mais um horário, o treino normal e o de alto\_rendimento. Meus professores sempre encararam meu esporte como positivo. Nunca precisei mudar de turno ou de escola por causa do esporte. Eu tirava pra estudar ou fazer dever\_de\_casa depois que acabava o treino. Eu não tinha uma rotina específica pra estudar. Eu estudava sempre o que eu tinha mais dificuldade. Agora que eu estou estudando para o vestibular eu estudo todos os dias, na parte da tarde, começo estudar umas 14h, depois de deixar minha irmã na escola, aí até umas 17h. Meus pais sempre acompanharam meu boletim. Eles nunca me cobravam uma

rotina de estudos, falavam que eu precisava tirar nota e não reprovar. E caso o esporte atrapalhasse, aí eles iam fazer eu sair do esporte e me dedicar aos estudos, mas como isso nunca aconteceu, não tive esse problema. No começo, no ensino\_fundamental, minha mãe falava que eu sempre tinha que tirar 8 pra cima. Aí no ensino\_médio eles não cobravam tanto. Falavam que a média pra passar tava bom. Nessa época de estudos pra vestibular, eu que decidi estudar nessa rotina. Eles sempre falaram que a escola era minha e que eles iriam me apoiar de qualquer forma. Eu não sei até quando eu quero estudar. Quero fazer universidade mas não sei se quero fazer algo a mais. Pretendo fazer o mestrado, enquanto der pra mim continuar estudando, me especializando, eu quero continuar. Se chegasse na semana de provas e se eu precisasse estudar, o clube me liberava do treino pra poder estudar. Eu só precisava falar que eu não ia pro treino pra estudar. Mas sempre foram bem tranquilos com isso. Eu me dedicava menos no esporte na semana de provas, mas era algo necessário, não é uma coisa que me atrapalhou tanto. Eu não participei de campeonato\_escolar porque na escola não tinha. Pra mim era tranquilo conciliar esportes e estudos, porque se eu precisasse parar de treinar para estudar era tranquilo, então não tinha muita dificuldade pra conciliar tudo. Eu sempre tive apoio das pessoas próximas, então nunca tive dificuldade. Eu nunca trabalhei, minha mãe nunca me deixou fazer isso. Eu queria trabalhar no ensino\_médio na parte da tarde mas ela falou que eu precisava me dedicar aos estudos e ao esporte. A profissão que eu quero seguir é ser promotora. O esporte me deu condicionamento\_físico para fora do esporte. Coisas que a maioria das pessoas fazem cansam mais rápido do que eu. Taekwondo me deu concentração e disciplina. Isso é muito importante. Eu gastava muito com os campeonatos, eu tinha que pagar com todas as inscrições. As inscrições aqui em Brasília era uns 80\_reais e esses campeonato\_brasileiro era 150\_reais, por aí. E os equipamentos que sempre foram caros, porque o taekwondo é um esporte muito caro. O uniforme, o mais ruinzinho, mais simples custa 200\_reais. O dobok. Aí tem caneleira, luva, protetor\_de\_braço, protetor\_bucal. No treino é só a roupa, nos campeonatos precisa de uma proteção a parte, o colete. Protetor\_de\_cabeça, protetor\_genital. Nas viagens tinha os gastos do hotel, a própria viagem e a alimentação. No começo teve algumas viagens que não precisamos pagar porque conseguimos pelo Compete\_Brasília, nós fazíamos os requerimentos, entregava e conseguia o transporte, mas foram poucas viagens que fizemos assim. Eram todas viagens de ônibus. Só viajei de avião duas vezes. Todas as viagens que fiz foi de campeonato. Eu fiz dieta por 4\_anos seguidos. Não fiz suplementação. Além do treinador que era meu pai, tinha a nutricionista. Foi uma parceria que teve, onde ela fez a avaliação e passava a dieta pra gente. Eu tive coach, mas não psicóloga. Foi em 2018. Ela ficou sabendo do projeto e quis fazer também a parceria. Meus pais que financiavam os meus gastos. Sempre eles. Eu conheci o bolsa\_atleta por conta das competições. Os atletas das outras academias, mais de alto\_nível sempre falaram, e meu pai foi atrás, porque era nosso mestre, aí nós fazíamos o pedido. Tinha que assinar, mandar foto. Quando recebemos o benefício do bolsa\_atleta nós vamos pros campeonatos e temos que provar que estou tendo rendimento, que estou usando o dinheiro para o esporte. Eu só recebi o bolsa\_atleta estudantil, mas foi por pouco tempo. Foi só por 3\_anos. Eu recebia, acho que era 150\_reais. E ele só gastava com coisas do esporte. Roupa, equipamento, essas paradas. Não recebo mais nenhum benefício. Ganhei algumas competições depois que ganhei a bolsa. Acho que ganhei em 2014 e 2015. No outro ano eu não lembro, eu era muito nova. Eu ganhei as etapas de Brasília, os ranking Brasília, fora o campeonato\_brasileiro, copa\_do\_brasil. Eu era da categoria cadete, faixa\_preta até 42\_quilos. Ano passado e retrasado eu só ganhei as etapas de Brasília mesmo. O bolsa\_atleta me ajudou a ter melhores resultados porque eu conseguia comprar equipamentos melhores, não tinha a correria pra conseguir dinheiro pra viajar, então foi bem mais fácil. As pessoas mais importantes pra mim ter me tornado uma atleta foram meu pai e minha mãe. Meu pai me

treinava e minha mãe dava aula em escola, então ela sempre me acompanhou nos campeonatos, sempre ia. Teve uma professora de educação física que foi fundamental, que lutou taekwondo, ela me deu as faixas e alguns protetores. Eu era criança e eu fiquei muito feliz. Me ajudou muito. Foi muito importante pra mim. Foi no sexto\_ano do ensino\_fundamental. Minha família sempre encarou os estudos como algo prioritário. Se eu quisesse deixar de ser atleta, eles não iriam se importar. Eles sempre deixaram claros pra mim que eu fazia porque eu queria. Se eu quisesse parar, ia ser tranquilo. Meu tio me ajudou bastante também, ele sempre disse que se eu precisasse de alguma ajuda financeira ele estava disponível pra ajudar. Eu tive um namorado na época da academia, que também treinava, chegou a viajar comigo, mas não acho que ele me influenciou no esporte. Meus pais nunca mudaram a rotina profissional porque foi algo sempre adaptado. Ele teve um acidente no antigo emprego, ele é metalúrgico, e aí ficou encostado no INSS e começou esses projetos e começou a dar aula de taekwondo, mas não ganhava nada. Mas sempre foi algo acertado. Minha mãe já deu aula em escolas, hoje ela parou e é recreadora freelancer. Mas ela também nunca mudou a rotina dela, porque meu pai sempre teve tempo, então ela não precisava estar sempre presente. Aí de vez em quando ela treinava junto com os alunos dela, mas só. As viagens sempre foram algo difícil, porque como nós sempre fomos um projeto\_social, era muito carente. Nós íamos na marra mesmo para conseguir alguma coisa. Aí tinha vez que nós ficávamos em pousadas, lugares bem ruim mesmo, amontoado, pra poder só competir, levar aquelas crianças pra competir. Teve um aluno do meu pai que ele conseguiu uma bolsa\_de\_estudos em são\_paulo pra estudar direito lá e treinar em uma academia em são\_caetano, e tudo por conta do esporte. Eu acho isso muito importante porque é algo que abre muitas portas para nós. A condição da minha família era difícil pra pagar as viagens e campeonatos. Nós íamos na marra. Ficava devendo, mas tentava ir. Eu nunca soube como faz para pagar. Minha mãe pegava dinheiro emprestado, muitas vezes tinha o patrocínio da dona do escola que minha mãe dava aula. Teve uma época que ela me patrocinou, e sempre foi assim. Era o colégio\_anchieta.

## INDIVÍDUO 9

Os meus pais sempre tiveram uma grande influência em mim, porque desde pequena colocou pra fazer esporte. Natação era primordial pra saber nadar e nós fazíamos lá no SESC, e de lá eu ia pra natação e depois ia fazer balé. No caminho do balé eu passava pelas quadras, e foi quando eu vi o vôlei e me interessei em fazer vôlei, porque eu ia pro balé e via as meninas jogando. Ana Luíza Pirineus Costa. Tenho 21\_anos e estou fazendo o sétimo\_semestre de educação\_física bacharel na Estácio. Sou atleta de vôlei e recebia o ba\_estudantil. Antes de eu praticar o vôlei eu fazia a natação. Isso eu tinha uns 7\_anos. No SESC. Na natação eu já estava avançada, ia pra competição. Não é a toa que logo que entrei o meu treinador mandou eu escolher entre vôlei e natação. Eu participei dos campeonatos internos do SESC e no 24\_horas\_nadando no SESC. Eu fiquei uns 3\_anos na natação, e só depois eu entrei no vôlei. No SESC eu fiquei 1\_ano treinando, os dois juntos. Aí eu fiz uma seletiva com o Angelo, e aí eu fiz a seletiva e passei. Só que como lá ele queria um tempo maior de treino, queria que nós como atletas, ele pediu pra nós escolhermos. E eu fazia parte duas equipes, o SESC\_olímpico que era a equipe de campeonato e a do Angelo. Eu não sabia o que era vôlei. Eu ia pro balé e aí via as meninas jogando. O que me motivou a escolher o vôlei eu não sei. Eu queria jogar aquilo. Porque que nem eu te falei. Quando eu ia pro balé eu me encantei de ver as meninas jogando. Vendo o que era o vôlei, e meu pai já tinha sido atleta de vôlei mas eu não sabia. E ele não me falou. Aí eu disse pra ele que queria jogar muito o esporte que a bola fica de um lado pro outro da rede. Aí ele me disse e me matriculou. Aí eu fui desenvolvendo e quando



estive na época de decidir, como era algo novo que, natação eu fazia desde os 4\_anos, natação cansa, a piscina era quente e eu já sabia nadar. Era um esporte que eu fazia sozinha. Eu só estava lá pra competir, pra aprimorar a técnica, e eu queria algo novo, e quando eu vi o vôlei e que o treinador era muito bom, porque ele levou umas atletas que jogavam em um nível mais alto, e ele mostrou pra gente, ele fez uma apresentação do esporte e mostrou as meninas jogando. Aí eu me encantei. Eu já era encantada porque eu via, e depois eu fiquei muito interessada. Isso no SESC. Aí quando eu tive que escolher foi com o Angelo no Marista. O Angelo fez uma parceria com o Marista de utilizar as quadras de lá, mas o projeto era amigos\_do\_vôlei. E aí ele passava os treinamentos lá. E eu me inscrevi na peneira dele lá no Marista, e nós eramos amigos\_do\_vôlei / Marista. Aí eu saí do SESC e fui pra lá. Mas fiz um ano de vôlei no SESC e depois de um ano eu fui pra lá. Eu comecei a jogar com o Angelo, daí eu fiquei uns 6\_anos lá, até o meu terceiro\_ano do ensino\_médio. E aí foi quando o Brasília\_vôlei veio pra cá e ele teve problema dele com algumas atletas e ele teve que sair. Aí na saída dele eu não queria ficar em Brasília, e eu já tinha jogado campeonato\_brasileiro, feito peneira na seleção\_brasileira. Já estava em um nível muito alto. Aí me chamaram pra jogar no paraná, onde fui jogar no Cascavel. O clube era o Cascavel, Paraná. E depois eu fui jogar em são\_paulo. São\_josé\_dos\_campos. Eu tinha 17\_anos em Cascavel, tava no terceiro\_ano do ensino\_médio. Em são\_josé\_dos\_campos eu já tinha 18\_anos, terminei a escola em cascavel. Depois eu voltei pra Brasília e tive a proposta de jogar no profissional do Brasília\_vôlei só que eu vim, aí joguei 3\_meses com elas, só que o gerente lá ficou me prometendo pagamento, e eu tava estagiando na época, porque eu parei de jogar fora e queria ter uma renda aqui em Brasília, e por eu morar aqui, ele disse que não tinha como me pagar, e falei pra ele que eu não ia continuar se ele não pudesse me pagar. Aí por isso eu falei pra ele que não tinha como. Falava que ia pagar mais pra frente, e então ela ia dar prioridade pelo que eu recebia, o estágio, eu fazia estágio no SESI e em uma escolinha no sudoeste de natação, e eu falei pra eles que não ia. Aí eu treinei 3\_meses com o profissional do Brasília\_vôlei e aí saí. É porque nós viramos o Brasília\_vôlei nos anos com o angelo, só que era base, aí eu saí porque o angelo saiu. Quando eu voltei aí eu virei profissional. O último clube que eu passei foi o Brasília\_vôlei. Agora eu estou jogando por um time de campeonato interno, é um time de Brasília, prevermed é o nome do time. No cascavel eu joguei a superliga\_b, e são\_paulo nós não jogamos a superliga\_b, mas aí deu problema com o dinheiro deles e então nós não jogamos. Mas nós jogamos o campeonato\_paulista na minha categoria, o sub\_19. Os principais treinadores foram o angelo, o luciano, no cascavel, e o washington e o demo, que foram lá de são\_paulo. Aqui em Brasília tem muitos treinadores. A minha melhor fase em Brasília mesmo foi com um treinador que não é muito querido aqui mas ele é referência da seleção\_brasileira mas é odiado pelos outros. Porque ele tem uma fama de querer roubar atleta dos treinadores, e aí também ele sacaneava com muita atleta, ele tinha uma equipe forte, e se você passasse ou se você tivesse ido pra equipe dele, ele deixava você o treino inteiro catando bola. As novinhas só catavam bola. Muito treinador que passava pra ele não gostava disso, então ele ficou meio queimado em Brasília, mas ele é um excelente treinador, não deixa de ser uma referência em Brasília. O meu primeiro campeonato no vôlei me marcou, porque fiquei nervosa e foi a primeira vez que fui competir, eu lembro que lá na body\_tech do lago, e lá foi o primeiro campeonato que eu joguei, e fiquei nervosa e a primeira vez que vi o meu treinador muito nervoso com nós. Foi o meu primeiro torneio. Os outros que foram marcantes foram os campeonato\_brasileiro, porque era muito difícil participar de uma seletiva nacional, e estar na seleção\_brasiliense. e eu aprendi a jogar vôlei muito rápido, e eu tinha 14\_anos e tava em uma seleção de meninas de 17\_anos e eu de igual pra igual com elas. E batendo de igual com a levantadora com meu primeiro corte. E me cortaram porque eu era nova, e minha mãe brigou com o treinador. Em vez de avaliar o vôlei em si. Aí no ano seguinte eu fui e nunca mais fui

cortada. Fui em todos os campeonato\_brasileiro e todos foram muito especiais pra mim. E outro que marcou muito foi o campeonato\_mundial\_escolar, que foi em 2014 lá na Áustria, que fomos campeãs em cima da belgica. Minha posição é levantadora. E eu tava sozinha porque a outra levantadora, ela era coringa, ela líbero, porque era baixinha, então tinha uma responsabilidade grande em jogar. Eu acho que foram quatro\_anos. O primeiro eu tinha 15\_anos no Paraná, eu não lembro o nome da cidade. E aí depois até os 18\_anos representando a seleção\_brasiliense. O campeonato\_mundial\_escolar foi representando uma escola. Nós fizemos uma seletiva e ganhamos, aí depois participamos de uma seletiva nacional, só que o time que ia disputar com nós desistiu, então fomos direto. Eramos da escola nossa\_senhora\_de\_fátima, fica lá na asa\_sul. É a escola que mais tem título aqui em Brasília porque eles davam bolsa pra todos os atletas pra poder ganhar. Estudei lá só em 2014 porque eu queria ir pra esse mundial. Eu me considerei atleta quando eu fui pela primeira vez pra fora, no Paraná. Antes eu não me considerava como atleta. Eu via que eu estava em um nível muito avançado em Brasília, mas por não receber mais aquela bolsa\_atleta, por eu não jogar os campeonatos mais fortes, só aqui em Brasília, eu não me considerava. Nós íamos pra fora pra jogar os campeonatos mas voltamos e era a mesma coisa sempre. Era só campeonato no Brasil ia pro Paraná e jogava a taça\_paraná. Eram fortes, mas eu não me considerava no alto\_rendimento. Meu último momento de alto\_rendimento foi em são\_paulo, foi meu último jogo lá. Representando o são\_josé\_dos\_campos. O Brasília\_vôlei eu só treinei, não pude ir a jogo, então pra mim não conta. Em são\_paulo eu fazia universidade, eu comecei educação\_física no meio do ano. mas eu estava conciliando esportes e estudos. Minha rotina naquela época, como era universidade, eu não achei tão puxado igual eu achava que era na época escolar, porque eu não tinha um treinador me cobrando, eu ia pra minha universidade porque minha mãe pediu pra fazer universidade lá. E então eu fui fazer e ninguém me cobrava nota, horário, nem nada. E a universidade não tinha parceria. Consegui pelo ProUni e fui fazer universidade lá. Agora, em relação a escola, quando eu estava principalmente no ensino\_médio, o angelo sempre pediu pra levar o esporte junto com os estudos, porque é uma carreira pequena e tudo mais. E ele cobrava muito nota, a média na escola era 7\_pontos. Se ficássemos em duas matérias ou mais ele cortava o treino da semana. Nós precisávamos ir pro treino mas não era pra treinar, era pra estudar na frente dele. Nós estudamos mais por causa do vôlei, ele fazia nós estudar do que focar nos estudos mesmo. Eu estudava na escola pela manhã e treinava pela noite. Era entorno de 3\_horas de treino. 1\_hora de academia e 2\_horas com bola. Começou segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira depois foram todos os dias da semana. No Cascavel eu cheguei a estudar também mas o treinador não cobrava não. Eu só fiz pra terminar o ensino\_médio. E os treinos eram todos os dias, eram 4\_horas de treino. 1\_hora de academia e o resto de bola. E a escola era de manhã e o treino pela tarde. E em são\_josé\_dos\_campos, como eu tinha formado, eles dividiam em dois períodos. Lá era treino específico pela manhã, no meu caso levantadoras e líberos pela manhã, em torno de 2\_horas de treino. Depende da época do ano. A tarde era o treino coletivo. Então de manhã eles separavam de acordo com a posição. E ia pra casa, descansava, a tarde tinha o treino coletivo com todas as posições juntas, e eram de 4\_horas de treino. Entorno de 6\_horas por dia de treino e estudava a noite. O marista é

um

pouco perto. Era em torno de normalmente dá uns 10\_minutos de carro. O treino era lá também. Mas eu passava o dia inteiro lá. Eu ia pela manhã, almoçava na escola e ficava no treino. Mas a tarde nós temos que treinar com o treinador da escola, mas era tipo, 1\_hora de treino. Aí nós aproveitamos e ficávamos até a noite. Eu estudava, eu ia bater bola nesse meio tempo. Em Cascavel o lugar que eu estudava era muito longe. Eu morava em uma casa que eles cediam para todas as atletas de fora que moravam lá. O lugar de treinamento era perto,

mas da escola era muito longe. Era uns 30 minutos andando. De carro não era longe, porque tinha uma via principal que era rapidinho. Em são\_josé\_dos\_campos eu ia de vã pra universidade, porque era muito longe de onde nós morávamos. O lugar do treino era só atravessar uma passarela. Agora eu estou estudando pela manhã na estácio e como eu tive neném agora e voltei pro time, elas estão organizando o lugar de treinamento. Elas estão treinando todo sábado no ginásio do cruzeiro, e eu estou indo, todo sábado pela manhã treinar no cruzeiro. Eles fizeram uma parceria com academia e podemos ir no dia que eu quiser. Eu não vou pra academia porque tive um neném agora, tem dois meses, então estou voltando aos poucos, mas eu vou voltar, só estou organizando meu horário. Na escola eu ficava muito cansada por causa dos treinos, dormia na aula, chegava atrasada por causa do treino, porque eu ficava muito cansada, o treino era de noite, então às vezes, principalmente quando tinha treino de academia, quando o corpo ficava todo dolorido, e eu já sou toda enrolada com o horário, eu acabava acordando mais tarde e me atrasou bastante pra ir pra aula. Isso já não acontecia em Cascavel. Lá eu comecei estudando de manhã mas depois resolvi estudar a noite pra melhorar o rendimento, porque eu estava ficando muito sonolenta na aula. Saia do treino, tomava banho e ia pra escola. Eu senti que melhorou. Na época de universidade em são\_josé\_dos\_campos também era tranquilo, não tinha problemas. Até porque eu ia de vã, eu tinha a responsabilidade com o motorista. Eu já estudei no SESI, na época de maternal. Aí depois do SESI eu fui estudar no Expresse. Depois eu fui estudar na escola\_classe\_18, e depois eu estudei no ESPO, que é uma escola do meu tio. Depois eu já fui pro Marista. Depois eu estudei no nossa\_senhora\_de\_fátima. E por último, lá em cascavel era na escola alfa. Em são\_josé\_dos\_campos eu estudava na UNIP. De lá eu vim pra Estácio aqui. Na Expresse eu não lembro, era tipo primeira\_série. Na escola\_classe\_18 eu só estudei dois anos. Aí aqui no ESPO era particular, mas como era do meu tio eu fui com bolsa. Eu nunca paguei escola, sempre com bolsa. Eu ganhei bolsa no marista, também na nossa\_senhora\_de\_fátima. Marista eu estudei até o primeiro\_ano do ensino\_médio. Comecei na sexta\_série. Fiz o segundo ano no nossa\_senhora\_de\_fátima e no terceiro\_ano eu fiz em cascavel. Minha mãe foi aluna no Marista, então o sonho dela era que nós como alunos de lá. E isso incentivou muito depois que eu ganhei a bolsa lá. Ela me apoiou muito porque ela sempre falava do Marista. E meu pai também porque nós sabemos que é uma escola muito boa e meu pai não teve restrição. A restrição foi quando eu fui sair do Marista para ir pro nossa\_senhora\_de\_fátima, porque lá eles não estão, na minha época o foco era atleta, você já entrava lá com 50\_por\_cento de bolsa, então você tinha que se dedicar a ser atleta. Se conseguisse ter mais rendimento era 100\_por\_cento, e eles não se importava muito com notas. Fica do lado do la\_salle, na 906\_sul. E lá não tinha nota, você precisava fazer uma prova, se você acertasse mais que 50\_por\_cento você era aprovado, tirava AP, recuperação era um S, tipo, você não tinha nota, não tinha uma avaliação igual ao marista, que era bem mais puxado. A média no Marista era 7\_pontos. A Alfa eu estudei porque era parceria com o time de cascavel. A UNIP eu passei no ProUNI. E a estácio porque a minha mãe trabalha lá, tem um polo aqui em taguatinga\_norte e ela é administradora de lá, ela conseguiu bolsa pra filho, e aí eu consegui bolsa lá de 100\_por\_cento. Ah, eu lembro do vôlei quando fala de escola. Porque minha escola toda eu ganhei bolsa pra jogar. Eu sempre fui muito doida com o vôlei. Aí eu só pensava em jogar o tempo todo. Eu ia pra escola e já pensava em jogar, nós jogávamos o vôlei entre nós o tempo todo. Eu lembro muito do Marista quando nós falamos de escola, dos professores de lá, porque lá pra mim foi uma família, tanto com os coordenadores como os professores e até lá não tinha um diretor, era um irmão da igreja que coordenava a escola. Então ele era muito próximo de nós, então a coisa que mais lembro era nessa fase do marista, e a fase que eu mais estudei também, porque era bem puxado lá. De positivo da universidade tem o conhecimento na área que eu escolhi, ainda mais agora que estou fazendo TCC sobre o

vôlei, então eu estou aprendendo umas coisas que eu como atleta nunca vi, e agora do outro lado estou aprendendo bastante. Eu não gostava de estudar de manhã, eu odiava isso. Eu tive que mudar pra estudar de manhã por causa da neném, mas eu gosto de estudar a noite, eu acho melhor. E eu não gostava de estudar no nossa\_senhora\_de\_fátima. Eu odiava a escola. Eu só fui por causa do campeonato\_mundial. Eu fui rival 3\_anos seguidos. O meu sonho era jogar o campeonato\_mundial, ir pra fora, mas eu só fui pra lá por causa disso. Apesar de ser rival eles falavam que nós não éramos nossa\_senhora\_de\_fátima de coração, e nós falávamos que não era mesmo, que nós estávamos pra jogar vôlei, e se não era nós, elas não iam jogar também. Porque nós não tínhamos o amor igual ao pessoal que sempre jogou mas nós respeitávamos. Não era nada que atrapalhasse também. Da universidade eu não sei pensar do que eu não gosto. EU gostei bastante, eu tive muita dificuldade no início porque tem algumas matérias mais complexas da área de biologia que eu nunca me dei bem, anatomia, mas depois aprendi bastante, cara, não tem uma coisa pra falar que eu não gosto. Eu estou aproveitando bastante, uma coisa que eu achei que não iria gostar porque eu não queria fazer mas eu estou adorando fazer universidade. Eu queria fazer direito. Meu sonho era fazer direito, mas minha mãe disse que eu tinha que fazer, e jogar vôlei e fazer direito eu não ia dar conta, aí eu pensei em uma área que eu iria gostar muito e é parecida com o que eu faço, e eu me apaixonei com educação\_física, não vejo a hora de formar pra dar aula. Meu pai é advogado, e minha mãe é formada em administração. Minha mãe foi atleta de basquete e meu pai de vôlei e de futebol. Minha mãe chegou a jogar campeonato\_brasileiro de basquete meu pai eu não sei. A minha irmã pratica alto\_rendimento de natação, mas minha irmã mais velha não. Eu tenho um primo que tá nos estados\_unidos, jogou basquete profissional, e isso tem dois anos, e ele parou de jogar basquete, mas não sei porque, ele tem 2\_metros\_e\_15 quase, tem tudo pra ser jogador e desistiu. O meu avô já jogou basquete também. Meu avô parte de mãe jogou basquete, de alto\_rendimento também, e meu tio foi nadador. Eles me influenciaram sim no esporte. Depois que eu comecei a jogar mais vôlei que influenciou mais, mas no início não foi muito não, até porque eu não sabia, eu usava esporte mais pra brincar. Meu avô dava muito conselho porque ele foi atleta e me aconselhava com situações com o treinador, e eu sempre fui muito difícil, e eu sou levantadora e tinha muita rixa com o angelo, mas brigava muito. Minha mãe também me ajudava bastante. Não tive dificuldade na escola, Nunca tive dificuldade em relação a notas. Só no meu primeiro ano de ensino\_médio porque foi um baque, eu fiquei em 10\_matérias e minha mãe falou que ia me tirar do vôlei, e no outro semestre eu já peguei o ritmo e passei direto no final do ano. Eu só tive problema com o Angelo, era porque ele falava que eu era teimosa, mas era porque a maioria das meninas não batiam de frente com ele, mas eu não tinha medo com ele, diferente das meninas, perguntava porque, não queria fazer do jeito que ele mandava, queria que ele me provasse porque, ele ficava bravo, e teve uma época da adolescência que eu fiquei meia doida, cheguei atrasada nos treinos, ele brigava muito comigo. Mas isso foi só fase, agora questão de dentro de quadra eu sempre batia de frente com ele. Eu queria entender, queria que ele me provasse tudo. Nos outros lugares era mais tranquilo, eu acho que era mais profissional, então eu tinha que jogar, e aí no primeiro ano eu fiquei mais retraída, era minha primeira vez fora, eu escutava muito o treinador, eu fui aprendendo bastante e aí depois. Minha relação era mais ou menos com os colegas, mas tinha muita briga porque muita mulher junta, mas não era toda hora. Eu tinha muitos amigos que eram relacionados ao esporte. Eu tinha as amigas do esporte e tinha as amigas da escola. Meus amigos do esporte eram mais velhos, tipo, eu era da sexta\_série e tinha amigo do segundo\_ano do ensino\_médio. A minha cabeça sempre foi mais velha. Quem era mais próximo era o pessoal do esporte, porque era quem nós convivemos todo dia, de manhã e a noite. A minha relação com os professores e coordenadores eram muito bons. O coordenador foi professor de basquete, então ele entendia muito quando tinha que viajar, deixar declaração

com ele, avisar os professores, então sempre tive uma boa relação. Geralmente eu viajava por uma semana. Por viagem. Remarcava prova, principalmente no marista, no nossa\_senhora\_de\_fátima era mais chatinhos com isso. Mas no Marista eles faziam. Nós tínhamos que ser organizados com eles. Avisava quem ia viajar, iam cinco\_atletas, nossa declaração tá aqui, vai cair na semana de prova, dá pra fazer antes ou depois e a coordenadora ajudava. Trabalho tinha que conversar com o povo da sala. O coordenador era tranquilo. Mostrava a declaração e entregava antes ou depois, mas tinha que apresentar a declaração, se não apresentasse eles não aceitavam não. Abona as faltas com declaração. Mas só as datas que estivessem lá. Na universidade eu nunca viajei, então não sei dizer. Não, viajei em são\_paulo, mas eles não abona não. Mesmo com a declaração. Não remarcam a prova também, tive que fazer segunda\_chamada, mas tinha prova de segunda\_chamada. Minha relação com os professores na universidade era mais compreensivo, perguntava como era o resultado, na escola não tinha esse interesse. Eu ainda tenho bastante contato com os amigos de escola. Eu percebi, mas assim, é porque como eu jogava já, e meus amigos já me viam jogar, então eles achavam que eu jogava muito, e eu não jogava assim, e eu sabia que eu não jogava. Porque eles tão me vendo ali, e eu estou vendo quem tá jogando a superliga, então pra eles eu era já atleta profissional, e eu não era. Só que quando eu fui pra fora, isso aumentou mais ainda. Me achavam demais, fui jogar fora. E eu não achava tudo isso. Mas eu senti bastante. Todo mundo ficou surpreso por eu jogar fora. Um entusiasmo muito grande. Mas amizade não mudou, afastou, porque não se via, mas quando voltei pra cá, ainda vejo todos. Todo mundo apoiava o meu esporte, professores, coordenadores e diretores. Todo mundo queria me ver jogar, todos davam muita força, mas o professor sempre falava que eu não podia deixar de fazer o dever aqui, não adianta fazer na quadra e não fazer aqui. Cobravam bastante e falavam que não iam aliviar só porque eu tava treinando. Na universidade alguns professores são mais maleáveis em relação a atraso, principalmente quando eu tava aqui no Brasília\_vôlei profissional, o treino era 6\_horas, e eu chegava 21h na aula, e eu explicava mas falava que não ia deixar de vir mas não ia conseguir chegar mais cedo. Eles entendiam, falava pra correr atrás do conteúdo com outros alunos e conseguia. Eu saí do ESPO e fui para o Marista porque eu ganhei bolsa como atleta. Turno eu mudei por causa do esporte, em Cascavel eu passei pra noite. Porque ficou melhor pra mim. Eu estudo e faço dever de casa de madrugada, é o melhor horário pra mim. Eu só presto de noite, eu não funciono de manhã. Com prazer eu faço a noite. Eu sempre estudei de madrugada. Época de prova no Marista eu estudava de 1h até 4h da manhã e ia estudar cedo. Dever de casa também, tudo de noite. Não é um horário específico também. EU determino pra mim, na época de semana de prova, segunda-feira eu tenho prova, então de sábado pra domingo eu vou estudar de 22h até 2h. Aí eu coloco o despertador e estudo esse período. Mas fora dessa época eu não estudo. Meus pais sempre acompanhavam meu boletim. Bastante, até no alfa. Ela pedia, perguntava como eu estava. Cobrava que eu tivesse nota. Rotina não cobrava não, mas só cobrava nota. Eu pretendo estudar até eu me formar em licenciatura. Então, o quanto eu estudar depende do vôlei, porque estou voltando agora. Se surgir uma oportunidade depois, eu acho que eu vou dar prioridade pro vôlei, porque eu já me formei na universidade. A época escolar foi muito tranquilo. As matérias que eu mais gostava era português, e a que eu menos gostava era física, química, biologia. Exatas. O Angelo me cobrava com respeito aos estudos. No alfa eles não estavam nem aí. O angelo dispensava pra estudar, mas os outros treinadores não. A escola provocava dificuldade no esporte. Se eu treinasse mais ou me dedicasse mais ao esporte eu iria mais longe. Porque é um tempo que eu podia treinar, fazer um treino específico, porque quando eu formei, lá em são\_paulo eu treinava o dia inteiro praticamente. Aqui em Brasília era 3\_horas de treino, em são\_paulo era o dia inteiro, o negócio era só vôlei. A noite nós íamos pra casa, e colocava a fita pra estudar o time adversário e ficava a noite estudando ele, fazendo anotação, era só

vôlei. Eu acho que no Marista a escola apoiava bastante, no nossa\_senhora\_de\_fátima também, porque eles entendiam que nós estávamos lá pra representar a escola, então tudo que eles podiam fazer eles faziam. Agora no Alfa eles não tavam nem aí, porque lá era uma escola muito cursinho, nós fomos pro terceiro\_ano junto com o pessoal sendo cursinho, mesmo sendo parceira, dava a bolsa pras meninas estudar e só. O treinador do clube apoiava bastante participar de campeonato\_escolar, o angelo no caso, só que ele era muito ciumento em questão de nós como atletas, de nos portar como atleta. Não gostava de nós com namorado perto de horário de treino, ele não gostava que nós chegássemos atrasadas, nem no treino dele, muito menos no treino do outro professor, o da escola, então ele cobrava muito isso, sempre foi de cobrar bastante. Mas não encarava como algo negativo. Pra ele era positivo, porque querendo ou não nós íamos jogar mais, jogar fora. Pra mim conciliar esportes e estudos era difícil, principalmente quando era mais nova, na sexta\_série, sétima\_série, eu não queria estudar, só quero jogar, e ela brigava comigo, se era pra parar algo era pra parar de jogar. Eu achava difícil, mas eu sabia que era uma obrigação que eu tinha que estudar, mas se eu pudesse parar eu tinha parado. Hoje em dia, além do esporte e estudo eu fiz estágio, eu gostava muito, eu adorei trabalhar em outra área. Fiz estágio no SESI, fiz musculação, trabalhei na academia de lá, e depois eu fui pro vôlei. Mas acrescentou muito porque eu nunca fui treinadora, eu sabia até mais do professor porque eu joguei, e eu via do outro lado, como era comandar uma equipe, corrigir uma atleta, saber fazer isso, principalmente uma atleta em formação, e eu fazia também no SECAN no candanguinho, que foi o que eu mais gostei, com natação infantil, com neném, e eu fiquei apaixonada, poder trabalhar com isso. Eu amei. Eu fiz curso\_de\_inglês dois anos. Fiz uma no na cultura\_inglesa depois eu fiz aqui. Eu acredito que eu estava na época na quinta\_série, não era a época do vôlei. Eu pretendo seguir a área de educação\_física. Igual o meu noivo, ele também é professor, e nós pensamos muito em montar uma coisa nossa, principalmente na área do esporte, ele mexe com futebol e eu queria mexer com vôlei e natação, eu penso muito em seguir isso. Montar uma escolinha nossa, de vôlei, de natação, uma coisa mais nossa, e trabalhar com isso. Porque eu gosto mais da área esportiva, eu não gosto de academia. Trabalhei com musculação e não gostei. O esporte me deu tudo. Deu agilidade, velocidade, reflexo. Consciência corporal. Mas pra fora do esporte eu tirei o emocional, eu aprendi a lidar com muita pressão, entrar em situações difíceis, resolver situações que hoje como profissional eu sou mais tranquila, porque eu acho que a pressão que eu sofri, algumas coisas que eu tive que aprender a pensar rápido, muita coisa que tive que aprender fica mais fácil pra mim, por ser da área. Essa experiência de liderança foi algo que tive muito por ser levantadora. O treinador falava que eu tinha que mandar no time. Tinha que gritar com a atleta. Falava que quem mandava no time sou eu, porque eu distribuía as bolas. Ele brigava comigo pra mim ter essa postura, pra ter postura de capitã o tempo todo, mesmo eu não sendo a capitã, porque quem era a menina mais velha do time, ele me cobrava como a segunda e que eu mandasse no jogo. Porque eu que diria aonde a bola era eu. Eu que ia mandar no jogo, quem ia decidir quem ia tacar era eu, então ele falava que eu tinha que ter o poder de decisão, eu tinha que mandar nas meninas, eu que tinha que ser a chefe do time, aprender a lidar com as meninas. Transporte é um dos principais gastos. Transporte pra ir treinar. No início era pra ir treinar, depois, porque o angelo sempre pagou todos os campeonatos, aí depois. Porque ele tinha um cargo muito alto no SESI, então ele tirava do dele pra pagar pra nós. Depois que ele saiu do SESI ficou um pouco pesado as viagens, então fazíamos rifa, tinha que dar um jeito pra viajar pra poder jogar com times mais fortes, porque aqui em Brasília nós não crescemos mais. E questão de física, tênis, era tipo, a cada três meses, então não era um gasto muito grande. Cada tênis é entre 500\_reais, mais ou menos. Uniforme é o clube que fornece. Bola e o resto. Alimentação quem é os meus pais. Mas eu tinha uma alimentação diferenciada, ia na nutricionista, tudo, mas era nós que arcamos com o valor. No

início eles indicaram um, mas depois não tinha condições de ir. Na época dos outros times nós não tínhamos nutricionista, tinha fisioterapeuta, e precisava de gelo, mas não tinha gelo em casa, então tinha que comprar bolsa de gelo, correr atrás daquilo. Alimentação eu falava com um tio meu que sabia um pouco mais sobre isso, então eu comprava a suplementação, mas era nós que bancamos tudo. Em são\_paulo eles não pagavam nada. Em cascavel eles pagaram minha passagem de ida, pra quando fui entrar no time, e eles me deram uma viagem. Mas as viagens pra campeonato eram todos pagos. Não pagávamos nada. Só quando eu estive aqui em Brasília que precisou. Não tinha mensalidade do clube. Quando eu morei fora eles que pagavam a gente. No paraná nós recebíamos 300\_reais, e em são\_paulo 700\_reais. Alimentação eles davam. Uma ajuda de custo, um dinheiro pra comprar a comida fora do básico. Psicólogo nós tivemos com o angelo, toda sexta-feira, nos outros times eu não tive. Quem pagava essas coisas era meus pais, o angelo quando era viagens, quando a viagem era nos outros clubes era tudo incluso, e o resto era pra custear outras coisas extras. O bolsa\_atleta eu nem sabia que existia, e o angelo chegou pra minha mãe e falou que podia receber o bolsa\_atleta porque eu estudo e participei de tantos campeonatos, e tenho medalha e que podemos receber um valor, fizemos a documentação. Mas eu nem mexia no dinheiro, era minha mãe que cuidava. O auxílio do bolsa\_atleta 2014 foi meu primeiro auxílio. Depois eu só fui receber depois que saí de brasília, quando eu ganhava uma ajuda de custo. O bolsa\_atleta ajudou pouco. Pelo valor ser tão pouco, eu não senti diferença, e quem ficava com o dinheiro era minha mãe, e como ela fazia tudo pra mim, e 200\_reais na conta da minha mãe era pra gasolina pra me levar pros lugares. Agora se tivesse um valor maior, quem sabe. Minha mãe nunca me deixou faltar nada, ela sempre usou pra mim. Eu recebi até eu me formar, em 2016. Acho que foi até 2015. Foi dois\_anos só. As pessoas que mais me influenciaram como atleta foi o angelo, o meu pai, que me incentivou e depois que eu entrei no vôlei, só que lá no sesc era 50\_minutos de treino. E quando eu entrei no angelo, todo sábado, meu pai pedia a chave e eu ficava treinando, sozinhos, e nós treinamos, e eu melhorei muito rápido. Meu pai foi fundamental nisso. Minha mãe também, me apoiava, levava nos treinos. Todos os jogos ela tava na arquibancada, gritava, e isso foi muito legal. Hoje tem muito atleta que ninguém vai no jogo, eu já gosto, chamo meu namorado, chamo todo mundo, eu gosto que o povo me veja jogando. Tem gente que fica nervosa. Meu namorado eu acho que não teve muita influência porque eu conheci ele faz dois anos, eu já estava com outra cabeça, tinha muita experiência. Os principais influenciadores nos estudos é a minha mãe, e meu pai também, porque não deixava eu parar de estudar de jeito nenhum. Além do angelo, eu acho que teve o luciano lá em cascavel, o treinador, ele me ensinou muito, principalmente na minha posição, e a stella, que foi uma atleta que jogou superliga e era reserva da fernanda\_venturini, e ela aposentou bem no ano que eu comecei a jogar vôlei com o angelo, e ela era minha treinadora de específico, ela era levantadora. Quando tinha jogo meus pais tentavam ir, mas não mudava a rotina de trabalho não. O principal era o angelo, que pegava muito no nosso pé com respeito aos estudos, ele era muito chato, ele cortava nós dos treinos, ele brigava porque nós ficávamos de recuperação. Mas hoje eu agradeço muito a ele, porque muita coisa eu aprendi na escola que se ele não tivesse dado essa força pra gente estudar mesmo, nem na universidade eu daria conta de muita coisa que eu aprendi na escola por causa dele, eu nem ia lembrar na universidade.

## INDIVÍDUO 10

Meu nome é Rafael Beserra da Fonseca, tenho 33\_anos e estou no sétimo\_semestre de educação\_física e fiz quarto\_semestre de nutrição. Hoje eu faço universidade de educação\_física na estácio, a noite. O esporte que eu pratico era o triatlo. Em 2017 eu ainda

estava treinando. Eu recebia o bolsa\_atleta do gdf. Eu tinha muitos problemas de asma, meu pai desde pequeno me colocou na natação, porque era recomenda o médica, e depois disso começou a ir com a nata o, tentei o judô também, mas o judô eu não conseguir encaixar bem. A nata o foi algo que realmente aumentou. Comecei mais por questão médica e depois fui gostando, dando resultados, praticando, comecei a entrar em campeonato\_infantil, mirins que eles chamam hoje, e foi isso. Comecei na nata o ali, depois de um tempo, na nata o era uma equipe que tinha alguns triatletas e a maioria era nadador mesmo. Nessa equipe o treinador era incomum, ele dava treino de triatlo e nata o. Eu ainda era só atleta de nata o, até que chegou a oportunidade de que eu fizesse uma prova de triatlo, porque no treinamento de base tinha alguns treinos de corrida, uma ou duas vezes na semana, só no período de base, dois meses mais ou menos. Ele viu eu correndo e ficou fascinado, viu que era bem, e o triatlo o que manda mais hoje   a nata o e a corrida. Até tem brincadeiras que a nata o define se você vai competir bem, e a corrida   o que faz você ser um campeão ou não. Então muitas vezes falam isso. E depois ele me fez um convite pra fazer uma prova sem treinar nada, fiz uma boa prova, e ele gostou e eu tava cansado da nata o, vinha de uma equipe onde a nata o   uma coisa muito maçante, falando a real, eu tinha uns 12\_anos na época.   piscina o tempo todo e quando você vai pro triatlo você v  outras áreas, v  natureza,   três modalidades e não fica o negócio muito chato. E acabei que não satisfeito na nata o, mesmo tendo bom resultado. Cheguei a fazer  ndice brasiliense em algumas provas. O principal momento foi com 13\_anos foi quando fui pro triatlo, logo depois que fiz essa primeira prova. No triatlo logo no começo fui campe o\_infantil, logo na base, em outras categorias de base eu também fui campe o\_brasileiro. Quatro vezes campe o\_brasileiro júnior. E assim foi. Foi até sele o\_brasileira júnior, sele o\_brasileira sub\_23, que   uma categoria acesso a elite. E depois a elite. Também teve os projetos que eu fui convidado que foi uma sele o\_brasileira pra morar em vila\_velha no esp rito\_santo com tudo pago. Passei 4\_anos l , junto com oito atletas vivendo l . A confedera o pagando tudo, tanto a parte de s lario, não era muita coisa, mas os cursos gerais, tanto de universidade, onde eu iniciei a universidade. Não, eu iniciei antes, quando eu fiquei um período antes de eu entrar no projeto da CBTri eu saí de brasília, porque brasília, tinha pouca oportunidade no momento. Você não tinha equipe forte. E eu fui convidado por uma equipe de s o\_paulo, que era o cali\_amaral, que tinha atletas que tinham ido as olimpíadas. Tinha outros atletas com ascendência grande, ele me fez o convite, e meu pai chegou pra mim que se eu quisesse ir, porque aqui em brasília não tem uma equipe forte pra treinar direito, porque no triatlo   difícil treinar sozinho. A maioria você tem que treinar em equipe. Na época eu tinha 17\_anos, eu fui pra s o\_carlos tudo custeado pelo meu pai, assim, mas o centro\_de\_treinamento lá eu gastava só com minha alimenta o e aonde eu morava. Mas questão de treinamento para pagar pro treinador, algumas coisas não tinha pago. Uma viagem ou outra a equipe pagava, mas o resto praticamente meu pai financiou tudo isso. Isso foi uns dois anos que fiquei l . Logo depois disso eu quis sair de l , voltei pra brasília. Assim que eu voltei surgiu esse projeto da confedera o brasileira. Eu nem tinha mandado meu currículo nem nada. Não estava pleiteando essa vaga lá pra esse processo\_seletivo, mas o presidente da confedera o já me conhecia por estar representando várias vezes em campeonato\_brasileiro, campeonato\_mundial. Porque no mundial ia os dois melhores brasileiros custeados pela confedera o, mas não tinha o projeto de todos morarem em algum lugar e treinar juntos. Isso era em 2005 mais ou menos. Eu saí do projeto em 2005, dessa equipe, e fui pro campeonato\_mundial. De l  eu voltei pra Brasília. Assim que eu voltei me falaram do projeto, que eu não havia mandado o currículo, mas não tem problema, eles queriam que eu participasse do processo\_seletivo. Emitiram uma passagem pra mim e fui selecionado e quase um mês depois começou o projeto e fui pro Esp rito\_santo. De l  fiquei 4\_anos e assim que acabou o projeto todos foram para suas casas, eu voltei pra Brasília e



aproximadamente um ano depois eles abriram o projeto em Portugal visando as Olimpíadas de 2016. Isso foi em 2011, o projeto foi iniciado em 2012 praticamente. O processo seletivo foi feito em Portugal com um dos treinadores maiores renomes, a confederação contratou ele. Um treinador de alguém que foi medalha olímpica, um português, então. Mais uma coisa que fizeram em Vila Velha eles levaram alguns atletas que ele escolheu, por currículo, porque ele já tinha visto em campeonatos, e ele selecionou e foram alguns atletas pra lá e ele tirou sete atletas. Eu estava incluso entre eles e passei três anos em Portugal. Um ano antes dos Jogos Olímpicos, eu não estava dando resultados, aí eu voltei pro Brasil. Motivo eu não sei porque eu tive essa queda mas o rendimento era bom, mas teve essa queda e acabei voltando pra Brasília. Eu acabei adquirindo algo de bem, com dinheiro guardando e eu tinha que pensar em algo mais pra frente. Não posso ficar no triatlo, aqui no Brasil o custo realmente seria seu ou você teria um grande patrocinador e hoje, qualquer modalidade é difícil ter um grande patrocinador, e então eu peguei e investí esse dinheiro nessa academia. Quando eu abri a academia, logo dois meses depois abriu o edital das Forças Armadas e abriu cinco vagas. Como eu vi que era currículo esportivo e resultados, praticamente todos os atletas se conhecem e sabem que eu estaria dentro se eu me candidatasse a essa vaga. Fiz isso e fui convocado, e passei esse período, sempre tive que conciliar as duas coisas. Porque eu tinha feito o investimento a longo prazo, que é a academia e estava como atleta. Então tive que conciliar as duas coisas porque foi um pouco difícil. Porque as Forças Aéreas depende de resultado. São oito anos no máximo, mas a cada ano tem uma avaliação do que você fez no ano. E então eu tava tendo muita dificuldade de conciliar os estudos e o esporte. Isso aí era 2016 se não me engano. 2014. 2015 eu saí de Portugal. E 2016 foi 1 ano depois foi aberto o edital das Forças Aéreas. Foi quase uma sequência. Fiquei até o final de 2017. Fiquei dois anos lá. Foi muito questão da dificuldade de dar resultado, da conciliação de uma empresa e o esporte. O profissional e o esportivo. Ficou muito difícil conciliar os dois. Mesmo assim eu consegui em dois anos dar resultados e por isso eu me mantive. Porque depois de 2016, em 2017, depois das Olimpíadas teve um corte muito grande de verba, desse projeto. Em 2017, como eles tem que cumprir pelo menos um ano, metade de 2017, logo depois das Olimpíadas eles cortaram muita gente e questão de resultado eu acabei saindo. Ano passado, 2018 eu não me dediquei mais aqui porque eu tinha que fazer isso dar certo, porque era minha fonte de renda seria a academia e em 2018 foquei muito na academia, fiz um campeonato ou outra mais por hobby, não por querer ganhar algo ou conseguir um resultado excelente pra, por exemplo, patrocinador ou algo assim. Foi mais por hobby mesmo, porque realmente é a paixão nossa, não adianta você passar 15 anos no esporte você não vai abandonar ele de vez. Esse ano, em 2018 fiz um planejamento para 2019 pra área profissional e vem dando certo, essa semana veio bem a calhar, essa semana voltei a treinar muito leve, mas não tenho pretensão de fazer algumas provas profissionais, não prova olímpica, sempre foquei muito em prova olímpica, porque tem muita diferença entre treinamento e mídia social, é totalmente diferente. E eu quero fazer só prova longa, porque sempre quis fazer, não Iron Man, mas meio Iron Man, mas sempre quis fazer, sei que vai ter a dificuldade, porque um ano parado é muito complicado você voltar, mas pretendo em 2020 fazendo uma prova no profissional. Esse ano é um de reestruturação. Tentar voltar, tentar conciliar já que academia tá bem estruturada como eu planejei, então esse ano é um que eu quero voltar aos poucos e ano que vem tentar fazer um profissional de prova longa, algo diferente do que eu estava fazendo uns 15 anos. Eu pretendo fazer isso mas nada almejando muito grande. Mais pela experiência mesmo de ter feito uma prova longa no profissional e era algo que eu queria, mas por questões financeiras é um pouco difícil fazer isso. Então preferi me estabilizar profissionalmente pra depois voltar a fazer um esporte em alto rendimento mesmo que não seja pra vencer mas que seja para estar competitivo. Eu fiz parte da equipe da AABB de

natação, a minha melhor lembrança de resultados foi na AABB e em outro clube. Era o mesmo treinador, só mudou o clube que eu representava. Era com o Hugo\_lobo. Sempre a maior parte da minha carreira na natação eu treinei com ele. Só quando eu era mais novo quando eu treinei em outra equipe do gama, quando eu iniciei e ele era tanto treinador de triatlo como de natação. Quem me incentivou a ir pro triatlo foi o meu treinador. O Hugo não queria nem que eu indo porque acreditava muito em mim. Ele até brincava porque ele sempre formou muitas mulheres profissionais boas, mas eu era o único homem então ele pegava a lenha. Mas eu acabei saindo da natação e indo pro triatlo. E do triatlo eu saí da AABB, na época era a COPM, porque essa foi a minha última lembrança. Peguei um período dele na AABB depois na COPM que foi quando eu saí. Depois indo pro triatlo eu comecei com um treinador que era o presidente da confederação de triatlo, hoje está com eventos esportivos aí. Eu iniciei com ele mas com a base mesmo, aí logo depois de dois anos de treinamento eu fui pra são\_paulo pra uma equipe forte mesmo. Era o Cali\_Amaral. Era uma equipe muito forte. Lá, quando eu fui eu estava no meu terceiro\_ano do ensino\_médio, então foi um baque muito grande pra mim porque eu sempre estudei com o patrocínio de alguma escola\_particular, com bolsas, aqui no DF sempre estudei em escola\_particular com bolsa, ou era 100\_por\_cento ou meu pai bancava o restante. Fui pra são\_paulo estudar em uma escola\_pública a noite. Então na questão educacional foi um baque. Mas só o terminei o terceiro\_ano, não tive uma educação de qualidade, porque estudar a noite, mas era necessário porque o treinamento era todo feito pelo dia e de noite nós estudamos. Lá eu treinava em torno de 6\_horas por dia de segunda\_feira a sábado, domingo de vez em quando, com um treino só de manhã, mas o treinamento era todo dia. Não tinha essa de folga não. Folga era uma no mês. Depois disso voltei pra Brasília e fui pro CNTT no espírito\_santo. Centro\_Nacional\_de\_Treinamento\_de\_Triatlo. Aí depois eu voltei pra Brasília, fiquei sem clube, treinando só, aonde eu comecei a treinar quando eu saí do CNTT, eu conheci lá o marco\_la\_porta, o diretor\_técnico da seleção\_brasileira de triatlo. No final do CNTT ele tava entrando no projeto da confederação e conheci ele e ele já era treinador de alguns atletas no Brasil, conversei e ele continuou me treinando. Como ele morava em Brasília por ser militar e ele ser diretor\_técnico da seleção\_brasileira, ele morava em Brasília, foi uma boa coincidência, e foi nesse período que tive os melhores resultados. Foi ele que indicou pra falar comigo. Hoje ele é vice\_presidente do COB. O projeto em Portugal era o Rio\_2016. Eu passei esse período que saí do CNTT eu comecei a treinar com o La\_porta eu treinei por 1\_ano\_e\_meio e foi quem me credenciou a estar nesse projeto Rio\_2016, porque foram meus melhores resultados, de nível nacional, ele até falava que os atletas que mais evoluíram fui eu. O CNTT eu entrei em 2005. Fiquei lá por quatro\_anos e em 2011 eu comecei o projeto Rio\_2016. E aí ficou até 2015. Em 2016 eu voltei pra Brasília nas forças\_armadas por mais dois\_anos, na aeronáutica. Os meus treinadores principais foram o La\_porta, o português, o sérgio\_santos e o cali\_amaral, que foi quem me formou como atleta, realmente comecei a dar resultados graças a eles. A maior motivação pra ser atleta é o prazer, é a paixão pelo esporte mesmo. De estar ativo, de ter atividade\_física é a maior paixão e o triatlo porque me encanta mesmo. Esporte eu até me arrepio de falar porque eu gosto muito, realmente é a minha paixão. Pra mim os resultados mais importantes foi ser campeão\_brasileiro\_olímpico. Foi em 2012. Eu estava treinando com o la\_porta. O campeonato\_brasileiro em 2012 foi no Rio\_de\_Janeiro. Na verdade eu posso falar que foram três etapas. Como o campeonato\_brasileiro era três etapas, o resultado era por pontuação. Eu tenho muito orgulho de ter sido quarto no campeonato\_brasileiro júnior. E campeão\_panamericano júnior. Foi quando eu tinha 16 até 19\_anos. Foi 4\_anos seguidos. O campeonato\_panamericano foi quando eu tinha 19\_anos. Foi no meu último ano de júnior. Eu passei a me considerar um atleta de alto\_rendimento, eu considero ser de alto\_rendimento quando o esporte te sustenta. Eu penso desse jeito. Se ele é

sustentado, ter um dinheiro, guardar um dinheiro, começar a adquirir bens, e ele se sustentar sim, sem a ajuda de um pai ou de uma bolsa, mesmo sendo bolsa, bolsa\_atleta, um patrocinador, se você conseguir isso, ou estar contratado em uma grande equipe, o que eu considero como profissional mesmo, posso considerar aqui quando eu estava no CNTT, em 2005. Porque eu ganhei dinheiro mesmo e meu pai não precisava me mandar dinheiro, e eu tinha meu dinheiro próprio e consegui ganhar bens, e aí eu me considero como profissional. Aí tem momentos que você está melhor e outros que você está em baixa. Como falei no início, cada ano eu estava em uma escola diferente, então eu nunca tive uma amizade de escola como a maioria tem. Então um ano eu estava em uma escola, depois tava em outro. Passei no La\_Salle, passei no JK, tenho boas lembranças das duas escolas. Eu estudei na escola\_alvorada, que tem até universidade hoje, a anhanguera. No final da asa\_norte, quando eu estava na oitava\_série. O la\_salle eu estudei no primeiro\_ano e no segundo\_ano do ensino\_médio. Só não fiz o terceiro\_ano porque estava em são\_paulo. O JK se não me engano eu estava na sexta\_série, foi dois anos lá. Foi duas escolas diferentes que eu estudei os anos iniciais do ensino\_fundamental. Uma escola quando eu era menor era na escola\_adventista, tipo primeira\_série até a quarta\_série. Teve outra escola que eu fiz a quinta\_série que era no gama, mas não vou me recordar do nome. A universidade foi lá em são\_carlos. Terminei o ensino\_médio e a equipe de lá tinha parceria com a universidade. Fiz nutrição, quatro\_semestre. Foi a maior universidade de lá. Na UniCEP. Eu fiz educação\_física comecei quando eu entrei no CNTT, em 2005. Eu tranquei o curso de nutrição. Depois disso eu já entrei no CNTT, eu quis continuar nutrição, fazer transferência pra lá mas não foi possível porque como tinha que estudar a noite por questão de treinamento e a universidade que tinha parceria com a confederação não tinha nutrição a noite, só no período de diurno. Era na UVV, Universidade\_Vila\_Velha. Iniciei educação\_física lá, fiz até o sétimo\_semestre. Tranquei, fiquei um período grande sem estudar e foi quando eu me dediquei exclusivamente ao esporte. Que foi o período que eu comecei a ter resultado, quando voltei pra Brasília. Nessa época do CNTT eu estava estudando sempre a noite. Em Brasília eu não estudei, nem em Portugal. Eu tentei transferir pra lá mas foi muito difícil. Quando eu consegui aproveitar, só aproveitei quatro\_semestres na estácio, quando eu estava em fortaleza. Depois transferi pra cá em Brasília. Esse semestre eu tranquei por questão profissional, mas se eu não trancar esse semestre eu terminaria no final do ano. Final de 2017 eu ainda estava competindo. Praticamente eu estudei muito pouco. Estudava, frequentava a aula, quando eu estou lá eu estava focado naquilo ali. Presto atenção, se tem um intervalo e eu estudo. Na época eu estudava a noite todos os dias da semana, de segunda-feira à sexta-feira. Esporadicamente, próximo da prova eu dou uma revisão boa e muitas vezes é o suficiente. Minhas notas são médias. Nesse período que eu estava treinando aqui era em torno de 6\_horas diárias, às vezes começava muito cedo, outros eu começava às 8h. Mas geralmente eu começava às 6h já tava em cima da bicicleta. Ali por volta de 10h tinha musculação de manhã, e à tarde tinha um segundo treino de natação, ou natação e corrida. Quando eu estava aqui em Brasília era sempre 12h, e a tarde tinha um complemento, uma musculação ou corrida. Então o treino está sempre dividido em duas seções. Natação, bicicleta e uma musculação e corrida, ou só um deles. Geralmente de manhã uma corrida quando o foco era corrida, uma natação sempre às 12h e a tarde um complemento, bicicleta ou musculação. Sempre morei nessa região de águas\_claras. Morei um tempo no colorado, em um condomínio que minha família tem. Os treinos de bicicleta e corrida eram sempre no plano\_piloto. Geralmente eu saía daqui pedalando, junto com uma equipe, um grupo com atletas profissionais mas bons amadores que se juntam e combinam o treino e vão. Corrida eu corria muito aqui, sozinho. Musculação sempre fiz aqui na minha academia ou na águas, porque já tive patrocínio quando tive os melhores resultados, eu tinha o patrocínio da águas, uma academia aqui de águas\_claras, onde

eu fazia toda parte de preparação\_física em geral e natação, eu fazia lá. Agora, quando eu estava aqui eu estou nadando na AABR, o clube do BRB. Teve vezes que eu ia de carro, mas sempre oscilava de bicicleta e de carro, porque eu as vezes diminuía o volume de treino da manhã e ia de bicicleta, mas nem sempre. Às vezes quando o cansaço era maior e precisava de recuperação eu ia de carro. A única escola\_pública que eu estudei foi no terceiro\_ano em são\_carlos, e teve um ano, mas não me recordo, que eu estudei em uma escola\_pública de Brasília. Mas foi só um ano só. Na asa\_norte. Todas as escola\_particular eu era bolsista. Na universidade também. A maioria era parceria da confederação. Na estácio já não recebo bolsa. Não era por escolha essas escolas. Meu pai mandava o currículo e o que aprovasse a maior bolsa eu ia estudar. Quando eu penso de escola eu lembro de conhecimento, a base de tudo. Um atleta sem estudos não vai para lugar nenhum, eu creio. Por isso meu pai sempre me exigia que eu estudasse. Não exigia boas notas mas que eu continue estudando e que passe. Tanto que meu irmão começou no esporte mas teve um ano que reprovou e ele cortou o esporte dele. O primeiro lugar pra ele era escola. Depois de mostrar resultado na escola pode fazer esporte. Eu não peço excelência mas peço que seja um aluno que passe. Fiquei de recuperação uma vez mas depois eu estudei tanto que tirei 10\_pontos na prova. Mas foi a única vez que fiquei de recuperação. Nunca reprovei. A universidade é um complemento. Penso que a universidade não te capacita pra ser o profissional bom, se você é um profissional de educação\_física, só com a universidade você não vai ser um grande profissional, precisa de capacitação, cursos, outras coisas que agregam junto com a universidade. Ela é só um diploma, você adquire o conhecimento mas é algo muito básico. Se você quer ser profissional você precisa de outros recursos, porque só a universidade não é o suficiente. O que eu não gostava da escola eu acho que não tenho o que falar.

Eu sempre tive facilidade de fazer amizades. Mas é uma época boa, apesar de não conseguir manter elas porque eu mudava muito de escola. A maioria era do esporte mesmo. Mas pra todo mundo fica essa lembrança de ter grandes amigos da escola, algo que eu nunca tive. Mas por causa do esporte. De negativo eu consigo pensar em algo negativo, que foi o fato de eu não ter me formado até hoje. Mas só isso. Minha relação com direção e professores sempre foram muito bons. Teve momento na escola do gama que tive problema com um amigo que eu acabei discutindo e a professora suspendeu os dois, mas a única vez que tenho uma recordação ruim. Mas depois eu conversei com o diretor e deu tudo certo. Eu até virei amigo do diretor. Mas todas as escolas que eu passei foi bom, tive apoio, me ajudavam no que eu precisasse, repunha matéria, passava viagem antes, passava o conteúdo na época que eu estivesse viajando. Universidade e escola sempre tive essa facilidade. Remarcação de provas sempre eu tive. Tive períodos que eu viajava por bastante tempo, ficar sem conteúdo por mais de um mês. Teve um período que eu fiquei um\_mês porque fomos pra duas etapas do campeonato\_mundial, e como era japonês e chinês não dava, por causa do custo financeiro, era 20\_dias de uma prova pra outra, em um período de adaptação de fuso, foi o maior período que passei fora da universidade. Minhas amizades mudaram quando eu virei atleta, porque como eu não tenho grandes recordações de amizades, lá eu tinha uma relação um pouco maior com os colegas, eu conseguia sair com os amigos, e a partir do momento que comecei a ser profissional isso se reduziu as amizades do esporte. Não tinha convivência de sair para algum lugar, praticamente acabou. Quando tinha que sair eu saía com os amigos do esporte. Um você tinha o relacionamento fora do esporte e o outro só dentro do esporte. A maioria das mudanças de escola foi por causa do esporte, algo que o esporte me proporcionou, pelas bolsas que eu conseguia. Mas turno eu nunca mudei, eu sempre estudei pela manhã. Geralmente eu estudava a noite, quando eu precisava fazer alguma coisa. Era mais fazer dever\_de\_casa ou estudar perto da prova. No ensino\_médio como você se dedica tanto, eu deixava de treinar pra fazer algum trabalho em grupo, mas geralmente eu sempre tentava não

fazer trabalho\_em\_grupo pra não faltar o treino. Não pretendo parar de estudar. Não penso em fazer mestrado, e sim especializações. No início eu queria fazer três cursos, educação\_física, nutrição e direito. Comecei um, não terminei, comecei outro e preciso terminar, e direito eu meio que desisti. As matérias que eu sempre gostei era Matemática. Eu sempre gostei de números, no começo eu odiava matemática, fiquei de recuperação e eu estudei muito. Eu nunca gostei de português. É os opostos. Os clubes não se importavam com os estudos. Não existia uma cobrança. Não diminuía carga de treino pra mim estudar nem nada disso. Eu chegava muito cansado na escola, ficava com sono, chegava atrasado na escola só de vez em quando. Independe de qualquer coisa eu sempre fui pontual, nunca atrasei. Mas desempenho atrapalhava sim. Cheguei a dormir e levar giz do professor pra mim acordar porque ficava com sono. A maioria dos professores entendiam, mas cobravam, tentava me manter. Mas sempre tive dificuldade, até mesmo na hora de estudar, ficar lendo porque batia aquele sono, mas eu acredito que é principalmente por causa do cansaço. Não tinha equipe\_escolar. Pra mim conciliar esporte e estudos sempre tive um pouco de dificuldade, porque eu penso que você tinha que dar o resultado na escola, mas também você queria dar o resultado nos dois, mas tinha uma grande dificuldade, principalmente nos estudos, porque é cansaço físico, que atrapalha na mente. Sempre foi algo difícil de lidar, de estudar, ter ânimo pra estudar. Porque hoje qualquer ser humano tem um pouco de dificuldade. Depois vira um hábito. E isso você só adquire quando você tem uma rotina, e eu nunca tive uma rotina de estudos, então se torna difícil. Por isso tive dificuldades e não conseguia dar sequência pra todo dia eu estudar um pouco. Tirando a minha profissão eu não tenho outra atividade rotineira. Hoje meu tempo é exclusivo a gerenciar a academia. Nunca fiz um curso de línguas. Pretendo fazer curso\_de\_inglês nesse mês. Já fiz outros cursos, só na área de educação\_física. Alguns cursos de musculação, emagrecimento, tudo no capital\_fitness agora. Isso foi nesse período que comecei a gerenciar a academia e eu abandonei o esporte. Nesse período eu fiz e minha meta é fazer todo ano. Eu pretendo seguir como dono dessa academia é manter um projeto social. E o meu outro projeto é assessoria esportiva para triatlo. Eu tiro muito disciplina pra fora do esporte. Pontualidade, compromisso. Essas são três palavras que hoje fazem a diferença aqui onde estou. Porque quando eu pego algo pra fazer, eu quero fazer bemfeito. Durante a academia, tem cinco\_anos, por quatro\_anos ainda era só um bem meu que eu queria que gerasse resultados, mas nunca me dediquei a ele. Tanto que hoje em 2018, eu vou ser bem sincero, teve um crescimento de 40\_por\_cento e isso é absurdo. O meu faturamento praticamente dobrou. Eu acho que isso é mais dedicação minha, fazer cursos, não só de educação\_física mas de gestão, pra esse ramo aqui é necessário. Meu foco hoje é fazer mais a gestão nesse ramo. Não pretendo fazer universidade de gestão mas, pelo menos, cursos eu quero estar sempre fazendo. Os principais gastos com o esporte eram viagens, pra ser atleta que quer o alto\_rendimento e resultados ele almeja as olimpíadas. E infelizmente hoje pra você chegar lá, no esporte é difícil. É algo pra poucos. No triatlo ainda tá mais difícil ainda. Não sei como é na maioria dos esportes, mas no triatlo você precisa viajar muito pra fora do Brasil, europa, estados\_unidos, porque o que vale pra olimpíada são provas de copa\_do\_mundo, que não são no Brasil. Praticamente não tem na américa\_do\_sul. Europa, estados\_unidos, austrália, nova\_zelândia. Eu só conhecia o aeroporto, hotel e o local de prova. Então tem uma dificuldade particular porque se você não tem patrocínio ou apoio da confederação, alguém que me apoiou muito. Falta muito, mas comparando com outros esportes, a confederação brasileira de triatlo apoia muito. Mas ainda falta porque eu tenho que comparar com o triatlo em geral no mundo. Inscrição também tem que pagar. Hospedagem, passagem, alimentação, custo pra ficar lá. Custo de treinamento pra triatlo. É um esporte se você não tiver dinheiro. Preciso de alimentação diferenciada e suplementação. Uma bicicleta profissional que custa uns 45\_mil\_reais, um preço de um carro popular. Pra natação o custo é

pequeno. Óculos, touca e outros equipamentos, cada atleta tem o seu, mas o custo é pequeno comparado a bicicleta, porque só a manutenção é caro. Uma bicicleta de 45\_mil\_reais, o pneu é proporcional, custando uns 600\_reais. Se você fura ele, como ele é tubular, não tem câmara, você joga fora e compra outro. Manutenção é muito caro. Pra corrida é o tênis, é um pouco caro mas tem uma boa durabilidade. Transporte para o treino gasta bastante. Evitava ao máximo não andar de carro, quando possível eu ia de bicicleta. Mas quando não aumenta o custo bastante. Graças a deus não precisava pagar equipe técnica. Eu pagava por resultado. Geralmente todo campeonato profissional tem premiações e parte dessas premiações vão para os treinadores. Eles trabalham por porcentagem de resultado. Ganhou 20\_por\_cento vai pro treinador. Ainda tem nutricionista, psicólogo é algo para poucos. Geralmente só tem o treinador e vai daquele jeito. Um auxiliar no máximo. Quando é no centro\_de\_treinamento. E o treinador que passa o treino e ele vai passando o feedback. Eu tive um período que tive um fisioterapeuta no meu melhor momento, preparador\_físico, foi a aquas que me deu. Depois foi amizade, me ajudava no que podia. Era um cara que era uma das referências na fisioterapia, o cléber\_caiado, uma das maiores referências no país. Quem financiava a maioria dos gastos era eu mesmo. Nesse período tinha o salário da confederação, e a maioria das viagens, quando eu estava na seleção\_brasileira era tudo pago. Era o custo da manutenção do treino. Tinha a bolsa, o salário da confederação. Não tinha custo de pagar a piscina, treinador. Esses custos eu não tive. O que eu tinha de dinheiro de bolsa ou de um apoiador era mais para alimentação ou algo assim. Mas o restante era tudo custeado. Em 2017 quem me custeava era a força\_aérea, mas não pagava campeonato. Nesse período foi por isso eu não tive resultado porque quem precisava pagar os campeonatos era eu. Eu só recebia a bolsa\_atleta. Eu até poderia pleitear a bolsa\_atleta e poderia ganhar, mas não quero tirar o dinheiro de outro atleta sendo que não estou treinando. Mas quando eu voltar eu vou pleitear. Tenho até direito, porque em questão de resultado eu ainda cheguei a ir em duas competições e pra bolsa\_atleta de Brasília eu tenho direito a bolsa\_atleta. Porque aqui em alto\_rendimento só tem dois atletas. Eu e mais um, o Paulinho também. Quem me informou do bolsa\_atleta foi a federação de Brasília mesmo, sempre divulga. Eu já conhecia a muitos anos atrás. Quando eu morei em São\_Carlos eu ganhava a bolsa\_atleta estudantil, de outra categoria. Porque era novo. Mas conhecia desde pequeno mesmo. A bolsa\_atleta é baseado em resultado então tem que cumprir os requisitos, indicação da federação, algo que eu sempre tive, e assim vai. Aí eu consegui. Você leva todos os dados pra o presidente da federação de Brasília e ele inscreve o seu nome. Hoje não recebo nenhum benefício. Ganhei campeonatos depois que ganhei o bolsa\_atleta, mas não acho que ela me ajudou muito a ganhar. A ajuda é mínima. O valor é muito baixo. Eu penso que já vi o que acontece no bolsa\_atleta, uma crítica é que deveria ser reestruturado, porque eles dão bolsa\_atleta maiores do atletismo e do triatlo. Pelo que lembro, um atleta de atletismo recebe 1500\_reais e o do triatlo 550\_reais. Para um leigo é fácil entender que o custo do triatlo é bem maior que do atletismo em comparação com o triatleta. Mas não dão bolsa\_atleta maior porque atletismo dá mais medalha, mais renome e não é assim que funciona. Eu usava o bolsa\_atleta só pro esporte, alimentação e combustível. E é muito pouco. 550\_reais hoje você não consegue custear o combustível. Minha família foi os principais influenciadores na minha família. Pai e mãe e outros parentes. Eu sempre fui um exemplo dentro. Eles sempre me apoiaram motivacional e financeiro também. Meu pai vibrava junto, minha mãe também. Sempre que possível eles iam. Sempre encararam como algo positivo. Ele vê como a disciplina que eu ganhei, dedicação, compromisso, pontualidade. Eles percebem que eu ganhei isso graças ao esporte. Durante o período bom que eu tive eu namorava, era um luxo, era um período que tava em Brasília, tinha namorada, viajava mais pontualmente. Porque quando você se torna atleta, começa a ter uma cabeça boa e entender o esporte de maneira profissional, você vai nas provas mais certas. Você vai em uma pra ganhar. Não vale a pena

em ir em muitas provas e não dá o resultado esperado e não consegue nenhuma. É melhor você ir em uma só, e ir lá e vencer, ir na melhor. Minha namorada ajudou mais no motivacional. Quando você tá bem com a família, próximo da sua casa, sua vida pessoal tá boa, sua mente fica bem. E não adianta você estar bem fisicamente mas não bem mentalmente. Esse foi um dos motivos que saí de Portugal. Eu não estava bem de cabeça. Fisicamente eu estava excelente. Não me adaptei muito ao treinador, tava longe de casa, da família. Da família nunca faltou ajuda, porque mesmo na distância eles me apoiavam. Mas era questão do treinador, não me adaptei a ele. Vinha de um resultado em dois anos muito bons, morando em Brasília e com namorada. E tive que ir pra lá. Custou o meu namoro, porque realmente não dá, a distância atrapalha. Os resultados não vinham como esperava, aí você começa a cair. Tem um resultado excelente, aí tem resultado ruim, você tá longe da família, você termina seu relacionamento por causa da sua escolha, e não se adapta ao treinador, então foi tudo uma sequência. A principal pessoa na questão dos meus estudos, eu acho que meu pai e minha mãe. Eles me cobravam. Mostrava a importância. Cobrava. Dizia que se eu não tivesse resultado na escola, o treinamento ia sofrer. Enquanto tivesse resultado bom, não tem problema, pode fazer o esporte. Mas se você não tiver dando resultado na escola, eu sairia. Aconteceu isso com o meu irmão. Ele era atleta de natação. O meu primeiro treinador foi alguém que me influenciou muito no esporte. Acreditou muito em mim, falou que eu era um grande atleta, me incentivou a ir buscar algo fora de Brasília mesmo ele sendo meu treinador. Falava que eu conseguiria crescer fora, em São Paulo ou uma equipe grande. Ele que me deu esse incentivo de ir buscar o resultado. Meu pai sempre foi funcionário público, então não acho que atrapalhou eles não. Meu pai me apoiava pra sair daqui, mas nunca precisou fazer mudança na rotina deles pra me ajudar não.

## APÊNDICE

### Apêndice I - Guia de Entrevistas utilizado por Gómez et al. (2018)

#### **a. Tema: Carrera deportiva.**

Cuéntame sobre tu carrera deportiva... cómo empezaste a dedicarte al remo... cuándo...

(Si no me lo explica antes) ¿Por qué remo? Cuéntame que tiene para ti de especial el remo...

Otros deportes practicados antes del remo...

#### **b. Tema: Estudios otra actividad complementaria (por ejemplo, un empleo).**

Cuéntame si además de practicar remo realizas alguna otra actividad...

Háblame un poco... la universidad... los profesores...

#### **c. Tema: Conciliación del nivel económico (como deportista) con la carrera deportiva y estudios/actividad complementaria.**

Cuéntame cómo influye la economía de un remero para poder estudiar y/o realizar una actividad complementaria a la vez que entrena...

(Otra forma de preguntarlo)

Cómo ves el aspecto de la financiación para llevar a cabo los estudios y una carrera deportiva a la vez...

Apoyo económico recibido: familia, becas, sponsors...

#### **d. Tema: Conciliación del nivel psicosocial (apoyo del entorno) con la carrera deportiva y estudios/actividad complementaria.**

Cuéntame cómo ves a tu entorno con la idea de estudiar tal cosa (ya me lo habrá dicho antes) y entrenar al mismo tiempo... Familia... Entrenador... Compañero/a de equipo (si es el caso)... pareja (si es el caso)\*

\*“Disculpa que te haga una pregunta personal. No respondas si no quieres. Pero ¿tienes pareja?” Es complicado compaginar X o Y con una relación...? Cómo lo ve tu pareja...

#### **e. Tema: Conciliación Estudios/trabajo con Carrera deportiva**

Cuéntame cómo haces para estudiar y entrenar de forma paralela...

Cuéntame un poco cómo te sientes de cara a esta situación...

La universidad... tutores... profesores... entrenador... pareja... te apoyan para poder compaginar todo....



**Cierre**

Por mi parte ya he repasado todos los temas, pero si te parece que hay un tema importante sobre los aspectos que hemos hablado que no hemos revisado, te agradezco que me lo comentes.

Gracias por haber participado.